

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS-POS LIN

Mariana Samos Bicalho Costa Furst

O TRATAMENTO DA ORALIDADE EM SALA DE AULA

Belo Horizonte

2014

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

F991t Furst, Mariana Samos Bicalho Costa.
O tratamento da oralidade em sala de aula [manuscrito] /
Mariana Samos Bicalho Costa Furst. – 2014.
244 f., enc. : il.

Orientadora: Eliana Amarante de Mendonça Mendes.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de Pesquisa: Textualidade e Textualização em Língua
Portuguesa.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas

Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 149-154.

Anexo: f. 155-244.

1. Oralidade – Teses. 2. Retórica – Teses. 3. Gêneros
textuais – Brasil – Teses. 4. Língua portuguesa – Estudo e
ensino – Teses. I. Mendes, Eliana Amarante de Mendonça. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras.
III. Título.

CDD: 418

Mariana Samos Bicalho Costa Furst

O TRATAMENTO DA ORALIDADE EM SALA DE AULA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Linguística.

Área de Concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: – Textualidade e textualização em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Dra. Eliana Amarante de Mendonça Mendes

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG

2014

às minhas companheiras inseparáveis, Beatriz e Luiza, a quem muitas vezes deixei de dedicar minha atenção durante a elaboração do presente trabalho.

AGRADECIMENTOS

Eliana Amarante, pela confiança depositada em mim e, principalmente, por me motivar a buscar novos conhecimentos;

Walter Furst, pelo enorme amor e companheirismo ao longo dessa jornada. Sem você nada disso seria possível;

Mary Samos, minha querida mãe, pela dedicação infinita comigo e minhas pequenas;

Vinícius Bicalho, meu querido pai, pelo amor incondicional e pelo apoio.

RESUMO

A crescente presença da linguagem oral no cotidiano profissional e acadêmico nos despertou o interesse pelo ensino da produção textual oral, objeto de nosso estudo. Nesse contexto, nosso interesse foi aguçado com a posição explicitada nos Parâmetros Curriculares Nacionais de valorização da oralidade e a exigência de inserção do ensino da linguagem oral nas escolas em todos os níveis. Também a carência de pesquisas nessa área nos incentivou a buscar nos clássicos os conhecimentos sobre a oralidade dos quais os retóricos foram os precursores. Apresentamos um breve histórico sobre o tratamento da linguagem oral através dos tempos e rastreamos as contribuições que pudessem nos interessar. Com base nesses estudos, estabelecemos os parâmetros que devem guiar o ensino da oralidade em nossas escolas. Para conhecermos o estado da arte do ensino da oralidade, analisamos atividades de oralidade em 9 volumes de livros didáticos de Língua Portuguesa para o Ensino Médio. A partir dos dados levantados pela análise das atividades, planejamos uma proposta de tratamento da linguagem oral baseada em sequência didática e apoiada nos parâmetros por nós estabelecidos. Esta pesquisa pretende, portanto, contribuir para a melhoria do ensino da linguagem oral nas aulas de Língua Portuguesa, por acreditarmos que as instituições de ensino devem preparar seus alunos para a vida e para a cidadania.

PALAVRAS-CHAVE:

Retórica; Gêneros textuais; Oralidade.

ABSTRACT

The increasing presence of the oral language in day to day professional and academic life arouse an interest in the teaching of oral text production, which is the target of our study. In this context, our interest was directed towards the positions explained in the National Curriculum Parameters that values the oral language and the requirement in the introduction to teaching the oral language in schools. Also the lack of researches in the area, motivated us to look in the classics, the knowledge about the oral language in which the rhetorical were the precursors. We presented a brief history about the usage of the oral language through time and we tracked the contributions that were the most interesting. Based on those studies, we established the parameters that should guide the teaching of the oral language in our schools. To get to know the teaching of the oral language, we analyzed oral language activities in 9 volumes of books didactic to the Portuguese language for high schools. From the data collected by the analysis of activities, we planed a proposal to increase the oral language based on didactic sequence in which they were supported in the parameters that we established. This research will contribute to improve the teaching of the oral language in Portuguese classes, since we believe that the schools should prepare good citizens and prepare their students for life.

KEYWORDS:

Rhetoric; Textual genre; Orality.

SUMÁRIO

1-Introdução	9
1.1- Descrição da organização do trabalho.....	14
2- Oralidade	16
2.1- Um breve histórico.....	16
2.1.1- A Retórica Clássica	16
2.1.2- A Retórica na Idade Média.....	21
2.1.3- A Retórica no Renascimento	22
2.1.4- O positivismo e a “morte” da Retórica	23
2.1.5- A Retórica no século XX	25
2.2 – A Oralidade e a arte da memória	33
2.3- O Ensino da oralidade no Brasil	40
2.3.1- A Educação no período colonial	40
2.3.2- A Oralidade na Contemporaneidade	47
3- Pesquisa Empírica	57
3.1- O método	57
3.2- Natureza da pesquisa	58
3.3- Materiais	60
4- Análise e resultado da pesquisa	63
4.1- A análise	63
4.2-Proposta Pedagógica	142
5- Considerações Finais	147
Referências Bibliográficas	149

ANEXOS

ANEXO I - Coletânea <i>Português: contexto, interação e sentido</i>	155
ANEXO II – Coletânea <i>Língua Portuguesa: linguagem e interação</i>	161
ANEXO III – Coletânea <i>Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto</i>	235

QUADROS

QUADRO I – volume 1, coletânea 1.....	63
QUADRO II– volume 2, coletânea 1.....	64
QUADRO III– volume 3, coletânea 1.....	67
QUADRO IV– volume 1, coletânea 2.....	70
QUADRO V– volume 2, coletânea 2.....	94
QUADRO VI– volume 3, coletânea 2.....	118
QUADRO VII– volume 1, coletânea 3.....	135
QUADRO VIII– volume 2, coletânea 3.....	137
QUADRO IX– volume 3, coletânea 3.....	140

INTRODUÇÃO

Os educadores devem desenvolver um programa de alfabetização emancipadora informado por uma pedagogia radical, de modo que a língua dos alunos deixe de proporcionar a seus falantes a experiência de subordinação e, ainda mais, possa ser brandida como uma arma de resistência à dominação da língua padrão.

(Donaldo Macedo)

As novas tecnologias digitais abriram novas vias de informação e comunicação, proporcionando emergentes transformações comportamentais, especialmente na nova geração. O desafio criado por essas tecnologias não pode permanecer afastado da educação da população. Em função disso, o educador deve incorporar as novidades, mantendo uma postura crítica, e deve buscar orientar-se pelas necessidades de seus educandos. Não faz sentido resistirmos à evolução digital. A sociedade atual exige mais agilidade e, em decorrência disso, vive-se hoje uma revalorização da linguagem oral, o que é facilitado pelas novas tecnologias.

No entanto, constata-se que a escrita ainda é hoje a modalidade da língua materna privilegiada pela tradição escolar. Verifica-se que, na grande maioria das vezes, quando o professor de língua portuguesa volta a sua atenção para a modalidade oral, limita-se à utilização do recurso da expressão oral em atividades que visam ao entendimento do texto escrito ou à preparação para a produção escrita.

Nos últimos anos, contudo, tem sido dada maior ênfase à língua falada. No Brasil, estudos como é o caso do Projeto da Norma Urbana Culta (Projeto NURC), que visou à descrição e análise da norma falada urbana culta, desenvolvido nas décadas de 1970 e 1980, são uma evidência dessa mudança no foco de atenção da modalidade escrita para a modalidade oral. Também o interesse pela conversação, presente principalmente nos trabalhos de Luiz Antônio Marcuschi, é uma prova da valorização da oralidade.

Em decorrência, o ensino também tem voltado sua atenção e preocupação ao tratamento da oralidade. Já se registram algumas pesquisas linguísticas analisando, por exemplo, “a abordagem da oralidade no interior das práticas sociais, propondo que se opere com a identificação dos gêneros orais, destacando o lugar privilegiado que o oral ocupa para observação da interação”(DAROS, 2006, p.8).

Nesse cenário, a exploração da modalidade oral nas salas de aula brasileiras vem sendo entendida como uma atividade essencial ao desenvolvimento do aluno. A preocupação com o tratamento dado à linguagem oral em sala de aula evidencia-se na incorporação do ensino da língua falada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Entretanto, a implantação de atividades orais na sala de aula não tem sido uma tarefa fácil: constata-se uma grande dificuldade de nossos profissionais e dos autores de livros didáticos na elaboração de propostas de atividade com a língua oral.

Para Moraes,

Não é difícil constatar o fato de que nas aulas de Língua Portuguesa, o trabalho com a oralidade não tem recebido o espaço devido. Em contraponto a esse fato, temos documentos, tais como os PCNs, que preconizam o ensino de gêneros orais, a fim de que nossos estudantes sejam sujeitos capazes de interagir/comunicar-se em diversas instâncias de sua vida pública e, sobretudo, que estes consigam expandir suas interações para fora do muro escolar. (MORAES, 2013)

Essa dificuldade se deve, no nosso entender, ao fato de a oralidade ter sido desconsiderada por longo tempo, e, portanto, sua retomada no ensino exige um investimento em pesquisas linguísticas e pedagógicas. Os gêneros orais, por exemplo, carecem de uma sistematização didática. Segundo os PCNs para o ensino fundamental (BRASIL, 1997/1998, p.58), cabe à escola, de forma sistematizada e regular, propiciar ao estudante

[...] o planejamento prévio da fala em função da intencionalidade do locutor, das características do receptor, das exigências da situação e dos objetivos selecionados; a seleção, adequada ao gênero, de recursos discursivos, semânticos e gramaticais, prosódicos e gestuais; emprego dos recursos escritos (gráficos, esquemas, tabelas) como apoio para a manutenção da continuidade da exposição; ajuste da fala em função da reação dos interlocutores, como levar em conta o ponto de vista do outro para acatá-lo, refutá-lo ou negociá-lo.

Também nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, registra-se a preocupação com o tratamento da oralidade e com o ensino das diferenças e semelhanças entre a língua oral e a escrita.

No entanto, verifica-se, nas resenhas de avaliação de livros didáticos de língua portuguesa, apresentadas pelo Projeto Nacional do Livro Didático para o ensino fundamental (PNLD 2008), uma grande dificuldade ou mesmo desinteresse dos autores

em relação ao tratamento da linguagem oral. Constatamos que, entre os doze livros analisados pelo PNLD 2008, apenas dois apresentam boas propostas de atividades orais e foram bem avaliados nesse quesito. Também na avaliação feita pelo Projeto Nacional do Livro Didático para o ensino médio (PNLDM) verifica-se a grande dificuldade na inserção de atividades de oralidade. No trecho abaixo, fragmento da análise de um dos livros didáticos avaliados pelo PNLDM, que excepcionalmente tem uma boa proposta de trabalho com a língua oral, o avaliador afirma serem raros os trabalhos com a língua falada em obras didáticas:

Acrescente-se, ainda, o fato de apresentar a seção *Prática de língua falada* – rara em obras didáticas -, em que o aluno é levado a produzir textos orais de diversos gêneros e a adaptar a linguagem a uma situação comunicativa previamente definida (PNLEM, 2009, p.68).

De fato, também no PNLDM constata-se a escassez de trabalhos com a língua falada: entre os onze livros analisados pelo PNLEM 2009, apenas três apresentam propostas de atividades orais, o que acreditamos revelar a falta de interesse ou dificuldade no trato com a oralidade. Vale ressaltar, ainda, que o que essas propostas visam, na verdade, é ao trabalho com a língua escrita. A língua oral é usada apenas como suporte para trabalhar a modalidade escrita que é a predominante e de maior prestígio.

Na nossa experiência como professora de Língua Portuguesa, percebemos que, de fato, damos uma enorme ênfase às atividades desenvolvidas em produção textual escrita, mas deixamos esquecidas as atividades de oralidade, sendo essas realizadas apenas durante o desenvolvimento de atividades escritas. Em contrapartida, a nossa experiência mostra que, ao longo de nossa vida acadêmica, necessitamos de desenvolver com esmero atividades orais, ou seja, precisamos, entre outras atividades, de fazer apresentações orais de nossos artigos, apresentações de seminários, fazer a defesa de monografias, dissertações e teses, a defesa oral de projetos de pesquisa para uma banca de professores, dar aulas expositivas em um exame de seleção ou concurso para professor, participar de entrevistas etc. Nesse contexto, durante a realização dessas tarefas, muitas vezes percebemos que nunca fomos preparados para o desenvolvimento de atividades orais. Chegamos então à conclusão de que o tratamento da oralidade em sala de aula é importante e de que cabe ao professor de Língua Portuguesa preparar os seus alunos para o uso da modalidade de língua oral nos seus diversos gêneros.

Nesta tese, adotamos a concepção de gêneros textuais conforme, principalmente, as teorias de Bazerman (2005) e de Bakhtin (1992). Valemo-nos, também dos aportes de Marcuschi (2000, 2006, 2007) e de Dell’Isola (2007).

Bazerman (2005, p.29) desenvolve a ideia de que “as formas de comunicação reconhecíveis e auto-reforçadoras emergem como gêneros.” Para o autor “ao criar formas tipificadas ou gêneros, também somos levados a tipificar as situações nas quais nos encontramos.” Na esteira do pensamento bakhtiniano (1992), Bazerman (2005,p.31) defende a posição de que os gêneros são “fenômenos de reconhecimento psicossocial”. Nessa perspectiva, gêneros são os tipos de textos, orais ou escritos, que os indivíduos reconhecem por serem usados por eles mesmos, ou seja, “[...] são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam.” Para Bazerman, os “[...] gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos.”(op. cit.)

Para Bakhtin (op. cit.), os gêneros textuais estão sujeitos a mudanças, ou seja, são enunciados de natureza sociointeracional, relativamente estáveis. Com o autor, entendemos que os gêneros se adaptam, bem como se transformam de um determinado gênero em outro: a carta, por exemplo, tão utilizada por nossos antepassados, parece que vem sendo substituída pelo e-mail; o diário, que as meninas usavam há alguns anos, também vem sendo substituído pelo blog. Entretanto, o fato de um gênero se modificar ou de se criar um novo gênero não necessariamente faz com que o outro gênero deixe de existir.

Nesta tese, é nosso objetivo abordar apenas os gêneros textuais orais. Conforme Bakhtin, não só os gêneros orais formais precisam ser cuidados:

Muitas pessoas que dominam muito bem a língua se sentem, entretanto, totalmente desamparadas em algumas esferas de comunicação, precisamente porque não dominam os gêneros criados por essas esferas. Não raro, uma pessoa que domina perfeitamente o discurso de diferentes esferas da comunicação cultural, que sabe dar uma conferência, levar a termo uma discussão científica, que se expressa excelentemente em relação a questões públicas, fica, não obstante, calada ou participa de uma maneira muito inadequada numa conversa trivial de bar. Nesse caso, não se trata da pobreza de vocabulário nem de um estilo abstrato; simplesmente trata-se de uma inabilidade para dominar o gênero da conversação mundana, que provém da ausência de noções sobre a totalidade do enunciado, que

ajudem a planejar seu discurso em determinadas formas composicionais e estilísticas (gêneros) rápida e fluentemente; uma pessoa assim não sabe intervir a tempo, não sabe começar e terminar corretamente (apesar desses gêneros serem muito simples).” (BAKHTIN, 1992, p.53).

Entretanto, embora concordemos com Bakhtin quanto à importância da consideração de todos os tipos de gêneros orais, a nossa proposta é pesquisar os gêneros orais, formais, usados na esfera pública, por entendermos que esses são mais complexos e, portanto, mais difíceis.

Nosso intuito é contribuir para o aprimoramento do ensino/aprendizagem da língua materna, uma vez que propiciar a aquisição do domínio da linguagem oral é um ato político e social por facilitar a inserção do sujeito na sociedade, no mercado de trabalho, além de contribuir para a formação da consciência crítica do indivíduo, evitando a manipulação e o abuso de poder pela linguagem. Assim, acreditamos que ensinar oralidade não significa apenas ensinar a gramática da linguagem oral, vai muito além, a oralidade requer o domínio de diversos gêneros textuais e estratégias comunicacionais (ritmo de fala, intensidade, tom e entonação, gestos e postura corporal etc.). Ou seja, para termos êxito em nossas vidas precisamos saber gerenciar nossas relações com as pessoas que nos rodeiam na vida pessoal e profissional, pois “ [...] o verdadeiro sucesso depende da habilidade de relacionamento interpessoal, da capacidade de compreender e comunicar ideias e emoções.”(ABREU, 2009, p.10)

Segundo esse autor,

Em pesquisa recentemente realizada nos Estados Unidos, chegou-se à conclusão de que, entre as competências necessárias para que o País continue líder mundial neste século que se inicia, está a de gerenciamento da informação por meio da comunicação oral e escrita, ou seja, a capacidade de ler, falar e escrever bem. Isso nos leva a pensar muito seriamente na necessidade de desenvolver essas habilidades, pois passamos a maior parte do tempo defendendo nossos pontos de vista, falando com pessoas, tentando motivar nossos filhos. (ABREU, 2009, p.10)

Nosso objetivo principal é analisar atividades de reflexão e apresentação oral presentes em livros didáticos para o Ensino Médio nas aulas de Língua Portuguesa, considerando as propostas apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e pelo Projeto Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM). É

também nosso objetivo avaliar tais atividades: verificar se sua aplicação propicia aos aprendizes uma proficiência oral adequada; analisar se as atividades propostas levam os alunos a produzir textos orais em turnos longos e se os preparam para atuar em situações de improviso; verificar se as atividades de linguagem oral apresentadas nos livros didáticos analisados visam atender as reais necessidades dos discentes ou apenas atender os requisitos de inserção desse material no Programa Nacional de Livro Didático (PNLDEM). Pretendemos, também, apresentar os parâmetros que no nosso entender devem ser utilizados para a elaboração de atividades que visam ao tratamento da oralidade em sala de aula.

Por fim, entendemos que o investimento proposto nesta tese no tratamento da oralidade em sala de aula se justifica, uma vez que acreditamos que a oralidade é o elo mais importante entre a escola e a realidade do aluno.

DESCRIÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

A presente tese organiza-se da seguinte forma: no capítulo introdutório fazemos uma breve apresentação do objeto do nosso trabalho: a linguagem oral. Nessa oportunidade, justificamos nosso interesse em disseminar o conhecimento sobre o tratamento da oralidade entre professores e estudiosos da língua, em promover o trabalho com a oralidade nas aulas de Língua Portuguesa, e apresentamos, então, nossos objetivos.

No capítulo 2, traçamos um histórico do tratamento da oralidade, fazemos uma breve exposição da estrutura da Retórica Clássica, com ênfase nos cânones apresentação e memória, os que se relacionam mais diretamente à oralidade. No que tange à memória, abordamos sua importância na prática da linguagem oral. Discutimos também o papel da oralidade nas civilizações antigas e em nossa atual cultura. Nesse capítulo, são também apresentados os pressupostos teóricos de nosso trabalho.

No capítulo 3, descrevemos a metodologia: as etapas da pesquisa, o *corpus* utilizado e os critérios de análise dos dados coletados.

No capítulo 4, apresentamos nossas análises e avaliamos as atividades de tratamento da linguagem oral verificadas no *corpus*. Posteriormente, propomos modificações com o objetivo de aprimorar tais tarefas.

O capítulo 5 será dedicado às considerações finais, em que sintetizamos os resultados, levantando possíveis contribuições teóricas e/ou práticas da presente pesquisa, além de questões propostas à reflexão e/ou investigação.

2- ORALIDADE

Os poetas eram chamados para dar continuidade às funções didáticas de Homero, principalmente aquelas exemplificadas a dramaturgia de Atenas, na qual os mitos tradicionais, ou seja, as histórias recontadas oralmente, são continuamente exaltados em várias versões, para divertir mas também para instruir. (HAVELOCK, 1988:130)

2.1- UM BREVE HISTÓRICO

2.1.1- A Retórica Clássica

Na Grécia, séc. V a.C., aprender a compreender e a produzir discursos era parte fundamental da educação democrática, uma vez que os cidadãos deveriam ser capazes de se apresentar nas assembleias e nas instâncias jurídicas para defender suas posições e apresentar suas ideias. Nesse contexto, era função da retórica ensinar a compor e a organizar esses discursos, apresentados na modalidade oral. Segundo os preceitos retóricos (VANOYE, 1983), é preciso, em um primeiro momento, definir o que se vai dizer e construir os argumentos; num segundo momento, é preciso informar, demonstrar, convencer e emocionar o auditório, essa ordem de apresentação dependerá do objetivo traçado pelo orador; num terceiro momento, deve-se cuidar do modo como os argumentos devem ser apresentados, recorrendo-se às figuras de linguagem; para finalizar, num quarto momento, o discurso é pronunciado para a audiência e, para tanto, é preciso utilizar os recursos vocais, de dicção, e os gestuais. Como se vê, as práticas retóricas se realizam através de jogos verbais rigorosamente regulamentados.

Os cidadãos, na Grécia antiga, durante as assembleias públicas, tomavam suas decisões influenciados pelas exposições orais de seus compatriotas, que eram previamente planejadas. Os retóricos, portanto, cultivavam a prática do bem falar, e, para isso, os aprendizes estudavam as técnicas de oratória principalmente através de observações de modelos prototípicos e sua imitação.

Como se pode ver, na antiguidade o discurso oral tinha mais importância do que nos dias atuais. Era dado um maior valor à oralidade: os antigos se ocupavam da oratória e estudavam os preceitos e as regras da arte de discursar.

Aristóteles, em *Retórica*, menciona a importância de uma boa apresentação oral. Para ele, “ [...] isso é uma coisa que afeta consideravelmente o sucesso de uma fala; mas até então o tema tem sido negligenciado.” (ARISTÓTELES, *Retórica*, 3.1-9). Embora também Aristóteles não apresente um tratado sobre a apresentação oral, nos deixa muitas considerações sobre o tema, principalmente no que se refere à relação oralidade e emoção:

É, essencialmente, uma questão de gestão certa da voz para expressar as emoções várias – de falar alto, suavemente, ou entre os dois; de densidade alta, baixa ou intermediária; dos diversos ritmos que se adequam a vários assuntos. Estas são as três coisas – o volume do som, a modulação de tom e ritmo – que um falante tem em mente. São aquelas coisas que, tendo-as em mente, geralmente ganham-se prêmios em concursos de dramaturgia; e assim como no teatro, os atores agora valem mais do que os poetas, nos concursos da vida pública, devido aos defeitos de nossas instituições políticas. (ARISTÓTELES, *Retórica*, III, 1.4)

A natureza oral do treinamento da apresentação retórica na Antiguidade estabelece também uma ligação entre Retórica e Literatura, mais íntima do que a que existe hoje. Aristóteles identifica pontos comuns entre recitação de poesia e apresentação de falas:

Foram, naturalmente, os poetas que primeiro definiram o movimento; pois as palavras representam as coisas, e eles tinham também a voz humana à sua disposição, a qual dentre todos os nossos órgãos pode melhor representar outras coisas. Assim, foram formadas as artes da recitação e atuação, assim como outras. De fato foi porque poetas pareciam ganhar fama através de sua linguagem quando seus pensamentos eram bastante simples, que a linguagem da prosa oratória no início tomou uma cor poética, como, por exemplo, a de Górgias. (ARISTÓTELES, *Retórica*, III, 7).

Como vimos, o próprio Aristóteles reconhecia que a apresentação oral foi negligenciada nos textos de retórica; todavia, preservaram grande espaço na Pedagogia Retórica. Retórica sempre foi uma proposta pragmática, em que a habilidade inata e a instrução teórica eram consideradas complementos da prática retórica, que era

considerada o mais importante. Desde o tempo dos antigos sofistas, a retórica tem sido uma disciplina que fornece exercícios para preparar os aprendizes para falar e escrever.

Falas práticas predominaram como exercícios na tradição retórica. Foram notáveis na Grécia os *progymnasmata* (*preexercitamina*, em latim), que consistem de uma série de exercícios rudimentares, estruturados de forma interdependente, de complexidade progressiva. Os exercícios iniciais consistem de paráfrases, traduções, ampliações etc., de diversos gêneros e tipos textuais: de mitos, fábulas, narrativas, histórias, anedotas e máximas; os intermediários trabalham com modelos relativos à refutação e confirmação, ao lugar-comum, ao elogio, à injúria, à comparação, à personificação e à descrição; e os finais são a composição de teses e a proposição de leis. Cada exercício segue uma série de passos que o aprendiz deve seguir. Os últimos estágios dos *progymnasmata* (os exercícios de tese e proposição de leis) já se aproximavam muito dos exercícios avançados. Numa tese, o aluno argumenta a favor de (ou contra) uma proposição expressa em termos gerais; similarmente, na proposta de uma lei, argumenta contra (ou a favor de) uma lei, sem que nenhuma circunstância particular seja especificada. Esses exercícios levam os estudantes de simples paráfrases e traduções (retexualizações) a produções mais elaboradas, discursos completos, *gymnasmata* – declamações.

As Declamações, (exercícios avançados) eram divididas em *Suasoriae* e *Controversiae* nas quais os alunos finalmente praticavam a composição e a apresentação de discursos completos, nos gêneros deliberativo (legislativo) e judicial.

Na *Suasória*, um estudante apresentava um conselho a um personagem histórico ou mítico específico, em face de uma decisão a tomar quanto ao curso de ação. Isso tipicamente envolvia o debate de algum dilema ético na seleção da melhor política. Assim sendo, essas falas constituíam práticas de oratória deliberativa e, por causa de seus decretos imaginários, junta-se a elas o exercício de personificação (um dos *progymnasmata*), ensinando os estudantes a entender o papel do caráter (ou *ethos*) na persuasão. Exemplos de temas:

- Cato deve se casar?
- Alexandre deve ir para o mar?
- Os espartanos devem se retirar das Termópilas?

- Agamêmnon deve sacrificar a filha Ifigênia?
- Os citas devem voltar para seu tipo de vida nômade original ou permanecer em um povoado urbano?

A *Controuersia*, a mais avançada, consiste em um caso legal imaginário. Apresenta-se ao estudante uma dada lei e uma situação em que esta lei é violada. Ele tem então, como um demandante ou defensor, que interpretar e aplicar a lei numa fala forense completa, apoiando-se no caráter de uma pessoa que ele personificava. Fazer isso às vezes envolve o estudante na criação de uma história anterior crível para explicar os motivos e a culpa desse cliente. Como a mais desenvolvida prática de fala, espera-se que a *controuersia* tenha o arranjo de um discurso completo, incluindo uma introdução, uma narração ou estabelecimento dos fatos, provas confirmatórias e uma conclusão.

Seleções de controvérsias que circulavam na Antiguidade revelam essas declamações como peças-*show*, nas quais todos os tópicos de invenção, várias figuras de linguagem e elementos de composição estilística são apresentados para mostrar a agilidade verbal do estudante e sua maestria nas técnicas retóricas, especialmente nos vários métodos que foram ensinados nos *progymnásmata*, como por exemplo, a inclusão de um diálogo ou a apresentação de uma descrição vívida.

Entretanto, foi depois de transportada para Roma que a apresentação oral foi mais considerada. Em Roma, grande atenção era dada e muito se investia na formação de oradores, devido ao papel importante que desempenhavam na sociedade; assim, a oratória foi muito cultivada.

Aliás, muito do que nos chegou da retórica devemos aos romanos, que tiveram o grande mérito de sistematizar os conhecimentos retóricos herdados dos gregos. De fato, embora se deva a Hermágoras o mais antigo tratamento dos cânones (partes) da retórica – invenção, arranjo, estilo e apresentação –, foi Cícero que efetivamente legou para a posteridade essa divisão dos estudos retóricos, o que se passou a chamar de cânones da Retórica (CÍCERO, *De Inuentione*, 1.7; *De Oratore*, 1.31-142). Vejamos como essas partes da retórica são resumidamente caracterizadas por Mosca (2001,p.28-30):

INUENTIO: É o estoque de material, de onde se tiram os argumentos, as provas e outros meios de persuasão relativos ao tema do discurso. A topica de que trata Aristóteles. O estudo dos lugares – elemento de

prova de onde se tiram os argumentos – é parte essencial da *inuentio*. Trata-se, portanto, da retórica do conteúdo.

DISPOSITIO: É a maneira de dispor as diferentes partes do discurso, o qual deve ter os seguintes componentes: exórdio, proposição, partição, narração/descrição, argumentação (confirmação/refutação) e peroração. Trata-se da organização interna do discurso, de seu plano.

ELOCUTIO: É o estilo ou as escolhas que podem ser feitas no plano de expressão para que haja adequação forma/conteúdo. [...] correção, clareza, concisão, adequação, elegância. [...] a conhecida teoria dos três estilos, de acordo com a adequação de elocução: simples, médio e sublime. A Retórica seria, portanto, uma arte funcional, por todos esses aspectos.

ACTIO/(PRONUNCIATIO): É a ação que atualiza o discurso, a sua execução e constitui o próprio alvo da Retórica. Nela se incluem os elementos suprasegmentais (ritmo, pausa, entonação, timbre de voz) e a gestualidade. Há, portanto, lugar para o não verbal, que faz parte integrante do ato da comunicação. Tem-se que considerar a presença de um auditório, em relação ao qual o princípio básico é o de adequação, tendo-se como finalidade não apenas convencer pelos raciocínios, mas persuadir com base na emoção.

MEMORIA: É a retenção do material a ser transmitido, considerando-se sobretudo o discurso oral, em que um orador transmite mensagem a um auditório. Para Quintiliano, a memória era não somente um dom mas uma técnica que também poderia ser desenvolvida por processos mnemônicos, os famosos ‘truques’ para a retenção do discurso. [...] permite uma melhor posse do discurso, o que não elimina a improvisação e a capacidade de adaptação às eventuais refutações. A memória permite não somente reter, mas também improvisar.

No que diz respeito ao cânone *actio/pronunciatio*, apesar da inegável importância de Aristóteles, foi principalmente Cícero, em sua obra *De Oratore*, que aplicou as idéias aristotélicas. Quanto à *memoria*, embora já tivesse sido tratada pelos sofistas, por Platão e Aristóteles, foram também os romanos que a incluíram como uma parte da retórica.

Para Cícero (2005), em *Retórica a Herênio*,¹

O orador deve ter invenção, disposição, elocução, memória e pronúnciação. Invenção é a descoberta de coisas verdadeiras verossímeis que tornem a causa provável. Disposição é a ordenação e a distribuição dessas coisas: mostra o que deve ser colocado em cada lugar. Elocução é a acomodação de palavras e sentenças adequadas à invenção. Memória é a firme apreensão, no ânimo, das coisas, das

¹ Muito se questiona a autoria de *Retórica a Herênio*. Aqui preferimos não entrar na discussão e manter Cícero como o autor.

palavras e da disposição. Pronúncia é a moderação, com encanto, de voz, semblante e gesto. (CÍCERO, *Retórica a Herênio*, 2005, p.55)

Cícero ressalta também a importância da relação voz/emoção:

[...] de fato nada mais importante nos discursos, Catulo, do que o ouvinte ser favorável ao orador, bem como ser influenciado de tal forma a ser governado antes por um ímpeto do ânimo ou uma perturbação que por um julgamento ou uma deliberação: é que os homens julgam muito mais por ódio, amor, desejo, cólera, dor, alegria esperança temor, perplexidade ou por alguma outra excitação da mente do que pela verdade, uma prescrição, alguma norma legal, fórmula processual ou por leis. (CÍCERO, *De Oratore*, II, 178)²

E ainda:

É que não é fácil conseguir que o juiz se ire contra aquele que desejas, se tu mesmo pareces tolerá-lo com indiferença; nem que odeie aquele que desejas, se antes não te vir ardendo de ódio; nem será levado à misericórdia se não tiverdes mostrado sinais de tua dor por tuas palavras, expressões, voz, rosto, tuas lágrimas, enfim, pois tal como madeira alguma é tão fácil de acender a ponto de se inflamar sem o uso do fogo, nenhuma mente é de tal forma disposta a receber a força do orador que possa ser incendiada sem que o próprio orador tenha chegado a ela em chamas e ardendo. (CÍCERO, *De Oratore*, II, 190)³

Também, em *Institutio Oratore*, inspirado em Cícero, mas dedicado principalmente ao ensino da retórica, menciona mais de 130 vezes o termo voz, ressaltando sua importância para o orador e sua importância para a persuasão através do *pathos*:

É levantando, abaixando ou inflexionando a voz que o orador agita as emoções de seus ouvintes e a medida [...] da voz difere de acordo como queremos despertar a indignação ou a pena do juiz.

[...]

Mas a eloquência varia tanto o tom quanto o ritmo, expressando pensamentos sublimes com elevação, agradando os pensamentos com doçura, e comumente com enunciado suave e em cada expressão de sua arte está em sintonia com as emoções das quais é o porta-voz. (QUINTILIAN, *Institutio Oratore*, I,24)⁴ (Tradução nossa)

² Tradução do Latim de Adriano Scatolin.

³ Idem, nota anterior.

⁴ It is by the raising, lowering or inflexion of the voice that the orator stirs the emotions of his hearers, and the measure, if I may repeat the term, of voice or phrase differs according as we wish to rouse the indignation or the pity of the judge. [...]

2.1.2- A Retórica na Idade Média

Segundo Conley (1994, p. 100-101) a Idade Média costumava ser considerada uma época de total declínio da Retórica. No entanto, pesquisas recentes demonstram que houve ainda vitalidade da retórica neste período, embora restrita a centros de formação notarial e legal, em Pavia, Bologna, no norte dos Alpes e nos estudos dos franciscanos e dominicanos. Nessa época, os preceitos retóricos começaram a ser utilizados na escrita de cartas, mas a oratória sacra ainda teve o maior espaço. Em decorrência, surgiram dois novos gêneros vinculados à retórica, o *ars dictaminis* e o *ars praedicandi*, ambos tratados de natureza pragmática, usados para a formação de pregadores, de administradores e advogados, o primeiro com foco na linguagem escrita, o segundo na oralidade.

Embora não explicitamente, a influência de Cícero é percebida nesses tratados.

2.1.3- A Retórica no Renascimento

No Renascimento, após o aparente declínio da retórica na Idade Média, a antiga arte ressurgiu, gloriosa.

A causa desse ressurgimento foi o Humanismo, cuja principal característica foi o interesse pelos textos clássicos – primeiramente os textos até então desconhecidos de Cícero e Quintiliano e, posteriormente, obras de escritores gregos também desconhecidos. Em razão disso, o interesse pela ‘verdadeira’ eloquência foi notável. A eloquência no Renascimento não foi a pomposidade vazia, a extravagância, que se costuma atribuir à retórica, mas a união da sabedoria e do estilo, com o objetivo de formar o homem para a virtude cívica, nos moldes de Quintiliano: o *uir bonus dicendi peritus*.

But eloquence does vary both tone and rhythm, expressing sublime thoughts with elevation, pleasing thoughts with sweetness, and ordinary with gentle utterance, and in every expression of its art is in sympathy with the emotions of which it is the mouthpiece. (QUINTILIAN, *Institutio Oratore*, I,24)⁴

Segundo Miranda (2010, p. 102-103), muitas razões nos permitem acreditar que as obras dos retóricos podem ser consideradas os principais manifestos teóricos do século XVI, período renascentista. A partir do Renascimento, conforme essa autora, houve uma atitude de fervor crescente pela retórica:

A Europa viveu um período durante o qual muitos milhões de europeus possuíram um conhecimento aprofundado da retórica e fizeram dela um saber operacional. Reis, príncipes, conselheiros políticos, homens de estado e seus secretários; papas, prelados e simples eclesiásticos (regulares e seculares, católicos, protestantes ou calvinistas); professores, juristas e historiadores; filósofos, teólogos e matemáticos; poetas e dramaturgos, mas também físicos, matemáticos e astrônomos percorriam um curriculum escolar que tinha na retórica o coroar dos estudos literários, de acordo com aquilo a que poderíamos chamar a reforma escolar realizada pelos humanistas, educadores e fundadores de escolas.(MIRANDA, 2010, p.102-103)

Durante o Renascimento, apesar de a retórica também ter alcançado as universidades, o que se pode observar é que foi nos colégios que ela adquiriu um grande prestígio. Nesse período a retórica foi renovada. No currículo humanista as atividades retóricas incluíam o estudo da literatura antiga que na verdade consistia em ler, traduzir, interpretar e comentar textos clássicos gregos e latinos. Também a filosofia, nomeada filosofia moral, era “[...] legitimamente reclamada como parte da actividade dos humanistas que se propunha restaurar o ideal de Cícero e combinar a eloquência com a sabedoria, isto é, a retórica com a filosofia.”(MIRANDA, 2010, p.103)

A produção literária deixada pelos humanistas é muito rica, mas, ao contrário da retórica da antiguidade, essas produções não são predominantemente políticas. Assim, sendo, na Renascença as ocasiões para se proferirem discursos eram incontáveis: orações acadêmicas, discursos fúnebres e nupciais, refeições de grau, debates públicos, discursos de diplomatas e embaixadores, de obediência a reis e príncipes, a papas, de recepção a magistrados, entre outros. Segundo Miranda (2006), essas obras muitas vezes eram apresentadas não apenas pelo conteúdo, mas também pela elegância formal.

Entretanto, através dos séculos, a modalidade oral foi perdendo prestígio e, gradualmente, os retóricos começaram a dar mais atenção à leitura e à composição escrita. Foi porém na Renascença, com a invenção da imprensa no Séc. XV, que a

retórica começou a realmente se aplicar ao discurso escrito. Na sequência, a oralidade se reduz drasticamente. Apesar da grande valorização da escrita em detrimento da linguagem oral, houve, ao longo dos tempos, movimentos contrários, de retorno à retórica clássica, como é o caso dos velhos tratados do século XVIII (Dumarsais), na França, e do século XIX (Fontanier), em que a retórica é revalorizada enquanto ciência da expressividade e da oralidade. (VANOYE, 1983, p.47)

2.1.4- O positivismo e a “morte” da Retórica

Após o Renascimento, embora já questionada por vários filósofos, a retórica continuou prestigiosa, na modalidade escrita principalmente, até que o pensamento que lhe era contrário recebeu um grande impulso com a publicação de uma das maiores obras do mundo moderno, *O discurso do método*, de René Descartes (1637). Com sua declaração de que só aceitaria algo como verdade se este algo se apresentasse a seu julgamento de modo tão convincente que não deixasse dúvidas, Descartes estava fundando a Lógica positivista.

A partir de Descartes, a retórica continuou sua lenta e progressiva trajetória em direção a sua "morte": foi sofrendo mutações cada vez mais radicais, descaracterizando-se.

Wellbery (1998, p.14) apud Mendes (2010, p. 71) atribui a “morte” da retórica ao fato de, no Iluminismo, ter surgido o desejo de neutralidade discursiva da linguagem, incompatível com a "tomada de posição" própria da Retórica Clássica. Assim, a retórica, a partir do Iluminismo, ficou restrita ao ornamento, ao enfeite, ou à literatura, então concebida não na acepção moderna do termo, mas como uma prática articulada pela retórica.

Ademais, segundo esse autor, o que o Iluminismo alcançou nos domínios do discurso teórico e prático o Romantismo alcançou no domínio estético. Somente no Romantismo a retórica foi finalmente e completamente banida do âmbito da expressão da imaginação.

A chamada “morte” da retórica se deveu, portanto, a uma conjunção de fatores circunstanciais. Começou mais nitidamente com a tendência filosófica que, com

Descartes, afirma o primado das evidências sobre os argumentos verossímeis e culminou com o banimento da Retórica até mesmo do ensino.

Na opinião de alguns estudiosos, a retórica de fato não morreu. Segundo Klinkenberg (apud MOSCA, 2001, p.15) ela se fragmentou: “[...] cada uma das partes do grande edifício que ela constituía adquiriu, na verdade, a sua independência, tanto no domínio das disciplinas teóricas como no das disciplinas práticas.”” Porém, “[...] essa fragmentação não fez desaparecer o projeto retórico definitivo.”

Para Roberto Acízelo de Souza (1999, p.45) ,

[...] ainda que virtualmente extinta [...] a retórica , ou, mais precisamente, alguns de seus fragmentos sobrevivem, sob a forma de objeto ou motivação de certos empreendimentos intelectuais do século XX bastante heterogêneos. Vejamos alguns, que recolhemos em indicações de Barthes (op. cit.), Lacoste e Günthner (em Cohen et alii, 1975) e Hansen (1994); a estilística; o formalismo eslavo; o *new criticism* anglo-americano; o estruturalismo e a semiologia dos anos 60; a psicanálise; o pensamento dito pós-estruturalista de Derrida, Foucault, Deleuze, Lyotard; a pedagogia da redação; a filosofia analítica; a teoria da argumentação.

Segundo Souza (1999, p. 43), um aspecto da retórica que se manteve foi a clareza, uma virtude do estilo, aproveitada pela mentalidade científica como antídoto contra o ornamento, o que mais se criticava nela. Desta forma, como um treinamento apropriado para a obtenção de clareza e ordem nos textos, a retórica continuou sendo a base da educação secundária e universitária, pelo menos até o final do século XVIII. No entanto, a partir do século XIX acelera-se o desaparecimento da antiga arte até mesmo no ensino, em virtude do predomínio do pensamento positivista na filosofia e na ciência ocidentais.

No que tange ao cânone *pronunciatio*, pode-se afirmar que o cultivo da oralidade só sobreviveu nas áreas do Direito e da Homilética e da Política. No ensino, o tratamento da oralidade foi praticamente abandonado: as consequências disso repercutem até hoje.

A situação que vivemos hoje, de sobrevalorização da escrita em detrimento da oralidade, é uma continuidade da situação vivida pela retórica e uma consequência de sua “morte”.

2.1.5- A Retórica no século XX

De acordo com Mendes (2010,p. 80),

O século XX foi uma época caracterizada por grandes mudanças filosóficas: pela renúncia a alguns ideais científicos, pelo desgaste dos formalismos e dos positivismos. A partir da importância que passou a ser conferida à filosofia da linguagem e à filosofia dos valores, o *linguistic turn*, começou a tomar forma uma corrente filosófica e acadêmica importante, que objetivava recuperar o *status* da Retórica, conhecimento ancestral intimamente ligado à história da humanidade.

Vários estudiosos começaram, então, a considerar a Retórica como um objeto digno de estudo. Sobretudo os estudos da argumentação, da persuasão, passaram novamente a ocupar lugar de destaque, recebendo hoje uma abordagem interdisciplinar da qual participam filósofos, linguistas, semioticistas e estudiosos da comunicação.

Nesse cenário, houve também um retorno ao interesse pela oralidade e pela distinção oral/escrito.

Nos inícios dos anos 1960, estudos que buscavam investigar a cultura oral surgiram sistematicamente em diversos países. Entre eles Havelock (1995) destaca quatro publicações fundamentais para a construção desse novo campo de pesquisas: em 1962, McLuhan publicou *The Gutenberg Galaxy*, no Canadá e Lévi-Strauss, na França, publicou *La pensée sauvage*; em 1963, Jack Goody e Ian Watt publicaram o artigo *The consequences of literacy* na Inglaterra; e ele próprio (Eric Havelock) publicou *Preface to Plato* nos Estados Unidos. Para Havelock, as transformações pelas quais os meios de comunicação passavam contribuíram para que a oralidade e a escrita fossem reconsideradas como objeto de estudo.

Ong (1998) também situa as décadas de 1960 e 1970 como período de análise das relações entre cultura oral e escrita. Nesse período foram realizados trabalhos em diversas áreas como antropologia, psicologia e sociologia, todos enfatizando as implicações da introdução da escrita em sociedades tradicionais de cultura oral. Assim, muitas pesquisas de campo focaram em sociedades ainda orais para buscar conhecer o que poderia ter acontecido nas comunidades orais primárias. Foi dada ênfase à observação de danças, mitos, cantos e melodias transmitidos oralmente de geração a geração em sociedades tribais (HAVELOCK, 1995).

Havelock (1995) cita ainda o trabalho de Walter Ong, *Ramus: method and decay of dialogue*, publicado em 1958 como uma das principais pesquisas que havia se dedicado à análise do contraste entre oralidade e escrita antes da década de 1960. Esse estudo provocou também um novo interesse pela palavra escrita e seu suporte: o texto impresso e, principalmente, o livro.

Para Ong (1998), podemos comparar a emergência desses estudos com a redescoberta da oralidade através dos estudos de Ferdinand de Saussure do primado oral da linguagem. Trabalhos anteriores, realizados por antropólogos estruturalistas, também já haviam analisado a cultura oral em sociedades sem escrita. A partir daí os pesquisadores se concentram em contrastar a oposição oralidade/escrita em diversos aspectos. Ong cita o trabalho de Milman Parry, dedicado a estudos literários, realizado nos anos 1920 na Iugoslávia, como um dos primeiros desse novo campo de pesquisa. Parry analisou a Odisséia e a Ilíada em sua tese *L'épithète traditionnelle dans Homère*, publicada em 1928, em Paris. Seu discípulo, Albert Lord, em 1960, dando prosseguimento à sua pesquisa publicou *The single of the tales*. Assim, Lord fez divulgação do material recolhido entre bardos por Parry juntamente com uma análise dos cantores tradicionais iugoslavos.

Segundo Ong, alguns autores tipificam as distintas culturas encontradas ao longo de suas pesquisas a partir do papel que nelas ocupam a palavra oral e escrita. Ao estudar as leituras do moleiro Menocchio, Ginsburg (1987) investigou se o fato de uma pessoa estar inserida em uma cultura predominantemente oral interfere nos modos de recepção do texto, modificando-o. A questão era saber se as culturas com baixo índice de letramento têm características tão particulares que as tornariam distintas das demais.

Ong (1998) cria uma distinção que ele denomina de “oralidade primária” e “oralidade secundária”. “Oralidade primária” se refere a culturas que não sofreram interferência do letramento, em que as pessoas não possuem nenhuma familiaridade com a escrita. Já a “oralidade secundária” se refere à nova cultura em que vivemos, em que as pessoas utilizam altas tecnologias, podendo a oralidade ser mediada por meios eletrônicos como telefone, televisão, rádio e computadores, mas que, para funcionar, dependem da escrita e da imprensa. Segundo o autor, nos dias atuais, não existe a “oralidade primária” uma vez que de um modo geral todas as culturas devem conhecer a cultura escrita e têm alguma experiência de seus efeitos.

Zumthor (1993) faz distinção entre três tipos de oralidade: “oralidade primária e imediata”, “oralidade mista” e “oralidade segunda”. Para o autor, a primeira não estabelece nenhum tipo de contato com a escrita, assim, seria encontrada somente “nas sociedades desprovidas de todo sistema de simbolização gráfica, ou nos grupos sociais isolados e analfabetos.” Segundo ele, existe também a “oralidade mista” em que o oral e o escrito coexistem, porém a influência exercida pela escrita “permanece externa, parcial e atrasada”). Este tipo de oralidade é característico de sociedades de cultura escrita. Para finalizar, Zumthor denomina “oralidade segunda” as sociedades de cultura letrada. Para ele esta sociedade se “[...]recompõe com base na escritura num meio onde este tende a esgotar os valores da voz no uso e no imaginário”. Assim, a variação desses tipos de oralidade não ocorre de acordo com o período em que o sujeito vive, mas de acordo com a região, a classe social e o sujeito. (ZUMTHOR, 1993, p.18).

Cook-Gumperz e Gumperz (1981, p.184) dividem a história da humanidade em três grandes momentos com relação à oralidade e escrita. O primeiro se caracteriza por um distanciamento entre a oralidade e a escrita, uma vez que somente uma pequena parcela da sociedade era alfabetizada. Para o autor, até o séc. XIX o letramento possuía um *status* de “habilidade artesanal”, pois estava restrito a pequenos grupos relativamente privilegiados, uma vez que os materiais escritos eram muito caros e de difícil obtenção. A fim de exemplificar essa situação, os autores relatam o fato de os textos literários do período em questão serem gramaticalmente e estilisticamente muito diferentes do idioma falado no cotidiano da população. Outro exemplo citado também é o latim, que até o final da Idade Média era a língua utilizada na produção escrita, bem diferente da língua oral. Durante esse período, a aprendizagem da escrita ou de habilidades letradas estava ligada aos contatos pessoais, família e contatos informais, pois ainda não existia o currículo formal.

Na segunda fase apresentada pelos autores, a língua escrita era vista unicamente como forma de registro da língua oral. Assim, as narrativas orais passam a ser divulgadas através da escrita, o que cria um movimento de aproximação entre a oralidade e a escrita. Com o desenvolvimento da industrialização, urbanização e o surgimento de camadas médias da sociedade e a instituição de formas democráticas de participação política, as diferenças entre a língua cotidiana e a língua utilizada na literatura desaparecem. Esse processo iniciou-se na Europa, durante a Reforma Protestante, com a propagação da leitura da Bíblia. No final do séc. XIX, o jornalismo

se desenvolveu e surgiram novas formas de novelas populares, fazendo com que essa nova forma de linguagem se tornasse sinônimo de uma nova cultura urbana nacional. Assim, aparecem os manuais de estilo, as gramáticas impressas, os dicionários e as enciclopédias.

Ainda segundo Cook- Gumperz e Gumperz (1981, p. 190), inicialmente a maior função da literatura para grande parte da população era o entretenimento. Dessa forma, a leitura substituiu a audiência das *performances orais* e as atividades literárias passam a ser vistas como extensão da fala. Até o início do séc.XX, o ensino popular estava concentrado nas habilidades básicas de leitura, escrita e aritmética, sendo os estudos literários mantidos afastados do ensino secundário e das universidades, pois esses eram reservados à elite.

Segundo esses autores, em um terceiro momento, ocorreu um afastamento entre a língua oral e a escrita pelo fato de a escrita ter se burocratizado. Durante esse período a escola desempenha um papel fundamental. O desenvolvimento tecnológico, a burocracia e as regulamentações governamentais trouxeram uma nova forma de configuração da sociedade, agora totalmente dependente da escrita. As escolas tiveram que se adaptar, tornando-se agentes de socialização e instrumento de promoção econômica e social através da escrita. Assim, segundo os autores, as sociedades modernas, ao mesmo tempo que tornaram o letramento essencial para a sobrevivência, criaram uma nova dicotomia entre a oralidade e a escrita.

Segundo Havelock (1988), a hipótese dessas pesquisas sobre os efeitos da escrita, da imprensa e das tecnologias eletrônicas nas sociedades é a de que “o meio é a mensagem” e que esta se transformará dependendo do processo pelo qual foi transmitida ou recebida. Dessa forma, tanto as culturas orais quanto as letradas se diferenciam de acordo com os modos de transmissão e apropriação de mensagens.

Várias pesquisas tentaram encontrar aspectos que fossem capazes de caracterizar as culturas de oralidade primária, diferenciando-as das demais, inclusive nos modos de pensamento.

ONG (1988, p.48-54)) apresenta várias características que expressam modos de pensar tipicamente orais:

- i) a oralidade é mais aditiva que subordinativa.

Para ele, o pensamento oral seria mais aditivo do que subordinativo, pois a utilização de aditivos constitui a principal forma de pensamento. Isso não quer dizer que o modo de pensar oral seja incapaz de estabelecer relações.

ii) a oralidade é mais agregativa que analítica.

Essa característica é expressa na grande carga de epítetos apresentada na Odisseia de Homero, por exemplo, “Odiseu, o astuto” e em outras fórmulas como os provérbios populares e as frases-feitas que caracterizam a expressão oral

iii) A oralidade é conservativa e tradicionalista.

Essa característica do pensamento oral se deve ao fato de as sociedades orais apresentarem um grande investimento na aprendizagem da cultura que deve ser transmitida de geração a geração. É necessário que o conhecimento seja continuamente repetido para que a população aprenda. Como consequência desse fato, a sociedade oral molda um pensamento tradicionalista, inibindo os questionamentos e as experimentações intelectuais:

O conhecimento exige um grande esforço e é valioso, e a sociedade tem em alta conta aqueles anciãos e anciãs sábios que se especializam em conservá-lo, que conhecem e podem contar as histórias dos tempos remotos. Pelo fato de armazenar o conhecimento fora da mente, a escrita – e mais ainda a impressão tipográfica – deprecia as figuras do sábio ancião, repetidor do passado, em favor de descobridores mais jovens de algo novo. (ONG, 1998, p. 52)

Assim, o autor afirma que as culturas orais não gastam energia com novas especulações: a mente é utilizada apenas para conservar informações. Ainda para esse autor, a originalidade encontrada na cultura oral consiste na forma de recontar as histórias, uma vez que os narradores sempre introduzem novos elementos nas histórias tradicionais: “Na tradição oral, haverá tantas variantes menores de um mito quantas forem as repetições dele, e a quantidade de repetições pode aumentar indefinidamente” (ONG, 1998, p.53).

iv) A oralidade é próxima do mundo vital.

Nas culturas orais o conhecimento é conceitualizado e verbalizado sempre em referência à experiência humana. Assim a aprendizagem ocorre por meio da observação e da prática.

v) A oralidade apresenta tom predominantemente emocional.

Na avaliação de Ong, o tom predominantemente emocional se deve ao fato de a memória oral privilegiar narrativas míticas, personagens fortes, com mortes geralmente memoráveis e comumente públicas.

Batista (2006) afirma que

A heroicização dos personagens não se baseia, para Ong, em razões românticas ou mesmo didáticas, mas corresponde à necessidade de organização da experiência daquela sociedade de uma forma permanentemente memorável. O herói e o anti-herói, nesse sentido, servem a uma função específica na organização do conhecimento no mundo oral. A narrativa é marcada frequentemente, desse modo, pela descrição entusiasmada da violência física. A própria especificidade da expressão oral contribui para que essa característica seja marcante: a comunicação verbal está sempre envolvida em relações interpessoais caracterizadas tanto pela atração quanto pelo antagonismo. Em consequência dessa característica, há uma tendência à polarização das narrativas: de um lado, encontra-se o bem, a virtude, os heróis; de outro, o mal, o vício e os vilões. (BATISTA, 2006, p.412)

vi) A oralidade é mais empática e participativa.

Ong afirma que “Para uma cultura oral, aprender ou saber significa atingir uma identificação íntima, empática, comunal com o conhecimento, ‘deixar-se levar por ele’”(1998, p.57).

vii) A oralidade é mais situacional e concreta do que abstrata.

As sociedades orais organizavam-se em função do presente, apagando da memória o que não é considerado por eles relevante. Assim, o significado de cada palavra é controlado pela situação real de vida em que a palavra é usada, ou seja, adquirem significado de acordo com o contexto em que são expressas, incluindo as expressões faciais e os gestos.

Sobre o processo de memorização em culturas orais, sem o conhecimento da escrita, o autor afirma:

Na cultura oral primária, para resolver efetivamente o problema da retenção e da recuperação do pensamento cuidadosamente articulado, é preciso exercê-lo segundo padrões mnemônicos, moldados para uma pronta repetição oral. O pensamento deve surgir em padrões

fortemente rítmicos, equilibrados, em repetições e antíteses, em aliterações e assonâncias, em expressões epítéticas ou outras expressões formularias, em conjuntos temáticos padronizados (...), em provérbios que são constantemente ouvidos por todos, de forma a vir prontamente ao espírito, e que são eles próprios modelados para a retenção e a rápida recordação – ou em outra forma mnemônica. (ONG, 1998, p.45)

O autor ainda afirma que a aprendizagem, nessas sociedades, não ocorre pelo hábito de estudar, mas pela imitação:

Eles aprendem pela prática – caçando com caçadores experientes, por exemplo, pelo tirocínio, que constitui um tipo de aprendizagem; aprendem ouvindo, repetindo o que ouvem, dominando profundamente provérbios e modos de combiná-los e recombina-los, assimilando outros materiais formularias, participando de um tipo de retrospectiva coletiva – não pelo estudo no sentido restrito. (ONG, 1998, p.17)

Como podemos observar, a memória oral tem grande componente somático: “A palavra oral nunca existe num contexto puramente verbal, como ocorre com a palavra escrita. As palavras proferidas são sempre modificações de uma circunstância total, existencial, que sempre envolve o corpo.” (ONG, 1998, p.81).

Ainda segundo ONG (1998, p.1-7), a linguagem é tão predominantemente oral, que entre as milhares de línguas que existiram, apenas cerca de 106 possuíam escrita suficientemente desenvolvida para produzir literatura. Das 3 mil línguas hoje faladas, somente 78, aproximadamente, têm, de fato, uma literatura. É claro que o valor da escrita não pode ser negado. Quem usa uma língua escrita – o inglês, por exemplo – tem à sua disposição um vocabulário de pelo menos um milhão e meio de palavras, enquanto que uma língua exclusivamente oral não oferecerá ao falante mais do que alguns milhares.

Para esse autor, todos os textos escritos estão direta ou indiretamente relacionados ao universo do som. Ler um texto é transformá-lo em som, audível ou imaginativo. A oralidade pode existir sem a escrita, mas nunca a escrita existirá sem a oralidade. No entanto, os estudos científicos da linguagem, até recentemente, desconsideravam a expressão oral, tida como mera variante da produção escrita. Em decorrência, também o ensino descuidou da oralidade. A explicação para isto está

presente na própria relação do estudo/ensino com a escrita. Nas culturas orais, as pessoas aprendem, mas não “estudam”. O aprendizado se dá pela prática. Daí, para ONG, nossa tendência a não ensinar a língua oral.

Na atualidade, no entanto, em decorrência do desenvolvimento das mídias modernas, o que acontece é o contrário do que aconteceu com a retórica, que, de uma arte voltada para a oralidade, passou a se ocupar mais da escrita. Hoje a oralidade, além de servir aos seus propósitos básicos, vem sendo revalorizada. São comuns hoje as situações sociais que exigem uma oralidade tratada. Observamos que nossa sociedade, cada vez mais, se utiliza da oralidade em ambientes formais de trabalho como teleconferências, entrevistas, apresentações, palestras, entre outros gêneros orais. Além do mais, temos o cinema, a televisão, o You-tube, skipe e teleconferências que conferem grande espaço para a oralidade .

2.2- A ORALIDADE E ARTE DA MEMÓRIA

Como vimos nos estudos sobre a oralidade, a importância do papel da memória é indiscutível.

Procurando entender os modos de produção, condições e práticas de produção oral, e seu ensino conclui-se que, de fato, a memória é um aspecto que precisa ser considerado e que é necessário o desenvolvimento de técnicas de memorização precisas. Isso nos leva também a querer conhecer que motivos nos levam a lembrar e a esquecer. Não há como pensar em oralidade sem pensar em memória.

A retórica já a valorizava: *Memória*, como vimos, é uma de suas partes e foi muito tratada na pedagogia retórica. *Memória* tinha a ver somente com a *mnemônica*, técnica que ensinava um orador inexperiente a decorar sua fala. Devem-se aos sofistas as primeiras considerações sobre a memória. Em suas escolas retóricas, a memória dos oradores era arduamente treinada através de prática constante – da forma como hoje os atores adquirem a *facilitas* para decorar seus *scripts*. Os retores ensinavam estratégias para auxiliar a memorização.

Segundo a mitologia grega, a deusa *Mnemosyne*, Memória divinizada, unindo-se a Zeus, gerou nove filhas, nove Musas, as Palavras Cantadas: Calíope – Musa da eloquência, Clio ou Kleio – Musa da história, Erato – Musa da poesia romântica, Euterpe – Musa da música, Melpômene – Musa da tragédia e alegria, Polímnia – Musa

da poesia lírica, Terpsícore – Musa da dança, Talia – Musa da comédia e Urânia – Musa da astronomia. Os gregos acreditavam que ao invocarem as Musas no começo de um canto (DETIENNE, 1998), elas eram responsáveis por colocar nas mãos dos poetas o bastão de seu ofício, o que passava inspiração para os *aedos*. Assim, inspirado pela Musa o *aedo* criava, recitava, repetia, compunha palavras e ritmos; tornava-se mestre de verdade. Essa inspiração auxiliava o poeta a relembrar episódios esquecidos, pois cantar e versejar, durante este período, eram sinônimos de lembrar.

Segundo Smolka,

A poesia do poeta homérico, versão – autorizada – da palavra pública, tem, por isso mesmo, um poder de sustentar, de controlar, de certa forma, a cultura, a tradição. Mas se a tradição deve ser praticada e permanecer estável, precisa ser lembrada por todos. Precisa corresponder às possibilidades de memorização das pessoas comuns, e não apenas das bem dotadas. Na memória rítmica, então, a maneira mais direta de imitação, de memorização, de sustentação da tradição. A Musa, voz da instrução, é também a voz do prazer. A memória toda de um povo é poetizada. (SMOLKA, 2000, p.169).

Como pode ser observado na exposição acima, a prática de memorização na tradição poetizada dependia da recitação constante, pois não havia como reportar-se à escrita para se lembrar.

Para Platão, uma teoria da memorização deve ser fundamentada na teoria do conhecimento. Em *Fédon*, ele relata os últimos ensinamentos de Sócrates e apresenta a função da retórica. Segundo o autor, a função retórica é falar a verdade e persuadir os homens do conhecimento da verdade. Para o filósofo, memória é o conhecimento da verdade e toda aprendizagem e conhecimento são tentativas de relembrar as essências e as realidades. Assim, a memória não tem mais o aspecto mítico. Platão também é contra a escrita, que segundo ele é responsável por reduzir a memória. O filósofo acreditava haver uma incompatibilidade entre o que está escrito e o que é verdadeiro. Essa desconfiança da escrita reporta às transformações sofridas na cultura da época devido à difusão do texto escrito.

Aristóteles trouxe novas contribuições para o estudo da memória, fazendo uma divisão entre a *mneme*, capacidade de conservar o passado, ou seja, memória propriamente dita e *mamnesi*, capacidade de invocar voluntariamente o passado, memória da reminiscência. Para o filósofo a fonte básica do conhecimento são as impressões sensoriais. Assim, as percepções que os sentimentos trazem são tratadas pela

faculdade da imaginação e as imagens formadas pelos sentimentos tornam-se material para a faculdade intelectual. Segundo o autor, sem a imagem mental a alma não pensa; a faculdade de pensar funciona a partir de imagens mentais:

A memória, então, não é nem sensação nem julgamento, mas é um estado ou qualidade (afeição, afeto) de um deles, quando o tempo já passou. ...Toda memória, então, implica a passagem do tempo. Portanto só as criaturas vivas que são conscientes do tempo podem lembrar, e elas fazem isso com aquela parte que é consciente do tempo. (ARISTÓTELES, *Retórica*, 1986, p.291)

Para o filósofo,

É obvio, então, que a memória pertence àquela parte da alma à qual a imaginação também pertence. Todas as coisas que são imagináveis são essencialmente objetos da memória, e aquelas que necessariamente envolvem a imaginação são objetos da memória apenas incidentalmente. A pergunta que pode ser feita é: como se pode lembrar alguma coisa que não está presente, se é apenas o afeto (sensação) que está presente, e não o fato? Porque é obvio que se deve considerar o afeto que é produzido na alma pela sensação, e naquela parte do corpo que contém a alma (o afeto, estado duradouro o qual chamamos memória) como um tipo de figura/retrato; porque o estímulo produzido imprime uma espécie de semelhança do perceptor.

[...]

Falta ainda falar da recordação [...] ela não é nem a recuperação nem a aquisição da memória; porque quando se aprende ou recebe uma impressão sensória, não se recupera qualquer memória (porque nenhuma aconteceu antes), nem se adquire pela primeira vez; é somente quando o estado ou afeto foi induzido que existe memória (ARISTÓTELES, *Retórica*, 1986, p. 293)

Três elementos podem ser destacados como aspectos relevantes nas considerações aristotélicas sobre memória: as sensações, a imaginação e o tempo. Com o filósofo, ainda podemos destacar o fato de a *mimeses* adquirir um novo *status*, o de imitação, representação da natureza, forma de conhecimento.

No século V a.C., o pintor e poeta Simonides de Céos foi o primeiro a definir as regras da arte de memorização. Nesse período ocorre a dessacralização da memória; dessa forma, a memória não é mais vista como deusa, não é apenas tradição, mas *techné*, *mnemotécnica*. Assim, a lembrança mnemônica requer em primeiro plano a recordação e a criação de imagens na memória; em segundo plano, a organização das imagens em locais, ou lugares da memória. Simonides, ao elaborar as regras da técnica de memorização, articula seus conhecimentos como poeta e pintor. Ele dava

importância excepcional à visualização intensa tanto para a pintura quanto para a poesia e para a arte da memória. Era preciso ver locais e ver imagens para memorizar.

Cícero, durante o Império Romano, séc I a.C, foi o responsável por retomar a arte da memória da Grécia para Roma. Seguindo a filosofia platônica, o filósofo afirmava que a virtude, hábito da mente em harmonia com a razão e a ordem da natureza, pode ser dividida em quatro partes: prudência, justiça, força e temperança (SMOLKA, 2000). Segundo o filósofo, a memória pertence à prudência, juntamente com a inteligência e providência.

Para Cícero,

A arte de memória é como uma escrita interna [...] os locais são como tábuas de cera ou papiros, as imagens como letras, o arranjo e a disposição de imagens, como o script, e a fala, a recitação, como a leitura [...] Os lugares permanecem na memória e podem ser usados novamente, muitas vezes...

Bastante já foi dito de lugares. Agora vamos para a teoria das imagens. [...] há dois tipos de imagens, uma para coisas (*res*), e uma para palavras (*uerba*). Isto quer dizer, memória para coisas forma imagens para lembrar de um argumento, noção, ou uma coisa; mas memória para palavras tem que achar imagens para lembrar de cada palavra. (CICERO, *Retórica a Herênio*, 28-40).

Quintiliano, em *Institutio Oratoria*, muito valoriza a memória e ensina:

Vamos agora, considerar a valiosa casa de invenções, a guardadora de todas as partes da retórica, a memória [...] Há dois tipos de memória, uma natural, outra artificial. A memória natural é gravada em nossas mentes, nasce simultaneamente com o pensamento. A memória artificial é a memória fortalecida ou confirmada pelo treino. Uma boa memória natural, e também uma fraca, podem ser melhoradas pela arte (thechné).

[...]

Agora, eu vou falar da memória artificial [...] A memória artificial é estabelecida a partir de locais e imagens, a definição do guardado para ser repetido pelos tempos. Um local é um lugar facilmente apreendido pela memória, como uma casa, um espaço entre coluna, um canto, um arco, etc. Imagens e formas, marcas e simulacros (*formae*, *notate*, *simulacra*) daquilo que queremos lembrar. Por exemplo, se queremos lembrar o gênio de um cavalo, de um leão, de uma águia, devemos colocar suas imagens em determinados lugares. (QUINTILIANO, *Institutio Oratória*, 1290-22)

No princípio da Idade Média, teorias da memória foram desenvolvidas, sempre mantendo a ideia de Simonides de *loci* e *imagines*. Durante o séc. IV, a dimensão psicológica da memória já era explorada por Santo Agostinho.

Transporei, então, esta força da minha natureza, subindo por degraus até àquele que me criou. Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. (AGOSTINHO, X, 8.12)

[...]

E o que agora entendo e distingo, conservo-o na memória para depois me lembrar de que agora o entendi. Por isso lembro-me de que me lembrei. (AGOSTINHO, X, 13.20)

[...]

Que é esquecimento senão a privação da memória? E como é, então, que o esquecimento pode ser objeto da memória se, quando está presente, não me posso recordar? Se nós retemos na memória aquilo de que nos lembramos, e se nos é impossível, ao ouvir a palavra ‘esquecimento’, compreender o que ela significa, a não ser que dele nos lembremos, conclui-se que a memória retém o esquecimento. A presença do esquecimento faz com que o não esqueçamos; mas quando está presente, esquecemo-nos. (AGOSTINHO, X, 16.24)

Para Santo Agostinho, a memória é uma atividade psíquica. “Ele se indaga sobre os vestígios que as imagens deixam na alma.” Explicita as bases da introspecção, do exame de consciência. (SMOLKA, 2000, p.181).

Nesse período os sistemas de memorização eram utilizados para lembrar o céu e o inferno. Assim, a tradição mnemônica cristã se centrava na imaginação mentalizada e oralizada entrelaçada à prática de escritura em difusão. Leitura de textos sagrados vão moldando os pensamentos, lembranças e construindo o caráter religioso: “[...]é necessário aprender, repetir, recitar, de cor. Agora com o apoio da escrita.”(SMOLKA, 2000, p.182)

Segundo Smolka, (2000, p.180), a partir de São Tomás de Aquino, a concepção de memória começa a ser deslocada da retórica para a ética.

Foi o próprio Tomás de Aquino quem implantou a ideia de que os sistemas de memorização faziam parte da ética, sendo mais que meros componentes da retórica... Em seus comentários sobre Aristóteles, Aquino observou a importância das similaridades corpóreas – ou imagens da memória sob forma física – para impedir que coisas sutis e

espirituais escapassem da alma... reforçava seus argumentos a favor do uso de sistemas de lugares na memória. (SPENCE, 1986, p.31 apud SMOLKA,2000 p. 180)

São Tomás formula três regras mnemônicas a partir de locais e imagens: na primeira regra a memória está ligada ao corpo, seria, portanto, as sensações e imagens; na segunda a memória é a razão, a lógica, ordenação; e na terceira a memória é o hábito de recordar, assim, a meditação preserva a memória.

Já na Idade Moderna, Lev Vygotsky faz a distinção entre imagens eidéticas e signos e ressalta a importância dos signos na constituição da memória: “A verdadeira essência da memória humana está no fato de os seres humanos serem capazes de lembrar ativamente com a ajuda de signos” (VYGOTSKY, 1989, p.58). A afirmativa apresentada por Vygotsky nos leva a uma reflexão sobre a forma da imagem ou do signo na constituição da memória.

Segundo Smolka, baseados em teorias de vários pensadores, Vygotsky e Bakhtin falam sobre a emergência e o funcionamento do signo na vida mental. A maneira como interpretam o material semiótico no funcionamento da mente nos leva à conclusão de que a dimensão psicológica não pode ser dissociada da significação e do discurso.

A palavra, como signo por excelência, constitui modos específicos de ação significativa, de modo que a memória humana e a história tornam-se possíveis no/pelo discurso. Assim, onde existe imagem, imaginação, imaginário, memória, aí incide necessariamente o signo, e mais particularmente, a palavra – *verbum*.(SMOLKA, 2000, p.185)

Para Vygotsky, segundo Smolka, estudar a memória vai muito além de estudar a função mnemônica, é estudar as maneiras, os meios pelos quais produzimos conhecimento coletivamente e nos apropriamos da cultura.

Para Yates (1966, p. 254)), na atualidade, o aparecimento de sistemas de computação eletrônica e o aumento de seu uso como ferramenta prática estimularam a invenção de técnicas eficientes de armazenamento e recuperação de informações. O conceito de memória hoje, na era da informática, embora ainda se relacione ao conhecimento tradicional de memória artificial, de técnicas mnemônicas, apresenta-se de modo muito diferente. O desenvolvimento dos bancos de dados veio de certa forma

substituir a memória humana. No começo, os dados eram guardados simplesmente numa ordem sequencial em fita magnética, constituindo um arquivo. Com o surgimento das unidades de disco, a velocidade de acesso aos dados aumentou muito, facilitando a criação de novos métodos de organização e indexação. Ao se iniciar a década de 60, o conceito de banco de dados já estava plenamente estabelecido.

Segundo Coimbra (1989),

Os primeiros modelos de banco de dados usavam as formas hierárquicas de rede. Na década de 70 começou a ser discutido um conceito mais versátil, o de banco de dados relacional, baseado na noção matemática de relação entre conjuntos. Nos últimos anos, um novo passo foi dado com o desenvolvimento do que tem sido chamado de banco de conhecimento. Não se trata neste caso de um sistema apenas de memorização, incapaz de fornecer qualquer outra informação não explicitamente declarada pelo usuário. O banco de conhecimento é um banco de dados com uma lógica embutida que tem assim sua capacidade ampliada pela possibilidade do uso de inferências.

Este novo sistema pode, em certo sentido, aprender sobre um determinado assunto, produzindo informações não previamente programadas, mas contidas no banco sob forma implícita ou latente. (COIMBRA, 1989, p.151)

Como se pôde ver, memória sempre foi e continua sendo uma importante preocupação de estudiosos de diversas áreas do conhecimento.

No âmbito desta tese interessa-nos mais a memória como técnica mnemônica, importante para a produção de textos orais.

2.3- O ENSINO DA ORALIDADE NO BRASIL

2.3.1- A EDUCAÇÃO NO PERÍODO COLONIAL

Estudar o desenvolvimento da educação brasileira nos obriga a analisar a realidade vivida durante o período da colonização brasileira. No período colonial, nosso país não tinha autonomia política e econômica para decidir o seu destino, dependíamos em tudo de Portugal, inclusive no que se refere ao ensino.

Os primeiros professores do Brasil foram os padres jesuítas. A Igreja Católica, em especial a ordem da Companhia de Jesus, exerceu o papel colonizador no Brasil e para isso recebia subsídios do Estado português.

No séc. XVI a Europa passava por grandes transformações devido ao aparecimento de outras religiões cristãs. Nesse momento, em resposta aos acontecimentos e com o objetivo de não perder seus cristãos, os dirigentes da igreja católica determinaram a criação da chamada Companhia de Jesus. A ordem dos Jesuítas foi criada em 1534 por Inácio Loyola, um ex-soldado basco que se converteu à vida religiosa após sobreviver aos ferimentos do tiro de um canhão. A atuação dos jesuítas foi a de verdadeiros soldados de Cristo, na educação e no ensino. Na Europa eram responsáveis por ensinar em seminários, colégios e universidades com o objetivo de recuperar a posição da Igreja Católica Romana. No Brasil, os jesuítas, que aqui chegaram em 1549 e aqui permaneceram até 1759, também exerceram um papel de destaque tanto na catequese dos índios e dos colonos quanto na educação.

Quanto à catequese, pode-se dizer que ela foi muito eficiente: não só preservou o catolicismo na nossa terra mas também converteu muitos indígenas, tornando-os, a eles próprios, soldados de Cristo:

A pregação no contexto da sociedade brasileira colonial era uma atividade difusa e bastante valorizada pela população. Notícias e descrições acerca das atividades de pregação são frequentes em relatos e cartas de viajantes e missionários, desde os primeiros tempos da colonização. Uma das informações mais antigas a respeito é fornecida por uma narrativa de 1593 do padre visitador da Companhia de Jesus, o português Fernão de Cardim (1548-1625): curiosamente, porém, refere-se não à pregação dos missionários e sim às atividades de pregação dos próprios índios em ocorrência da visita pastoral dos padres missionários. O relato merece ser analisado, por destacar as

peculiaridades da retórica indígena e frisar a grande propensão dos nativos para a prática da palavra. Inclusive, evidencia como a pregação dos —principais indígenas foi necessária para criar a confiança de suas tribos na palavra pregada pelos jesuítas. (MASSIMI, 2005, p. 418)

Pode-se dizer que esse sucesso se deveu ao uso da retórica, herança portuguesa que nos foi trazida pelos padres jesuítas.

A Europa viveu no Humanismo Renascentista um renovado interesse pelos textos clássicos – com ênfase na retórica, principalmente nas obras de Aristóteles, Cícero e Quintiliano. Em Portugal e em decorrência também no Brasil, a retórica foi muito difundida. A retórica aqui chegada era a mesma praticada à época em toda a Europa. Caracteriza-se por restaurar a ortodoxia retórica na fidelidade aos clássicos, o que se costuma chamar de “ciceronianismo jesuítico.” Os jesuítas confiam no poder da palavra e a valorizam, pois a consideram um prolongamento da palavra divina.

No que se refere ao ensino, foi também notável a contribuição dos jesuítas. Nossas principais escolas eram jesuítas. Só entre 1554 e 1570 foram fundadas cinco escolas de instrução elementar no Brasil – em Porto Seguro, Ilhéus, Espírito Santo, São Vicente, São Paulo – e três colégios: no Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia.

Assim como em Portugal, também o currículo dos colégios jesuítas brasileiros dava muita importância à Gramática e à Retórica, uma vez que se pretendia formar jovens eloquentes e capazes de escrever bem. Para os jesuítas, um bom conhecimento de gramática era a base para os estudos superiores de retórica. A formação literária do aluno no Brasil consistia na leitura dos grandes autores, principalmente os gregos e os romanos. No final do curso secundário, era dada uma grande ênfase ao estudo da retórica e da poética de Aristóteles. Tal retórica é descrita na *Ratio Studiorum*, de 1591, modelo de ensino jesuítico, seguido no mundo inteiro.

Vejamos como é entendido o ensino da retórica na *Ratio Studiorum*:

"Regras para o professor de Retórica.

Regra n.º 1:

O programa desta classe [Retórica] não pode ser determinado facilmente entre limites precisos. Ela forma o estudante para a eloquência perfeita, que compreende duas matérias fundamentais, a oratória e a poética (devendo-se dar sempre a primazia à oratória). A

eloquência tem em vista não apenas a utilidade do discurso mas também a sua elegância. De modo geral, porém, pode-se dizer que ela abrange três componentes principais: os preceitos de oratória, o estilo e a erudição. Os preceitos podem ser estudados e analisados a partir de qualquer autor, mas nas preleções diárias não se devem explicar senão as obras retóricas de Cícero e de Aristóteles (a Retórica e eventualmente a Poética)”. (grifos nossos)

Em relação à apresentação oral, vejamos o que reza a *Ratio Studiorum*:

“7. *Formação de eminentes professores de letras.* - Para conservar o conhecimento das letras clássicas e alimentar um seminário de professores, procure ter na Província pelo menos, dois outros varões eminentes em literatura e eloquência. Para este fim entre os bem dotados e inclinados para este gênero de estudos, designará, de quando em quando, alguns, suficientemente formados em outras disciplinas, a fim de constituírem, com o seu trabalho e esforço, um como viveiro ou seara que alimente e propague a raça dos bons professores.” (grifos nossos)

Encontram-se também normas sobre o tratamento da oralidade:

“3. *Exercício de memória.* - Como ao retórico é necessário o exercício diário da memória e na sua classe ocorram muitas vezes lições demasiado longas para serem aprendidas de cor, determine o Professor o que e quanto se deverá aprender, e, caso ele exigisse, de que modo recitá-lo. Seria útil que, de quando em quando, dissesse alguém, da cátedra, os trechos aprendidos nos clássicos, a fim de unir o exercício da memória com a declamação.

16. *Declamação privada.* - Em sábados alternados, na presença dos alunos de Humanidade, na última hora matutina, um ou dois alunos apresentem, da cátedra uma declamação, ou preleção, ou poesia, ou oração ou uma oração seguida logo da recitação de uma poesia.

17. *Declamação pública.* - No salão ou na igreja, haja, uma vez por mês, uma oração mais importante ou uma poesia, ou ambas as cousas, ora em latim, ora, em grego (ora em vernáculo), ou um debate com argumentos de um e outro lado e julgamento. Tudo, porém, deverá ser revisto e aprovado pelo Prefeito dos estudos superiores.

18. *Exposição de poesias.* - De dois em dois meses mais ou menos, na comemoração de alguma festa mais solene, na promulgação dos oficiais ou em outra oportunidade, exponham-se nas paredes da aula as poesias mais escolhidas, compostas pelos alunos. Poder-se-á também afixar, segundo os costumes da região, alguns trechos curtos de prosa como, por exemplo, inscrições de escudos, templos, sepulturas, jardins, estátuas; descrições de uma cidade, de um porto, de um exército; narrações dos feitos de algum santo; frases

paradoxais. Poder-se-á acrescentar às vezes, mas com licença do Reitor, algum desenho relativo ao emblema ou assunto proposto.

19. *Representação privada.* - Poderá às vezes o professor passar aos alunos como assunto algum tema dramático, como uma écloga, algumas cenas ou um diálogo, e o trabalho melhor poderá ser representado na aula, distribuídos os papeis entre os alunos, mas sem nenhum aparato.

20. Para cultivo da memória aprendam todos os dias alguma coisa de cor, e leiam muito e com atenção. E nada estimula tanto a inteligência quanto submeter cada um ao exercício freqüente de falar, não só na cátedra do salão, da igreja e da aula, o que lhes é comum com os seus condiscípulos externos, mas também no refeitório. Para o mesmo fim contribuirá finalmente a exposição em lugar público conveniente das próprias poesias, aprovadas pelo Professor e assinadas com o nome do autor.”

Como se pode verificar, era considerável o espaço da oralidade na *Ratio Studiorum*.

O livro do jesuíta português Cipriano Soares, publicado em 1562, *De arte Rhetorica libri tres ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano*, foi o livro didático de retórica que a *Ratio Studiorum* difundiu e que foi adotado em todos os colégios da Companhia de Jesus, inclusive nos do Brasil. . Cipriano Soares, como jesuíta que era, pautou-se nas obras retóricas de Aristóteles, Cícero e Quintiliano.

Um importante testemunho do tipo de retórica trazida ao Brasil é o *Sermão da Sexagésima* do Padre Antônio Vieira, que praticava um modelo de retórica situado na história e no âmbito dos objetivos particulares da Companhia de Jesus, uma vez que sua formação retórica, que começou no Colégio Jesuíta em Salvador, em 1614, foi conforme os ensinamentos da *Ratio Studiorum* e de Cipriano Soares.

A partir de 1637, no entanto, após a publicação de *O discurso do método*, de René Descartes, fundando-se a lógica positivista, a retórica jesuíta sofreu grandes mudanças para se adaptar a essa nova filosofia. Adotaram o rigor geométrico, o ponto de vista de que persuasão não é convencimento e, a partir daí, começaram a mudar a ordem de apresentação dos cânones da Retórica, dando lugar primeiramente à *elocutio* (estilo) e só depois à *inuentio* e à *dispositio*. Além do mais, a erudição foi abandonada e substituída por regras abstratas, definições, subdivisões e subdivisões.

Pouco tempo depois, a partir de 1750, Portugal passou por grandes mudanças econômicas e culturais, lideradas pelo Marquês de Pombal, ministro de D. José I.

Pombal empreendeu, dentre outras inúmeras intervenções, uma reforma na

estrutura do ensino, implantando mudanças pedagógicas e administrativas e isso implicou a necessidade de afastar os padres jesuítas da liderança educacional portuguesa. Segundo ele, os jesuítas representavam uma ameaça para seus projetos. Essa reação antijesuítica culminou com a expulsão, em 1759, da Companhia de Jesus de Portugal e de todas as colônias, inclusive do Brasil.

Segundo Andrade (1981,p. 113), essa reforma do ensino apoiou-se na obra de Luís Antônio Verney, frade oratoriano, autor do *Verdadeiro Método de Estudar*, publicado em 1746, com o objetivo de combater e substituir a *Ratio Studiorum*. A reforma introduziu novas matérias na universidade (Matemática e Filosofia, esta última incluindo as ciências naturais, a física e a química) e alterou o conteúdo e o método de ensino de matérias antigas (o método do ensino do Latim e a concepção da Retórica) nos estudos menores.

Em relação à Retórica não houve, como se deveria esperar, considerando que as ideias positivistas já tomavam corpo, nenhuma tentativa de exclusão de seu ensino.

A reforma de Verney buscou modificar o conteúdo e ampliar o seu alcance. As cartas 5 e 6 de sua obra, dedicadas à retórica, faziam um ataque ao péssimo gosto da oratória portuguesa que excedia em ornamentos estilísticos, em afetação e em abuso dos tropos de linguagem. Verney acusava os portugueses de utilizarem uma retórica barroca. Para ele, o problema não se encontrava na retórica, mas na falta de conhecimento do que fosse a retórica. Segundo ele, era preciso reformar a concepção de retórica e o método de ensiná-la.

O alvará régio de 1759, responsável pela reformulação dos estudos menores, trazia “instruções para os professores de retórica”, que continha verdadeira apologia à retórica clássica, segundo ele, ciência que

[...] ordena os pensamentos, a sua distribuição e ornato. E, com isto, ensina todos os meios e artifícios para persuadir os ânimos e atrair as vontades. É pois, a retórica a arte mais necessária no comércio dos homens, e não só no Púlpito ou na Advocacia, como vulgarmente se imagina. Nos discursos familiares, nos negócios públicos, nas disputas, em toda a ocasião em que se trata com os homens, é preciso conciliar-lhes a vontade e fazer, não só que entendam o que se lhes diz, mas que se persuadam do que se lhes diz e o aprovelem. (ANDRADE, 1981, p.92)

Para Verney, o problema da retórica jesuítica era ter-se adequado ao positivismo, o que a reduziu aos tropos e figuras, parte de menor importância. Quis portanto resgatar seu caráter clássico, tendo como modelo a tradição de Quintiliano, Cícero, Aristóteles e Longino.

A partir da política reformista tornou-se exigência, em 1763, a aprovação em exame de retórica para admissão à Universidade de Coimbra. Espelhando-se em Portugal, também no Brasil, em 1827, quando se criaram as escolas de Direito, entre os exames preparatórios exigidos para ingresso nesse curso estava o de Retórica.

Depois da expulsão dos jesuítas, para substituí-los foram criadas, desde 1759, aulas-régias, ministradas nas principais cidades de Portugal e do Brasil. Incluíam o ensino do vernáculo, do latim, do grego, da retórica, da poética e da filosofia racional.

Constatada a inviabilidade da manutenção das aulas-régias, que, dentre outros defeitos, exigiam a locomoção dos alunos às casas dos mestres, foi fundado o Imperial Colégio de Pedro II, em 2 de dezembro de 1837, inspirado nas melhores instituições de ensino da França. Esse colégio passou a ser o modelo do ensino oficial no Brasil.

O Colégio Pedro II, desde sua fundação em 1837, por 54 anos contou também com a Retórica em seu currículo. Foi notável o papel do Colégio de Pedro II no ensino dessa disciplina durante o século XIX.

Como se vê, mesmo após a expulsão dos jesuítas, a retórica, também no Brasil, na esteira de Portugal, continuou sendo valorizada. Segundo Almeida (1995,p.74), pode-se dizer que, no início do século XIX, qualquer pessoa com alguma educação acima da alfabetização elementar, em Portugal ou no Brasil, teria alguma formação em retórica. Cumpre lembrar, no entanto, que a tentativa de Verney de resgate da retórica clássica não prosperou. No contexto positivista de então, o que sobreviveu da retórica clássica em todo o mundo, ainda por algum tempo, foi o ornamento, por ele severamente criticado.

Em 1891, portanto depois da Proclamação da República, Benjamim Constant, então Ministro de Estado, baseado nos ensinamentos de Augusto Comte, elaborou uma reforma de ensino de orientação positivista, que defendia uma “ditadura” dos cientistas. A Retórica foi então eliminada do currículo.

Entretanto, apesar de disciplina extinta, a Retórica ainda continuou influenciando as aulas de língua e literatura vernáculas. Segundo Magda Soares (2001,

p.151), "[...] a mudança de denominação não significou mudança no objeto e no objetivo dos estudos da língua". A disciplina Português manteve, até por volta dos anos 50, a tradição da Gramática, da Retórica e da Poética.

Segundo essa autora, a permanência da tradição retórica se deveu à falta de alternativas para o ensino do vernáculo. Só se conhecia a Gramática, a Retórica e a Poética, conhecimentos herdados da tradição. Assim, embora a disciplina curricular já tivesse passado a se chamar Português, persistiram, embutidas nela, as disciplinas anteriores.

A Retórica e a Poética, em todo o mundo, foram se transformando em estudos estilísticos, tal como hoje os conhecemos, e, em decorrência do desprestígio da oratória, deixou-se de enfatizá-la e passou-se a dar maior realce à língua escrita.

Paulatinamente, no entanto, mesmo esses saberes remanescentes foram sendo relegados e substituídos por outros, sob a influência do positivismo e do cientificismo, que se difundiu pelo mundo todo, e também devido à democratização da escola, que exigiu a reformulação das funções e dos objetivos dessa instituição.

No entanto, para Soares (2001, p. 152), foi somente a partir da segunda metade dos anos oitenta que novas teorias desenvolvidas na área das ciências linguísticas começaram a alterar fundamentalmente essa situação. Essas teorias foram introduzidas nos currículos de formação de professores a partir dos anos 60: primeiro foi a Linguística, mais tarde, a Sociolinguística, mais recentemente, a Linguística Aplicada, a Psicolinguística, a Linguística Textual, a Pragmática e a Análise do Discurso. Mas foi só nos anos 90 que essas ciências começam a chegar à escola, "aplicadas" ao ensino da língua materna.

Como se vê, apesar da grande aversão de que a Retórica passou a ser alvo a partir de fins do século XIX, paradoxalmente ela continuou a influenciar ainda por muito tempo. Pode-se entender que a Retórica, pelo menos oficialmente, só deixou de influenciar o ensino no Brasil a partir da metade dos anos oitenta.

Apesar de ser necessário reconhecer os aspectos negativos da Retórica vigente à época de seus estertores, em fins do século XIX, cumpre também reconhecer que se tornou tão grande a aversão pelo nome *Retórica* que passou a ocorrer uma como que cegueira no não reconhecimento de aspectos positivos dessa arte milenar. Em decorrência, não se levou em conta o ditado que recomenda cuidados ***para não jogar fora a água do banho com a criança dentro.***

O desinteresse pelo tratamento da oralidade foi uma consequência nociva da “morte” da retórica.

2.3.2- A ORALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Nos dias atuais, torna-se “[...] cada vez mais aceita a ideia de que a preocupação com a oralidade deve ser também partilhada pelos responsáveis pelo ensino de língua. Mas nem tudo é como parece que deveria ser.” (MARCUSCHI, 2005,p.21). Apoiados nas observações de Marcuschi, quanto à escassez de pesquisas referentes ao trabalho com os gêneros orais nas aulas de língua portuguesa e pelo fato de constatarmos que, apesar do extenso uso da língua portuguesa no Brasil, a comunicação oral deixa muito a desejar, concluímos que é necessário voltar a investir em seu ensino. Poucos são os cidadãos brasileiros que se saem bem nas diversas situações mais formais em que a língua oral é utilizada.

Dolz & et al (2004), em pesquisas suíças, afirmam que 51% dos professores dizem recorrer a seminários com frequência. Estes são ultrapassados apenas pela atividade de ler em voz alta (70%), compreensão oral de narrativa (68%) e compreensão de instruções e de manuais de utilização (65%). Apesar disso, seja na Suíça ou aqui no Brasil, não é difícil perceber que as atividades de linguagem oral são realizadas sem preparo para tal e, quando feitas, servem apenas para que os estudantes exponham conteúdos previamente estudados/lidos. A prática da linguagem oral deveria ocupar lugar de destaque nas aulas de Língua Portuguesa, lugar ocupado, fundamentalmente, pelas atividades de escrita.

Defendemos a necessária expansão de um ensino que valorize as atividades orais. Segundo os PCN,

[...] cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomando como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos,

difícilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (BRASIL, PCN, p. 25)

Acreditamos que, para a eficácia do ensino de gêneros orais, seria necessário um conjunto sistemático e planejado de atividades com a finalidade específica de ensinar esses diversos gêneros. Ou seja, faz-se necessário, na escola, um trabalho para tentar desenvolver no estudante uma relação consciente e voluntária com seu próprio conhecimento linguístico, fornecer aos estudantes meios eficazes para melhorar sua capacidade de escrever e de falar, sobretudo, como afirma Dolz (2004, p.135), “[...]construir com os alunos uma representação das atividades de escrita e de fala, em situações complexas, como produto de um trabalho, de uma lenta elaboração”.

Para o desenvolvimento do trabalho com os gêneros textuais orais nos apoiaremos na perspectiva sócio-retórica e cultural da Escola norte-americana ou Nova Retórica (BAZERMAN, 2005). Bazerman (2005, p.29), um dos teóricos da Nova Retórica, desenvolve a ideia de que “[...] as formas de comunicação reconhecíveis e auto-reforçadoras emergem como gêneros.” Para o autor, “[...] ao criar formas tipificadas ou gêneros, também somos levados a tipificar as situações nas quais nos encontramos.”

Não se deve esquecer, também, que na maioria das vezes, a escola representa a principal fonte de acesso ao estudo da língua, além de ser o local onde ocorre a formação dos futuros profissionais. É justamente por ser essa a principal fonte de acesso ao estudo da língua que se deve preocupar em trabalhar com diversos gêneros textuais em sala de aula. Defendemos, com Marcuschi (1991, 2005 e 2007), que as atividades com gêneros orais devem ser trabalhadas em sala de aula: a oralidade precisa ser tratada.

Conforme Marcuschi (2005, p.21-22), discorrendo sobre os livros didáticos de português, “[...] com poucas exceções, a maioria dos LDP trabalham *regras* (no estudo gramatical); identificam *informações textuais* (nos exercícios de compreensão) e produzem *textos escritos* (na atividade de redação).” Segundo esse autor, o grande problema está no fato de os autores de livros didáticos, em sua maioria, ainda não saberem onde e como situar o estudo da fala, uma vez que “[...] não se trata de ensinar a falar. Trata-se de identificar a imensa riqueza e variedade de usos da língua”(MARCUSCHI, 2005, p.24).

Cumprer lembrar, também, que no espaço escolar todos os professores deveriam se responsabilizar pelo tratamento da oralidade, não somente os professores de língua materna, mas, sim os professores de todas as disciplinas.

Conforme Daros (2006, p.12),

Todos os professores têm importância e responsabilidade no processo de tornar a produção textual para os alunos atividade de significação, que representa um sujeito com uma visão de mundo, que se institui no momento da realização do texto, etc. Como co-responsável, o professor de língua materna tem participação especial nessa situação, pois é o profissional que pesquisa e estuda os processos de produção textual, bem como as questões relacionadas ao seu ensino e à sua aprendizagem. Nesse cenário, a concepção de texto abrange produções orais e escritas dos falantes. (DAROS, 2006, p.12)

A partir do exposto acima, preocupa-nos o futuro das aulas de Língua Portuguesa e principalmente a qualidade das atividades de exposição oral trabalhadas em sala de aula.

Tal preocupação nos levou a fazer um levantamento de como eram ministradas as aulas de oratória na Grécia antiga, em Roma e no Brasil colônia. Como vimos, a oralidade foi sempre uma preocupação da retórica e de sua pedagogia. Os ensinamentos dos retóricos foram, infelizmente, praticamente esquecidos.

Não podemos nos esquecer, no entanto, de que eles sobreviveram nos cursos de oratória, ainda existentes em todo o mundo e até hoje muito procurados, principalmente por pessoas cujas profissões demandam uma oralidade tratada como advogados, políticos, gente da mídia etc. Esses cursos vêm suprir a lacuna deixada pelo descaso com a oralidade no ensino.

Como autênticos herdeiros da retórica, os cursos de oratória desenvolveram muito as idéias retóricas contidas no cânone *actio/pronunciatio* e realizam um trabalho primoroso com ótimos resultados, cuidando de todos os aspectos envolvidos no discurso oral.

Nos cursos de oratória, espelhando-se na retórica, além dos aspectos linguísticos e discursivos, são tratados também os elementos paralinguísticos.

Vejam os aspectos relativos ao corpo, pois entende-se que esse, com seus movimentos ou com a ausência deles, intervém decisivamente na expressão verbal. É preciso dar vida ao dizer e é enorme a expressividade de nosso corpo. Para isso, é necessário dominar o próprio corpo: quem fala precisa estar num estado relaxado. A tensão nervosa excessiva, produzida pela insegurança e timidez, leva o corpo a uma tensão que não deixa que ele se ponha a serviço da expressão. A respiração correta ao falar é um bom sistema para relaxar; também é útil fazer exercícios respiratórios antes da fala.

Segundo Capdeville Júnior (2013, p. 87-88), o deslocamento ou não do orador no espaço disponível precisa ser considerado. Ele pode se deslocar para a esquerda, para a direita, para frente, para trás, dependendo do que quer expressar, sempre voltando para um ponto neutro.

Para Coll-Vinent (1973, p. 68-93), o gesto deve ser entendido como um complemento da palavra. O melhor gesto é o que consegue exteriorizar, através do corpo, o que se deseja expressar. Quando a palavra é suficiente não só não se precisa de gestos, como o uso de gestos fica redundante.

A pessoa extrovertida por natureza não tem problemas no uso dos gestos. Já a pessoa introvertida, tímida, terá que esforçar-se mais e só nesse caso justifica-se treinar, um pouco artificialmente, no princípio, os movimentos de braços e de mãos. A elegância do gesto, como aliás de tudo, é adquirível.

As mãos podem constituir problema para quem fala em público, principalmente no início, quando não se sabe o que fazer com elas. Aos poucos, no desenvolvimento da fala, vai-se sentir a necessidade de usá-las para acompanhar as palavras. Devem-se evitar: movimentos anárquicos, que traem o nervosismo do orador e distraem a platéia; colocar as mãos nos bolsos, e outros movimentos que denotam excessiva informalidade. Se o tema não exige a ajuda das mãos, o melhor é deixá-las quietas.

Para Capdeville Júnior (2013, p.64), “[...] o ideal é que as mãos fiquem juntas, apoiando-se reciprocamente e os cotovelos em 90° (noventa graus): palma de uma mão perpendicular à palma da outra mão. Coincidem os centros das duas palmas. As mãos se abraçam.” É o que se chama de “o ninho de gestos”. “O ninho é a posição neutra. Quando o orador fizer outros gestos, ele deve voltar suas mãos para o ninho. O principal é incorporar o hábito de manter as mãos juntas, apoiando-se reciprocamente.”

Aconselha ainda:

Se estivermos com um Capdeville na mão devemos usar uma das mãos como suporte do microfone. A outra, com os dedos quase totalmente fechados, fica no ninho. A partir desse ponto, fazem-se os gestos, naturalmente unimanuais, cabíveis e necessários. A mão que segura o microfone deve sempre acompanhar a boca do orador. É comum o orador se voltar para a apresentação multimídia e esquecer-se de movimentar o microfone. Dessa forma, os presentes não ouvem o que ele fala quando se volta para o audiovisual. Sempre que possível, é bom optar pelo microfone de lapela ou auricular. (CAPDEVILLE JÚNIOR, 2013,p. 126.)

Segundo Coll-Vinent (1973, p. 68-93), a comunicação oral se dá pela palavra, pelos gestos e pelos olhares. A comunicação correta é sempre um diálogo, não um monólogo. Ela supõe que o emissor, enquanto está falando, recebe resposta de quem o escuta. Só se podem conhecer as respostas quando se olha o interlocutor e se sabe interpretar as respostas recebidas através de seus olhares. O *feed-back* é importante. Só assim o emissor pode calcular o grau de aceitação, de entusiasmo ou de repulsa provocado por suas palavras. Só assim poderá matizá-las melhor e dar respostas adequadas às reações de quem o escuta.

No caso dos tímidos, é preciso superar a timidez para fazer contato com os protagonistas. Ele precisa se superar e olhar tranquilamente para quem está em sua frente. Se o ouvinte não se sente observado, ele não vai escutar o emissor.

Só se pode perceber o cansaço da platéia, o desejo claro, se bem que implícito, de que se conclua a fala, somente se se olha a platéia. Percebe-se que a platéia não quer ouvir mais. Afinal, escutar é um exercício ativo e fatigante. Saber concluir na hora certa não é só uma atitude técnica de quem está acostumado a falar em público e de quem domina o ato de resumir, mas é também saber ler nos olhos e nos gestos da platéia. O olhar, assim como a palavra, nos descobre e nos trai.

Um outro aspecto de grande importância, muito cuidado nos cursos de oratória, é o improviso. Vejamos como deve ser tratado o improviso, segundo Coll-Vinent (1973, p. 68-93).

Improvisar é a difícil arte e técnica de dizer com palavras não previstas conceitos e ideias já previstos. A improvisação exige que quem a faça tenha uma boa dicção, um léxico rico e governe com soltura e acerto seu próprio corpo.

Por outro lado, é um tipo de comunicação que fazemos habitualmente, sem dificuldade, quando, por exemplo, contamos um filme para alguém, ou uma peça teatral ou quando se quer reproduzir uma conversa que se ouviu ou da qual participou.

Deve-se, portanto, escolher para improvisar um tema fácil ou um tema já conhecido. Devemos em qualquer dos casos partir de ideias que já temos. Se o improviso supõe uma certa criatividade, o campo dessa criatividade seria somente as palavras e não as ideias.

Considerando que normalmente se dispõe de um espaço de tempo brevíssimo, um minuto ou dois no máximo, antes do início do improviso, deve-se gastar esse tempo para esclarecer ou ordenar as ideias que já se tem, os conceitos já conhecidos. Ideias mais complexas são facilmente suscetíveis de divisão em duas ou três partes claramente definidas e numeradas. Pode-se construir com elas, mentalmente, um tipo de guia. Caso haja mais tempo, pode-se escrever um mini-guia numa tira de papel. De qualquer forma, a improvisação está presente.

Aconselha-se a concentrar a atenção exclusivamente em um ou dois pontos concretos, claros, simples. A improvisação deve ser sempre breve. Deve-se evitar a dispersão sobre aspectos secundários e concentrar a atenção no essencial. Não se deve preocupar com as palavras que vai usar para expressar as ideias que vai expor. Não haverá tempo suficiente para isso e, se tentar fazê-lo, isso vai atrapalhar mais que ajudar.

Não se fala de improviso sobre temas que não dominamos ou que não escolhemos. Por isso, pode-se recusar a tarefa. Mas há situações, num debate, por exemplo, em que não é possível saber previamente os temas que vão aflorar. No entanto, o improviso aí é facilitado quando seu interlocutor faz uma afirmação que ouvinte quer refutar. A afirmação nos fornece os pontos de partida que usaremos em nossa fala.

As réplicas vão aflorar facilmente, pois os temas de nosso improviso são dados pelo oponente.

O uso moderado e discreto de frases feitas, refrãos, slogans, trocadilhos, que já se tem na memória, podem ser de utilidade. Um improviso nunca vai ser uma tese doutoral ou uma aula magistral. A argumentação, por meio de exemplos e de narrativas que já temos em nossa memória, pode ser também facilitada.

Embora a retórica e os cursos de oratória ainda sejam vistos com muito preconceito pelos acadêmicos, já se observa uma revalorização dos métodos usados por eles. Vejamos alguns índices dessa revalorização.

Em Dolz, Schneuwly & Haller (2004, p.155), se encontra, por exemplo, a seguinte afirmação:

Não se pode pensar o oral como funcionamento da fala sem a prosódia, isto é, a entonação, a acentuação e o ritmo. Já que os fatos da prosódia são fatos sonoros, podemos analisá-los em termos quantificáveis de altura, intensidade e duração.

Ainda, para esses autores (2004, p. 159), no discurso oral a palavra está em relação íntima com o corpo:

[...] a comunicação oral não se esgota somente na utilização de meios linguísticos ou prosódicos; vai utilizar também signos de sistemas semióticos não linguísticos, desde que codificados, isto é, convencionalmente reconhecidos como significantes ou sinais de uma atitude. É assim que mímicas faciais, posturas, olhares, a gestualidade do corpo ao longo da interação comunicativa vêm confirmar ou invalidar a codificação linguística e/ou prosódica e mesmo, às vezes, substituí-la. (Dolz, Schneuwly & Haller, 2004, p.160).

Para esses autores, os códigos não-verbais de comunicação transmitem muitas vezes o que as palavras não chegam a expressar: um sorriso ou um silêncio em determinadas situações pode comunicar mais facilmente o que sentimos do que as palavras.

Dentre as pesquisas contemporâneas sobre a oralidade, não podemos omitir as contribuições da pragmática para o estudo da conversação: as máximas conversacionais e as máximas de polidez.

As máximas conversacionais são princípios descritivos do comportamento linguístico do falante e normas específicas de conduta linguística. Caso sejam descuradas, pode-se comprometer a eficácia da comunicação. Vejamos, sucintamente, em que constituem essas máximas, conforme Grice (1975, p.41-58).

São as seguintes as máximas conversacionais, segundo Grice:

- 1) A máxima de qualidade, que expressa o seguinte princípio: tente que sua contribuição conversacional seja o mais verdadeira possível e não afirme aquilo de que não tem provas.
- 2) A máxima de quantidade, que expressa o seguinte princípio: tente que sua contribuição conversacional seja tão informativa quanto necessária, só deve conter o fundamental.
- 3) A máxima de relevância, que expressa o seguinte princípio: tente que sua contribuição conversacional seja pertinente ao objetivo da conversação.
- 4) A máxima de modo, que expressa o seguinte princípio: tente que sua contribuição conversacional seja ordenada, clara e breve.

As máximas da Polidez, são, segundo Leech (1983, p.138-152), as seguintes:

- 1) Máxima do Tato – ex: “Posso interrompê-lo professor? Se eu pudesse gostaria de esclarecer meu ponto de vista”.
- 2) Máxima da Generosidade – ex: “Você, relaxe e me deixe arrumar o quarto. Você é nosso convidado e hóspede”.
- 3) Máxima da Aprovação – ex: “Eu assisti à sua apresentação e ela estava muito boa. Você fez um ótimo trabalho”.
- 4) Máxima da Modéstia – ex: “Que idiota que eu sou. Eu fiz o trabalho, mas o esqueci em casa”.
- 5) Máxima da Concordância – ex: “A: Eu não quero ficar responsável pela organização da festa, eu disse que talvez pudesse ajudar. B: Eu sei, amigo, mas acho que nós resolvemos tudo na outra reunião. Todos devem ajudar.”
- 6) Máxima da Simpatia – ex: “Eu sinto muito pelo seu irmão. Ele era uma pessoa incrível”.

Como se vê, essas máximas são muito importantes para assegurar uma comunicação oral formal adequada.

Embora essas máximas sejam atribuídas a autores contemporâneos, uma visita a retóricos antigos nos revela que máximas muito semelhantes a essas já foram consideradas por Caio Júlio Vítor em sua obra *Ars rhetorica*, do século IV, quando trata da *sermocinatione*, da conversação.

Como se pode ver, quer-nos parecer que autores atuais adotam os ensinamentos dos retóricos e dos ensinamentos presentes nos cursos modernos de oratória. Entretanto, causa espécie verificar que na bibliografia das obras desses autores não se encontram referências nem aos retóricos nem a autores de cursos de oratória, embora não acrescentem nada de substancial ao que já havia sido dito pelos que os precederam. Parece-nos que há muitos “reinventando a roda”.

Como disse Louis G. Kelly,

Tem havido um vago sentimento de que os *experts* modernos gastaram muito de seu tempo descobrindo aquilo que outros esqueceram; mas como a maioria dos documentos são em Latim, os modernos acham difícil ir às fontes primárias. De qualquer forma, muito do que vem sendo considerado revolucionário neste século é meramente um repensar e renomear das ideias e procedimentos ancestrais. (KELLY, L. G., 1969, p.ix) (grifos nossos)

A nossa proposta, no entanto, não é a de uma volta ao passado, nem a de desmerecer as conquistas recentes, mas a de buscar no passado algumas ferramentas que desapareceram através dos tempos. Acreditamos que para que a linguagem oral volte a ser objeto de ensino na instituição escolar é necessário retomar o ensinamento dos retóricos e dos autores de cursos de oratória, imbatíveis *experts* no ensino e tratamento da oralidade. Isso aliás, como vimos, felizmente já vem recebendo a chancela de autores contemporâneos.

Cumpramos esclarecer que tal retomada também não significa que se pretenda ensinar a oratória barroca que era praticada outrora. Concordamos com Bloch quando diz que

O importante é ter algo a dizer ao mundo[...] mesmo quando se fala mal, mesmo quando a voz é anormal, mesmo quando se tropeça nas palavras. O importante é ter uma mensagem profunda, pessoal, verdadeira, autêntica, a transmitir. Claro que o ideal é transmiti-la com boa voz. Mas ninguém deve se deixar embalar pela sonoridade magnífica, pela música das palavras, mais do que pela música das ideias, do sentimento, do conhecimento. Já se foi a época em que se

procurava no grande orador os chamados grandiloquentes, aquela —vibrante monotonia melódica, tocando a mesma música em todas as frases, desde a descrição de uma célula até a defesa de um réu inocente.[...] O principal, ao falar, é não trair a própria natureza, a própria alma. A voz pode melhorar sempre. A alma, também. (BLOCH, 1982, p. 156-7)

3- PESQUISA EMPÍRICA

“Quanto mais a gente ensina / mais aprende o que ensinou...”

(Roberto Mendes)

Tendo já apresentado nossos estudos sobre a oralidade através dos tempos até a atualidade, buscamos agora conhecer a realidade do ensino brasileiro da oralidade.

Para tanto, analisamos as atividades propostas para o tratamento da oralidade de três coletâneas de livros didáticos para o Ensino Médio. Optamos por analisar as coletâneas mais utilizadas em nosso país, por acreditarmos que, de certa forma, serão as melhores. Importante ressaltarmos ainda que, para investigarmos as propostas didáticas para o trabalho com a linguagem oral, tomamos por base estudos teóricos que consideramos pertinentes. Assim, nos apoiamos nos estudos de Bazerman (2005), Geraldi (2006), Marcuschi (1991, 2005 e 2007), Silva (2006) , Soares (2008) e Vygotsky (2003), além de documentos oficiais como o Guia do Livro Didático (2009) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997 e 2001), dentre outros e tomamos como parâmetros para a análise as contribuições da retórica.

As análises e observações apresentadas a seguir foram realizadas levando-se em consideração a necessidade de sabermos como os livros didáticos trabalham esse eixo da língua que consideramos ainda ser tão silenciado nas salas de aula, embora contemplado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997 e 2001). Entendemos e defendemos que o trabalho com a oralidade deveria ser mais prestigiado nos livros didáticos e pelos docentes.

3.1- O MÉTODO

Na presente pesquisa, nos concentramos em analisar as atividades propostas para o tratamento da linguagem oral em três coletâneas de livros didáticos de Língua Portuguesa para o Ensino Médio. Analisamos as tarefas em questão com o objetivo de verificarmos se as atividades podem levar os alunos do Ensino Médio a aprimorarem o uso da linguagem oral ou apenas a reproduzir a linguagem escrita, ou seja, se são meras atividades de oralização da escrita.

3.2- NATUREZA DA PESQUISA

Esta pesquisa pode ser definida como estudo de caso – análise de atividades de tratamento da oralidade. Como estudo de caso, usamos uma variedade de fontes de informação sobre o objeto de nosso interesse, no caso a qualidade das atividades de tratamento da oralidade, com o objetivo de apreender todas as variáveis da unidade analisada e chegar a uma conclusão indutivamente.

Para atingir os nossos objetivos, investigamos as possibilidades pedagógicas existentes numa amostra de atividades com gêneros orais apresentadas em livros didáticos para o Ensino Médio. Optamos por focalizar esse nível de ensino porque, considerando que a oralidade não foi convenientemente tratada no Ensino Fundamental, o Ensino Médio é a última chance de inseri-la no ensino. Gostaríamos, no entanto, de ressaltar que todos nós sabemos que nenhum material didático poderá garantir qualidade e eficiência durante o processo de ensino ou durante o processo de aprendizagem sozinho, por não haver ensino e aprendizagem automático. Portanto, o sucesso da aula dependerá da preparação do professor. No entanto, nossa experiência como docente nos permite constatar, assim como Rangel (2006), que

[...] há materiais mais ou menos elaborados com a intenção de participar ativamente das condições de ensino-aprendizagem, mais ou menos adequados a uma determinada situação, mais ou menos eficientes, de melhor ou pior qualidade, do ponto de vista de um conjunto de critérios nem sempre explicitamente formulados, mas facilmente explicitáveis pelos sujeitos envolvidos no processo. (RANGEL, 2006, p.10)

Decidimos realizar nossa pesquisa com a análise de livros didáticos, pois como este material funciona como recurso didático, ele representa de certa maneira o objeto do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, tanto os materiais didáticos como seus modos de utilização podem ser considerados como a tecnologia da educação. Outro fator importante que consideramos ao decidir realizar tal pesquisa é o fato de vivermos em um país muito grande, em que a convivência com a cultura letrada é muito desigualmente distribuída, gerando enormes defasagens de ensino em algumas regiões. Por esse motivo é de extrema necessidade a obediência aos Parâmetros Curriculares

Nacional, na busca de minimizar tal defasagem, para o que os livros didáticos são de vital importância.

Nosso foco se volta ao ensino da Língua Portuguesa enquanto língua materna. Pretendemos, assim, analisar as propostas apresentadas nos livros didáticos elaborados para o Ensino Médio, uma vez que esses, como já dissemos anteriormente, são o grande suporte de apoio ao professor no ambiente de trabalho. Para produzir essa proposta dividimos nossa pesquisa em três etapas que descrevemos a seguir:

1ª etapa:

Durante a primeira etapa realizamos pesquisas bibliográficas, analisando como historicamente era feito o ensino da oralidade e como tem sido realizado hoje o trabalho de produção textual oral, quais as avaliações realizadas pelo PNLD, Programa Nacional do Livro Didático, com relação a esse tipo de trabalho, além das indicações dos PCN, Parâmetros Curriculares Nacionais. Aprofundamos nosso estudo sobre o tratamento dado a linguagem oral pelos retóricos a fim de encontrar um parâmetro de comparação com o tratamento dado à oralidade nos dias atuais. Dessa maneira, verificamos em que a retórica pode contribuir para o ensino da oralidade. Examinamos também a contribuição que os cursos de oratória oferecem para o ensino da oralidade na escola.

Optamos por uma pesquisa de cunho qualitativo por compartilharmos as mesmas ideias de Veiga (2008, p.163):

A pesquisa qualitativa busca descobrir e descrever como as noções se instalam, qual a qualidade dos processos interativos e como um fato singular pode adquirir relevância em relação aos contextos mais amplos. A preocupação dessa modalidade de pesquisa é, pois, “costurar” o captado de forma a que fatos e fenômenos componham um todo relacional.(VEIGA, 2008, p.163)

2ª etapa:

Num primeiro momento, nosso *corpus* abrangeu 12 coleções. A análise desse *corpus* evidenciou a ocorrência de dois tipos de coleções: aquelas que, embora incluíssem capítulos que se denominavam “atividades orais”, não continham atividades que conduzissem à prática da expressão oral, mas que ofereciam tão somente

reflexões linguísticas, teóricas, sobre a oralidade e sobre as diferenças entre oralidade/ escrita e aquelas que propunham algumas atividades realmente voltadas para a prática da oralidade.

Concluimos então que seria suficiente reduzir esse *corpus* a uma amostra de 3 coleções, cada uma composta de 3 volumes dedicados a cada uma das séries do ensino médio. Selecionamos então duas coleções que não continham atividades orais de fato e uma que incluía essas atividades, embora às vezes de modo equivocado ou incompleto. Tal amostra é, no nosso entender, representativa do universo considerado.

Durante a segunda etapa analisamos, então, as atividades apresentadas nessas três coletâneas de livros didáticos do Ensino Médio, dedicadas ao tratamento da linguagem oral. As obras escolhidas para serem analisadas foram: *Português: contexto, interlocução e sentido*; *Língua Portuguesa: linguagem e interação e Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto*.

Nosso objetivo durante as análises nessa etapa foi verificar de que forma as tarefas podem contribuir para o aprimoramento da construção de produção oral do aluno. Assim, buscamos verificar se a tarefa não se passava de mera “oralização da linguagem escrita” como já foi observado por Marcuschi. Para tanto, nos apoiamos nas pesquisas realizadas durante a primeira parte de nosso estudo.

3.3- MATERIAIS

O experimento constou da análise de 3 coleções de livros didáticos aprovados no PNLEM, o que totaliza 9 livros, sendo três de cada série do ensino médio, com a finalidade de apresentar os pontos falhos das propostas apresentadas para atividades de linguagem oral em livros didáticos do Ensino Médio e propor o que deve ser feito para melhorá-las.

Durante a segunda fase da pesquisa, fizemos um levantamento dos itens que consideramos essenciais em atividades de tratamento da oralidade, justamente por termos consciência de que durante o planejamento pedagógico o professor precisa ter uma atenção especial, pois “[...] não se trata de ensinar a falar ou a fala propriamente dita ‘correta’ mas sim as falas adequadas ao contexto de uso”. (PCN, Língua Portuguesa, p.8)

De tudo o que vimos sobre a comunicação oral e seu ensino, apresentaremos em seguida o que consideramos os parâmetros que devem ser perseguidos para que se atinja sua excelência e que serão o guia para a avaliação que será feita:

1) Em primeiro lugar, defendemos que cabe ao professor elaborar estratégias a fim de que seus alunos se relacionem com diversos gêneros orais formais, levando em consideração aspectos estruturais, formais e reais situações de uso.

2) Acreditamos que os trabalhos de sala de aula devem seguir uma metodologia que priorize uma orientação para os discentes que não dominam as tarefas com a oralidade. Assim, consideramos importante que os exercícios práticos sejam precedidos de uma explicação sobre os gêneros abordados e sobre todos os aspectos envolvidos na comunicação oral.

3) Entendemos, também, que a frequência das atividades é um aspecto da maior relevância para que o ensino da oralidade seja efetivo. Deve-se, portanto, reservar um espaço considerável para as atividades orais.

4) As atividades devem contemplar, além dos aspectos linguístico-discursivos, os aspectos paralinguísticos:

- A voz, incluindo exercícios de vocalização, treinamento do ritmo da fala, do uso das pausas e do silêncio, da intensidade e do volume da voz;
- A ortoepia e a prosódia, a entonação adequada;
- A postura corporal: como postar-se à tribuna, à mesa, em pé, assentado, diante ou não do microfone;
- O deslocamento do orador no espaço disponível;
- Os gestos: principalmente das mãos, mas também dos ombros, da cabeça, dos pés e pernas;
- A mímica facial: trejeitos e sorrisos;
- O olhar: modo como estabelece o contato visual com o público;
- A aparência: vestuário e acessórios, higiene.

5) Além disso, é de grande importância a cobrança de comportamentos pautados pelas máximas conversacionais de Grice e pelas máximas de polidez de Leech.

6) Em relação ao comportamento na conversação, deve-se também enfatizar que sobrefalas e tomadas intempestivas de turno devem ser evitadas.

7) Devem ser incluídos também alguns exercícios de memorização bem como o

treinamento do uso de tecnologias auxiliares: *prompts*, projetores multimídia, PowerPoint), ponto eletrônico, etc.

8) Atividades de improviso devem ser propostas.

9) Por fim, as atividades orais devem ser gravadas em vídeo para que o aprendiz possa se auto-avaliar e acompanhar seu próprio desenvolvimento.

Todos esses itens serão os parâmetros que teremos em mente para a avaliação da amostra de atividades.

4- ANÁLISE E RESULTADO DAS ATIVIDADES

A fim de contextualizarmos as atividades analisadas, dos 9 livros didáticos que fizeram parte do *corpus* da presente pesquisa, apresentamos quadros com a descrição das propostas de atividades com a modalidade oral da língua apresentadas nos livros didáticos analisados. Ressaltamos, ainda, que todas as atividades descritas nos quadros encontram-se integralmente nos anexos da presente tese.

Quadro I

COLETÂNEA	CAPÍTULO	ATIVIDADE	PÁG	ANÁLISE
<i>Contexto, interlocução e sentido vol. 1</i> Autores: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA.	13- Oralidade e escrita	<i>O texto a seguir estava exposto em um estabelecimento comercial em uma pequena cidade no interior da Bahia. (veja anexo I)</i> <i>3. Que aspectos dessa escrita parecem indicar que o seu autor baseia-se em uma característica da fala?</i>	211	A proposta dessa seção consiste em que os estudantes observem que o fato de as palavras terem sido escritas sem qualquer segmentação sugere que o autor vê a escrita como um registro da fala.
<i>Contexto, interlocução e sentido vol. 1</i> Autores: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA.	13- Oralidade e escrita	<i>4. Explique de que maneira o autor se vale de características para promover o efeito de humor na tira. (veja anexo I)</i>	214	A proposta dessa seção consiste em que os estudantes observem que, num primeiro momento, o autor registra a escrita da gatinha como se fosse uma fala (Sómi) e, no segundo quadrinho, não segmenta as duas primeiras palavras (Sóminutinho).

O volume 1 do livro didático *Contexto, interlocução e sentido* apresenta um capítulo denominado “Oralidade e Escrita”, mas constatamos que o capítulo inteiro se dedica a apresentar teorias que diferenciam expressões de uso tipicamente oral da norma

culta da língua portuguesa. Constatamos, assim, que os autores se preocuparam muito mais com teorias e análises linguísticas de textos orais do que com o tratamento da oralidade. Como podemos observar nas duas únicas atividades que encontramos no volume e acreditamos que aparentemente apresentam uma sugestão de atividade dedicada a linguagem oral, expostas no quadro acima, não há nenhuma atividade que leve o aluno a usar a língua oral, somente a refletir sobre a língua oral em oposição à língua escrita. O que nos levou a conclusão de que esse volume da coletânea não atende às exigências apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa.

Quadro II

COLETÂNEA	CAPÍTULO	ATIVIDADE	PÁG	ANÁLISE
Contexto, <i>interlocução e sentido vol. 2</i> Autores: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA.	15- Gramática / De olho na fala	<i>Na tira, o primeiro pássaro usa a forma a gente para identificar uma referência de 1ª pessoa do plural (ele e o outro pássaro que conversam no galho). Na fala, principalmente em contextos mais descontraídos, é frequente usarmos a expressão a gente em lugar do pronome de 1ª pessoa do plural correspondente (nós). Nesse caso, é preciso cuidado com a concordância verbal, porque, embora identificando mais de uma pessoa, a gente é uma forma singular e os verbos que a ela se referiram devem ser flexionados na 3ª pessoa do singular.</i>	325	A proposta dessa seção consiste apenas na observação realizada pelos estudantes.
Contexto, <i>interlocução e sentido vol. 2</i> Autores: ABAURRE; ABAURRE;	15- Gramática / De olho na fala	<i>Na tira do Garfield, aparece uma estrutura considerada inadequada pela gramática normativa, mas muito comum na linguagem coloquial: “Eles já não fabricam ela [comida para gato] mais tão fedida e repulsiva”. Como a função</i>	326	A proposta dessa seção consiste apenas na observação realizada pelos estudantes.

PONTARA.		<p><i>sintática a ser exercida pelo pronome, nesse caso, é de objeto direto do verbo fabricar, a gramática recomenda o uso das formas oblíquas dos pronomes pessoais (“Eles já não a fabricam mais tão fedida e repulsiva”). O que se observa, porém, é que o uso dos pronomes oblíquos, nesse contexto, está cada vez mais restrito à escrita formal. Na fala, especialmente em um registro mais coloquial, a forma do pronome pessoal do caso reto é a mais frequente.</i></p>		
<p><i>Contexto, interlocução e sentido vol. 2</i></p> <p>Autores: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA.</p>	<p>15- Gramática / De olho na fala</p>	<p><i>É cada vez mais frequente, na fala coloquial, a omissão da preposição que deve anteceder o pronome relativo que em alguns contextos. Isso ocorre porque os falantes não se dão conta de que determinados verbos são regidos por preposições. Veja os exemplos.</i></p> <p><i>Esse é o livro <u>que</u> te falei. (O verbo falar, nesse contexto, pede um complemento antecedido pela preposição de.)</i></p> <p><i>O filme <u>que</u> eu mais gostei ganhou o Oscar. (O verbo gostar, nesse contexto, pede um complemento antecedido pela preposição de.)</i></p> <p><i>Embora a omissão da preposição em casos como esses já esteja consagrada pela fala, é preciso tomar cuidado para, em textos escritos e em situações formais de interlocução, utilizar corretamente as preposições exigidas pelos</i></p>	347	<p>A proposta dessa seção consiste apenas na observação realizada pelos estudantes.</p>

		<i>verbos.</i>		
<i>Contexto, interlocução e sentido vol. 2</i> Autores: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA.	15- Gramática / De olho na fala	<i>Embora esteja prevista uma variação de grau nos numerais, a língua coloquial, usada principalmente com função expressiva, cria uma gradação em alguns numerais. Na tira, para se gabar em relação às outras aves, o pássaro que pousa no muro diz: “Ei! Sou o primeiro pássaro da primavera! Eu! O primeirão!”</i>	370	A proposta dessa seção consiste apenas na observação realizada pelos estudantes.
<i>Contexto, interlocução e sentido vol. 2</i> Autores: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA.	15- Gramática / De olho na fala	<i>Um dos usos correntes do presente do indicativo, em português, é a indicação de uma ação ou acontecimento que certamente se realizará em um futuro próximo. Exemplos: <u>Parto</u> para o Rio de Janeiro amanhã bem cedo. <u>Vou</u> ao cinema hoje à noite. Nos dois casos, embora o verbo esteja flexionado no presente, seu sentido está claramente associado a uma ação futura.</i>	388	A proposta dessa seção consiste apenas na observação realizada pelos estudantes.
<i>Contexto, interlocução e sentido vol. 2</i> Autores: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA.	15- Gramática / De olho na fala	<i>Geralmente, o falantes usam a forma composta do pretérito mais-que-perfeito (verbo auxiliar ter no pretérito imperfeito do indicativo + participio passado do verbo principal): Quando a polícia chegou, o assaltante já <u>tinha fugido</u> com o carro de um dos moradores da casa. O uso da forma simples do pretérito mais-que-perfeito costuma estar associado a contextos formais de fala ou escrita.</i>	389	A proposta dessa seção consiste apenas na observação realizada pelos estudantes.

Assim como no volume 1, analisado no quadro I, observamos que o volume 2 do livro didático *Contexto, interlocução e sentido* apresenta sérias deficiências no tratamento que propõem à oralidade. Constatamos, mais uma vez, que os autores se preocuparam muito mais com as teorias e análises linguísticas de textos orais do que com o tratamento da oralidade. Nesse volume em questão não há nenhuma atividade que leve o aluno a usar a língua oral. O que é apresentado no livro são instruções que levam o aluno a reflexão sobre a língua oral em oposição à língua escrita. Observamos, também, que nos livros do professor que acompanham a coletânea não há instruções sobre as propostas dirigidas aos professores. Concluímos em relação a esse volume que, mais uma vez, os autores não atendem às exigências apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de língua portuguesa.

Quadro III

COLETÂNEA	CAPÍTULO	ATIVIDADE	PÁG	ANÁLISE
<i>Contexto, interlocução e sentido vol. 3</i> Autores: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA.	10- Período composto por coordenação/ De olho na fala	<i>O uso da conjunção aditiva nem para articular orações coordenadas merece atenção. Nem, como se sabe, tem sentido negativo (significa e não). Não é necessário, portanto, dizer ou escrever algo como: Paulo não veio e <u>nem</u> telefonou. Nesses casos, basta usar o nem: Paulo não veio nem telefonou.</i>	261	A proposta dessa seção consiste apenas na observação realizada pelos estudantes.
<i>Contexto, interlocução e sentido vol. 3</i> Autores: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA.	12- Período composto por subordinação II/ De olho na fala	Atenção à regência dos verbos <i>“Mas o que aconteceu com aquela cara que você tava apaixonada?”. Nessa fala de uma das mulheres, no segundo quadrinho, observamos a ocorrência de uma construção muito comum: uma oração adjetiva introduzida por um pronome relativo que não é antecedido pela preposição exigida pela regência do verbo. No exemplo, o adjetivo apaixonada exige</i>	286 - 287	A proposta dessa seção consiste apenas na observação realizada pelos estudantes.

		<p><i>um complemento que deve ser introduzido pela preposição por. Na oração acima o termo que funciona como complemento nominal de apaixonada é o pronome relativo que (que retoma o antecedente “aquele cara”). A construção adequada, segundo a gramática normativa, seria: mas o que aconteceu com aquele cara por quem você está apaixonada?</i></p> <p><i>O uso coloquial da linguagem, como no diálogo apresentado na tira, essas construções em que a preposição é omitida são aceitas. Porém, nos textos escritos que apresentam um maior grau de formalidade, é importante prestar atenção à regência do verbo e, quando necessário, utilizar as devidas preposições antes dos pronomes relativos em orações adjetivas.</i></p>		
<p><i>Contexto, interlocução e sentido vol. 3</i></p> <p>Autores: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA.</p>	<p>13- Concordância e regência/ De olho na fala</p>	<p><i>Falantes de uma variedade linguística de menor prestígio costumam estabelecer a concordância de gênero entre o termo menos e o substantivo ou adjetivo ao qual está associado. É muito comum ouvirmos, por exemplo, algo como <u>Tinha menos pessoas no jogo de ontem do que no da semana passada</u>. Como vimos, essa é uma concordância vetada pela gramática normativa.</i></p> <p><i>Recentemente, porém, passou-se a utilizar na modalidade culta coloquial o termo menos com um valor irônico ou jocoso. Esse uso, inspirado nas construções descritas acima, ocorre sempre que desejamos reprovamos o comportamento exagerado de alguém. É importante notar que esse é um</i></p>	322	<p>A proposta dessa seção consiste apenas na observação realizada pelos estudantes.</p>

		<i>fenômeno exclusivo da fala e que o termo aparece isolado, sem modificar adjetivos ou substantivos, usado com valor de interjeição. É o que ocorre, por exemplo, na tira abaixo.</i>		
<i>Contexto, interlocução e sentido vol. 3</i> Autores: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA.	13- Concordância e regência/ De olho na fala	<i>Como o verbo lembrar(-se) segue a regência do verbo esquecer(-se), observamos que os falantes demonstram a mesma tendência para utilizá-lo em construções como Lembrei das crianças quando vi os filhotes de poodle, na exposição. O cuidado, nesse caso, é o mesmo recomendado para o verbo lembrar. Em contextos informais, aceita-se a forma acima. No caso de contextos mais formais de escrita, recomenda-se observar a regência prevista pela gramática normativa, utilizando a preposição sempre que o verbo ocorrer em sua forma pronominal: Lembrei-me das crianças...</i>	354	A proposta dessa seção consiste apenas na observação realizada pelos estudantes.
<i>Contexto, interlocução e sentido vol. 3</i> Autores: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA.	14- Colocação pronominal/ De olho na fala	<i>Nas raras ocorrências de mesóclise na linguagem coloquial, ela costuma ser utilizada para provocar um efeito de humor ou de ironia, ou mesmo para criar uma imagem associada ao formalismo excessivo e ao pedantismo.</i>	364	A proposta dessa seção consiste apenas na observação realizada pelos estudantes.

Assim como nos volumes 1 e 2, analisados nos quadros I e II, observamos que o volume 3 do livro didático *Contexto, interlocução e sentido* também apresenta sérias deficiências no tratamento que propõem à oralidade. Constata-se, mais uma vez, que os autores se preocuparam muito mais com as teorias e análises linguísticas de textos orais do que com o tratamento da oralidade. Novamente, o que é apresentado no livro são instruções que levam o aluno à reflexão sobre a língua oral em oposição a língua escrita. Nessa coletânea em questão, não há nenhuma atividade que leve o aluno a usar a língua

oral. Observamos, também, que nos livros do professor que acompanham a coletânea não há instruções sobre as propostas dirigidas aos professores.

Concluímos, então, em relação a essa coletânea, que ela não atende às exigências apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de língua portuguesa.

Quadro IV

COLETÂNEA	CAPÍTULO	ATIVIDADE	PÁG	ANÁLISE
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i> Autores: FARACO; MOURA.	1-Das histórias do passado às histórias do presente/ Linguagem oral	<i>1-A respeito de antigas histórias ouvidas desde a infância, responda a estas questões. Se possível, discuta-as, sob a orientação do professor, com a turma toda.</i> <i>a)Em sua opinião, por que há histórias que circulam há muito tempo, sendo conhecidas por milhões de pessoas de diversos lugares do mundo?</i> <i>b)Em sua vida, houve alguma situação na qual você aprendeu alguma dessas histórias? Em caso afirmativo, relate para seus colegas como foi isso. Ouça os relatos deles.</i> <i>c)Reflitam sobre as respostas aos itens anteriores e elaborem uma explicação: por que isso ocorre?</i>	36	Os alunos devem refletir e responder as questões propostas, narrando aos colegas o solicitado.
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i> Autores: FARACO; MOURA.	1-Das histórias do passado às histórias do presente/ Linguagem oral	<i>2-Se possível, formem na sala de aula um grande círculo com a turma e promovam uma seção de contação de histórias. Cada um de vocês vai contar alguma dessas histórias ouvidas desde a infância.</i> <i>Procurem lembrar-se de onde e em que ocasiões essas histórias ouvidas lhes eram contadas, e quem contava.</i>	36	A atividade proposta consiste em um momento oral de troca de experiências.
<i>Língua</i>	Unid.1-Das	Tradição oral	65-	Pesquisa sobre

<p><i>portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>histórias do passado às histórias do presente - Cap.2- Novela/ Linguagem oral</p>	<p><i>No capítulo anterior, observamos que há muitas histórias que nos contam desde que somos crianças e que nem sempre conseguimos lembrar onde as ouvimos, nem quem as contou a nós pela primeira vez.</i></p> <p><i>A seguir, vamos comentar mais um pouco sobre essas histórias, que fazem parte da tradição oral. Leia o quadro a seguir.(veja anexo II)</i></p> <p><i>Reúna-se em grupo com alguns colegas para pesquisar um gênero oral tradicional brasileiro. Escolham um dentre os listados a seguir.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Lendas e mitos;</i> • <i>Máximas e provérbios;</i> • <i>Parlendas;</i> • <i>Romances e xácaras;</i> • <i>Anedotas;</i> • <i>Contos de fadas e contos maravilhosos.</i> 	66	gêneros orais.
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.1-Das histórias do passado às histórias do presente - Cap.3- Crônica / Linguagem oral</p>	<p><i>Permanência da tradição oral nos dias de hoje: as lendas urbanas</i></p> <p><i>Vamos propor aqui leituras e pesquisas de lendas urbanas, um gênero que se liga à tradição de contar histórias e espalhá-las de boca em boca e, hoje em dia, também por meio da internet. Ao serem tão divulgadas, essas histórias ganham diversas versões, misturam-se a outros gêneros – como os contos -, fazem parte das notícias, além de ganharem adaptações para filmes.</i></p> <p><i>Se você pensa que a tradição oral se</i></p>	85	Pesquisa sobre gêneros orais.

		<i>reduz a contos, provérbios, máximas e ditos populares, leia atentamente esta notícia, publicada em 2008 pelo jornal 'de São Paulo'. Será que você já conhece histórias por trás da notícia?</i>		
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i> Autores: FARACO; MOURA.	Unid.2- Canções de ontem, hoje e sempre - Cap.4- Narrativa histórica / Linguagem oral	Ler para alguém: leitura em voz alta <i>1-Se alguém já leu um texto em voz alta para você, procure lembrar-se: o que lhe parecia mais interessante dessas leituras? Por quê? Se você nunca passou por essa situação, acredita que ela seria interessante?</i>	114	Sondagem sobre o conhecimento dos gêneros orais pelos alunos.
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i> Autores: FARACO; MOURA.	Unid.2- Canções de ontem, hoje e sempre - Cap.4- Narrativa histórica / Linguagem oral	I.Ler para alguém: leitura em voz alta <i>2-Em que situações você acha que uma pessoa poderia ler textos em voz alta para outras?</i>	114	Pesquisa sobre gêneros orais.
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i> Autores: FARACO; MOURA.	Unid.2- Canções de ontem, hoje e sempre - Cap.4- Narrativa histórica / Linguagem oral	I.Ler para alguém: leitura em voz alta <i>3-Pense em todas essas situações de leitura mencionadas pelo autor do texto 6. Então converse com seus colegas: vocês conhecem situações em que pessoas se reúnem e promovem, de alguma forma, a leitura em voz alta? Que importância essa leitura tem em tais ocasiões?</i>	117	Pesquisa e incentivo à conversa pelos alunos sobre gêneros orais.
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i> Autores: FARACO; MOURA.	Unid.2- Canções de ontem, hoje e sempre - Cap.4- Narrativa histórica / Linguagem oral	I.Ler para alguém: leitura em voz alta <i>4-Sob a orientação do professor, você e seus colegas vão organizar na classe uma seção de leitura em voz alta. Leve para a sala de aula algum livro ou texto cuja leitura você deseje partilhar com seus</i>	117	Leitura em voz alta e troca de experiências usando a linguagem oral.

FARACO; MOURA.	Linguagem oral	<p><i>colegas e professor.</i></p> <p><i>a)Formem na classe uma grande roda e iniciem o trabalho: cada um de vocês lê para os demais um trecho do livro ou o texto que tiver levado.</i></p> <p><i>b)Preste atenção em cada um de seus colegas enquanto ele estiver lendo. Afinal, quem lê em voz alta um texto espera ser ouvido! A leitura em voz alta é uma forma divertida de compartilhar experiências.</i></p> <p><i>c)Ao término da leitura conte por que escolheu o livro/o texto em questão, que significado ele tem para você, e permita que seus colegas façam comentários a respeito.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.2- Canções de ontem, hoje e sempre - Cap.4- Narrativa histórica / Linguagem oral</p>	<p>II.Componentes orais da língua: sons da fala, entonação e acento</p> <p><i>5-Reflita com seus colegas a respeito da comunicação oral e responda: de que forma a visão é mobilizada numa comunicação oral?</i></p>	118	Pesquisas e troca de opiniões sobre o papel da visão na comunicação oral.
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.2- Canções de ontem, hoje e sempre - Cap.4- Narrativa histórica / Linguagem oral</p>	<p>II.Componentes orais da língua: sons da fala, entonação e acento</p> <p><i>6-Quando você fala, utiliza basicamente sons. Quando escreve, utiliza basicamente sinais gráficos.</i></p> <p><i>a)Ao ler um texto em voz alta, como você consegue “traduzir”, por exemplo, os sinais de pontuação?</i></p> <p><i>b)Para cada letra há apenas um som correspondente possível ou há letras que representam mais de um som?</i></p> <p><i>c)O contrário também acontece, ou seja,</i></p>	118	Pesquisas sobre gêneros orais.

		<p><i>há algum som da fala que é transcrito por letras diferentes?</i></p> <p><i>d)Retome suas respostas aos itens anteriores desta questão e tente explicar por que isso ocorre.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.2- Canções de ontem, hoje e sempre - Cap.5- Canção popular / Linguagem oral</p>	<p><i>I.Ler para alguém: leitura em voz alta</i></p> <p><i>1-Reúna-se com alguns colegas e elejam um participante da equipe para ler em voz alta o soneto de Camões que começa com o verso “Alma minha gentil que te partiste”. Em seguida, alternem o leitor. Continuem alternando os leitores até que todos tenham lido em voz alta o soneto. Depois dessas muitas leituras, responda:</i></p> <p><i>a)Qual delas pareceu ao grupo a “melhor” leitura em voz alta? Por quê?</i></p> <p><i>b)Apontem as características dessa que foi considerada “a melhor” leitura em voz alta.</i></p>	147	<p>Leitura em voz alta e pesquisa sobre atividades de leitura oral.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.2- Canções de ontem, hoje e sempre - Cap.5- Canção popular / Linguagem oral</p>	<p><i>I.Ler para alguém: leitura em voz alta</i></p> <p><i>2-Adotem o mesmo procedimento em grupo, agora para ler o texto a seguir. Trata-se do trecho inicial do discurso proferido pela presidenta da República Dilma Rousseff, na 66ª Assembleia Geral das Nações Unidas, em 2011.</i></p> <p><i>Quando o grupo chegar a um consenso sobre a melhor leitura em voz alta, o leitor que a realizou deve ler novamente o texto. Se possível, gravem essa leitura. (o texto se encontra nos anexos)</i></p>	147	<p>A presente atividade consiste simplesmente em leitura em voz alta pelo grupo.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p>	<p>Unid.2- Canções de ontem, hoje e sempre - Cap.5- Canção</p>	<p><i>I.Ler para alguém: leitura em voz alta</i></p> <p><i>3-Gravem um pronunciamento da presidenta da República ou de outra autoridade política transmitido na televisão ou no rádio. Textos dessa natureza costumam ser veiculados com</i></p>	148	<p>Pesquisa e observação do pronunciamento da presidenta da república e tarefas escritas.</p>

<p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>popular / Linguagem oral</p>	<p><i>frequência pelo programa 'A voz do Brasil', transmitido diariamente pela Radiobrás e por emissoras de rádio (na faixa AM ou FM) de todo o Brasil. Se não for possível gravar, sugerimos que ao menos o ouçam e anotem tudo o que lhes chamar atenção durante essa audição. Na internet, você pode acessar o site desse programa e ter acesso a vídeos relativos às atividades de autoridades:</i> www.ebcservicos.etc.com.br/veiculos:nbr.</p> <p><i>Comparem a leitura ouvida – veiculada no rádio ou na televisão – com aquelas do discurso presidencial feita pelo grupo.</i></p> <p><i>Depois respondam no caderno:</i></p> <p>a) <i>Que diferença vocês observaram entre as duas situações de leitura?</i></p> <p>b) <i>Que dificuldades foram encontradas durante a leitura?</i></p> <p>c) <i>Por que, após um texto ter sido lido algumas vezes (ainda que por pessoas diferentes), a leitura em voz alta fica mais fácil?</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.2- Canções de ontem, hoje e sempre - Cap.5- Canção popular / Linguagem oral</p>	<p><i>I.Ler para alguém: leitura em voz alta</i></p> <p><i>4-Durante as leituras em voz alta sugeridas nas questões anteriores, você foi ouvinte dos textos lidos pelos seus colegas. Assim, responda:</i></p> <p>a)<i>De todas as leituras ouvidas, qual foi a que mais atraiu sua atenção?</i></p> <p>b)<i>Qual foi a mais “monótona” ou “cansativa” ? Por quê?</i></p> <p>c)<i>Que características você acha que contribuíram para que essas leituras fossem mais atraentes ou mais monótonas? Explique.</i></p>	149	<p>Observação sobre pronunciamento da presidenta da república e tarefas escritas.</p>

<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.2- Canções de ontem, hoje e sempre - Cap.5- Canção popular / Linguagem oral</p>	<p>I.Ler para alguém: leitura em voz alta</p> <p>5-<i>Escolha um texto de jornal ou revista para treinar em voz alta e faça uma cópia dele (você pode fazer anotações no papel).</i></p> <p>a)<i>Leia-o silenciosamente uma vez. Preste atenção nas palavras que não conhecer e em estruturas frasais mais elaboradas ou pouco comuns.</i></p> <p>b)<i>Leia o texto em voz alta, assinalando os trechos em que, por alguma razão, você hesitou, os que teve que reler ou os que não compreendeu bem.</i></p> <p>c)<i>Reúna-se com os colegas do grupo formado para o trabalho para as atividades desta seção e comparem suas dificuldades. O que percebem? Anotem as conclusões da equipe no caderno.</i></p>	149	<p>Observação sobre leitura silenciosa e leitura oral em voz alta.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.2- Canções de ontem, hoje e sempre - Cap.5- Canção popular / Linguagem oral</p>	<p>I.Ler para alguém: leitura em voz alta</p> <p>6-<i>Respondam aos itens a seguir no caderno:</i></p> <p>a)<i>O que foi mais “fácil” ler em voz alta: o soneto de Camões, o discurso da presidenta ou o texto de jornal/revista?</i></p> <p>b)<i>Quando você se colocou na posição do ouvinte do texto de jornal ou revista lido por seu colega, houve algo na leitura que atrapalhou ou prejudicou a compreensão de alguma passagem do texto? Em caso afirmativo, o que foi?</i></p>	149	<p>Observação sobre leitura oral com atividades de escrita.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO;</p>	<p>Unid.2- Canções de ontem, hoje e sempre - Cap.5- Canção popular / Linguagem</p>	<p>II.Componentes orais da língua: ritmo, entonação e cadência melódica</p> <p>7-<i>Agora, leia em voz alta o mesmo trecho.</i></p> <p>a)<i>Os versos desse poema têm duas sílabas poéticas cada. Isso constrói um ritmo: rápido, lento, cadenciado?</i></p> <p>b)<i>Que relação essa sensação pode ter, em</i></p>	152	<p>Observação sobre leitura oral de poema e atividades escritas.</p>

MOURA.	oral	<i>sua opinião, com o sentido do poema e com a situação que ele procura descrever? Explique.</i>		
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i> Autores: FARACO; MOURA.	Unid.2- Canções de ontem, hoje e sempre - Cap.5- Canção popular / Linguagem oral	II.Componentes orais da língua: ritmo, entonação e cadência melódica 8-No capítulo anterior, você e seus colegas fizeram leitura em voz alta. Retome aquele texto e refaça a leitura, gravando-a, se possível. a)Antes de ler, “prepare a leitura”: leia o texto silenciosamente, procurando marcar nele os pontos que provocaram dificuldade na leitura anterior. b)Observe atentamente a entonação que deve ser empregada em cada trecho. Alguns sinais de pontuação podem ajudá-lo. Por exemplo, o ponto de interrogação marcar a interrogação, que tem no oral, entonação ascendente; o ponto de exclamação e a reticências marcam a exclamação e a suspensão, que têm, no oral, entonação descendente. c)Marque (com algum sinal, como uma barra inclinada) a fronteira entre os grupos de força, ponto em que se deve fazer as pausas. d)Depois dessa preparação, leia o texto da melhor forma que puder. Grave, se possível, essa nova leitura. e)No próximo capítulo, você vai compará-la com a gravação inicial, para observar se o trabalho com ritmo, entonação e cadência melódica ajudou você a aprimorar sua leitura em voz alta.	152	Preparação para leitura oral de poema, leitura e gravação.
<i>Língua portuguesa: linguagem e</i>	Unid.2- Canções de ontem, hoje	Ler para alguém: leitura em voz alta Escolha um texto em prosa de um jornal ou revista. Recorte-o ou faça uma cópia,	173- 174	Preparação para leitura oral, leitura oral de texto em

<p><i>interação</i> <i>vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>e sempre - Cap.6- Textos icônicos verbais / Linguagem oral</p>	<p><i>para que você possa escrever nele.</i></p> <p><i>a) Leia silenciosamente o texto até ter certeza de tê-lo compreendido. Se for necessário, procure no dicionário palavras que você não conhece. Esclareça também o sentido de enunciados que lhe pareçam complexos.</i></p> <p><i>b) Esclareça a pronúncia de palavras que você não conhece: nos dicionários de médio ou grande porte, indica-se a pronúncia de algumas palavras.</i></p> <p><i>c) Reúna-se com um colega, forneça-lhe uma cópia de seu texto e leia-o em voz alta para ele. Enquanto você lê, ele deve anotar na cópia recebida os problemas que sua leitura apresentar: erros de pronúncia, hesitações, entonação que não condiz com a pontuação empregada no texto, pausas inadequadas, trechos que fiquem incompreensíveis. Faça o mesmo com seu colega, enquanto ele ler o texto escolhido. Caso vocês discordem de ler em voz alta determinado trecho, conversem a fim de entenderem o porquê da discordância. Se necessário, peça ajuda ao professor.</i></p> <p><i>d) Analise os problemas apontados por seu colega. Releia os trechos em que esses problemas se mostram.</i></p> <p><i>e) Faça mais uma leitura em voz alta e, de preferência, grave-a.</i></p> <p><i>f) Ouça você mesmo a gravação enquanto acompanha o texto escrito para detectar outros problemas.</i></p> <p><i>g) Esse exercício pode ser repetido algumas vezes, com textos variados, até que você sinta que consegue ler com fluência, sem hesitação. Isso pode</i></p>	<p>prosa, gravação, avaliação da leitura realizada pelo colega e auto avaliação a partir da gravação e regravação e nova avaliação.</p>
---	---	--	---

		<p><i>demorar um pouco, mas não desanime.</i></p> <p><i>Até os profissionais da leitura em voz alta (como os jornalistas da tevê e do rádio, os atores, os locutores em geral) cometem erros às vezes.</i></p> <p><i>h)Retome o texto que você leu em voz alta no capítulo 4, cuja leitura foi gravada. Leia-o e regrave a leitura. Compare a primeira gravação com a que você fez agora. O que você percebe?</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.3- Viagens - Cap.7- Relato de viagem / Linguagem oral</p>	<p>Exposição oral</p> <p><i>1-Observe atentamente estas imagens: (veja anexo II)</i></p> <p><i>Refleta sobre as questões a seguir, depois converse sobre elas com o professor e os colegas.</i></p> <p><i>a)Você seria capaz de dizer em que situações comunicativas ocorre uma exposição oral?</i></p> <p><i>b)Pense em outras situações nas quais você imagina também ser possível ocorrer uma exposição oral. Registre-as em seu caderno.</i></p> <p><i>c)Nas imagens observadas, além da própria fala, de que outros recursos comunicativos se vale o expositor para comunicar-se oralmente?</i></p> <p><i>d)Desses recursos, quais não são utilizados em uma comunicação oral cotidiana e informal, como uma conversa entre amigos?</i></p> <p><i>e)Nas situações registradas pelas fotos desta questão, há graus diferentes de formalidade. Indique em seu caderno a situação que lhe pareça mais formal e a que lhe pareça mais informal.</i></p>	204	<p>A presente atividade consiste em observar imagens de exposição oral e registrar suas observações por escrito.</p>

<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.3- Viagens - Cap.7- Relato de viagem / Linguagem oral</p>	<p style="text-align: center;">Exposição oral</p> <p>2-Nesta unidade vimos vários textos sobre viagens. Reúna-se com alguns colegas e troquem informações a respeito de viagens interessantes que você tenha feito.</p> <p>Se, por acaso, alguém do grupo nunca tiver passado por essa experiência, pode falar sobre um local que gostaria de conhecer e como iria para lá. Para organizar a exposição oral, sigam as orientações da próxima página.</p> <p>I.É fundamental ter clareza da situação de comunicação:</p> <p>a)Quem serão os ouvintes?</p> <p>b)Que nível de linguagem (mais formal, mais informal) deverá ser empregado?</p> <p>c)Onde será feita a apresentação?(Na sala de aula, por todos? Num auditório?)</p> <p>d)Que recursos o grupo usará para a exposição, além da fala?</p> <p>e)De quanto tempo se disporá para as apresentações?</p> <p>II.É preciso definir bem o assunto da exposição:</p> <p>a)Se o assunto for “viagens”, como sugerimos, deve-se verificar onde e como serão obtidas as informações necessárias. (O grupo pode valer-se, por exemplo, dos esboços elaborados na seção ‘Gramática textual’.)</p> <p>b)Que informações prévias o grupo tem sobre o assunto?</p> <p>c)Além das informações disponíveis, é necessário buscar outras? (Em caso afirmativo, é importante definir onde pesquisar essas informações.)</p>	<p>204-205</p>	<p>A presente atividade consiste em preparação para exposição oral, começando com troca de relatos pessoais sobre viagens. A atividade pressupõe o domínio de aspectos textuais para a preparação da apresentação que será realizada pelo grupo.</p>
---	---	--	----------------	--

		<p><i>III. Escolham uma forma de organizar o que será apresentado:</i></p> <p><i>a) Quem falará: cada um falará um pouco ou a fala será de um só membro do grupo?</i></p> <p><i>b) Como serão feitas as apresentações? Pensem, por exemplo, nos critérios por meio dos quais um relato pode ser organizado (como os que estudamos na seção “Gramática textual”). Lembre-se: como toda forma de relato, deve haver critério(s) que oriente(m) a exposição.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.3- Viagens - Cap.7- Relato de viagem / Linguagem oral</p>	<p>Exposição oral</p> <p><i>3-No dia combinado com o professor para as exposições, é fundamental adotar algumas atitudes para melhor proveito das apresentações:</i></p> <p><i>a) Enquanto os colegas de outro grupo se apresentam, tome notas do que lhe parecer importante.</i></p> <p><i>b) Preste atenção ao que seus colegas expuserem. Assim, no final da exposição deles, você poderá fazer perguntas sobre algo que tenha chamado sua atenção ou que não tenha ficado claro; poderá também fazer comentários a respeito do que foi apresentado.</i></p> <p><i>Sugerimos que as exposições sejam gravadas (se houver recursos disponíveis). Assim, posteriormente será possível ouvi-las e analisá-las.</i></p>	205	A presente atividade consiste em preparação para exposição oral, com instruções.
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação</i></p>	<p>Unid.3- Viagens - Cap.7- Relato de viagem /</p>	<p>Exposição oral</p> <p><i>4- Após todos os grupos terem realizado a exposição oral, é o momento de a classe promover uma conversa coletiva a</i></p>	205	A presente atividade consiste em análise orientada das

<p><i>vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Linguagem oral</p>	<p><i>respeito:</i></p> <p><i>a)O que lhe chamou a atenção?</i></p> <p><i>b)Todas as exposições seguiram a mesma organização?</i></p> <p><i>c)Os grupos usaram recursos – além da própria fala -, tais como fotografia e imagens, cartazes, slides, gestos e mímica, entre outros, na hora de expor?</i></p> <p><i>d)Houve elementos que porventura prejudicaram alguma(s) das exposições? Em caso afirmativo, quais? Isso poderia ter sido evitado?</i></p> <p><i>e) Se você pudesse modificar algo das exposições a que assistiu, o que mudaria? Por quê?</i></p>		<p>exposições orais.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.3- Viagens - Cap.7- Relato de viagem / Linguagem oral</p>	<p>Exposição oral</p> <p><i>5-Com a ajuda do professor, anote as conclusões no caderno.</i></p>	205	<p>A presente atividade consiste em anotar as observações feitas a respeito das exposições orais.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.3- Viagens - Cap.8- Diário pessoal / Linguagem oral</p>	<p><i>1-Retome com seus colegas, as conclusões elaboradas no capítulo anterior. Com a ajuda do professor, releiam tudo o que foi registrado e separem as conclusões em dois grupos: aspectos positivos e aspectos que devem ser melhorados.</i></p> <p><i>O que foi considerado positivo é o que vocês já sabem sobre o gênero. O que ainda deve ser melhorado representa aspectos que provavelmente vocês não conhecem sobre a exposição oral.</i></p>	229	<p>A presente atividade consiste em análise das anotações feitas sobre a exposição oral do exercício anterior.</p>
<p><i>Língua portuguesa:</i></p>	<p>Unid.3- Viagens -</p>	<p><i>2-No roteiro a seguir, fornecemos algumas características fundamentais da</i></p>	229-230	<p>A presente atividade consiste</p>

<p><i>linguagem e interação</i> <i>vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Cap.8- Diário pessoal / Linguagem oral</p>	<p><i>exposição oral.</i></p> <p><i>a)Como, na exposição oral, o expositor deve conquistar a atenção do ouvinte, o primeiro passo é apresentar-se: é preciso que você cumprimente a plateia, diga quem é e o que vai expor.</i></p> <p><i>b)O segundo passo é apresentar sucintamente o plano geral do expositor: assim, os ouvintes ficam preparados para ouvir o que você tem a dizer. Utilize formas linguísticas que pontuem brevemente esses momentos. Por exemplo:</i></p> <p><i>Para começar/Em primeiro lugar/Primeiramente, apresentaremos...</i></p> <p><i>Em seguida/Em segundo lugar, mostraremos imagens que...</i></p> <p><i>Depois/Na sequência, cada um de nós relatará uma experiência em que...</i></p> <p><i>Finalmente/Para concluir/Para terminar, apresentaremos nossas conclusões sobre...</i></p> <p><i>Assim, você prepara os ouvidos para o que será apresentado.</i></p> <p><i>c)O terceiro procedimento é iniciar a exposição propriamente dita. Siga a ordem indicada. Sempre anuncie o que será dito. Por exemplo:</i></p> <p><i>Agora, falaremos sobre...</i></p> <p><i>Então, daremos continuidade explicando como...</i></p> <p><i>Neste momento, vamos apresentar...</i></p> <p><i>d)Todos esses momentos da exposição podem ser ilustrados com documentos. Assim, o ouvinte fica atento ao que você diz porque pode visualizar as informações. Esses documentos visuais</i></p>	<p>em um roteiro que tem como objetivo ensinar aos discentes os passos de uma exposição oral adequada.</p>
---	---	--	--

		<p><i>podem ser cartazes, objetos, slides, entre outros.</i></p> <p><i>e) Sempre podem ser acrescentados exemplos. Para introduzir esses exemplos, pode-se dizer:</i></p> <p><i>Para exemplificar esse fato...</i></p> <p><i>Por exemplo... dizer é...</i></p> <p><i>Um bom exemplo disso que acabei de</i></p> <p><i>f) Quando você percebe que algo que acabou de dizer não foi bem entendido (em geral, as reações dos ouvintes nos indicam isso), pode reformular e dizer a mesma coisa, mas de outro modo:</i></p> <p><i>Isso que acabei de dizer é o mesmo que...</i></p> <p><i>Para explicar melhor isso que eu disse...</i></p> <p><i>O que acabei de dizer pode ser explicado assim...</i></p> <p><i>Isso quer dizer que...</i></p> <p><i>g) Se você for apresentar algo que parece difícil de compreender, pode chamar a atenção dos ouvintes fazendo-lhes perguntas. Todas as perguntas que você fizer devem ser respondidas logo na sequência. Por exemplo:</i></p> <p><i>Quando viajei para o Nordeste, comi manteiga de garrafa. Vocês sabem o que é isso? É uma...</i></p> <p><i>h) A boa exposição sempre se encerra por um breve resumo de tudo o que foi dito. Para introduzir esse resumo, você pode utilizar formas como:</i></p> <p><i>Para terminar, gostaria de lembrar que...</i></p> <p><i>Relembramos agora que...</i></p> <p><i>Finalmente, é preciso saber que...</i></p>		
--	--	---	--	--

		<p><i>No final, a viagem foi boa porque...</i></p> <p><i>i)Encerre perguntando aos ouvintes se eles gostariam de fazer algum comentário, se há ainda alguma dúvida, etc. Procure responder às perguntas com informações de sua própria apresentação. Se ninguém se manifestar, agradeça aos ouvintes por terem prestado atenção em sua exposição:</i></p> <p><i>Gostaria de agradecer a atenção de todos...</i></p> <p><i>Ficamos muito contentes que vocês tenham se interessado por nossa apresentação...</i></p> <p><i>Foi ótimo ter podido compartilhar com vocês nossa experiência de viagem...</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.3- Viagens - Cap.8- Diário pessoal / Linguagem oral</p>	<p><i>3-Agora que vocês conhecem essas características da exposição oral, retomem os problemas anteriormente apontados e verifiquem se eles poderiam ser resolvidos com as sugestões dadas.</i></p>	230	<p>A presente atividade consiste em análise das anotações feitas sobre a exposição oral do exercício anterior e avaliação das mesmas levando em consideração o roteiro apresentado na atividade.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.3- Viagens - Cap.8- Diário pessoal / Linguagem oral</p>	<p><i>4-Os grupos que já haviam se apresentado devem agora reunir-se e replanear sua própria exposição. Se foi possível gravá-la, pode ser interessante ouvir a gravação feita para perceber claramente o problema.</i></p>	230	<p>A presente atividade consiste em reapresentação da exposição oral do exercício anterior.</p>

<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.3- Viagens - Cap.8- Diário pessoal / Linguagem oral</p>	<p><i>5-Por fim, cada grupo apresenta para os demais o que percebeu da própria exposição. Não deixem de registrar no caderno as conclusões elaboradas. No próximo capítulo, encerramos o estudo da exposição oral.</i></p>	<p>230</p>	<p>A presente atividade consiste em apresentar as análises das anotações feitas sobre a exposição oral do exercício anterior.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.3- Viagens - Cap.9- Notícia / Linguagem oral</p>	<p><i>Neste capítulo, estudamos as notícias e os 'faits divers'. Reúna-se então com seus colegas de grupo e preparem uma exposição oral sobre esse tema. Sigam os passos e as sugestões indicados nos capítulos anteriores.</i></p> <p><i>a) Alguns temas possíveis:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Notícias antigas;</i> • <i>O início da imprensa no Brasil;</i> • <i>As notícias e os 'faits divers' mais estranhos de nossa região;</i> • <i>O 'fait divers' na literatura brasileira;</i> • <i>Escritores antigos e atuais que utilizam o 'fait divers' como fonte de inspiração.</i> <p><i>b) No dia combinado com o professor, façam a exposição e, se possível, gravem essa apresentação.</i></p> <p><i>c) Comparem a primeira exposição com esta última, registrando no caderno todos os aspectos que melhoraram e as conclusões a que a classe chegou a respeito desse gênero.</i></p>	<p>246-247</p>	<p>A presente atividade consiste na exposição oral de notícias e fait divers.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e</i></p>	<p>Unid.4-Eu acho que sim, e você?</p>	<p style="text-align: center;">Debate</p> <p><i>1-Com base em um dos temas trabalhados</i></p>	<p>279</p>	<p>A presente atividade consiste em preparação</p>

<p><i>interação</i> <i>vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>- Cap.10- Artigo de opinião / Linguagem oral</p>	<p><i>na questão 10 da seção “Gramática textual” deste capítulo, você e seus colegas vão realizar um debate.</i></p> <p><i>a)Distribua-se em dois grupos:</i></p> <p><i>Grupo1: alunos que defendem uma posição favorável ao tema discutido.</i></p> <p><i>Grupo 2: alunos que defendem uma posição contrária ao tema discutido.</i></p> <p><i>Organizados os grupos, cada um deve reunir o maior número de argumentos que sirvam para sustentar a posição defendida em relação ao tema. Anotem esses argumentos esquematicamente numa folha de papel avulsa.</i></p> <p><i>b)Escolham um representante de cada grupo. Esses representantes debaterão o tema. O professor, ou um aluno sorteado na classe, será o mediador do debate e controlará o tempo de fala de cada um dos debatedores. O restante da classe (dividido nos dois grupos) constituirá o conjunto de ouvintes do debate.</i></p>		<p>para debate.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação</i> <i>vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.4-Eu acho que sim, e você?</p> <p>- Cap.10- Artigo de opinião / Linguagem oral</p>	<p>Debate I</p> <p><i>2-No dia combinado com o professor, realizem o debate de acordo com algumas regras:</i></p> <p><i>a)O mediador inicia o debate, apresentando o tema e dando a voz a um dos debatedores. O outro debatedor toma a palavra sempre que achar necessário, tentando respeitar o controle do mediador.</i></p> <p><i>b) Cada grupo poderá ajudar seu representante sempre que parecer necessário, para, por exemplo, lembrar algum aspecto do tema e da polêmica que julgue importante. Para isso esse aspecto</i></p>	<p>279</p>	<p>A presente atividade consiste em instruções sobre o debate.</p>

		<p><i>deve ser anotado num papel e entregue ao debatedor (em princípio, os ouvintes não devem participar diretamente do debate).</i></p> <p><i>c)Se possível, esse primeiro debate deve ser gravado, para que se possa ouvi-lo e, posteriormente, observar suas características.</i></p> <p><i>d)O mediador estipula um tempo de duração do debate e procura controlá-lo. É também preciso controlar o tempo de fala de cada debatedor, para que todos tenham as mesmas oportunidades de expor seu ponto de vista do tema em discussão.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.4-Eu acho que sim, e você?</p> <p>- Cap.10- Artigo de opinião / Linguagem oral</p>	<p><i>3-Terminado o debate, reorganize os grupos para analisá-lo (se foi possível gravar o debate, esse é um bom momento para ouvir a gravação), a partir de algumas questões:</i></p> <p><i>I.O papel do mediador:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Ele soube controlar o tempo de fala?</i> • <i>Conseguiu dar início ao debate, apresentando claramente a questão polêmica ou o tema que seria debatido?</i> • <i>Houve momentos em que o mediador precisou interromper a fala de um dos debatedores? Se isso aconteceu, como ele o fez?</i> • <i>Como foi feito o encerramento do debate?</i> <p><i>II.O papel dos ouvintes:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Os ouvintes prestaram atenção à fala dos debatedores?</i> • <i>Algum ouvinte interveio</i> 	279-280	<p>A presente atividade consiste em avaliar a partir de um roteiro dado as gravações feitas do debate.</p>

		<p><i>diretamente no debate, ou seja, falou diretamente, dirigindo-se aos debatedores? Se isso aconteceu, por que esse ouvinte agiu assim?</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Na situação descrita no item anterior, como o mediador reagiu? O que ele fez?</i> • <i>E os demais ouvintes, o que fizeram?</i> • <i>Em algum momento o mediador convocou os ouvintes a também participar do debate? Se isso aconteceu, por que ele o fez?</i> <p>III.O conteúdo do debate:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>As posições defendidas e opiniões dos debatedores ficaram claras para quem ouvia? Se isso não aconteceu, o que, na opinião de vocês, prejudicou o debate?</i> • <i>O mediador fez perguntas aos debatedores? Essas perguntas pareciam, para quem ouvia o debate, pertinentes ao tema ou fugiam dele?</i> • <i>Os debatedores procuraram ater-se ao tema ou fugiram da questão polêmica em discussão?</i> • <i>Houve debatedor que mudou de opinião durante o debate? Se isso aconteceu, por que ele o fez?</i> <p><i>a)Reúnam-se em pequenos grupos e definam o debatedor mais convincente e mais persuasivo, apontando as razões dessa escolha.</i></p> <p><i>b)Durante a execução do debate, foi</i></p>		
--	--	---	--	--

		<p><i>importante ouvir atentamente os debatedores? Por quê?</i></p> <p><i>c)Discutam os argumentos levantados pelo debatedor menos convincente, procurando melhorá-los. Em seguida, abram uma discussão com toda a classe, apresentando as soluções de cada grupo.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.4-Eu acho que sim, e você?</p> <p>- Cap.10- Artigo de opinião / Linguagem oral</p>	<p><i>4-No próximo capítulo, daremos continuidade ao estudo do debate. Então registrem no caderno as conclusões a que chegaram até aqui e, se houver gravação, guardem-na.</i></p>	280	<p>A presente atividade consiste em registrar as análises realizadas das gravações feitas sobre o debate.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.4-Eu acho que sim, e você?</p> <p>- Cap.11- Editorial / Linguagem oral</p>	<p><i>Debate II</i></p> <p><i>O trabalho sugerido aqui deverá ser realizado em pequenos grupos. Com base em outro assunto ou outra questão polêmica, diferente da que foi debatida no capítulo anterior, cada pequeno grupo fará seu próprio debate haverá troca de papéis e comentários sobre o desempenho.</i></p> <p><i>a)Preparem-se para os debates:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Escolham quem será o mediador, quem serão os debatedores e quem serão os ouvintes.</i> • <i>Definam a questão polêmica a ser debatida. Cada debatedor deverá tomar uma posição diante dessa questão.</i> • <i>O mediador inicia o debate,</i> 	302	<p>A presente atividade consiste em realizar debates de diversos grupos com troca de papéis a fim de que todos os integrantes dos grupos possam desempenhar os diversos papéis.</p>

		<p><i>apresentando o assunto e os participantes, e controla o transcorrer do debate até o final.</i></p> <p><i>b)Troquem de papéis e reiniciem o debate:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <i>• Escolham outro mediador, outros debatedores e outros ouvintes e reiniciem o debate (com base na mesma questão polêmica ou em outras da preferência do grupo).</i> <i>• Essa troca de papéis deve ocorrer diversas vezes, até que todos os alunos da equipe tenham experimentado as diferentes posições no debate.</i> <p><i>c)Analisem o desempenho de vocês como participantes de um debate utilizando a questão 3 desta mesma seção no capítulo anterior. Ela lhes fornecerá os indicadores necessários para essa análise.</i></p> <p><i>d)Registrem suas conclusões e compartilhem o resultado dessas simulações com a classe.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.4-Eu acho que sim, e você?</p> <p>- Cap.12- Carta do leitor / Linguagem oral</p>	<p><i>Debate III</i></p> <p><i>Na mídia (rádio e tevê, principalmente), é comum uma forma de debate regrado. Embora você não seja jornalista, nem talvez venha se expor no rádio ou na televisão, estudar o debate regrado é uma forma de aprender a argumentar eficazmente na linguagem oral, o que poderá ajudá-lo sempre que precisar defender o seu ponto de vista sobre uma questão ou polêmica qualquer.</i></p> <p><i>O texto a seguir é a transcrição de um</i></p>	326-328	<p>A presente tarefa consiste na leitura em grupo do texto sugerido.</p>

		<p><i>trecho de um programa de debates na CBN FM, o programa 'Fato em foco', apresentado por Roberto Nonato. Trata-se de uma questão polêmica: o uso das bicicletas no trânsito das grandes cidades.</i></p> <p><i>Leia-o atentamente. (veja anexo II)</i></p> <p><i>1-Retomem os pequenos grupos de trabalho formados para as atividades propostas na seção "Linguagem oral" do capítulo 11.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid.4-Eu acho que sim, e você?</p> <p>- Cap.12- Carta do leitor / Linguagem oral</p>	<p>2-Após a leitura atenta da transcrição acima, respondam a estas questões:</p> <p>I.O papel do mediador:</p> <ul style="list-style-type: none"> <i>• Ele conseguiu dar início ao debate apresentando claramente a questão polêmica ou o tema a ser debatido?</i> <i>• Houve momentos em que ele precisou interromper a fala de um dos debatedores? Se isso aconteceu, como o jornalista o fez?</i> <p>II.O conteúdo do debate:</p> <ul style="list-style-type: none"> <i>• As posições defendidas e as opiniões de vocês, prejudicou o debate?</i> <i>• O mediador fez perguntas aos debatedores? Essas perguntas pareciam pertinentes ao tema ou fugiam dele?</i> <i>• Os debatedores procuraram ater-se ao tema proposto ou fugiram da questão discutida?</i> <i>• Os debatedores apresentaram prontos de vista divergentes</i> 	328-329	<p>A presente tarefa consiste em avaliar um debate oral transcrito, com base no roteiro dado.</p>

		<i>sobre a questão polêmica? Que aspectos da polêmica cada um destacou no trecho do debate transcrito?</i>		
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i> Autores: FARACO; MOURA.	Unid.4-Eu acho que sim, e você? - Cap.12- Carta do leitor / Linguagem oral	<i>3-Compartilhem as respostas dos grupos e comparem-nas com as dadas à mesma questão 3 desta seção, no capítulo 10.</i>	329	A presente tarefa consiste em analisar contrastivamente os dois debates anteriores.
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i> Autores: FARACO; MOURA.	Unid.4-Eu acho que sim, e você? - Cap.12- Carta do leitor / Linguagem oral	<i>4-Se possível, gravem e ouçam um debate como esse, que foi transcrito de uma rádio (pode ser também um debate transmitido pela televisão).</i>	329	A presente tarefa consiste em ouvir ou assistir a um debate.
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i> Autores: FARACO; MOURA.	Unid.4-Eu acho que sim, e você? - Cap.12- Carta do leitor / Linguagem oral	<i>5-Considerando que os debatedores e o mediador desse debate transcrito são experientes, que diferenças vocês conseguem perceber entre a forma como o debate da rádio foi conduzido e os que vocês conduziram anteriormente, nas atividades orais dos capítulos 10 e 11? (Se necessário, retomem os registros feitos.)</i>	329	A presente tarefa consiste em comparar o debate transcrito com outros debates realizados pelos grupos.
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i> Autores: FARACO;	Unid.4-Eu acho que sim, e você? - Cap.12- Carta do leitor / Linguagem oral	<i>6-Este é o momento de pôr em prática tudo o que vocês já sabem sobre debate. A classe vai organizar-se para debater a questão polêmica apresentada no artigo de opinião de Mirian Goldenberg, no início deste capítulo. Se possível, gravem este novo debate, escutem e analisem-no com base no roteiro (questão 3 desta</i>	329	A presente tarefa consiste em realizar um debate, gravá-lo e avalia-lo com base no roteiro dado.

MOURA.		<i>seção, capítulo 10).</i>		
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.1</i> Autores: FARACO; MOURA.	Unid.4-Eu acho que sim, e você? - Cap.12- Carta do leitor / Linguagem oral	7-Registrem suas conclusões no caderno.	329	A presente tarefa consiste em registrar a análise das questões relacionadas ao debate.

Em relação ao volume 1 da coletânea *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, verifica-se alguma preocupação com o efetivo tratamento da oralidade. No entanto encontramos, nesse livro em questão, 21 propostas de atividades que apresentam deficiências quanto aos parâmetros por nós estabelecidos e até mesmo equívocos. Isso pode ser observado quando as atividades propostas se tornam pretextos para uma produção textual ou interpretação de texto. Fugindo, assim, da proposta inicial que é o tratamento da linguagem oral. Ademais, são poucos os gêneros trabalhados.

Quadro V

COLETÂNEA	CAPÍTULO	ATIVIDADE	PÁG	ANÁLISE
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i> Autores: FARACO; MOURA.	Uni.1- ...como um romance(I) – Cap.1- Romance(I) / Linguagem oral	<i>Diálogo e interação verbal</i> <i>O diálogo é uma das formas mais difundidas da linguagem oral. Constitui a base da maior parte das interações verbais orais. A partir deste capítulo, vamos estudá-lo, sob a perspectiva da linguagem oral, a fim de que você entenda como se configuram alguns elementos fundamentais da oralidade que a distinguem da escrita.</i> <i>1-Reúna-se com seus colegas em pequenos grupos e listem algumas</i>	36	A presente tarefa consiste em pesquisa sobre diálogos.

		<p><i>situações nas quais ocorram diálogos. Compartilhem com os demais grupos os resultados dessa atividade inicial, sob a orientação do professor, e discutam tudo o que foi apresentado, confrontando suas diferentes respostas.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.1- ...como um romance(I) – Cap.1- Romance(I) / Linguagem oral</p>	<p><i>Diálogo e interação verbal</i></p> <p>2-<i>Após a discussão sugerida na questão anterior, reúna-se com alguns colegas. Pesquisem uma das situações comunicativas nas quais se constatou a presença de diálogos. Sigam o roteiro abaixo.</i></p> <p><i>a)Selecione um gênero de texto (oral ou escrito) em que se constate a presença do diálogo.</i></p> <p><i>b)Se for gênero escrito (como extrato de romance ou de peça de teatro), identifiquem as partes que correspondem ao diálogo, para distingui-las do restante do texto.</i></p> <p><i>c)Se for gênero oral (como a conversa cotidiana, o debate regrado), gravem, de alguma forma, o extrato com o diálogo. Essa gravação pode ser feita por meio de um gravador de fita cassete, por exemplo, ou outro aparelho que permita a reprodução do extrato escolhido.</i></p> <p><i>d)Analisem o extrato pesquisado, observando estes dados:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>O diálogo é oral ou escrito?</i> • <i>Em que gênero textual o diálogo foi identificado?</i> 	36 - 37	<p>A presente tarefa consiste em pesquisa sobre diálogo oral e escrito, seguida de tarefa escrita.</p>

		<ul style="list-style-type: none"> • <i>A situação de comunicação é de natureza pública (por exemplo, um programa de televisão, um romance, uma cena de novela) ou privada (como uma conversa entre dois amigos) ?</i> • <i>É possível perceber se o nível de linguagem utilizado é formal ou informal?</i> • <i>Quantos interlocutores participam do diálogo?</i> <p><i>e) Compartilhem os resultados da pesquisa com os demais grupos, sob a orientação do professor.</i></p> <p><i>Elaborem um quadro com a síntese dessas conclusões e com as principais características de um diálogo levantadas pelos grupos.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.1- ...como um romance(I) – Cap.2- Romance(II) / Linguagem oral</p>	<p><i>Diálogo: marcas de hesitação e reiterações</i></p> <p><i>No capítulo anterior, você deu início ao estudo do diálogo. Neste, por meio da análise de duas transcrições de diálogos orais, retomaremos esse assunto. Os textos reproduzidos a seguir são decupagens. Leia-as atentamente.</i></p> <p><i>(veja anexo II)</i></p> <p><i>1-Ao ler as decupagens dos textos 9 e 10, o que mais chamou sua atenção? Por quê?</i></p>	66 - 69	A presente tarefa consiste em analisar questões relacionadas a decupagens.
<p><i>Língua portuguesa:</i></p>	<p>Uni.1- ...como um</p>	<p><i>Diálogo: marcas de hesitação e reiterações</i></p>	69	A presente tarefa consiste em analisar

<p><i>linguagem e interação</i> vol.2</p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>romance(I) – Cap.2- Romance(II) / Linguagem oral</p>	<p>2-<i>Algumas palavras ou expressões aparecem repetidas em sequência, como no trecho a seguir, do texto 9.</i></p> <p>NM – <i>Eeeh.../ as primeiras vezes <u>que.../ que/ que</u> vocês se encontraram// foi naqueles festivais// <u>de.../ de música</u> </i></p> <p>CV – <i>a primeira vez/ uma das primeiras vezes que a gente se encontrou// <u>foi/ acho que foi.../ foi/ ali na... na.../ ah/ nos bastidores da/ teve Record/</u></i></p> <p><i>Em sua opinião, por que isso ocorre?</i></p>		<p>questões relacionadas à decupagem que prepara para a transcrição do texto.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação</i> vol.2</p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.1- ...como um romance(I) – Cap.2- Romance(II) / Linguagem oral</p>	<p><i>Diálogo: marcas de hesitação e reiterações</i></p> <p>3-<i>Você nota alguma diferença de linguagem entre os textos 9 e 10?</i></p>	69	<p>A presente tarefa consiste em analisar questões relacionadas a decupagens.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação</i> vol.2</p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.1- ...como um romance(I) – Cap.2- Romance(II) / Linguagem oral</p>	<p><i>Diálogo: marcas de hesitação e reiterações</i></p> <p>4-<i>Observe os símbolos usados nas transcrições e responda no caderno:</i></p> <p>a)<i>Os símbolos / e // indicam as pausas. Por que há na linguagem oral, tantas pausas?</i></p> <p>b)<i>Por sua vez, o símbolo marca uma interrupção ou ruptura.</i></p> <p><i>Observe nas decupagens anteriores os momentos em que esse símbolo é utilizado e tente</i></p>	69	<p>A presente tarefa consiste em analisar questões relacionadas a decupagens e apresentação dos símbolos usados na transcrição.</p>

		<i>explicar por que um locutor interrompe a fala de outro.</i>		
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i> Autores: FARACO; MOURA.	Uni.1- ...como um romance(I) – Cap.2- Romance(II) / Linguagem oral	<i>Diálogo: marcas de hesitação e reiteraões</i> <i>5-O texto 10 é a decupagem de uma conversa telefônica informal, com as marcas típicas da oralidade, como hesitações e reiteraões. É, como vimos, a transcrição de um texto oral.</i> <i>Reúna-se com alguns colegas e, juntos, tentem reformular esse diálogo, eliminando as marcas típicas de oralidade, de modo a transformá-lo num texto escrito.</i>	71	A presente tarefa consiste em analisar questões relacionadas a decupagem a fim de transformá-la em texto escrito.
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i> Autores: FARACO; MOURA.	Uni.1- ...como um romance(I) – Cap.3- Suspense na narrativa / Linguagem oral	<i>Diálogo: diferenças entre o oral e a escrita</i> <i>No conto ‘Johann’, de Álvares de Azevedo, há um extenso diálogo. Porém, trata-se de um diálogo escrito, no qual não há marcas de hesitação, nem reiteraões ou outros elementos típicos de oralidade. Além disso, o texto foi escrito no século XIX (a linguagem do texto é aquela, portanto, que se utilizava nessa época).</i> <i>Reúna com alguns colegas para transformar esse diálogo escrito num diálogo oral na linguagem atual.</i> <i>a)Façam a transformação do diálogo escrito para o oral adaptando a linguagem do século XIX para a linguagem atual. Não se trata apenas de ler o texto em voz alta, e sim de transformar as falas dos interlocutores de modo</i>	99	A presente tarefa consiste em uma retextualização de um diálogo escrito para um diálogo oral, com adaptação da linguagem antiga para uma linguagem atual.

		<p>que elas lhes pareçam “naturais”.</p> <p>Vocês podem alterar tudo o que acharem pertinente.</p> <p>b) Quando tiverem feito as alterações julgadas necessárias, se possível gravem o diálogo ou então preparem-se para encená-lo diante dos colegas. Cada grupo exibirá aos demais colegas os resultados de suas transformações.</p> <p>c) Ao ouvir as gravações realizadas por seus colegas, anote os aspectos que você modificaria para tornar o diálogo mais autêntico, mais “natural”.</p> <p>d) Com a ajuda do professor, compartilhem as anotações feitas, a fim de compor um quadro com as características que vocês acham que os diálogos orais devem ter.</p>		
<p>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.2- ...como um romance(II) – Cap.4- Romance(III) / Linguagem oral</p>	<p>Expressões fáticas</p> <p>Nos capítulos da unidade anterior, você analisou situações caracterizadas pelo diálogo.</p> <p>1-O trecho a seguir foi extraído de uma das decupagens apresentadas no capítulo 2. Lembre-se de que se trata de uma comunicação de caráter privado (trata-se do diálogo telefônico entre duas irmãs). Leia-o atentamente.</p> <p>[...]</p> <p>L1 – Glória/ mas eu entreguei na sua mão!!//</p> <p>L2 – não entregou/ eu <u>nem</u> cheguei a pegar//</p>	126	<p>A presente tarefa consiste em analisar questões relacionadas a decupagem de diálogo telefônico informal e identificar as marcas de oralidade.</p>

		<p><i>L1 – não me responsabilizo...//</i></p> <p><i>L2 – mas eu 'tou precisando dele!//</i></p> <p><i>L1 – não me responsabilizo/ entendeu?//</i></p> <p><i>L2 – porque eu fazer umas fotos/ não vai caber </i></p> <p><i>L1 – querida/ sinto muito/ mas </i></p> <p><i>L2 – ficou com você/ eu/ eh... </i></p> <p><i>L1 – sinto muito/ eu avisei//</i></p> <p><i>L2 – vê então/ vê pra mim/ vê se... se não tá/ não tá aí/ em algum lugar!// ele não tá comigo/ eu já revirei tu </i></p> <p><i>L1 – gente!/ Glória </i></p> <p>[...]</p> <p>a) Nesse trecho, L1 usa uma palavra para chamar a atenção de L2. Tente localizá-la.</p> <p>b) No último turno de L1 transcrito acima emprega-se uma expressão comum na interação oral dialogal. Indique-a.</p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.2- ...como um romance(II) – Cap.4- Romance(III) / Linguagem oral</p>	<p>Expressões fáticas</p> <p>2-Esse diálogo prossegue da seguinte forma:</p> <p><i>L1 – gente!/ Glória </i></p> <p><i>L2 – tudo!// ele tá com você!//</i></p> <p><i>L1 – Glória/ eu falei/ eu não me responsabilizo/ entendeu?// não me </i></p> <p>[...]</p>	126	<p>A presente tarefa consiste em analisar aspectos da oralidade relacionados a sintaxe.</p>

		<p>a) A palavra 'Glória', que aparece duas vezes na fala de L1, desempenha qual função sintática? Explique.</p> <p>b) Tente explicar também qual é a função sintática da palavra 'gente', que aparece em: "L1 – gente! / Glória ".</p>		
<p>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.2- ...como um romance(II) – Cap.4- Romance(III) / Linguagem oral</p>	<p>Expressões fáticas</p> <p>3- Na seção "Linguagem oral" do capítulo 1, foi proposto que você e seus colegas gravassem um extrato de oralidade caracterizado pelo diálogo. Se você e sua equipe realizaram tal gravação, ouçam-na atentamente e tentem localizar palavras ou expressões que desempenham uma função semelhante à de 'gente' ou 'Glória' na decupagem acima.</p>	126	<p>A presente tarefa consiste em analisar gravações de diálogos identificando aspectos fáticos.</p>
<p>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.2- ...como um romance(II) – Cap.4- Romance(III) / Linguagem oral</p>	<p>Expressões fáticas</p> <p>4- O trecho reproduzido a seguir é um extrato da novela 'A hora da estrela', de Clarice Lispector. Trata-se de um trecho em que o narrador reproduz uma encenação de diálogo entre as duas personagens principais: Olímpico de Jesus (Ele) e Macabéa (Ela). Para marcar os turnos, em vez de utilizar a pontuação de diálogo e os verbos de dizer, o narrador insere as falas como se fosse um texto dramático (um texto para ser encenado). Leia-o atentamente.</p> <p>[...]</p> <p>Ele: - Pois é.</p>	127	<p>A presente tarefa consiste em analisar um diálogo literário e identificar a expressão fática nele utilizada.</p>

	<p><i>Ela: - Pois é o quê?</i></p> <p><i>Ele: - Eu só disse pois é!</i></p> <p><i>Ela: - Mas “pois é” o quê?</i></p> <p><i>Ele: - Melhor mudar de conversa porque você não me entende.</i></p> <p><i>Ela: - Entender o quê?</i></p> <p><i>Ele: - Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!</i></p> <p><i>Ela: - Falar então de quê?</i></p> <p><i>Ele: - Por exemplo, de você.</i></p> <p><i>Ela: - Eu?!</i></p> <p><i>Ele: - Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.</i></p> <p><i>Ela: - Desculpe mas acho que não sou muito gente.</i></p> <p><i>Ele: - Mas todo mundo é gente, meu Deus!</i></p> <p><i>Ela: - É que não me habituei.</i></p> <p><i>Ele: - Não se habituou com quê?</i></p> <p><i>Ela: - Ah, não sei explicar.</i></p> <p><i>Ele: - E então?</i></p> <p><i>Ela: - Então o quê?</i></p> <p><i>Ele: - Olhe, eu vou embora porque você é impossível!</i></p> <p><i>Ela: - É que eu só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que eu faço para conseguir ser possível?</i></p> <p><i>Ele: - Pare de falar porque só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.</i></p> <p><i>Ela: - Acho que não sei dizer.</i></p>	
--	--	--

		<p><i>Ele: - Não sabe o quê?</i></p> <p><i>Ela: - Hein?</i></p> <p><i>Ele: - Olhe, até estou suspirando de agonia. Vamos não falar em nada, está bem?</i></p> <p><i>Ela: - Sim, está bem, como você quiser.</i></p> <p><i>Ele: - É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E u dia o mundo todo vai saber de mim.</i></p> <p>[...]</p> <p><i>Localize a expressão fática existente nele e, em seu caderno, explique por que só há uma expressão como essa em todo o diálogo.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.2- ...como um romance(II) – Cap. 5- Romance(IV) / Linguagem oral</p>	<p><i>Entre o oral e o escrito: a questão da ortografia (I)</i></p> <p><i>Uma das questões complexas da língua portuguesa é a ortografia. Acompanhe as explicações a seguir para compreender por quê. (veja anexo II)</i></p> <p><i>No próximo capítulo, apresentamos um aspecto da ortografia da língua portuguesa para o qual pode ser especialmente útil conhecer regras: a acentuação gráfica.</i></p>	153-154	A presente tarefa consiste em analisar questões relacionadas a ortografia.
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação</i></p>	<p>Uni.2- ...como um romance(II) – Cap. 6-</p>	<p><i>Entre o oral e o escrito: a questão da ortografia (II)</i></p> <p><i>Um dos aspectos da ortografia da língua cujas regras você pode</i></p>	174-178	A presente tarefa consiste em analisar questões relacionadas a acentuação gráfica.

<p>vol.2</p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Texto instrucional / Linguagem oral</p>	<p><i>utilizar diz respeito à acentuação gráfica. Acompanhe as explicações e os exemplos a seguir para compreender essas regras.</i></p> <p><i>A seguir, propomos a leitura de um trecho da obra “A sociedade e o indivíduo”, do historiador inglês Edward Hallet Carr (1892 – 1982). (veja anexo II) Destacamos no texto palavras acentuadas graficamente. Com base nas regras apresentadas anteriormente, justifique a acentuação empregada.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação</i> vol.2</p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.3- Paisagens urbanas – Cap. 7– Artigo científico / Linguagem oral</p>	<p>Entrevista oral</p> <p><i>Pode-se notar, ao ler o artigo científico (textos 1 e 2) (veja anexo II), que os pesquisadores obtêm dados ou informações a respeito de um tema qualquer a partir de pesquisa ou coleta de informações e também ao tomar o depoimento de pessoas envolvidas no assunto.</i></p> <p><i>Uma das maneiras mais comuns de recolher depoimentos com esse fim é fazer entrevistas. Nos capítulos desta unidade, você estudará esse gênero oral.</i></p> <p><i>1-Nos meios de comunicação como o rádio e a televisão, assim como em situações do dia a dia, você deve ter tido contato com vários tipos de entrevistas. Com base nessas entrevistas de que você se recorda, responda às seguintes questões a seguir:</i></p> <p><i>a)Por sua experiência como</i></p>	210	<p>A presente tarefa consiste em pesquisa sobre entrevista.</p>

		<p><i>ouvinte de entrevistas, o que caracteriza esse gênero?</i></p> <p><i>b)Ao ouvir uma entrevista no rádio (ou assistir a uma pela tevê), em geral, você sabe de antemão as respostas às perguntas que são formuladas pelo entrevistador ao entrevistado?</i></p> <p><i>c)O que leva você a ouvir ou a ler uma entrevista?</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.3- Paisagens urbanas – Cap. 7– Artigo científico / Linguagem oral</p>	<p>Entrevista oral</p> <p><i>2-Reúna-se com alguns colegas para fazer esta atividade, baseada no roteiro a seguir, a fim de compreender melhor o que é e como se organiza uma entrevista.</i></p> <p><i>a)Selecione uma entrevista do rádio ou da tevê e gravem-na para trabalhar posteriormente com ela.</i></p> <p><i>b)Escolham um trecho que lhes pareça particularmente interessante e transcrevam-no (você podem utilizar a técnica da decupagem apresentada em capítulos anteriores).</i></p> <p><i>c)Pesquise sobre o assunto do trecho transcrito.</i></p> <p><i>d)Se possível, apresentem aos demais colegas uma gravação em áudio ou vídeo da entrevista escolhida e forneçam uma cópia dos trechos transcritos.</i></p> <p><i>e)Apresentem para os demais colegas o resultado desse trabalho, destacando o seguinte:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>O assunto do trecho</i> 	210	<p>A presente tarefa consiste em uma observação e análise de entrevistas, e discussão oral da turma.</p>

		<p><i>transcrito</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>As perguntas que mais chamaram a atenção do grupo;</i> • <i>A opinião do grupo sobre essas perguntas (se são boas, adequadas, etc.);</i> • <i>O que o grupo perguntaria ao entrevistado se tivesse no lugar do entrevistador?</i> <p><i>f) Discutam coletivamente, com a mediação do professor, os aspectos que os diferentes grupos observaram na entrevista analisada.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.3- Paisagens urbanas – Cap. 7– Artigo científico / Linguagem oral</p>	<p>Entrevista oral</p> <p><i>3- Após a apresentação, cada grupo deve retomar a entrevista gravada para fazer um trabalho de “recriação”. Sigam estes passos.</i></p> <p><i>a) Escolham quem fará o papel de entrevistador e entrevistado.</i></p> <p><i>b) Elaborem outras questões sobre o assunto.</i></p> <p><i>c) Como base na entrevista sobre o assunto realizada na questão 2, o grupo prepara “respostas” para as perguntas elaboradas.</i></p> <p><i>d) Encenem a entrevista para toda a classe. Se possível, gravem essa encenação.</i></p> <p><i>e) Conversem com todos os colegas e o professor sobre quais foram as dificuldades ou facilidades dessa encenação, quais foram os</i></p>	210	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar as observações que os estudantes fizeram da entrevista oral e retextualizar a entrevista a fim de realizar uma recriação e encenação da mesma.</p>

		<i>problemas que surgiram no momento da entrevista, etc. O professor vai registrar as observações de todos os grupos decorrentes dessa atividade.</i>		
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i> Autores: FARACO; MOURA.	Uni.3- Paisagens urbanas – Cap. 8– Texto de vulgarização científica / Linguagem oral	<i>Estrutura de uma entrevista</i> <i>1-De maneira geral as entrevistas contam com duas partes ou momentos decisivos para o seu sucesso: a abertura e o fechamento. Reúna-se com seus colegas de trabalho formado para a mesma seção do capítulo anterior. Retomem as entrevistas da tevê ou do rádio lá trabalhadas. Ouçam a gravação, atentando para:</i> <i>a)O início da entrevista: que palavras, expressões ou de que modo o entrevistador inicia a entrevista?</i> <i>b)O que faz o entrevistado nesse momento inicial?</i> <i>c)No final da entrevista o que diz o entrevistador quando já não tem mais perguntas a fazer?</i> <i>d)Registrem suas observações e conversem com seus colegas dos outros grupos e o professor a esse respeito.</i>	229	A proposta dessa seção consiste em considerações sobre o gênero entrevista, seguidas de discussão e atividade escrita.
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i> Autores: FARACO;	Uni.3- Paisagens urbanas – Cap. 8– Texto de vulgarização científica /	<i>Estrutura de uma entrevista</i> <i>2-A classe escolhe uma das entrevistas ouvidas e, coletivamente, com a ajuda do professor, faz uma análise dela com base neste roteiro:</i> <i>a)Façam um levantamento das</i>	230	A proposta dessa seção consiste em analisar as observações que os estudantes fizeram da entrevista oral.

MOURA.	Linguagem oral	<p><i>questões da entrevista. É importante registrar por escrito essas perguntas. Classifiquem as perguntas em três categorias:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Perguntas feitas sem base em resposta anterior do entrevistado.</i> • <i>Perguntas feitas com base em resposta anterior do entrevistado.</i> • <i>Perguntas que procuram esclarecer um aspecto ou informação já comentados na entrevista.</i> <p><i>Observem e concluem: que tipo de pergunta é mais frequente?</i></p> <p><i>b) Há mais marcas típicas da oralidade (hesitação, reiteração, expressões fáticas, entre outras) na fala do entrevistador ou do entrevistado?</i></p> <p><i>c) Analise o nível de linguagem empregado:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Que marcas de polidez são frequentes? Por exemplo, que pronome de tratamento é usado? São empregadas expressões como por favor e obrigado?</i> • <i>A linguagem é formal ou informal? É possível estabelecer uma relação entre o nível de linguagem e o assunto da entrevista?</i> • <i>Você acha que o nível de</i> 		
--------	----------------	---	--	--

		<p><i>linguagem é adequado à situação de comunicação?</i></p> <p><i>d)O entrevistador interrompe muito o entrevistado, ou seja, assalta frequentemente o turno?</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.3- Paisagens urbanas – Cap. 8– Texto de vulgarização científica / Linguagem oral</p>	<p><i>Estrutura de uma entrevista</i></p> <p><i>3-Retomem a gravação feita a partir da encenação feita durante o estudo do capítulo anterior. Ouçam-na e observem:</i></p> <p><i>a)O tipo de pergunta mais frequente.</i></p> <p><i>b)A maneira de abrir e fechar a entrevista.</i></p> <p><i>c)A adequação do nível de linguagem à situação comunicativa.</i></p> <p><i>d)As marcas de hesitação ou expressões fáticas que lhes pareçam excessivas na fala tanto do entrevistador quanto do entrevistado.</i></p> <p><i>e)A retomada de informações por meio de perguntas que reiteram uma informação já solicitada.</i></p> <p><i>f)Registrem as informações no caderno.</i></p>	230	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar a gravação da encenação da entrevista feita pelos alunos, seguida de tarefa escrita.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i></p> <p>Autores: FARACO;</p>	<p>Uni.3- Paisagens urbanas – Cap. 8– Texto de vulgarização científica / Linguagem</p>	<p><i>Estrutura de uma entrevista</i></p> <p><i>4-Ainda em grupo, comparem os registros elaborados na questão anterior com a análise da entrevista da questão 2. Depois respondam em seu caderno:</i></p> <p><i>a)Que semelhanças e diferenças podem ser notadas entre essas</i></p>	230	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar as observações que os estudantes fizeram da entrevista oral e atividade escrita sobre a entrevista.</p>

MOURA.	oral	<p><i>duas entrevistas?</i></p> <p><i>b) Com base nessas semelhanças e diferenças, apresentem uma proposta de reformulação da entrevista feita pelo grupo.</i></p> <p><i>c) Apresentem sua proposta aos demais grupos, explicando as modificações sugeridas.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.3- Paisagens urbanas – Cap. 9– Reportagem / Linguagem oral</p>	<p><i>Postura e comportamento dos participantes de uma entrevista</i></p> <p><i>1-Reúna-se com os colegas que têm trabalhado com você nas atividades desta seção. Ouçam e/ou vejam entrevistas do rádio ou da tevê e comparem-nas com aquelas que lhes serviam de base de análise para as atividades desenvolvidas nos capítulos 7 e 8.</i></p> <p><i>a) Que semelhanças e diferenças vocês notaram entre essas várias entrevistas?</i></p> <p><i>b) Reparem nas atitudes e comportamento de entrevistador(es) e entrevistado(s), observando:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>A situação de comunicação na qual se desenrola a entrevista (Onde e quando a entrevista acontece? Quanto tempo dura? Como se desenvolve? Por que é assim e não de outro modo?);</i> • <i>As marcas de polidez utilizadas;</i> • <i>A adequação do nível de</i> 	252	<p>A proposta dessa seção consiste em assistir ou ouvir entrevistas na mídia e comparar com as análises feitas sobre a entrevista oral.</p>

		<p><i>linguagem à situação;</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>A maneira de encadear as perguntas feitas pelo entrevistador;</i> • <i>O tipo de pergunta e a ordem em que são formuladas.</i> <p><i>c)Discutam sobre essas informações e registrem suas conclusões no caderno.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.3- Paisagens urbanas – Cap. 9– Reportagem / Linguagem oral</p>	<p><i>Postura e comportamento dos participantes de uma entrevista</i></p> <p><i>2-Na seção “Gramática textual”, você e seu colega elaboraram um roteiro de pesquisa sobre um tema para fazer uma reportagem. Transformem esse roteiro de pesquisa em roteiro de entrevista, pensando no seguinte:</i></p> <p><i>a)quem seria esse possível entrevistado (alguém de sua região que, de fato, vocês possam entrevistar);</i></p> <p><i>b)que perguntas vocês poderiam formular para obter as informações necessárias à sua pesquisa;</i></p> <p><i>c)se possível, realizem e gravem essa entrevista;</i></p> <p><i>d)no dia combinado com o professor, exponha a entrevista e o resultado para a classe;</i></p> <p><i>e)comentem a entrevista das demais duplas,, levando em conta principalmente:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>A adequação das</i> 	252	<p>A proposta dessa seção consiste em preparação para entrevista oral.</p>

		<p><i>perguntas e da situação de comunicação;</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>As marcas típicas da entrevista (o início, o fechamento, o encadeamento das perguntas, as questões formuladas com base na resposta do entrevistado, as perguntas de retomada de informação, etc.).</i> 		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.3- Paisagens urbanas – Cap. 9– Reportagem / Linguagem oral</p>	<p><i>Postura e comportamento dos participantes de uma entrevista</i></p> <p><i>3-Nas entrevistas da tevê, é possível se observar como comportam o entrevistador e o entrevistado. Para entender um pouco esses comportamentos, reúna-se com alguns colegas e sigam esse roteiro:</i></p> <p><i>a)Escolham uma entrevista de tevê e gravem-na.</i></p> <p><i>b)Ao assistir a ela, observem:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>O entrevistador e o entrevistado estavam em pé ou sentados? Em sua opinião, esta postura contribui ou atrapalha a entrevista?</i> • <i>Usam-se recursos como gestos, mímica enquanto se falam? Esses recursos parecem adequados à situação de comunicação?</i> • <i>O entrevistador sabe respeitar o turno do</i> 	252-253	<p>A proposta dessa seção consiste em assistir e gravar uma entrevista na TV e observar o comportamento dos envolvidos, quanto a postura corporal, gestos, mímicas etc. Registrar por escrito.</p>

		<p><i>entrevistado?</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Há muitos assaltos de turno? Os assaltos existentes parecem justificar-se pelo andamento da entrevista ou parecem desnecessários e/ou incômodos?</i> • <i>O entrevistador parece compreender o que o entrevistado fala?</i> • <i>O entrevistado parece entender as perguntas do entrevistador e sabe responder a elas?</i> <p><i>c) Registrem no caderno suas conclusões.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.4- Imagem e palavra (II) – Cap. 10– Ensaio / Linguagem oral</p>	<p><i>Interpretação de documentos visuais (I): dizer e “reformular” o que se disse</i></p> <p><i>1-Reúna-se com alguns colegas e gravem exemplos de textos orais. Esses textos podem ser obtidos em extratos de programas de televisão ou rádio.</i></p> <p><i>a) Anotem os dados referentes à gravação, como a data, o tipo de programa gravado, a emissora que o veiculou, etc. Esses dados são importantes no momento de analisar o texto oral.</i></p> <p><i>b) Ouçam atentamente o programa algumas vezes para familiarizarem-se com o assunto tratado. Se necessário, peçam ajuda ao professor para resolver</i></p>	282	<p>A proposta dessa seção consiste em assistir e gravar programa de TV, e fazer a decupagem do mesmo.</p>

		<p>eventual dúvida.</p> <p>c)Elaborem a transcrição do programa, conforme explicado no capítulo 2.</p>		
<p>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.4- Imagem e palavra (II) – Cap. 10– Ensaio / Linguagem oral</p>	<p>Interpretação de documentos visuais (I): dizer e “reformular” o que se disse</p> <p>2-Feita a transcrição, observem:</p> <p>a)Havia muitas marcas de hesitação e expressões de natureza fática?</p> <p>b)O nível de linguagem era mais formal ou informal? Era adequado, na opinião do grupo, à situação de comunicação?</p> <p>c)Havia diversos interlocutores?</p> <p>Com base em suas respostas comentem: os interlocutores pareciam ter um roteiro escrito que os ajudava a produzir suas falas ou vocês tiveram a impressão de que as falas produzidas espontaneamente? Em qualquer caso, justifiquem sua análise. Com a ajuda do professor, compartilhem as conclusões com os demais grupos.</p>	282	<p>A proposta dessa seção consiste em análise sobre diversos aspectos da linguagem oral do programa gravado.</p>
<p>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.4- Imagem e palavra (II) – Cap. 10– Ensaio / Linguagem oral</p>	<p>Interpretação de documentos visuais (I): dizer e “reformular” o que se disse</p> <p>3-Ainda nas transcrições efetuadas, observem se conseguem perceber trechos em que os interlocutores, retomando o que foi dito, tentam expressar a mesma ideia por meio de outras palavras. Assinalem os trechos que isso</p>	282	<p>A proposta dessa seção consiste em análise sobre outros diversos aspectos da linguagem oral do programa gravado.</p>

		<p><i>corre. Em seguida observem:</i></p> <p><i>a) Quando havia dois ou mais interlocutores interagindo, um tentou reformular ou retificar algo que o outro disse? Em caso afirmativo, por meio de que palavras ou expressões ele tomou a palavra (ou seja, assaltou o turno)?</i></p> <p><i>b) Alguma vez algum interlocutor tentou reformular a própria fala? Em caso afirmativo, ele empregou alguma palavra ou expressão que permitisse aos ouvintes perceberem essa intenção reformulativa?</i></p> <p><i>c) A reformulação (caso tenha sido observada) foi antecedida por pausas ou expressões de hesitação?</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.4- Imagem e palavra (II) – Cap. 10– Ensaio / Linguagem oral</p>	<p><i>Interpretação de documentos visuais (I): dizer e “reformular” o que se disse</i></p> <p><i>4-A partir da análise feita na atividade anterior, elaborem um quadro com as principais expressões ou palavras utilizadas nos casos de reformulação. E, com a ajuda do professor, registrem coletivamente as conclusões, no momento em que todos os grupos compartilharem as respostas.</i></p>	282	<p>A proposta dessa seção consiste em elaborar um registro escrito das conclusões da análise feita.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i></p>	<p>Uni.4- Imagem e palavra (II) – Cap. 11– Imagem e palavra (I):</p>	<p><i>Interpretação de documentos visuais (II): expressões explicativas</i></p> <p><i>1-Escolha um documento visual (um desenho, uma propaganda, uma ilustração, uma fotografia,</i></p>	303-304	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar um documento visual, registrar por escrito e em seguida apresentá-lo para a classe e</p>

<p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>anúncio publicitário / Linguagem oral</p>	<p><i>etc.) de alguma das páginas deste livro.</i></p> <p><i>a) Com base nas expressões do quadro anterior, elabore uma folha avulsa um esquema escrito para apresentar esse documento.</i></p> <p><i>b) Reúna-se com alguns colegas e apresente esse documento a eles. Assista à apresentação deles também. De preferência, essas apresentações devem ser gravadas, para posterior escuta e análise. Evite ler o que foi escrito, a fim de que a apresentação oral pareça o mais natural possível.</i></p> <p><i>c) No momento que os seus colegas estiverem fazendo sua apresentação, ouça atentamente e anote as expressões utilizadas por eles.</i></p> <p><i>d) Comparem as diferentes expressões utilizadas e conversem sobre o que poderia ser melhorado em cada explicação.</i></p>		<p>gravar a apresentação.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.4- Imagem e palavra (II) – Cap. 11– Imagem e palavra (I): anúncio publicitário / Linguagem oral</p>	<p><i>Interpretação de documentos visuais (II): expressões explicativas</i></p> <p><i>2-Reúna-se com os colegas que trabalharam com você na atividade anterior e escolham uma das gravações para exibi-la à classe.</i></p> <p><i>Sob a orientação do professor, as equipes vão apresentar as gravações escolhidas. Ao assistir a elas, observe:</i></p> <p><i>a) Foram empregadas as</i></p>	<p>304</p>	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar as gravações das apresentações realizadas em classe.</p>

		<p><i>expressões do quadro?</i></p> <p><i>b) Houve muitos momentos de hesitação?</i></p> <p><i>c) Foi necessário, na exposição, elaborar muitas reformulações?</i></p> <p><i>d) O colega da apresentação gravada parece ter elaborado um esquema por escrito do que ia ser dito?</i></p> <p><i>e) Foi possível compreender a apresentação?</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.4- Imagem e palavra (II) – Cap. 11– Imagem e palavra (I): anúncio publicitário / Linguagem oral</p>	<p><i>Interpretação de documentos visuais (II): expressões explicativas</i></p> <p><i>3-Discuta com todos os colegas e o professor as observações levantadas e registre no caderno as conclusões.</i></p>	304	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar e discutir sobre as observações que os estudantes fizeram das gravações e em seguida fazer um registro escrito.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.2</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Uni.4- Imagem e palavra (II) – Cap. 12– desenho de imprensa/ Linguagem oral</p>	<p><i>Interpretação de documentos visuais (III): perceber e explicar os sentidos</i></p> <p><i>Escolha uma imagem qualquer deste livro e, utilizando essas expressões e as que você estudou no capítulo anterior, apresente-a oralmente a seus colegas.</i></p>	325	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar imagens e elaborar uma apresentação oral.</p>

Em relação ao volume 2 da coletânea *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, também pudemos observar, assim como no primeiro volume, alguma preocupação com o efetivo tratamento da oralidade; no entanto, no presente volume encontram-se 13 atividades de qualidade variável além de várias totalmente equivocadas como, principalmente, aquelas que cobram interpretação de decupagens de textos orais

bem como a própria elaboração de decupagens, no nosso entender, trabalho técnico especializado. Como se pode perceber esse volume nem de longe atende aos parâmetros, por nós estabelecidos, de um bom ensino da oralidade .

Quadro VI

COLETÂNEA	CAPÍTULO	ATIVIDADE	PÁG	ANÁLISE
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i> Autores: FARACO; MOURA.	Unid. 1 – Se eu me lembro bem... – Cap. 1 – Relato mítico / Linguagem oral	Observar o discurso oral alheio: a tomada de notas (I) <i>1-Imagine agora as situações abaixo e pense em algo que evitaria os problemas relatados.</i> <i>a)Você teve um problema de saúde e faltou à aula. Como fará para copiar o resumo da matéria que o professor expôs na classe?</i> <i>b)Um jornalista assiste à fala de um cientista. No fim do dia, precisa produzir uma matéria sobre a descoberta científica. No que ele se baseará?</i> <i>c)Um mês depois de ter assistido um programa de culinária, você decide pôr em prática a receita de merengue explicada. Ainda se lembrará de todos os ingredientes e do modo de preparo?</i> <i>Seria fácil resolver esses problemas se no início de cada situação houvesse sido tomada uma providência simples. Qual?</i>	34	A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre as questões de memória apresentadas.
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i> Autores: FARACO; MOURA.	Unid. 1 – Se eu me lembro bem... – Cap. 1 – Relato mítico / Linguagem oral	Observar o discurso oral alheio: a tomada de notas (I) <i>2-Tomar notas da fala de alguém, para registrar informações essenciais ou necessárias dessa fala, é uma das atividades mais corriqueiras da comunicação cotidiana e também uma das mais úteis. Saber tomar essas notas pode</i>	35	A proposta dessa seção consiste em pesquisa sobre o hábito de tomar notas.

		<p><i>ajudar você a organizar melhor os registros das falas alheias.</i></p> <p><i>As situações expostas na questão 1 provavelmente fizeram você se recordar de outros momentos em que isso acontece.</i></p> <p><i>a) Reúna-se com alguns colegas e compartilhem: em que outras situações de comunicação a atividade de tomar notas a partir da fala alheia se torna fundamental?</i></p> <p><i>b) Apresentem para os demais grupos da classe as situações imaginadas, ouçam os exemplos pensados pelos colegas e, com a ajuda do professor, elaborem uma lista única dos casos.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid. 1 – Se eu me lembro bem... – Cap. 2 – Lenda / Linguagem oral</p>	<p>Observar o discurso oral alheio: a tomada de notas (II)</p> <p><i>Na escola, uma situação que certamente ocorre é a da aula expositiva, ou seja, o professor de alguma disciplina apresenta, na forma de exposição oral, um assunto ou conteúdo que você precisa aprender. Você já reparou nas características desse tipo de exposição oral? Já passou por essa experiência?</i></p> <p><i>Para realizar as atividades aqui propostas, você vai aproveitar uma dessas situações de aula expositiva. Siga as orientações abaixo.</i></p> <p><i>Combine com o professor de Língua Portuguesa qual a aula expositiva – dele ou de outro professor da classe – será anotada.</i></p> <p><i>a) Peça autorização ao professor em questão para gravar a aula dele. Para tanto, providenciem aparelhagem técnica adequada (gravador digital por exemplo).</i></p> <p><i>b) No dia combinado, gravem a aula</i></p>	61	<p>A proposta dessa seção consiste em fazer anotações de uma aula expositiva e compará-las com a gravação dessa aula.</p>

		<p><i>escolhida. Durante essa aula, cada aluno deve fazer em seu caderno de anotações da aula do professor, registrando por escrito as informações que parecem mais importantes ou mais convenientes ao aprendizado.</i></p> <p><i>c)Reúna-se com alguns colegas e comparem as anotações de vocês. Verifiquem as informações coincidentes (as que foram anotadas por mais de um aluno) e registrem-nas numa folha. Verifiquem também as informações que apenas um aluno do grupo anotou. Copiem essas informações em outra parte da folha, separadas das anotações em que houve coincidência nos registros.</i></p> <p><i>d)Releiam todas as anotações feitas e discutam entre si quais lhes parecem mais significativas, que mereceriam ter sido registradas, mas não foram.</i></p> <p><i>e)No dia combinado, exponham o resultado desse trabalho, alguma informação considerada importante pela classe toda deixou de ser anotada por você? Em sua opinião, por que isso ocorreu?</i></p> <p><i>g)Converse com o professor de Língua Portuguesa sobre as conclusões a que chegou. Guarde as anotações deste trabalho, pois elas serão retomadas durante o estudo com o próximo capítulo deste livro.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i></p> <p>Autores:</p>	<p>Unid. 1 – Se eu me lembro bem... – Cap. 3 – Memórias / Linguagem oral</p>	<p><i>Observar o discurso oral alheio: a tomada de notas (III)</i></p> <p><i>No capítulo anterior, a classe reuniu as principais informações obtidas das notas tomadas por todos os alunos ao assistir a uma aula expositiva determinada. A</i></p>	75	<p>A proposta dessa seção consiste em fazer anotações de uma aula expositiva e compará-las com a gravação dessa aula. Registro</p>

FARACO; MOURA.		<p><i>atividade proposta a seguir deve ser feita com base na retomada dessas notas.</i></p> <p><i>Sob a orientação do professor de Língua Portuguesa, a classe deve convidar o professor cuja aula serviu de base para essas atividades de tomadas de notas a participar dessa discussão.</i></p> <p><i>a) Coletivamente, ouçam a gravação que fizeram da aula, conforme sugerido no capítulo 2.</i></p> <p><i>b) O professor que teve a aula gravada deve indicar, daquilo que foi exposto, quais eram as informações ou os pontos essenciais da aula. Façam o registro do que ele disser.</i></p> <p><i>c) Compare as informações que foram registradas com as que foram sintetizadas a partir da atividade descrita no capítulo anterior. Anotem as principais diferenças e semelhanças.</i></p> <p><i>d) Registrem no caderno as conclusões a que chegarem sobre a tomada de notas.</i></p>		escrito das conclusões.
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid. 2 – O Brasil, sob muitos olhares – Cap. 4 – Canções / Linguagem oral</p>	<p><i>Entoação expressiva (I): marcadores de oralidade</i></p> <p><i>O trabalho a seguir vai ajudar você a perceber a entoação expressiva e os marcadores de oralidade por meio da leitura em voz alta. Reúna-se com alguns colegas e sigam estas indicações:</i></p> <p><i>1-A classe inteira, com a ajuda do professor, deve pesquisar pequenos contos em que haja diálogos e selecionar algum deles.</i></p> <p><i>a) Organizem a leitura em voz alta do texto escolhido, procurando dar vida às falas das personagens com a entoação. Distribuam entre vocês os diferentes</i></p>	110- 111	A proposta dessa seção consiste em atividades sobre leitura expressiva de diálogos e análise das mesmas.

		<p><i>papéis: narrador e personagens que dialogam no conto. O texto do conto, embora escrito, provavelmente fornece algumas pistas sobre a maneira como as falas devem ser oralizadas; estejam atentos, por exemplo, às indicações que podem ser percebidas pelo sentido das falas. Observem as marcas de pontuação porque elas dão indícios, no texto escrito, da sintaxe e das marcas de modalização.</i></p> <p><i>b)Pratiquem no grupo a leitura, atentando para os marcadores de oralidade: procurem, ao ler, tornar a leitura o mais natural possível.</i></p> <p><i>c)Quando os grupos estiverem bem preparados, devem, um de cada vez, ler o texto para a classe. Vocês perceberão que, com um mesmo texto, terão sido preparadas diferentes leituras em voz alta.</i></p> <p><i>d)Ao final de todas as leituras, discutam com todos os colegas e o professor as diferenças de sentido obtidas com a leitura em voz alta e a entoação. Observem principalmente os marcadores de oralidade que cada grupo terá introduzido no texto.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3, Autores: FARACO; MOURA.</i></p>	<p>Unid. 2 – O Brasil, sob muitos olhares – Cap. 4 – Canções / Linguagem oral</p>	<p><i>Entoação expressiva (I): marcadores de oralidade</i></p> <p><i>2-Este mesmo trabalho de análise da expressividade da entoação, com os marcadores de oralidade, pode ser feito tomando-se por base um texto oral gravado (por exemplo, o trecho de um capítulo de telenovela ou de um programa de rádio).</i></p> <p><i>a)Esse programa deve ser ouvido por todos, os elementos expressivos devem ser anotados nos grupos e discutidos</i></p>	111	<p>A proposta dessa seção consiste em atividades de pesquisa sobre a expressividade da linguagem oral e o papel da prosódia.</p>

		<p><i>coletivamente com o professor.</i></p> <p><i>b)Se necessário, para melhorar a análise do trecho gravado, façam uma decupagem ou registro por escrito desse texto oral, com suas marcas típicas: hesitação, repetições, etc.</i></p> <p><i>c)Registrem suas conclusões.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid. 2 – O Brasil, sob muitos olhares – Cap. 5 – Micro-história / Linguagem oral</p>	<p><i>Entoação expressiva (II): cadência melódica e expressões corporais</i></p> <p><i>1-Um texto como o de Boris Fausto, típico da língua escrita, apresenta diversos marcadores de expressividade (formas de modalização, ironias, trechos figurativos, entre outros). Localize os trechos em que essa expressividade se faz notar explicitamente.</i></p>	127-128	<p>A proposta dessa seção consiste em localizar marcadores de expressividade em textos escritos.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid. 2 – O Brasil, sob muitos olhares – Cap. 5 – Micro-história / Linguagem oral</p>	<p><i>Entoação expressiva (II): cadência melódica e expressões corporais</i></p> <p><i>2-A leitura em voz alta de um texto que não foi escrito com o propósito de ser lido dessa forma precisa apoiar-se nas marcas de expressividade fornecida pela sintaxe.</i></p> <p><i>a)Reúna-se com alguns colegas e pratiquem a leitura em voz alta do texto, atentando para as marcas expressivas anotadas na questão 1.</i></p> <p><i>b)Apresentem a leitura em voz alta aos outros grupos. Essa leitura deve ser gravada.</i></p>	128	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar o texto escrito visto, lê-lo em voz alta e gravá-lo.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i></p> <p>Autores: FARACO;</p>	<p>Unid. 2 – O Brasil, sob muitos olhares – Cap. 5 – Micro-história / Linguagem oral</p>	<p><i>Entoação expressiva (II): cadência melódica e expressões corporais</i></p> <p><i>3-Comparem as diferentes leituras entre si, quanto à entoação expressiva. Se preciso, ouçam as gravações realizadas. Depois respondam:</i></p> <p><i>a)Foram percebidas muitas diferenças?</i></p>	128	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar e comparar as diversas leituras feitas pelos alunos usando, se preciso, as gravações. Registrar as conclusões</p>

MOURA.		<p><i>b) Houve uma leitura que se destacou por ser muito diferente das demais? Em caso afirmativo, qual foi a causa dessa “diferença”?</i></p> <p><i>c) Quais os trechos em que a leitura apresentou poucas diferenças entre os grupos? Analisem esses trechos do ponto de vista das marcas de expressividade.</i></p> <p><i>d) Registrem suas conclusões no caderno.</i></p>		por escrito.
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid. 2 – O Brasil, sob muitos olhares – Cap. 5 – Micro-história / Linguagem oral</p>	<p>Entoação expressiva (II): cadência melódica e expressões corporais</p> <p><i>4-Ouçam as gravações realizadas e respondam: a leitura ouvida com o auxílio de uma gravação é mais ou menos expressiva do que a leitura ouvida “em tempo real”? Em sua opinião, por que essa diferença ocorre?</i></p>	128	A proposta dessa seção consiste em ouvir a gravação e compará-la com a versão ao vivo.
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid. 2 – O Brasil, sob muitos olhares – Cap. 5 – Micro-história / Linguagem oral</p>	<p>Entoação expressiva (II): cadência melódica e expressões corporais</p> <p><i>5-Por que um telejornal parece ser mais “expressivo” do que um jornal de rádio?</i></p>	128	A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre a expressividade no rádio e na TV.
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid. 2 – O Brasil, sob muitos olhares – Cap. 6 – Gêneros dramáticos / Linguagem oral</p>	<p>Entoação expressiva (III): expressões corporais</p> <p><i>1-Assista a uma cena de telenovela e preste atenção às expressões corporais dos atores. Observe os pontos em comum entre essas expressões e a entoação. Depois, discuta com seus colegas:</i></p> <p><i>a) Que gestos e expressões corporais são mais frequentes em cenas como as que vocês viram?</i></p> <p><i>b) Em sua opinião, o que esses gestos</i></p>	156	A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre a relação expressividade/ expressões corporais.

		significam?		
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i> Autores: FARACO; MOURA.	Unid. 2 – O Brasil, sob muitos olhares – Cap. 6 – Gêneros dramáticos / Linguagem oral	Entoação expressiva (III): expressões corporais <i>2-Nas comunicações mediadas por computador – por exemplo, pelo chat, pelo MSN –, as pessoas têm procurado um modo de expressar visualmente seus gestos e suas expressões corporais em geral. Um jeito de fazer isso é recorrer aos emoticons, que permitem inserir imagens de expressões corporais no texto escrito. Observe a foto. (veja anexo II)</i> <i>Pesquise outros exemplos de emoticons e seus significados.</i>	156	A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir o significados dos emoticons na linguagem escrita da internet.
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i> Autores: FARACO; MOURA.	Unid. 3 – Mundo do trabalho (I) – Cap. 7 – Biografias e relatos de vida / Linguagem oral	Diálogos mantidos a distância (I): níveis de interação dialogal <i>1-Imagine que, em uma aula expositiva, o professor de Biologia explica aos alunos o funcionamento de uma estrutura orgânica do corpo humano. Supondo essa situação, responda:</i> <i>a)Existe interação face a face entre os alunos e o professor?</i> <i>b)O professor e os alunos podem recorrer a expressões mimogestuais?</i> <i>c)A entoação expressiva é um elemento desejável ou indesejável nessa situação? Por quê?</i>	187	A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre expressões corporais, gestos e mímicas.
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i> Autores: FARACO; MOURA.	Unid. 3 – Mundo do trabalho (I) – Cap. 7 – Biografias e relatos de vida / Linguagem oral	Diálogos mantidos a distância (I): níveis de interação dialogal <i>2-Lembre-se da situação em que assistimos a um telejornal. Nesse caso:</i> <i>a)Existe algum tipo de interação face a face entre o apresentador e os espectadores? Em caso afirmativo, como é essa situação?</i>	188	A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre expressões corporais na mídia.

		<p><i>b)Pode-se afirmar que o telejornal apresenta uma situação dialogal? Por quê?</i></p> <p><i>c)É possível algum dos participantes dessa interação usar recursos mimogestuais? Por quê?</i></p> <p><i>d)Existe o assalto do turno?</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid. 3 – Mundo do trabalho (I) – Cap. 7 – Biografias e relatos de vida / Linguagem oral</p>	<p><i>Diálogos mantidos a distância (I): níveis de interação dialogal</i></p> <p><i>3-Imagine essa situação: você está ouvindo uma rádio e chega o momento em que uma propaganda vai ser feita pelo locutor da rádio e transmitida por essa emissora. Nesse caso:</i></p> <p><i>a)Quem são os interlocutores?</i></p> <p><i>b)Existe emoção expressiva? Em caso afirmativo, que função ela desempenha?</i></p> <p><i>c)Quais características do oral estão ausentes nesse tipo de interação?</i></p> <p><i>d)Existe expressão corporal? Em caso afirmativo, que função ela desempenha?</i></p> <p><i>e)Os interlocutores podem interferir na comunicação?</i></p>	188	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre a expressividade na linguagem de rádio.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid. 3 – Mundo do trabalho (I) – Cap. 7 – Biografias e relatos de vida / Linguagem oral</p>	<p><i>Diálogos mantidos a distância (I): níveis de interação dialogal</i></p> <p><i>4-Imagine uma conversa telefônica entre duas pessoas. Nesse caso:</i></p> <p><i>a)Como se inicia a interação oral?</i></p> <p><i>b)Há marcadores de oralidade nessa interação?</i></p> <p><i>c)Existe assalto de turno?</i></p>	188	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre o gênero conversação telefônica.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação</i></p>	<p>Unid. 3 – Mundo do trabalho (I) – Cap. 7 –</p>	<p><i>Diálogos mantidos a distância (I): níveis de interação dialogal</i></p> <p><i>5-Depois de analisar as situações das questões</i></p>	188	<p>A proposta dessa seção consiste em refletir sobre características do</p>

vol.3 Autores: FARACO; MOURA.	Biografias e relatos de vida / Linguagem oral	<i>1 a 4, responda: quais delas caracterizam formas de diálogo?</i>		diálogo.
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação</i> vol.3 Autores: FARACO; MOURA.	Unid. 3 – Mundo do trabalho (I) – Cap. 7 – Biografias e relatos de vida / Linguagem oral	<i>Diálogos mantidos a distância (I): níveis de interação dialogal</i> <i>6-Tendo em mente suas respostas anteriores, como você definiria um diálogo?</i>	188	Definição de diálogo
<i>Língua portuguesa: linguagem e interação</i> vol.3 Autores: FARACO; MOURA.	Unid. 3 – Mundo do trabalho (I) – Cap. 8 – Carta pessoal / Linguagem oral	<i>Diálogos mantidos a distância (II): tipos de diálogo</i> <i>A proposta desta seção é trabalhar diálogos em presença e a distância a partir de algumas situações de comunicação oral. O professor vai coordenar os trabalhos. Siga as orientações abaixo.</i> <i>a)Cite para a classe situações de comunicação oral que você imagina corresponderem a um e a outro desses dois tipos de diálogo.</i> <i>b)A partir das respostas ao item a, você e seus colegas vão formular duas listas de situações dialogais (em presença e a distância).</i> <i>c)A classe deve organizar-se em um número par de grupos. Cada equipe vai gravar e fazer a transcrição (decupagem) de um tipo de situação dialogal que consta das listas formuladas, de modo que haja igual número de situações de diálogos em presença e a distância.</i> <i>d)Feitas as gravações e as transcrições,</i>	218	A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre características de diálogo a distância e ao vivo.

		<p><i>analisem o material encontrado de acordo com o roteiro a seguir:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Há ou não expressões mimogestuais?</i> • <i>Há ou não entoação expressiva?</i> • <i>Há ou não entoação gramatical?</i> • <i>O diálogo analisado é produto de um roteiro previamente escrito ou ele se desenrola sem apoio da escrita?</i> • <i>Há algum trecho do diálogo gravado que se caracteriza pela presença de leitura em voz alta?</i> • <i>Há marcas de hesitação ou expressões fáticas?</i> • <i>Há pausas ou sobreposições de voz?</i> • <i>O assalto do turno é frequente?</i> • <i>Existe algum tipo de sinalização que indique a um dos interlocutores que chegou a vez dele de falar?</i> • <i>A situação de comunicação é menos ou mais formal? O que vocês observam sobre o nível de linguagem utilizado pelos interlocutores?</i> <p><i>e) Discutam com o professor os resultados dessa análise e formulem conclusões a respeito das características do diálogo a distância.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação</i></p>	<p>Unid. 3 – Mundo do trabalho (I) – Cap. 9 –</p>	<p><i>Diálogos mantidos a distância (III): protocolos linguageiros</i></p> <p><i>1-Observe atentamente uma conversa telefônica que você manteve (com quem</i></p>	<p>246- 247</p>	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre características de</p>

<p>vol.3</p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Entrevista concedida por especialista / Linguagem oral</p>	<p><i>quer que seja) e anote:</i></p> <p><i>a)As perguntas feitas pelos interlocutores (você a pessoa com quem você conversar).</i></p> <p><i>b) As expressões utilizadas por ambos os interlocutores, que por algum motivo chamem sua atenção.</i></p> <p><i>c)As expressões utilizadas ou os meios que permitem a você perceber que é a sua vez de tomar a palavra.</i></p> <p><i>d)As marcas típicas do oral presentes na fala, tanto na sua quanto na de seu interlocutor (hesitação,, expressões fáticas, pausas, etc.).</i></p> <p><i>e)A maneira como se inicia e se encerra a conversa.</i></p> <p><i>f)Na data combinada com o professor, compartilhe suas anotações com os colegas e formulem juntos o protocolo linguageiro da conversa telefônica.</i></p>		<p>diálogo a distância.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação</i> vol.3</p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid. 3 – Mundo do trabalho (I) – Cap. 9 – Entrevista concedida por especialista / Linguagem</p>	<p><i>Diálogos mantidos a distância (III): protocolos linguageiros</i></p> <p><i>2-Outras situações de diálogo mantido a distância têm também seus protocolos linguageiros. Reúna-se com alguns colegas e pesquisem essas situações. Por exemplo:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <i>• A conversa pelo mensageiro eletrônico do computador via microfone e alto-falante.</i> <i>• A conversa pelo transmissor de rádio (comum entre alguns profissionais, como policiais e agentes de segurança).</i> <i>• A teleconferência (por meio do recurso viva-voz vários interlocutores podem participar</i> 	247	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre características de diálogo a distância.</p>

		<p><i>de um diálogo pelo telefone.</i></p> <p><i>a)Os protocolos linguageiros devem ser observados e analisados. Essas situações (e outras, que a classe considerar) podem ser observadas a partir de gravações em filmes, telenovelas e outros gêneros de ficção, é possível encontrar diversas situações que nos permitem analisar os protocolos linguageiros dos gêneros do diálogo mantido a distância.</i></p> <p><i>b)Compartilhem as análises com toda classe e formulem conclusões.</i></p>		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid. 4 – Mundo do trabalho (II) – Cap. 10 – Correspondência formal argumentativa / Linguagem</p>	<p>Mesa-redonda (I)</p> <p><i>1-Leitura em voz alta:</i></p> <p><i>a)Retome a entrevista que você fez no capítulo 9 (seção “Produção escrita”). Releia essa entrevista atentamente e, com base nas informações obtidas a partir dela, produza um ensaio sobre o cotidiano e as formas de atuação profissional de seu entrevistado.</i></p> <p><i>b)Na data combinada com o professor, prepare a leitura em voz alta de seu texto. Se preciso, retome o que você já sabe sobre leitura em voz alta e sobre entoação expressiva.</i></p> <p><i>c)Você e seus colegas vão organizar uma sessão de leitura em voz alta dos textos. Não se esqueça de que cada um de vocês vai desempenhar dois papéis nessa sessão: o de leitor e o de ouvinte:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <i>No papel de leitor, fique atento ao sentido de seu próprio texto e tente, por meio dos recursos orais, ser o mais claro possível, de modo que todos possam compreender o que você lê.</i> 	280	<p>A proposta dessa seção consiste em atividades de leitura de texto em voz alta e sua escuta.</p>

		<ul style="list-style-type: none"> No papel de ouvinte, preste atenção ao que seus colegas lerem em voz alta e tome nota das principais informações e dos argumentos contidos no texto lido. Preste atenção àquilo que não ficar claro para você, anote as dúvidas que tiver, o que não compreendeu da leitura, etc. 		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid. 4 – Mundo do trabalho (II) – Cap. 10 – Correspondência formal argumentativa / Linguagem</p>	<p>Mesa-redonda (I)</p> <p>2-Exposição oral:</p> <p>a)Reúna com alguns colegas e discutam:</p> <ul style="list-style-type: none"> Quais são as principais ideias dos textos lidos; Quais são os aspectos anotados por todos do grupo; Que problemas surgiram durante as leituras. <p>b)Organizem uma exposição oral a partir dessa discussão.</p> <p>c)Com a ajuda do professor, façam a exposição para a classe, apresentando o resultado da discussão. Se preciso, relembrem as características da exposição oral.</p>	280-281	<p>A proposta dessa seção consiste em atividade de exposição oral a partir da reflexão sobre o texto.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid. 4 – Mundo do trabalho (II) – Cap. 10 – Correspondência formal argumentativa / Linguagem</p>	<p>Mesa-redonda (I)</p> <p>3-O debate regrado:</p> <p>Com a ajuda do professor, organizem um pequeno debate regrado – o professor poderá ser o mediador desse debate – para pôr em discussão as ideias apresentadas nas exposições orais. Escolham um membro de cada grupo para debater.</p>	281	<p>A proposta dessa seção consiste em fazer um debate regrado para discutir as ideias apresentadas nas exposições orais.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid. 4 – Mundo do trabalho (II) – Cap. 10 – Correspondência formal argumentativa / Linguagem</p>	<p>Mesa-redonda (II)</p> <p>1-Ouçã a gravação de sua própria leitura</p>	314	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre</p>

<p><i>interação</i> <i>vol.3</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Cap. 11 – Dissertação em prosa / Linguagem</p>	<p><i>em voz alta e anote os principais problemas que você perceber quanto às características desse gênero.</i></p>		<p>características de exposição oral gravada.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação</i> <i>vol.3</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid. 4 – Mundo do trabalho (II) – Cap. 11 – Dissertação em prosa / Linguagem</p>	<p>Mesa-redonda (II)</p> <p><i>2-Reúna-se com alguns colegas para ouvir a gravação das exposições orais. Durante a escuta, observem:</i></p> <p><i>a)O que lhes chamou a atenção?</i></p> <p><i>b)Todas as exposições seguiram a mesma organização?</i></p> <p><i>c)Foram usados recursos – além da própria fala – tais como fotografias e imagens, slides, gestos, entre outros, na hora de expor?</i></p> <p><i>d)Houve algo que “atrapalhou” alguma exposição? Em caso afirmativo, o que foi? Isso poderia ter sido evitado?</i></p> <p><i>e)Se fosse possível modificar alguma coisa das exposições gravadas, o que vocês mudariam? Por quê?</i></p>	314	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre características de exposição oral.</p>
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação</i> <i>vol.3</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid. 4 – Mundo do trabalho (II) – Cap. 11 – Dissertação em prosa / Linguagem</p>	<p>Mesa-redonda (II)</p> <p><i>3- Reúna-se com alguns colegas e ouçam a gravação do debate regrado. Ao escutar, observem bem:</i></p> <p><i>a)O papel do mediador:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Ele soube controlar o tempo de fala?</i> • <i>Conseguiu dar início ao debate, apresentando claramente a questão polêmica ou o tema a ser debatido?</i> • <i>Houve momentos em que precisou interromper a fala de um dos</i> 	314- 315	<p>A proposta dessa seção consiste em observar e refletir sobre características do debate regrado.</p>

		<p><i>debatedores? Se isso aconteceu, como ele o fez?</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Como foi feito o fecho do debate?</i> <p><i>b)O papel dos ouvintes:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Os ouvintes prestaram atenção à fala dos debatedores?</i> • <i>Houve algum ouvinte que interveio diretamente no debate (ou seja, falou diretamente, dirigindo-se aos debatedores)? Se isso aconteceu, por que esse ouvinte o fez?</i> • <i>Na situação descrita no item anterior, como o mediador reagiu? O que ele fez?</i> • <i>E os outros ouvintes, o que fizeram?</i> • <i>Em algum momento o mediador convocou a voz dos ouvintes, incitando-os a também participar do debate? Se isso aconteceu, por que ele o fez?</i> <p><i>c)O conteúdo do debate</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>As posições defendidas e as opiniões dos debatedores ficaram claras para quem ouvia? Se isso não aconteceu, o que na opinião de vocês, prejudicou o debate?</i> • <i>O mediador fez perguntas aos debatedores? Essas perguntas pareciam, para quem ouvia o debate, pertinentes ao tema ou fugiam dele?</i> • <i>Os debatedores procuraram se ater ao tema ou fugiram da</i> 	
--	--	--	--

		<p><i>questão discutida?</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Algum debatedor mudou de opinião durante o debate? Se isso aconteceu, por que ele o fez?</i> • <i>Na opinião do grupo, que debatedor lhes pareceu mais convincente, mais persuasivo? Por quê?</i> • <i>Durante a execução do debate, foi importante ouvir atentamente os debatedores? Por quê?</i> 		
<p><i>Língua portuguesa: linguagem e interação vol.3</i></p> <p>Autores: FARACO; MOURA.</p>	<p>Unid. 4 – Mundo do trabalho (II) – Cap. 12 – Discurso político / Linguagem</p>	<p>Mesa-redonda (III)</p> <p><i>Levando em conta as características indicadas anteriormente nesta seção e com base nas explicações a respeito da organização da mesa-redonda, você e seus colegas vão organizar uma mesa-redonda sobre a questão das cotas de acesso à universidade (tema dos textos 1-2) ou outro tema polêmico qualquer, de interesse de todos.</i></p> <p><i>a)Para tanto, deve-se escolher quem serão os interventores e quem constituirá a plateia. O professor fará o papel de moderador.</i></p> <p><i>b)Caberá a toda classe ajudar os interventores a se prepararem para a mesa-redonda.</i></p> <p><i>c)Essa mesa-redonda poderá ser gravada (em áudio ou vídeo) e, na data combinada com o professor, a gravação ajudará a classe a avaliar sua própria produção oral.</i></p> <p><i>Para essa produção, recuperem as informações das seções de “Linguagem oral” dos capítulos 10 e 11.</i></p>	347-348	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre características de mesa-redonda.</p>

No volume 3 da coletânea *Língua Portuguesa: linguagem e interação*, encontram-se 8 atividades que se desviam do objetivo almejado; apesar de mais uma vez termos observado alguma preocupação, por parte dos autores, com o efetivo tratamento da oralidade, como o entendemos.

. Como se pode ver, mesmo na melhor dessas coletâneas, o ensino da oralidade é ainda deficiente e às vezes equivocado: nem de logo atendem aos requisitos de um bom ensino da oralidade.

Quadro VII

COLETÂNEA	CAPÍTULO	ATIVIDADE	PÁG	ANÁLISE
<p><i>Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto vol.1</i></p> <p>Autores:</p> <p>CAMPOS; TARDELLI; ODA; TOLEDO.</p>	<p>Parte II – Língua / Unid. 2 – As teias do texto / Cap. 4 – Fala e escrita</p>	<p><i>1-Leia o trecho de uma entrevista em que foram preservadas marcas de oralidade.</i></p> <p><i>a)Essa entrevista foi realizada com finalidade de pesquisa acadêmica. Com base no texto, identifique: o perfil do profissional entrevistado e o tema sobre o qual o entrevistador e entrevistado conversam.</i></p> <p><i>b)A expressão né funciona como uma marca de oralidade, recorrente na primeira e na última fala do entrevistado. O que esse marcador indica no discurso? Que função ele cumpre?</i></p> <p><i>c)O adversário de lugar aí costuma ser usado por muitas pessoas quando contam ou relatam algo. Em geral, funciona como um marcador de continuidade. Releia as partes destacadas antes e depois dele, observe a relação que existe entre elas e indique que outra função o adversário está exercendo na relação entre essas partes.</i></p>	218	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre marcas de oralidade.</p>

		<p>d) Como você já teve oportunidade de ler, uma das características da oralidade é que não se pode apagar o que se diz. As correções, quando são feitas, ficam expostas ao interlocutor. Transcreva o trecho da fala do entrevistado em que há uma correção.</p> <p>e) Você considera o clima dessa entrevista formal ou informal?</p>		
<p><i>Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto vol.1</i></p> <p>Autores:</p> <p>CAMPOS; TARDELLI; ODA; TOLEDO.</p>	<p>Parte II – Língua / Unid. 2 – As teias do texto / Cap. 4 – Fala e escrita</p>	<p>2-A citação a seguir foi retirada de um livro que trata da oralidade no teatro. Leia-o e responda às questões. (veja anexo III)</p> <p>a) Indique quais são os dois produtos textuais a que o trecho se refere e em quais modalidades da língua esses textos se realizam.</p> <p>b) Releia a afirmação em destaque no trecho. Explique qual é a relação entre essa afirmação e a realização da língua em duas modalidades diferentes.</p>	218- 219	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre características da linguagem oral no teatro.</p>
<p><i>Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto vol.1</i></p> <p>Autores:</p> <p>CAMPOS; TARDELLI; ODA; TOLEDO.</p>	<p>Parte II – Língua / Unid. 3 – Estrutura e formação de palavras / Cap. 12 – Formação de palavras: derivação</p>	<p>A correção na fala</p> <p>1-Essa entrevista foi concedida pelo cantor oralmente e, posteriormente, registrada por escrito. O registro manteve os marcadores prosódicos, como as pausas. Como elas estão representadas?</p>	300	<p>A proposta dessa seção consiste em observar características prosódicas da pausa.</p>
<p><i>Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto vol.1</i></p> <p>Autores:</p>	<p>Parte II – Língua / Unid. 3 – Estrutura e formação de palavras / Cap. 12 – Formação</p>	<p>A correção na fala</p> <p>2-Quais marcadores discursivos verbais o falante emprega para fazer correções em sua fala?</p>	300	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar a autocorreção da fala.</p>

CAMPOS; TARDELLI; ODA; TOLEDO.	de palavras: derivação			
<i>Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto vol.1</i> Autores: CAMPOS; TARDELLI; ODA; TOLEDO.	Parte II – Língua / Unid. 3 – Estrutura e formação de palavras / Cap. 12 – Formação de palavras: derivação	<i>A correção na fala</i> <i>3-Que tipos de correção foram feitos?</i>	300	A proposta dessa seção consiste em analisar o texto e verificar que tipos de correção foram feitos.

Como se pode observar nas análises apresentadas do volume 1 da coletânea *Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto*, as atividades apresentam sérias deficiências no tratamento que propõem para a oralidade. Constata-se que os autores se preocupam muito mais com teorias e análises linguísticas de textos orais do que com o tratamento da oralidade. No volume em questão, não há nenhuma atividade que leve o aluno a usar a língua oral, somente a refletir sobre a língua oral em oposição a língua escrita. Dessa forma, concluímos que o volume não atende às exigências apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) da língua portuguesa.

Quadro VIII

COLETÂNEA	CAPÍTULO	ATIVIDADE	PÁG	ANÁLISE
<i>Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto vol.2</i> Autores: CAMPOS; TARDELLI; ODA; TOLEDO.	Parte II – Língua / Unid. 2 – Expressões que nomeiam e avaliam o mundo / Cap. 4 – Oralidade: o oral e o escrito nos folhetos de cordel	<i>1-Os folhetos têm fórmulas e padrões de composição semelhantes aos encontrados nas narrativas orais, o que torna mais fácil a memorização e a declamação ou leitura.</i> <i>A primeira estrofe, por exemplo, tem 10 versos, todos com 7 sílabas poéticas.</i> <i>a)Copie algumas das rimas usadas.</i> <i>b)As características aqui levantadas se</i>	232	A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre características do gênero cordel.

		<p><i>repetem nas demais estrofes?</i></p> <p><i>c) Considerando o que já foi dito sobre o cordel, levante uma hipótese sobre essa forma do poema.</i></p>		
<p><i>Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto vol.2</i></p> <p>Autores: CAMPOS; TARDELLI; ODA; TOLEDO.</p>	<p>Parte II – Língua / Unid. 2 – Expressões que nomeiam e avaliam o mundo / Cap. 4 – Oralidade: o oral e o escrito nos folhetos de cordel</p>	<p><i>2-Em uma narrativa oral, o cenário e a personagem são apresentados e caracterizados no início para situar o leitor na história. (veja anexo III)</i></p> <p><i>a) Como a sogra é apresentada nos primeiros versos?</i></p> <p><i>b) Por que, logo em seguida, o narrador apresenta as testemunhas do caso e o local em que ocorreu?</i></p>	232	<p>A proposta dessa seção consiste em caracterizar a narrativa de cordel.</p>
<p><i>Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto vol.2</i></p> <p>Autores: CAMPOS; TARDELLI; ODA; TOLEDO.</p>	<p>Parte II – Língua / Unid. 2 – Expressões que nomeiam e avaliam o mundo / Cap. 4 – Oralidade: o oral e o escrito nos folhetos de cordel</p>	<p><i>3-No cordel também há outra marca forte de oralidade que é o uso do discurso direto. Qual a função do discurso direto e por que é usado?</i></p>	232	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre o discurso direto no cordel.</p>
<p><i>Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto vol.2</i></p> <p>Autores: CAMPOS; TARDELLI; ODA;</p>	<p>Parte II – Língua / Unid. 2 – Expressões que nomeiam e avaliam o mundo / Cap. 4 – Oralidade: o oral e o escrito nos folhetos de cordel</p>	<p><i>4-Apesar de ser possível abordar qualquer temática em um cordel, é muito comum a presença do místico, do religioso, da morte, do destino. No cordel aqui analisado, a temática está muito presente no imaginário popular de forma geral. Qual é o tema?</i></p>	232	<p>A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre o tema do cordel.</p>

TOLEDO.				
<i>Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto vol.2</i> Autores: CAMPOS; TARDELLI; ODA; TOLEDO.	Parte II – Língua / Unid. 2 – Expressões que nomeiam e avaliam o mundo / Cap. 4 – Oralidade: o oral e o escrito nos folhetos de cordel	<i>5-Identifique, no cordel, palavras que remetem ao uso popular oral.</i>	232	A proposta dessa seção consiste em localizar no cordel palavras de uso popular.
<i>Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto vol.2</i> Autores: CAMPOS; TARDELLI; ODA; TOLEDO.	Parte II – Língua / Unid. 3 – A expressão da ação, do estado e dos modos de ser / Cap. 6 – Oralidade: o gerundismo	<i>2-Considerando o significado do verbo limar usado pelo rato, podemos dizer que ele sugere a extinção do gerundismo ou o correto uso dele? Consulte um dicionário, se necessário.</i>	270	A proposta dessa seção consiste em refletir sobre características da gíria.
<i>Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto vol.2</i> Autores: CAMPOS; TARDELLI; ODA; TOLEDO.	Parte II – Língua / Unid. 3 – A expressão da ação, do estado e dos modos de ser / Cap. 6 – Oralidade: o gerundismo	<i>3-Indique outra forma de construir as orações em que a personagem usou o gerúndio.</i>	270	A proposta dessa seção consiste em refletir sobre o gerundismo.

Assim como no volume 1 da coletânea *Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto*, no volume 2 as atividades, também, apresentam sérias deficiências no tratamento que propõem para a oralidade. Constata-se, mais uma vez, que os autores se preocupam muito mais com teorias e análises linguísticas de textos orais do que com o tratamento da oralidade. No volume em questão, não há nenhuma atividade que leve o aluno a usar a língua oral, somente a refletir sobre a língua oral em oposição a língua escrita. Dessa forma, concluímos que o volume não atende às exigências apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) da língua portuguesa.

Quadro IX

COLETÂNEA	CAPÍTULO	ATIVIDADE	PÁG	ANÁLISE
<i>Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto vol.3</i> Autores: CAMPOS; TARDELLI; ODA; TOLEDO.	Língua / Unid. 1 – Selecionar e combinar: a língua e suas relações / Cap.6 – Oralidades: entonação	<i>4-A voz da personagem não se expressa apenas pela palavra, mas também por recursos linguísticos que destacam o ritmo e a entonação da fala. Esses recursos desempenham diferentes funções no texto: expressam sentimentos, apresentam o universo da personagem, estabelecem contato com o interlocutor. Releia os trechos destacados no conto e identifique as funções desses recursos na construção da personagem Totonha.</i>	264	A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre o ritmo e entonação.
<i>Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto vol.3</i> Autores: CAMPOS; TARDELLI; ODA; TOLEDO.	Língua / Unid. 3 – Relações em acordo e colocação pronominal / Cap.13 – Oralidades: A norma-padrão na oralidade	<i>1-O discurso de formatura foi feito por um formando e inclui marcas de informalidade e outras de formalidade. Localize, no texto, exemplos de vocabulários que evidenciem essas marcas.</i>	342	A proposta dessa seção consiste em analisar e refletir sobre características da linguagem oral.
<i>Vozes do mundo:</i>	Língua / Unid. 3 – Relações em	<i>2-O discurso é um gênero que dialoga com a oralidade, pois será lido, mas</i>	342	A proposta dessa seção consiste

<i>literatura, língua e produção de texto vol.3</i> Autores: CAMPOS; TARDELLI; ODA; TOLEDO.	acordo e colocação pronominal / Cap.13 – Oralidades: A norma-padrão na oralidade	<i>também dialoga com a escrita, pois foi previamente preparado. Transcreva do discurso uma marca típica da oralidade.</i>		em identificar marcas de oralidade.
<i>Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto vol.3</i> Autores: CAMPOS; TARDELLI; ODA; TOLEDO.	Língua / Unid. 3 – Relações em acordo e colocação pronominal / Cap.13 – Oralidades: A norma-padrão na oralidade	<i>4-Pensando em uma linha contínua que vai do nível mais formal da língua ao mais informal, de qual dos polos o discurso de formatura se aproxima? Justifique, considerando o contexto de produção.</i>	342	A proposta dessa seção consiste em refletir sobre características da linguagem oral e da linguagem escrita.

Assim como nos volumes 1 e 2 da coletânea *Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto*, no volume 3 as atividades, também, apresentam sérias deficiências no tratamento que propõem para a oralidade. Constata-se, mais uma vez, que os autores se preocupam muito mais com teorias e análises linguísticas de textos orais do que com o tratamento da oralidade. Na coletânea em questão, não há nenhuma atividade que leve o aluno a usar a língua oral, somente a refletir sobre a língua oral em oposição a língua escrita. Dessa forma, concluímos que o volume não atende às exigências apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) da língua portuguesa.

A fim de colaborarmos com o tratamento da oralidade nas aulas de Língua Portuguesa, apresentamos a seguir algumas considerações e sugestões.

4.2- PROPOSTA PEDAGÓGICA

Durante as análises das atividades, apresentadas nos 9 volumes de livros didáticos analisados, nos questionamos como deveríamos conciliar a prática de ensino aprendizagem de oratória de maneira produtiva e equilibrada. Para tanto partimos do princípio de que é na escola que se ensina o uso das modalidades oral e escrita da linguagem em instância pública e, junto com ele, a chamada variedade linguística padrão. É notório que a criança chega à escola já sabendo usar a linguagem em diferentes situações, evidenciando o conhecimento das regras de uso da língua em instâncias privadas. Assim, vai buscar aprender a falar, a ler e a escrever, a partir do conhecimento que já possui, em situações que requerem o domínio da língua padrão. Será justamente na escola que ela terá oportunidade de desenvolver a sua competência discursiva.

Repetimos, em seguida, os parâmetros que guiaram nossa análise do *corpus* e que, no nosso entender, devem ser perseguidos para que o ensino da oralidade na escola atinja sua excelência:

- 1) Em primeiro lugar, defendemos que cabe ao professor elaborar estratégias a fim de que seus alunos se relacionem com diversos gêneros orais formais, levando em consideração aspectos estruturais, formais e reais situações de uso.
- 2) Acreditamos que os trabalhos de sala de aula devem seguir uma metodologia que priorize uma orientação para os discentes que não dominam as tarefas com a oralidade. Assim, consideramos importante que os exercícios práticos sejam precedidos de uma explicação sobre os gêneros abordados e sobre todos os aspectos envolvidos na comunicação oral.
- 3) Entendemos, também, que a frequência das atividades é um aspecto da maior relevância para que o ensino da oralidade seja efetivo. Deve-se, portanto, reservar um espaço considerável para as atividades orais.
- 4) As atividades devem contemplar, além dos aspectos linguístico-discursivos, os aspectos paralinguísticos:

- A voz, incluindo exercícios de vocalização, treinamento do ritmo da fala, do uso das pausas e do silêncio, da intensidade e do volume da voz;
- A ortoepia e a prosódia, a entonação adequada;
- A postura corporal: como postar-se à tribuna, à mesa, em pé, assentado, diante ou não do microfone;
- O deslocamento do orador no espaço disponível;
- Os gestos: principalmente das mãos, mas também dos ombros, da cabeça, dos pés e pernas;
- A mímica facial: trejeitos e sorrisos;
- O olhar: modo como estabelece o contato visual com o público;
- A aparência: vestuário e acessórios, higiene.

5) Além disso, é de grande importância a cobrança de comportamentos pautados pelas máximas conversacionais de Grice e pelas máximas de polidez de Leech.

6) Em relação ao comportamento na conversação, deve-se também enfatizar que sobrefalas e tomadas intempestivas de turno devem ser evitadas.

7) Devem ser incluídos também exercícios de memorização bem como o treinamento do uso de tecnologias auxiliares: *prompts*, projetores multimídia, PowerPoint, ponto eletrônico, etc.

8) Atividades de improviso devem ser propostas.

9) Por fim, as atividades orais devem ser gravadas em vídeo para que o aprendiz possa se auto-avaliar e acompanhar seu próprio desenvolvimento.

Além desses parâmetros, ao refletirmos sobre como deve ser trabalhada a oralidade em sala de aula, nossa prática como docente de Língua Portuguesa nos levou a refletir sobre o trabalho que executamos com a sequência didática durante a produção textual escrita. Concluímos que os textos orais também necessitam de uma preparação prévia, apesar de termos consciência de que a nossa grande preparação acontece ao longo de toda nossa vida e que todo conhecimento adquirido será útil durante nossa produção oral.

Em decorrência dessas reflexões, nossa proposta de tratamento da oralidade também se baseia em uma sequência didática. Uma sequência didática é um trabalho organizado de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito e serve para dar acesso aos alunos às práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis. Quando se depara com um assunto novo, o aluno recorre a sua bagagem sócio cognitiva, ou seja, aos conhecimentos adquiridos em suas experiências anteriores,

vividas dentro e fora do ambiente escolar. Esses conhecimentos prévios determinam em boa parte as informações que ele selecionará, como as organizará e que tipo de relações estabelecerá entre elas. Por isso, sempre é importante que o docente realize uma sondagem sobre o que seus alunos sabem e sobre o que precisam saber a respeito do conteúdo a ser estudado. Como toda boa sequência didática, cada professor poderá avaliar a quantidade de módulos necessária para a sua(s) turma(s); essa variação da quantidade de módulos nas sequências dependerá das reais necessidades de cada turma. No caso em pauta, as sequências didáticas é que capacitarão nossos alunos para a utilização de gêneros orais mais formais. Dessa maneira, antes de iniciar qualquer tipo de atividade em sala de aula, deve-se promover uma discussão sobre o que seja uma oralidade tratada. Apresentamos a seguir nossa sugestão de trabalho.

Iniciam-se as atividades com a apresentação da situação aos alunos de maneira detalhada e clara: sugerimos a análise do gênero oral que pretendemos trabalhar. É essencial considerarem-se no planejamento do nosso texto oral os seguintes itens: o que pretendemos transmitir?; quem será(serão) nosso(s) ouvinte(s) ou interlocutor(es)?; Onde se está falando?; para que se está falando? Não se pode deixar de ressaltar, aos discentes, o fato de termos de adaptar nossa linguagem de acordo com o contexto, interlocutor e ambiente em que estamos inseridos. Assim, como nos textos escritos, essa adequação é de extrema importância nos textos orais. Caso contrário, corremos o sério risco de nos tornarmos pedantes ou desagradáveis. A falta de adequação pode provocar constrangimento. Imagine qual seria a reação das pessoas ao observarem alguém entrando de biquíni em uma igreja durante uma cerimônia de casamento! Somente o fato de entrar de biquíni em uma igreja já seria completamente constrangedor, imaginem em um casamento. É esse tipo de conhecimento que devemos passar para os nossos alunos.

Durante a apresentação da situação é importante, também, pensarmos na fala, pois o que se pretende com essas aulas é aprender a “falar bem”. Devemos expor aos discentes o porquê pretendemos “falar bem”, enfim, quais são as necessidades do cidadão. Esse assunto é muito interessante e podemos iniciar apresentando um vídeo ou mesmo textos sobre a apresentação oral e fazer um breve debate com a turma sobre a importância de se saber se posicionar oralmente e argumentar.

Após a apresentação da situação os alunos apresentarão a primeira produção oral. É muito interessante que o professor e a classe se organizem para realizar a

gravação das exposições. Essa primeira produção constitui um momento de observação que permitirá ao professor aprimorar a sequência, modulá-la e adaptá-la de maneira mais precisa às capacidades reais dos alunos de uma dada turma. Obviamente esta primeira produção não será avaliada. Ela apenas servirá de base para a elaboração dos módulos da sequência didática.

Nosso próximo passo é iniciarmos o trabalho com os módulos: essa etapa foca o trabalho com os problemas que foram apresentados, naturalmente, na primeira produção e a sua solução, por meio de instrumentos que o professor disponibilizará a seus alunos para superá-los. A produção de textos orais é um processo complexo, com vários níveis simultaneamente funcionando na mente do indivíduo. Esquemáticamente, e inspirando-nos nas abordagens da psicologia da linguagem, podem-se distinguir quatro níveis principais na produção de textos orais: a) representação da situação de comunicação; b) elaboração dos conteúdos; c) planejamento da produção oral, levando em consideração os parâmetros apresentados; d) realização da atividade oral escolhida. Em cada módulo, é muito importante propor atividades da forma mais diversificada possível, dando, assim, a cada aluno a possibilidade de ter acesso, por diferentes vias, às noções e aos instrumentos, aumentando, desse modo, suas chances de sucesso na versão final da atividade em questão.

A sequência didática é finalizada com a produção oral final que dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos. Essa produção permite, também, ao professor realizar uma avaliação somativa assentada em critérios elaborados ao longo da sequência. A avaliação é uma questão de comunicação e de trocas, nas quais os professores são orientados para uma atitude humanista, responsável e profissional; mas o importante é frisar que esse tipo de avaliação será realizado, em geral sobre a produção final.

Assim, as atividades com módulos didáticos podem ser adaptadas de acordo com os gêneros e necessidades das turmas envolvidas nas atividades. O número de módulos irá variar de acordo com as necessidades apresentadas pela classe.

É importante ressaltarmos que nossa proposta de tratamento de oralidade é perfeitamente adaptável aos diversos gêneros orais existentes. Como sugestão, apresentamos uma gama de possibilidades, mais ou menos formais, que podem ser escolhidas para serem trabalhadas em sala de aula: seminários, júris simulados,

entrevistas, debates políticos, debates regrados, círculos de debate, contação de histórias, leitura em voz alta, declamação de poemas, encenações teatrais, mesas redondas, comunicações em eventos, palestras, conferências, aulas, arguições e defesas de teses, monografias, dissertações e memoriais, discursos, exposições, exame orais, colóquios, aulas em vídeo, aulas pelo rádio, reportagens, comentários, sermões, rezas, consultas médicas, tomadas de depoimento, recados, telefonemas, avisos, locuções no rádio e na TV, conversações mais ou menos formais, etc.

Na nossa proposta de trabalho, o professor tem a liberdade de escolher o gênero oral de sua preferência e elaborar a sequência didática de acordo com a necessidade de cada turma. Ressaltamos, mais uma vez, a importância de gravarmos a primeira e a última exposição oral para que a turma e o próprio orador percebam como ocorreu a evolução da apresentação durante o trabalho com os módulos.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após termos concluído as análises dos livros didáticos, observamos que:

- 1) em todas as coleções analisadas, o número de atividades orais apresentadas é muito pequeno;
- 2) as atividades apresentadas não atendem absolutamente aos parâmetros por nós estabelecidos para um ensino de oralidade adequado;
- 3) as atividades nem sempre propiciam oportunidade para os alunos se comunicarem oralmente;
- 4) as atividades na maioria das vezes se restringem a reflexões sobre a oralidade, buscando mostrar as diferenças oral/escrito.
- 5) as atividades se restringem a muito poucos gêneros orais.

Em suma, a nossa análise evidenciou uma grande fragilidade das propostas para tratamento da oralidade, o que, sob nosso ponto de vista, reflete o fato de que os autores ainda não estão preparados para essa tarefa.

Durante a leitura do Catálogo do Programa Nacional dos Livros para o Ensino Médio PNLEM 2009, conforme afirmamos no início da presente tese, somente uma obra, *Textos: leituras e escritas*, de Ulisses Infante, se destacou quanto ao ensino da oralidade e, portanto, mereceu uma observação especial:

Acrescente-se, ainda, o fato de apresentar a seção *Prática de língua falada* – rara em obras didáticas –, em que o aluno é levado a produzir textos orais de diversos gêneros e a adaptar a linguagem a uma situação comunicativa previamente definida. (PNLEM, 2009, p. 68)

Também no Guia de Livros Didáticos PNLD 2010 uma observação apresentada pelos avaliadores nos leva a defender mais uma vez a importância de nossa pesquisa:

Entre os quatro eixos centrais de ensino, a **oralidade** ainda é o menos explorado, provavelmente por ser muito recente a sua inclusão como conteúdo curricular; ou mesmo por ainda serem poucos numerosos os estudos acadêmicos sobre o seu ensino-aprendizagem. Seja como for, todas as coleções trazem atividades voltadas para a escuta e/ou a produção de textos orais, embora nem todas apresentem uma proposta didático-pedagógica específica para o seu ensino-aprendizagem. Dessa forma, para além das orientações gerais presentes no Manual do Professor, predominam propostas para que o aluno converse com seu colega, discuta com seu professor, apresente uma cantiga, encene um texto teatral, apresente em voz alta uma quadrinha etc. Nesses casos, é comum que a atividade com a linguagem oral integre um conjunto de estratégias de compreensão e/ou produção de um texto escrito.(PNLD, 2010)

O presente trabalho pretende auxiliar docentes da Língua Portuguesa que têm preocupação com a linguagem oral e têm dificuldade em elaborar atividades para tal fim. Esperamos, também, incentivar novas pesquisas que venham a contribuir para o desenvolvimento do tema e aprimoramento dos livros didáticos no que concerne ao tratamento da oralidade nas aulas de língua portuguesa.

Referências

ABAURRE, M.L.; ABAURRE, M.B.; PONTARA, M. *Português: contexto, interação e sentido*. Vol 1, 2 e 3. São Paulo: Moderna, 2013.

ABREU, Antonio Suarez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

ALMEIDA, Anita Correia Lima de. *A república das letras na corte da América portuguesa: a reforma dos Estudos Menores no Rio de Janeiro setecentista*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

ANDRADE, Antônio Alberto Banha de. *A reforma pombalina dos estudos secundários (1759-1771)*. Coimbra: Ordem da Universidade, 2o. vol. 1981.

ANDRÉ, Marli; LÜDKE, Menga. *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

ARISTÓTELES. *On the soul – parva naturalia – on breath*. Harvard University Press, Cambridge, Mass.1986.

_____. *Retórica*. Introdução, tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior; Paulo Farmhouse; Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: INCM, 1998.

BAKTHIN, Mikhail. *Os generos do discurso*. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BATISTA, A. A. G.; GALVÃO, A. M. O. *Oralidade e escrita: uma revisão*. In: *Cadernos de Pesquisa*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire. *Estúdios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*. Barcelona: Gedisa editorial, 1998.

BLOCH, Pedro. *A conquista da fala*. Rio: Bloch Ed, 1982.

BRASIL. *PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental*. Brasília/DF: SEF/MEC.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEMT, 1999.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEMT, 2009.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: séries finais do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de livros didáticos PNLD 2008 : Língua Portuguesa / Ministério da Educação*. Brasília : MEC, 2007. 148 p. — (Ensino Médio)

BURKE, Peter. *A arte da conversação*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

CAMPOS, M.T.A.; TARDELLI, L.S.A.; ODA, L.S.; TOLEDO, S. *Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto*. vol. 1, 2 e 3. São Paulo: Saraiva, 2013.

CAPDEVILLE JÚNIOR, Ivan. *O discurso sobre a arte de fazer discurso e o ensino moderno da oratória*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, UFMG, 2013.

CÍCERO. *Retórica a Herênio*. São Paulo: Hedra, 2005.

_____. *De Oratore*. Tradução de Adriano Scatolin. In: Tese Doutorado inédita. São Paulo, USP, 2009.

COIMBRA, C.A. A Arte da Memória e o Método Científico: da memória artificial à inteligência artificial. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 146.

COLL_VINENT. *Curso de Técnicas de Ecpresión*. Barcelona: Biblograf. 1973.

CONLEY, T.M. *Rhetoric in the european tradition*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994, 325 p.

COOK-GUMPERZ, J; GUMPERZ, J. *From oral to written culture: the transitation to literacy*. In: WHITEMAN, M. F. (ed). *Varition in writing functional and linguistic-cultural differences*. Hillsadale: Erlbaum, 1981.

DAROS, Sônia C. P. *Oralidade: uma perspectiva de ensino*. Piracicaba: 2006. (Tese Doutorado em Estudos Linguísticos).

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret; MENDES, Eliana Amarante de M. (orgs). *Reflexões sobre a língua portuguesa: ensino e pesquisa*. Campinas: Pontes, 1997.

DESCARTES, René. *O discurso do método*. Disponível em: http://www.4shared.com/office/km5Etmnd/descartes_rene_-_discurso_do_m.htm. Acessado em: 05/01/2014.

DETIENNE, M. *Os mestres da verdade na Grécia Arcaica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

_____. *A invenção da mitologia*. Rio de Janeiro: José Olímpio; Brasília, D.F.: UnB. 2ª edição, 1998.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B; HALLER, S. *O oral como texto: como construir um objeto de ensino*. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G.S. (org. e trad) *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p.149-185.

DOLZ, J. NOVERRAZ, M. SCHNEUWLY, B. *Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G.S. (org. e trad) *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona)*. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G.S. (org. e trad) *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p. 41-70.

FARACO, C.; MOURA, F.M.; MARUXO JÚNIOR, J.H. *Língua Portuguesa: linguagem e interação*. Vol. 1,2 e 3. São Paulo: Ática, 2013.

FARIA, Lair A. S. *Tradições orais e performances comparadas nos evangelhos de Marcos e Q*. Dissertação de Mestrado, 2009.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora UDUSP, 2002.

FRANCISCO FILHO, Geraldo. *A Educação Brasileira no Contexto Histórico*. 2. ed. Campinas/SP: Alínea, 2004.

GAGNEBIN, J.M. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GERALDI, João Wanderley. *O texto em sala de aula*. São Paulo: Ática, 2006.

GONÇALVES, Adair. *O gênero seminário como objeto de ensino-aprendizagem: modelo didático*. In: Anais V SIGET. Caxias do Sul: SIGET, 2009.

GOODY, J. *The Domestication of the savage mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

GRICE, H. P. Logic and Conversation. In: P. COLE; J. L. MORGAN. (eds.) *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*. New York: Academic Press, p. 41- 58,1975.

HAVELOCK, E. *A Equação oralidade-cultura: uma fórmula para a mente moderna*. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. (org.) *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1987.

Kelly, Louis. *25 Centuries of Language Teaching*. ury House, 1969..

KOCH, Ingedore V. *A Inter-Ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. *Introdução à Lingüística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KRISTELLER, Paul Oskar. *El pensamiento renacentista y sus fuentes*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

LURIA, A. R. (1987). *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas.

MACEDO, D. *Alfabetização, linguagem e ideologia*. Conferência proferida no seminário A Construção da Educação Brasileira, UFRJ, 1997, neste volume.

MARCUSCHI, Luiz A. *Análise da conversação*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. *Oralidade e Ensino de Língua: uma questão pouco "falada"*. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora. *O livro didático de português*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

LEECH, G.. *Principles of Pragmatics*. New York: Longman, 1983. p 138-152

MASSIMI, M. . A pregação no Brasil colonial. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 417-436, 2005.

MENDES, Eliana A.M. *A produção Textual: revitalizando a pedagogia retórica*. Tese Titular (inédita) Belo Horizonte, UFMG, 2010.

MIRANDA, M. - *Ratio Studiorum da Companhia de Jesus (1599). Regime escolar e curriculum de estudos*. Edição bilingue Latim-Português. Introdução, versão e notas por Margarida Miranda. *Ratio Studiorum, um modelo pedagógico* por José Manuel Martins Lopes S.J., Faculdade de Filosofia de Braga – Universidade Católica Portuguesa, Província Portuguesa da Companhia de Jesus, Edições Alcalá, 2008, 482 pp.

MORAES, Fabiano. *A oralidade na sala de aula*. Disponível em: http://www.culturainfancia.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&catid=100:artigos-e-teses&id=450:a-oralidade-na-sala-de-aula&Itemid=56 Acessado em: 18/08/2009.

MORI-DE-ANGELIS, Cristiane C.; SILVA, Paulo E. M. *Livros didáticos de Língua Portuguesa (5ª a 8ª séries): perspectivas sobre o ensino da linguagem oral*. In: ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio A. G.(orgs.) *Livro didático de Língua Portuguesa, letramento e cultura escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

MOSCA, Lineide L S (org) . *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 2001.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: A tecnologização da palavra*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1998. Cap. 1: A oralidade da linguagem, p. 1-7.

QUEIROZ, Sônia. *A tradição oral*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. *Oralidade no ensino: sugestões de atividades*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

QUINTILIAN. *Institutio Oratoria of Quintilian*. Trad. H.E. Butler. 4 vols. The Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1920.

RAMOS, Jânia M. *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RANGEL, E. O. *A escolha do livro didático de português: caderno do professor*. Belo Horizonte: Ceale, 2006.

RIBEIRO, M. L. S. *História da educação brasileira: a organização escolar*. São Paulo: Cortez, 1992.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. In: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1984.

SANTOS, Sandra Ferreira dos. *Oralidade e religião: estudo comparado entre a religião da Grécia antiga e o cristianismo*. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf7/13.pdf> . Acessado em: 21/11/2012.

SCATOLIN, Adriano. A invenção no Do Orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I,9,23. Rese de doutorado (inérita) São Paulo, USP, 2009.

SILVA, Rita do Carmo Polli da. *Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira*, volume 2. Curitiba: Ed IBPEX, 2008.

SMOLKA, A.L.B. *A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural*. Disponível em: www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a08v2171.pdf . Acessado em: 11/02/2011.

SOARES, Magda. *Uma proposta de letramento*. São Paulo: Moderna, 2003.

SOUZA, R. Acízelo. SOUZA, Roberto Acízelo de. *O Império da eloquência. Retórica e Poética no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ/EdUFF, 1999.

VANOYE, Francis. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VEIGA, Ilma P.A. *Aula universitária e inovação*. Disponível em: <http://seed.lcc.ufmg.br/moodle/mod/resource/view.php?id=2425> Acessado em: 05/06/2009.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2003

_____. *Pensamento e Linguagem*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Série Psicologia e Pedagogia.

_____. *La signification historique de la crise de la psychologie*. Paris, Delachaux & Niestlé, 1999.


YATES, F. A. *The art of Memory*. Chicago University Press, 1966.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. São Paulo: Letras, 1993.

ANEXO I

Volume 1 - pág. 214

» O texto a seguir estava exposto em um estabelecimento comercial em uma pequena cidade no interior da Bahia.



▲ *Carta Capital*. São Paulo: Confiança, ano VIII, n. 201, p. 10, 7 ago. 2002.

1. Que aviso o dono do estabelecimento pretendia dar a seus fregueses?
2. O que esse texto revela sobre o contato que tem seu autor com as práticas de escrita?
3. Que aspecto dessa escrita parece indicar que o seu autor baseia-se em uma característica da fala?

Oralidade e escrita 211

Volume 1 - pág. 214

» Leia atentamente a tira abaixo e responda à questão 4.



▲ LAERTE. Piratas do Tietê. Folha de S. Paulo. São Paulo, 25 nov. 2000.

4. Explique de que maneira o autor se vale de características da fala para promover o efeito de humor dessa tira.

De olho na fala

MUTTS Patrick McDonnell

▲ MCDONNELL, Patrick, Mutts. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 22 dez. 2001.

Na tira, o primeiro pássaro usa a forma *a gente* para identificar uma referência de 1ª pessoa do plural (ele e o outro pássaro que conversam no galho). Na fala, principalmente em contextos mais descontraídos, é frequente usarmos a expressão *a gente* em lugar do pronome de 1ª pessoa do plural correspondente (*nós*). Nesse caso, é preciso cuidado com a concordância verbal, porque, embora identificando mais de uma pessoa, *a gente* é uma forma singular e os verbos que a ela se referirem devem ser flexionados na 3ª pessoa do singular.

De olho na fala

GARFIELD Jim Davis

▲ DAVIS, Jim, Garfield. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 28 abr. 2004.

Na tira do Garfield, aparece uma estrutura considerada inadequada pela gramática normativa, mas muito comum na linguagem coloquial: "Eles já não fabricam *ela* [comida para gato] mais tão fedida e repulsiva". Como a função sintática a ser exercida pelo pronome, nesse caso, é de objeto direto do verbo *fabricar*, a gramática normativa recomenda o uso das formas obliquas dos pronomes pessoais ("Eles já não *a* fabricam mais tão fedida e repulsiva"). O que se observa, porém, é que o uso dos pronomes obliquos, nesse contexto, está cada vez mais restrito à escrita formal. Na fala, especialmente em um registro mais coloquial, a forma do pronome pessoal do caso reto é a mais frequente.

Volume 2 - pág.347

De olho na *fala*

É cada vez mais frequente, na fala coloquial, a omissão da preposição que deve anteceder o pronome relativo *que* em alguns contextos. Isso ocorre porque os falantes não se dão conta de que determinados verbos são regidos por preposições. Veja os exemplos.

Esse é o livro que te falei. (O verbo *falar*, nesse contexto, pede um complemento antecedido pela preposição *de*.)

O filme que eu mais gostei ganhou o Oscar. (O verbo *gostar*, nesse contexto, pede um complemento antecedido pela preposição *de*.)

Embora a omissão da preposição em casos como esses já esteja consagrada pela fala, é preciso tomar cuidado para, em textos escritos e em situações formais de interlocução, utilizar corretamente as preposições exigidas pelos verbos.

Volume 2 - pág.370

De olho na *fala*

Embora não esteja prevista uma variação de grau nos numerais, a língua coloquial, usada principalmente com função expressiva, cria uma gradação em alguns dos numerais. Na tira, para se gabar em relação às outras aves, o pássaro que pousa no muro diz: "Ei! Sou o primeiro pássaro da primavera! Eu! O *primeirão!*"

MUTTS Patrick McDonnell

▲ McDONNELL, Patrick. Mutts. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 23 jan. 2002.

Volume 2 - pág. 388

De olho na *fala*

Um dos usos correntes do *presente* do Indicativo, em português, é a identificação de uma ação ou acontecimento que certamente se realizará em um futuro próximo. Exemplos: *Parto para o Rio de Janeiro amanhã bem cedo. Vou ao cinema hoje à noite.*

Nos dois casos, embora o verbo esteja flexionado no *presente*, seu sentido está claramente associado a uma ação futura.

Volume 2 - pág.389

De olho na *fala*

Geralmente, os falantes usam a forma composta do pretérito mais-que-perfeito (verbo auxiliar *ter* no pretérito imperfeito do Indicativo + *participio passado* do verbo principal): *Quando a polícia chegou, o assaltante já tinha fugido com o carro de um dos moradores da casa.*

O uso da forma simples do pretérito mais-que-perfeito costuma estar associado a contextos formais de fala ou escrita.

Volume 3 - pág.261

De olho na *fala*

O uso da conjunção coordenativa aditiva *nem* para articular orações coordenadas merece atenção. *Nem*, como se sabe, tem sentido negativo (significa *e não*). Não é necessário, portanto, dizer ou escrever algo como: Paulo não veio *e nem* telefonou. Nesses casos, basta usar o *nem*: Paulo não veio, *nem* telefonou.

Volume 3 - pág. 286

De olho na *fala*

Atenção à regência dos verbos!

Os PESCOÇUDOS

CACO GALHARDO



▲ GALHARDO, Caco. Os pescoçudos. Folha de S.Paulo. São Paulo, 14-fev. 1997.

"Mas o que aconteceu com aquele cara *que* você *tava* apaixonada?". Nessa fala de uma das mulheres, no segundo quadrinho, observamos a ocorrência de uma construção muito comum: uma oração adjetiva introduzida por um *pronome relativo* que não é antecedido pela *preposição* exigida pela regência do verbo. No exemplo, o adjetivo *apaixonada* exige um complemento que deve ser introduzido pela preposição *por*. Na oração acima, o termo que funciona como complemento nominal de *apaixonada* é o pronome relativo *que* (que retoma o antecedente "aquele cara"). A construção adequada, segundo a gramática normativa, seria: Mas o que aconteceu com aquele cara *por quem* você *estava* apaixonada?

No uso coloquial da linguagem, como no diálogo apresentado na tira, essas construções em que a preposição é omitida são aceitas. Porém, nos textos escritos que apresentam um maior grau de formalidade, é importante prestar atenção à regência do verbo e, quando necessário, utilizar as devidas preposições antes dos pronomes relativos em orações adjetivas.

Volume 3 - pág.322

De olho na *fala*

Falantes de uma variedade linguística de menor prestígio costumam estabelecer a concordância de gênero entre o termo *menos* e o substantivo ou adjetivo ao qual está associado. É muito comum ouvirmos, por exemplo, algo como *Tinha menos pessoas no jogo de ontem do que na semana passada*. Como vimos, essa é uma concordância vetada pela gramática normativa.

Recentemente, porém, passou-se a utilizar na modalidade culta coloquial o termo *menos* com um valor irônico ou jocoso. Esse uso, inspirado nas construções descritas acima, ocorre sempre que desejamos reprovar o comportamento exagerado de alguém. É importante notar que esse é um fenômeno exclusivo da fala e que o termo aparece isolado, sem modificar adjetivos ou substantivos, usado com valor de interjeição. É o que ocorre, por exemplo, na tira abaixo.

▲ GLAUCO, Geraldão. Folha de S.Paulo. São Paulo, 23 jun. 2006.

Volume 3 - pág.354

De olho na *fala*

Como o verbo *lembrar(-se)* segue a regência do verbo *esquecer(-se)*, observamos que os falantes demonstram a mesma tendência para utilizá-lo em construções como *Lembrei das crianças quando vi os filhotes de poodle, na exposição*. O cuidado, nesse caso, é o mesmo recomendado para o verbo *lembrar*. Em contextos informais, aceita-se a forma acima. No caso de contextos mais formais de escrita, recomenda-se observar a regência prevista pela gramática normativa, utilizando a preposição sempre que o verbo ocorrer em sua forma pronominal: *Lembrei-me das crianças...*

Volume 3 - pág.364

De olho na *fala*

Nas raras ocorrências de mesóclise na linguagem coloquial, ela costuma ser utilizada para provocar um efeito de humor ou de ironia, ou mesmo para criar uma imagem associada ao formalismo excessivo e ao pedantismo.

ANEXO II

Linguagem oral

» Os contos e as histórias da tradição oral

Provavelmente você conhece muitas e muitas histórias. Por exemplo, mesmo sem ter assistido ao filme *Espelho, espelho meu* (veja foto na abertura desta unidade), é possível que tenha percebido se tratar da história de *Branca de Neve e os sete anões*, pela simples identificação da frase “Espelho, espelho meu”. Provavelmente também conhece histórias como *Chapeuzinho Vermelho* ou *A Bela Adormecida*. E tantas outras.

Nesta seção, o estudo gira em torno dessas narrativas antigas.

- 1 A respeito de antigas histórias ouvidas desde a infância, responda a estas questões. Se possível, discuta-as, sob a orientação do professor, com a turma toda.
 - a) Em sua opinião, por que há histórias que circulam há muito tempo, sendo conhecidas por milhões de pessoas de diversos lugares do mundo?
 - b) Em sua vida, houve alguma situação na qual você aprendeu alguma dessas histórias? Em caso afirmativo, relate para seus colegas como foi isso. Ouça os relatos deles.
 - c) Reflitam sobre as respostas aos itens anteriores e elaborem uma explicação: por que isso ocorre?
- 2 Se possível, formem na sala de aula um grande círculo com a turma toda e promovam uma seção de **contação de histórias**. Cada um de vocês vai contar alguma dessas histórias ouvidas desde a infância. Procurem lembrar-se também de onde e em que ocasiões essas histórias lhes eram contadas, e quem as contava.



Gary Cook/Alamy/Corbis Images



Leandro Bobadilla/Corbis/Liaison

Linguagem oral

» Tradição oral

No capítulo anterior, observamos que há muitas histórias que nos contam desde que somos crianças e que nem sempre conseguimos lembrar onde as ouvimos, nem quem as contou a nós pela primeira vez.

A seguir, vamos comentar mais um pouco sobre essas histórias, que fazem parte da tradição oral. Leia o quadro a seguir.

Você já sabe que a literatura de um povo é o conjunto das obras literárias escritas que esse povo produziu. A **tradição oral** é o conjunto de todo o patrimônio cultural que se transmite de boca em boca e que envolve desde os gêneros mais elaborados, como as narrativas da tradição oral, até os mais curtos, como os gritos de guerra, as parlendas, as máximas e os provérbios, os ditos populares, as anedotas, as lendas.

No Brasil, a tradição oral é constituída por elementos de origem europeia (principalmente portuguesa), africana e indígena.

Boa parte da literatura ocidental, como os contos de fadas e as novelas de cavalaria, teve sua origem na tradição oral medieval. É o caso, por exemplo, das novelas sobre o rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda, que se divulgaram por meio da tradição oral francesa.

Outras histórias de tradição oral que estão na origem das literaturas dos países do Ocidente (incluía a literatura brasileira) são os relatos míticos dos antigos gregos e romanos, aos quais chamamos genericamente de "mitologia grega" e "mitologia romana".

Várias dessas histórias da tradição oral têm sido registradas por escrito, num esforço de serem preservadas. Outras tantas continuam muito vivas circulando apenas oralmente. E há ainda aquelas que acabam por se perder, por falta de quem as continue divulgando.



Reúna-se em grupo com alguns colegas para pesquisar um gênero oral tradicional brasileiro. Escolham um dentre os listados a seguir.

- lendas e mitos;
- máximas e provérbios;
- parlendas;
- romances e xácaras;
- anedotas;
- contos de fadas e contos maravilhosos.



Volume 1 – pág.66

- a) Vale pesquisar na internet desde que consultem sites confiáveis. Alguns autores brasileiros, como Sílvio Romero e Luís da Câmara Cascudo, têm extensas obras dedicadas ao registro de elementos da tradição oral brasileira e são fontes confiáveis de consulta. Durante a pesquisa, selecionem pelo menos uma narrativa do gênero em questão para apresentar à classe.
- b) Na transcrição do texto, indiquem a fonte da pesquisa, a origem do(s) texto(s), a região do Brasil em que esse(s) texto(s) oral(is) circula(m) e quais são suas características principais.
- c) Não vale simplesmente apresentar o texto escrito, será preciso produzir uma leitura expressiva da narrativa selecionada. Podem também gravar essa leitura (em áudio ou vídeo, por exemplo) ou encenar a narrativa para apresentar no dia combinado.
- d) Conversem com o professor e, se possível, convidem outras turmas da escola e mesmo parentes e amigos para assistir à apresentação. Se isso for ocorrer, preparem-se bem para o evento: sintetizem o que aprenderam sobre literatura oral, façam anotações baseadas na pesquisa para explicar a origem do(s) texto(s) escolhido(s) (releiam o item **b**), expliquem como fizeram a gravação ou se preparem para ler o texto. Assim poderão responder com segurança às questões que o trabalho gerar nos espectadores ou ouvintes.
- e) Depois das apresentações, façam um texto coletivo das conclusões sobre a tradição oral no Brasil.

Volume 1 – pág.85

Linguagem oral

» Permanência da tradição oral nos dias de hoje: as lendas urbanas

Vamos propor aqui leituras e pesquisas de lendas urbanas, um gênero que se liga à tradição de contar histórias e espalhá-las de boca em boca e, hoje em dia, também por meio da internet. Ao serem tão divulgadas, essas histórias ganham diversas versões, misturam-se a outros gêneros — como os contos —, fazem parte das notícias, além de ganharem adaptações para filmes.

Se você pensa que a tradição oral se reduz a contos, provérbios, máximas e ditos populares, leia atentamente esta notícia, publicada em 2008 pelo jornal *Folha de S.Paulo*. Será que você já conhece história por trás da notícia?

Texto 5

Lenda urbana da loira do carro preto causa confusão em delegacia de Manaus

Matheus Pichonelli

Uma lenda urbana que corre em Manaus (AM) — a de que uma mulher, loira, andava pela cidade em um carro preto, acompanhada por um homem e em busca de crianças para “roubar” os órgãos delas — criou confusão, na quarta-feira (12) à tarde, em uma delegacia do bairro Novo Israel.

Ao saber que uma mulher, loira, dirigindo um Fox preto, havia sido presa — junto com um

homem — após perseguição policial pelas ruas da cidade, uma multidão se dirigiu ao 18º Distrito Policial de Manaus para conhecer, de perto, a mulher de quem a lenda falava.

Alguns queriam linchá-la — e policiais militares tiveram de cercar a delegacia para impedir as agressões. Quando os suspeitos chegaram à delegacia, cerca de mil pessoas já estavam na frente do distrito para “pegar” a suposta ladra de órgãos, segundo o delegado Paulo Martins.

A multidão, entretanto, havia se enganado de loira. A mulher que acabava de ser detida era suspeita de tráfico de drogas, e não de órgãos.

No local, um menino de seis anos, levado pelos pais, aguardava a pessoa que, segundo o garoto, havia tentado levá-lo dias atrás. Ao ver chegar a suspeita, disse que a reconhecia. Em seguida, mudou a versão.

A loira e o homem não chegaram a ser detidos e, como não houve flagrante, foram liberados em seguida, após os policiais dispersarem a multidão, ao dizerem que o alvo da investigação não tinha relação com tráfico de órgãos.



A suspeita era investigada por envolvimento com o tráfico de drogas. Naquela tarde, era observada por policiais e, ao notar que era seguida, resolveu fugir. Foi quando a perseguição teve início.

De acordo com a Secretaria da Segurança do Amazonas, o que aconteceu não passou de uma "confusão".

A assessoria da Polícia Civil informou que as pessoas foram "incitadas" por programas policiais da televisão local que, no início do ano, começaram a veicular reportagens sobre um esquema de tráfico de órgãos em Manaus, comandado por uma mulher loira que dirigia um carro preto pela cidade e arrancava os órgãos de crianças.

Desde então, diz a assessoria da polícia, a cidade ficou "vidrada" na história. Delegacias recebiam ligações de pessoas em busca de informações sobre o esquema — o que se revelou apenas uma lenda urbana.

Folha de S.Paulo. São Paulo. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u361774.shtml>. Acesso em: jun. 2012.

→ O texto transcrito aqui foi originalmente publicado no caderno Cotidiano, do jornal *Folha de S.Paulo*, e reproduzido no site <www1.folha.uol.com.br>.

- 1 Que aspecto dessa notícia mais chama sua atenção ou lhe parece curioso?
- 2 Talvez você já conheça lendas urbanas. Converse com os colegas e o professor sobre isso.
 - a) Em sua cidade, região, escola, circula alguma lenda urbana? Em caso afirmativo, qual?
 - b) Em sua opinião, por que proliferam atualmente as lendas urbanas?
 - c) Se você não conhece lendas urbanas, o que imagina que sejam, agora que leu a notícia? Que lendas você conhece?



→ Cena do primeiro filme da série *Lenda Urbana*, dirigido por Jamie Blanks, em 1998. Um exemplo de como essas narrativas também invadiram as telas do cinema.

Lendas urbanas

Um dos aspectos mais interessantes da **tradição oral** é sua resistência: a cultura oral se difunde das formas mais variadas e se enraíza até nos meios urbanos, lugares mergulhados na cultura escrita.

As **lendas urbanas** são testemunhos dessa permanência da tradição oral: são narrativas que se disseminam de boca em boca e acabam ganhando registros escritos em meios de comunicação ágeis como a internet. Propagam-se nos centros urbanos. Em geral, suas temáticas estão ligadas ao sobrenatural, ao extraordinário ou ao mistério. Muitas vezes, baseiam-se em fatos reais e algumas propõem explicações alternativas para tais acontecimentos. Revestem-se também de indícios como datas, detalhes do local em que ocorrem, o que lhes proporciona certo ar de **verossimilhança realista** (alguns elementos dão a ela uma aparência de real).

Uma das mais conhecidas lendas urbanas brasileiras é a da *Loira do banheiro*. Não é possível precisar quando, nem onde, surgiu essa lenda, mas — dado seu conteúdo narrativo — pode-se supor que sua origem esteja ligada aos meios escolares, e graças a eles a história tem alcançado imensa difusão. Talvez você já tenha ouvido essa lenda e até mesmo a tenha divulgado oralmente. Muitas versões dela circulam na internet.

A seguir, transcrevemos duas versões encontradas em diferentes sites. Leia-as atentamente e procure notar semelhanças e diferenças entre elas.

Texto 6

A loira do banheiro [versão 1]

Esta história é muito contada em escolas da rede pública na cidade de São Paulo. Sua fama é muito grande entre os alunos.

Uma garota muito bonita de cabelos loiros com aproximadamente 15 anos sempre planejava maneiras de matar aula. Uma delas era ficar no banheiro da escola esperando o tempo passar.

Porém, um dia, um acidente terrível aconteceu. A loira escorregou no piso molhado do banheiro e bateu sua cabeça no chão. Ficou em coma e pouco tempo depois veio a morrer.

Texto 7

A loira do banheiro [versão 2]

Ela vive nos banheiros das escolas. Possui farta cabeleira loira, é muito pálida, tem os olhos fundos e as narinas tapadas por algodão, a fim de que o sangue não escorra. Causa pânico entre os estudantes.

Dizem que era uma aluna que gostava de cabular as aulas, escondendo-se no banheiro. Um dia, caiu, bateu com a cabeça e morreu. Agora, seu fantasma vaga à espera de companhia, assombrando todos aqueles que fazem o mesmo que ela costumava fazer. Em outras versões, é uma professora que se apaixonou por um aluno. Terminou assassinada, a facadas, pelo marido traído. Tem o rosto e o corpo ensanguentados, as roupas em frangalhos.

Loura ou loira do banheiro, menina do algodão, *big* loura. Lenda urbana contemporânea que ocorre, com modificações, em todas as regiões do Brasil. Algumas vezes é uma mulher-feita, outras vezes, uma menina. Os locais de sua aparição

Mesmo sem a permissão dos pais, os médicos fizeram autópsia na menina para saber a causa de sua morte.

A menina não se conformou com seu fim trágico e prematuro. Sua alma não quis descansar em paz e passou a assombrar os banheiros das escolas. Muitos alunos juram ter visto a famosa loira do banheiro, pálida e com algodão no nariz para evitar que o sangue escorra.

Disponível em: <www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/literatura-infantil-lendas-e-mitos-do-folclore/loura-do-banheiro.php>. Acesso em: nov. 2012.

podem variar: escolas, centros comerciais, hospitais. Entre os caminhoneiros, surge nos banheiros de estrada, de costas, linda, corpo perfeito, belas pernas. Porém, ao se voltar para sua vítima, com o rosto sangrento, causa o horror.

Acredita-se, também, que seja possível invocá-la. Para isto, basta apertar a descarga por três vezes seguidas ou chutar, com força, o vaso sanitário. Então, ela aparecerá, pronta para atacar a primeira pessoa que entrar no banheiro.

Disponível em: <www.jangadabrasil.com.br/revista/galeria/ca79006fasp>. Acesso em: jun. 2012.

O site <www.jangadabrasil.com.br/>, há mais de dez anos *on-line*, é um dos mais conhecidos meios de publicação, em registros escritos, de histórias da tradição oral brasileira, além de outros gêneros ligados à cultura popular. Publica com frequência mensal uma revista eletrônica, reunindo histórias tradicionais, curiosidades, fatos ligados ao folclore de diferentes regiões do Brasil.



A escritora Heloisa Prieto, que publica especialmente para o público jovem, registrou essa mesma lenda em seu livro *A Loira do Banheiro e outras histórias*, transformando-a num conto. Leia-o a seguir e observe as semelhanças e diferenças em relação às versões anteriores da lenda.

Texto 8

A Loira do Banheiro

Heloisa Prieto

Região: Avaré, São Paulo

Informante: Lauro da Cruz Correa

Idade: 36 anos

Profissão: divulgador editorial

Na vida, tenho duas grandes paixões: literatura e cinema. Quando era menino, eu queria ser ator, trabalhar em filmes de aventuras, fazer papel de astronauta, de soldado, tudo que envolvesse muito perigo.

Mas eu nasci no interior de São Paulo.

Difícil realizar um sonho desses.

Quando eu tinha dezessete anos, comecei a ler histórias de terror. Conheço todos os grandes mestres do suspense: Edgar Allan Poe é meu preferido. Em segundo lugar está Bram Stoker, criador de Drácula.

Durante vários anos vivi todas as emoções mais intensas, o medo, o amor, o perigo, lendo livros ou sentado no cantinho escuro de um cinema.

Sou um cara de sorte. Trabalho com aquilo que mais gosto: livros. Atuo como divulgador de uma grande editora. Percorro as escolas mostrando os lançamentos, contando as histórias, enfim, sou pago para ler, veja só.

E sempre que eu tentava vender uma boa história de fantasmas, depois fechava o livro aliviado e comentava com os professores: escritores têm tanta imaginação... Já pensou se tudo isso fosse verdade?

Até o dia em que descobri que o mistério nos ronda, nos assombra, também fora dos livros e dos filmes.

E se os fantasmas existirem?

Final, há histórias assim no mundo todo...

Essa dúvida me persegue e tudo começou por causa de uma história que me foi contada por três garotos apavorados.

Eu caminhava pelos corredores de uma escola levando meus livros, minha maleta com os catálogos editoriais, os braços repletos de panfletos anunciando os lançamentos.

Vi a porta do banheiro masculino abrir-se com toda violência. Dela saíram três jovens de mais ou menos dezessete anos de idade. Cabelos molhados, respiração ofegante, o rosto em pânico. Aquilo despertou minha curiosidade.

Na saída da escola, encontrei um deles, Ricardo era seu nome. Normalmente sou muito discreto, mas a curiosidade me matava.

— Vem cá, me conte, por que foi que vocês saíram correndo daquele jeito? Viram alguma assombração?

→ Edgar Allan Poe (1809-1849), poeta, contista, romancista e crítico literário nasceu em Boston. Ficou muito famoso por suas histórias de suspense, como *Os crimes da rua Morgue*.



W. E. Herndon/C. T. Hume/Williamstown Art Collection, Washington D.C., EUA.



Helio-Cezar/Contrasto/Contrasto

→ Bram Stoker (1847-1912), escritor irlandês, ficou famoso por sua obra *Drácula*, que retoma o mito dos vampiros. Até hoje se produzem outras obras — literárias, cinematográficas, etc. — baseadas nessa personagem.

Mas naquela noite, sonhei com lindas loiras fantasmagóricas, dançando nos reflexos dos espelhos, na tela da televisão...

Acordei pensando que aquilo já estava virando um exagero. Afinal, era só um desses casos malucos, bobagem de criança.

Acontece que, daquele dia em diante, cada vez que entro no banheiro de uma escola, lembro-me da Loira Fantasma.

Confesso que, ao longo do tempo, encontrei várias outras crianças assustadas com essa mesma assombração. Parece epidemia. Um medo que contagia. É, porque aos poucos, vou ser sincero, eu também comecei a sentir medo. Mesmo sendo um adulto, mesmo conhecendo tantas histórias e tantos filmes de terror, há dias em que entro no banheiro bem rápido, lavo as mãos sem olhar para o espelho e, quando fecho a porta, respiro bem aliviado.

E se for tudo verdade?

E se os fantasmas existirem?

Como é que ficam os vivos?



Artista: Elvira/Arquivo de Editora

Uma coisa eu sei.

Depois da Loira, todas as outras histórias viraram bobagem, invenção de escritor.

PRIETO, Heloisa. *A Loira do Banheiro e outras histórias*. São Paulo: Ática, 2007. p. 27-32.



Foto: Acervo

Heloisa Prieto (1954), professora, escritora, tradutora e coordenadora editorial paulistana, tem diversos livros publicados. Iniciou sua carreira de escritora ao contar histórias para crianças na Escola da Vila, em São Paulo.



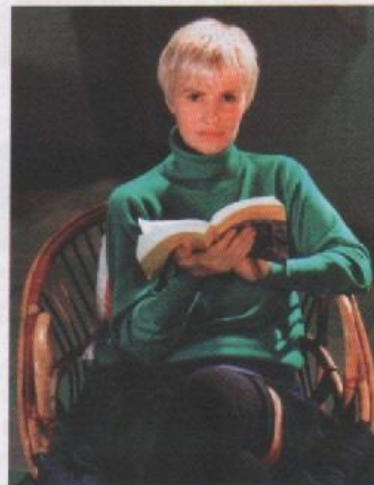
Reprodução: Ática

- 3 Depois de ler o texto 8 e compará-lo com os textos 6 e 7, discuta-os com seus colegas e o professor a respeito das semelhanças e diferenças entre as versões apresentadas da mesma lenda.
- 4 Na opinião de vocês, que aspectos da história da Loira do Banheiro podem ter sido fundamentais para que ela tenha conquistado tanta divulgação a ponto de ter-se tornado uma lenda urbana?
- 5 Assim como nas histórias da tradição oral vistas no capítulo 2, uma das características da lenda urbana é a **instabilidade** — há várias versões registradas de uma mesma lenda, o que significa que há elementos da lenda que permanecem, mas há outros que variam. Em sua opinião, por que um gênero tão divulgado oralmente tem como característica notável a instabilidade?
- 6 Reúna-se com alguns colegas e pesquisem as lendas urbanas na internet ou em conversas com as pessoas.
 - a) Registrem algumas dessas lendas — pode ser em gravação de áudio, em vídeo ou por escrito — e, num dia combinado com o professor, apresentem à classe o resultado desse trabalho.
 - b) Organizem uma roda de conversas em que algumas das lendas urbanas descobertas sejam contadas.
 - c) Registrem suas conclusões sobre o tema no caderno, auxiliados pelo professor.

Linguagem oral

» I. Ler para alguém: leitura em voz alta (I)

Você se lembra de, alguma vez, ter tido alguém que lia para você? Esse é o motivo central do filme *Uma leitora bem particular*, dirigido por Michel Deville em 1988. Essa comédia conta a história de Constance, representada pela atriz Miou Miou, quando decide tornar-se "leitora em domicílio" e publica um anúncio num jornal, oferecendo seus serviços. Logo ela consegue diversos clientes: um rapaz paraplégico, um juiz aposentado, uma viúva, uma garotinha levada... Com cada um de seus clientes, ela passa a ter, por intermédio dos livros que lê para eles, algum tipo de envolvimento, e todos muito especiais.



→ Cenas do filme *Uma leitora bem particular*, em que a atriz Miou Miou interpreta uma leitora em domicílio.

- 1 Se alguém já leu em voz alta um texto para você, procure lembrar-se: o que lhe parecia mais interessante dessas leituras? Por quê? Se você nunca passou por essa situação, acredita que ela seria interessante?
- 2 Em que situações você acha que uma pessoa poderia ler textos em voz alta para outras?

A leitura em voz alta pode ser observada em diversas situações no livro *Uma história da leitura*, do escritor argentino Alberto Manguel. Uma delas é bem curiosa conforme você pode comprovar ao ler o texto a seguir, extraído de um dos capítulos desse livro.

Texto 6

A leitura ouvida

Alberto Manguel

As imagens da Europa medieval ofereciam uma sintaxe sem palavras, à qual o leitor silenciosamente acrescentava uma narração. Em nosso tempo, ao decifrar as imagens da propaganda, da videoarte, dos cartuns, também tendemos a emprestar à história não apenas uma voz, mas também um vocabulário. Devo ter lido assim desde os primórdios da minha leitura, antes do meu encontro com as letras e seus sons. Devo ter construído, a partir das aquarelas de Pedro, o Coelho, do desavergonhado João Felpudo, das grandes e brilhantes criaturas de *La hormiguita viajera*, histórias que explicavam e justificavam as diferentes cenas, ligando-as numa narrativa possível que levava em conta todos os detalhes representados. Não sabia disso então, mas estava exercitando minha liberdade de ler até quase o limite das possibilidades: não só era a minha história que eu contava, como nada me forçava a repeti-la para as mesmas ilustrações. Em uma versão, o protagonista anônimo era o herói, na segunda era o vilão, na terceira tinha meu nome.

Em outras ocasiões, eu abria mão de todos esses direitos. Delegava palavras e voz, desistia da posse — e às vezes até da escolha — do livro e, exceto por algum pedido de esclarecimento ocasional, ficava apenas escutando. Eu me aquietava (à noite, mas com frequência também de dia, pois ataques constantes de asma me prendiam à cama por semanas) e, encostado nos travesseiros, ouvia minha babá ler os aterrorizantes contos de fadas dos irmãos Grimm. Às vezes a voz dela me fazia dormir; outras vezes, ao contrário, deixava-me numa excitação febril, e eu insistia em que ela descobrisse, mais rápido do que o autor pretendia, o que aconteceria na história. Mas na maior parte do tempo eu simplesmente gozava a sensação voluptuosa de ser levado pelas palavras e sentia, num sentido muito físico, que estava de fato viajando por algum lugar maravilhosamente longínquo, um lugar que eu difícil-



→ O mais antigo desenho de um *lector* — um leitor (à direita da imagem) que, no século XIX, lia para os trabalhadores nas fábricas enquanto estes faziam suas tarefas.

mente arriscava espiar na última e secreta página do livro. Mais tarde, quando eu tinha nove ou dez anos, o diretor da minha escola me disse que ouvir alguém ler para você era apropriado apenas para crianças pequenas. Acreditei nele e abandonei a prática — em parte porque ela me dava grande prazer, e àquela altura eu estava pronto a acreditar que qualquer coisa que desse prazer era de algum modo pernicioso. Somente muito mais tarde, quando a pessoa amada e eu decidimos ler um para o outro, durante um verão, *A lenda dourada*, foi que recuperei a delícia havia muito esquecida de ter alguém lendo para mim. Não sabia então que a arte de ler em voz alta tinha uma história longa e itinerante e que mais de um século antes, na Cuba espanhola, ela se estabelecera como uma instituição dentro dos limites rígidos da economia cubana.

A fabricação de charutos sempre foi uma das principais indústrias cubanas desde o século XVII, mas, na década de 1850, o clima econômico mudou. A saturação do mercado americano, o desemprego crescente e a epidemia de cólera de 1855 convenceram muitos trabalhadores de que era preciso criar um sindicato para melhorar suas condi-

ções de vida. Em 1857, fundou-se uma Sociedade de Ajuda Mútua aos Trabalhadores e Diaristas Honestos, apenas para os charuteiros brancos; uma Sociedade de Ajuda Mútua semelhante para trabalhadores negros livres foi fundada em 1858. Foram os primeiros sindicatos e os precursores do movimento operário cubano da virada do século.

Em 1865, Saturnino Martínez, charuteiro e poeta, teve a ideia de publicar um jornal para os trabalhadores da indústria de charutos, abordando não somente a política, mas publicando também artigos sobre ciência e literatura, poemas e contos. Com o apoio de vários intelectuais cubanos, Martínez lançou o primeiro número de *La Aurora* em 22 de outubro daquele ano. O editorial anunciava: "Seu objetivo será iluminar de todas as formas possíveis aquela classe da sociedade a que se dedica. Faremos tudo para que todos nos aceitem. Se não tivermos êxito, a culpa será de nossa insuficiência, não de nossa falta de vontade". Ao longo dos anos, *La Aurora* publicou trabalhos dos principais escritores cubanos da época, bem como traduções de autores europeus como Schiller e Chateaubriand, críticas de livros e peças de teatro e denúncias sobre a tirania dos donos das fábricas e o sofrimento dos trabalhadores. Em 27 de junho de 1866, perguntava aos seus leitores: "Sabem que perto de La Zanja, segundo dizem, há um dono de fábrica que põe grilhões nas crianças usadas por ele como aprendizes?".

Mas Martínez logo percebeu que o analfabetismo impedia que *La Aurora* se tornasse realmente popular; na metade do século XIX, apenas 15% da população cubana sabia ler. A fim de tornar o jornal acessível a todos os trabalhadores, ele teve a ideia de realizar uma leitura pública. Aproximou-se do diretor do ginásio de Guanabacoa e sugeriu que a escola auxiliasse a leitura nos locais de trabalho. Entusiasmado, o diretor encontrou-se com os trabalhadores da fábrica El Fígaro e, depois de obter a permissão do patrão, convenceu-os da utilidade da empreitada. Um dos operários foi escolhido como leitor oficial, e os outros o pagavam do próprio bolso.



Alberto Manguel (1948) nasceu em Buenos Aires, Argentina, e radicou-se no Canadá. É escritor e tradutor, gosta muito de refletir sobre o papel que os livros e a leitura exercem na vida das pessoas.



→ A lenda dourada ou A lenda aurea constitui uma série de biografias de santos. Essa obra, reunida pela primeira vez por Jacobus de Voragine por volta de 1260, tornou-se muito popular na Idade Média. Na foto, página da tradução para o francês da obra, elaborada por Jean de Vignay no século XV. Nesse trecho, Santo Antônio é retratado com os animais que simbolizam: um unicórnio e um leão.

Em 7 de janeiro de 1866, *La Aurora* noticiava: "A leitura nas fábricas começou pela primeira vez entre nós e a iniciativa pertence aos honrados trabalhadores da El Fígaro. Isso constitui um passo gigantesco na marcha do progresso e do avanço geral dos trabalhadores, pois dessa maneira eles irão gradualmente se familiarizar com os livros, fonte

de amizade duradoura e grande entretenimento". Entre os livros lidos estavam o compêndio histórico *Batalhas do século*, romances didáticos como *O rei do mundo*, do atualmente esquecido Fernandez

y González, e um manual de economia política de Flórez y Estrada.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p.131-133.

Pedro, o Coelho (em inglês, Peter Rabbit) é o nome de uma das personagens mais famosas da literatura infantil universal. Em português, é também conhecido pelo nome Coelho Pedrito. Foi criado pela escritora inglesa Beatrix Potter (1866-1943) e apareceu pela primeira vez no livro *A história do Pedrito Coelho*. Mesmo que você não o conheça, certamente já viu as belas ilustrações desse livro em algum lugar.

La hormiguita viajera (A formiguinha viajante) é um conto do escritor uruguaio Constancio Vigil (1876-1954) a respeito de uma formiguinha que se perde e vive uma série de aventuras antes de encontrar novamente o caminho para o formigueiro.

João Felpudo é uma personagem criada pelo escritor alemão Heinrich Hoffmann (1798-1874), que protagoniza uma história de mesmo nome, traduzida para a língua portuguesa pelo escritor Guilherme de Almeida no final do século XIX. Quando o menino João, que cresceu na roça, chega à cidade, com seu cabelo espetado, suas roupas velhas, suas unhas compridas, a garotada logo começa a rir dele. É assim que o menino ganha o apelido de Felpudo.



Beatrix Potter. *Foras de casa*. A História do Coelho Pedrito. Companhia das Letras, 1987. p. 23.

3 Pense em todas essas situações de leitura mencionadas pelo autor do texto 6. Então converse com seus colegas: vocês conhecem situações em que pessoas se reúnem e promovem, de alguma forma, a leitura em voz alta? Que importância essa leitura tem em tais ocasiões?

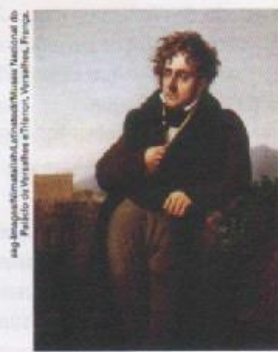
4 Sob a orientação do professor, você e seus colegas vão organizar na classe uma seção de leitura em voz alta. Leve para a sala de aula algum livro ou texto cuja leitura você deseje partilhar com seus colegas e o professor.

- Formem na classe uma grande roda e iniciem o trabalho: cada um de vocês lê para os demais um trecho do livro ou o texto que tiver levado.
- Preste atenção em cada um de seus colegas enquanto ele estiver lendo. Afinal, quem lê em voz alta um texto espera ser ouvido! A leitura em voz alta é uma forma divertida de compartilhar experiências.
- Ao término da leitura, conte por que escolheu o livro/o texto em questão, que significado ele tem para você, e permita que seus colegas façam comentários a respeito.



Alte Nationalgalerie, Berlin, Alemanha.

→ Friedrich Schiller (1759-1805), poeta, dramaturgo, filósofo e historiador alemão, é um dos grandes nomes da literatura do século XIX.



Museo de Arte e História da Cidade de Paris, França.

→ François-René de Chateaubriand (1768-1848), escritor, político e diplomata francês, influenciou os autores do Romantismo europeu, principalmente com seus romances históricos.

» II. Componentes orais da língua (I): sons da fala, entoação e acento

Ao falar ou ler em voz alta, você desencadeia os **sons da fala**. Ao contrário da língua escrita, estruturada em signos baseados exclusivamente no sentido da visão — signos gráficos, como as letras, os sinais de pontuação, os ícones, entre outros —, na língua oral você mobiliza prioritariamente o sentido da audição.

- 5 Reflita com seus colegas a respeito da comunicação oral e responda: de que forma a visão é mobilizada numa comunicação oral?
- 6 Quando você fala, utiliza basicamente sons. Quando escreve, utiliza basicamente sinais gráficos.
- Ao ler um texto em voz alta, como você consegue “traduzir”, por exemplo, os sinais de pontuação?
 - Para cada letra há apenas um som correspondente possível ou há letras que representam mais de um som?
 - O contrário também acontece, ou seja, há algum som da fala que é transcrito por letras diferentes?
 - Retome suas respostas aos itens anteriores desta questão e tente explicar por que isso ocorre.



Linguagem oral

» I. Ler para alguém: leitura em voz alta (II)

Neste capítulo, vamos concentrar o estudo em algumas questões essenciais na leitura em voz alta: o **ritmo**, a **entoação** e a **cadência melódica**.

1 Reúna-se com alguns colegas e elejam um participante da equipe para ler em voz alta o soneto de Camões que começa com o verso “Alma minha gentil que te partiste”. Em seguida, alternem o leitor. Continuem alternando os leitores até que todos tenham lido em voz alta o soneto. Depois dessas muitas leituras, respondam:

- Qual delas pareceu ao grupo a “melhor” leitura em voz alta? Por quê?
- Apontem as características dessa que foi considerada “a melhor” leitura em voz alta.

2 Adotem o mesmo procedimento em grupo, agora para ler o texto a seguir. Trata-se do trecho inicial do discurso proferido pela presidenta da República Dilma Rousseff, na 66ª Assembleia Geral das Nações Unidas, em 2011.

Quando o grupo chegar a um consenso sobre a melhor leitura em voz alta, o leitor que a realizou deve ler novamente o texto. Se possível, gravem essa leitura.



ATIVIDADE
LINGUAGEM ORAL

Arquivo Digital do Livro

Texto 12

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura do Debate Geral da 66ª Assembleia Geral das Nações Unidas — Nova York/EUA

Nova York — EUA,

21 de setembro de 2011

Senhor presidente da Assembleia Geral, Nassir Abdulaziz Al-Nasser,
Senhor secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon,
Senhoras e senhores chefes de Estado e de Governo,
Senhoras e senhores,

Pela primeira vez, na história das Nações Unidas, uma voz feminina inaugura o Debate Geral. É a voz da democracia e da igualdade se ampliando nesta tribuna, que tem o compromisso de ser a mais representativa do mundo.

É com humildade pessoal, mas com justificado orgulho de mulher, que vivo este momento histórico.

Divido esta emoção com mais da metade dos seres humanos deste Planeta, que, como eu, nasceram mulher, e que, com tenacidade, estão ocupando o lugar que merecem no mundo. Tenho certeza, senhoras e senhores, de que este será o século das mulheres.

Na língua portuguesa, palavras como *vida*, *alma* e *esperança* pertencem ao gênero feminino, e são também femininas duas outras palavras muito especiais para mim: *coragem* e *sinceridade*. Pois é com coragem e sinceridade que quero lhes falar no dia de hoje.

Senhor Presidente,

O mundo vive um momento extremamente delicado e, ao mesmo tempo, uma grande oportunidade histórica. Enfrentamos uma crise econômica que, se não debelada, pode se transformar em uma grave ruptura política e social. Uma rup-

tura sem precedentes, capaz de provocar sérios desequilíbrios na convivência entre as pessoas e as nações.

Mais que nunca, o destino do mundo está nas mãos de todos os seus governantes, sem exceção. Ou nos unimos todos e saímos, juntos, vencedores ou sairemos todos derrotados.

Agora, menos importante é saber quais foram os causadores da situação que enfrentamos, até porque isto já está suficientemente claro. Importa, sim, encontrarmos soluções coletivas, rápidas e verdadeiras.

Essa crise é séria demais para que seja administrada apenas por uns poucos países. Seus governos e bancos centrais continuam com a responsabilidade maior na condução do processo, mas como todos os países sofrem as consequências da crise, todos têm o direito de participar das soluções.

Não é por falta de recursos financeiros que os líderes dos países desenvolvidos ainda não encontraram uma solução para a crise. É — permitam-me dizer — por falta de recursos políticos e, algumas vezes, de clareza de ideias.

Uma parte do mundo não encontrou ainda o equilíbrio entre ajustes fiscais apropriados e estímulos fiscais corretos e precisos para a demanda e o crescimento. Ficam presos na armadilha que não separa interesses partidários daqueles interesses legítimos da sociedade.

3 Gravem um pronunciamento da presidenta da República ou de outra autoridade política transmitido na televisão ou no rádio. Textos dessa natureza costumam ser veiculados com frequência pelo programa *A voz do Brasil*, transmitido diariamente pela Radiobrás e por emissoras de rádio (na faixa AM ou FM) de todo o Brasil. Se não for possível gravar, sugerimos que ao menos o ouçam e anotem tudo o que lhes chamar atenção durante essa audição. Na internet, você pode acessar o site desse programa e ter acesso a vídeos relativos às atividades de autoridades: <www.ebcservicos.ebc.com.br/veiculos/nbr>.

Comparem a leitura ouvida — veiculada no rádio ou na televisão — com aquelas do discurso presidencial feitas pelo grupo. Depois respondam no caderno:

- Que diferenças vocês observaram entre as duas situações de leitura?
- Que dificuldades foram encontradas durante a leitura?
- Por que, após um texto ter sido lido algumas vezes (ainda que por pessoas diferentes), a leitura em voz alta fica mais fácil?

O desafio colocado pela crise é substituir teorias defasadas, de um mundo velho, por novas formulações para um mundo novo. Enquanto muitos governos se encolhem, a face mais amarga da crise — a do desemprego — se amplia. Já temos 205 milhões de desempregados no mundo — 44 milhões na Europa, 14 milhões nos Estados Unidos. É vital combater essa praga e impedir que se alastre para outras regiões do Planeta.

Nós, mulheres, sabemos — mais que ninguém — que o desemprego não é apenas uma estatística. Golpeia as famílias, nossos filhos e nossos maridos. Tira a esperança e deixa a violência e a dor.



Discurso proferido pela presidenta Dilma Rousseff em 21 de setembro de 2011, na cerimônia de abertura da 66ª Assembleia Geral das Nações Unidas. Disponível em: <www2.planalto.gov.br/imprensa/discursos/discorso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-do-debate-geral-da-66a-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-nova-iorque-eua>. Acesso em: ago. 2012.

Em muitos programas de caráter jornalístico transmitidos pelo rádio ou pela tevê, os textos a serem ditos são escritos: no mínimo há uma espécie de **pauta** ou roteiro. O locutor ou o jornalista muitas vezes lê o texto em voz alta durante a transmissão.

- 4 Durante as leituras em voz alta sugeridas nas questões anteriores, você foi ouvinte dos textos lidos pelos seus colegas. Assim, responda:
- De todas as leituras ouvidas, qual foi a que mais atraiu sua atenção?
 - Qual foi a mais "monótona" ou "cansativa"? Por quê?
 - Que características você acha que contribuíram para que essas leituras fossem mais atraentes ou mais monótonas? Explique.
- 5 Escolha um texto de jornal ou revista para treinar a leitura em voz alta e faça uma cópia dele (você pode fazer anotações no papel).
- Leia-o silenciosamente uma vez. Preste atenção nas palavras que não conheça e em estruturas frasais mais elaboradas ou pouco comuns.
 - Leia o texto em voz alta, assinalando os trechos em que, por alguma razão, você hesitou, os que teve que reler ou os que não compreendeu bem.
 - Reúna-se com os colegas do grupo formado para o trabalho para as atividades desta seção e comparem suas dificuldades. O que vocês percebem? Anotem as conclusões da equipe no caderno.
- 6 Respondam aos itens a seguir no caderno:
- O que foi mais "fácil" ler em voz alta: o soneto de Camões, o discurso da presidenta ou o texto de jornal/revista?
 - Quando você se colocou na posição do ouvinte do texto de jornal ou revista lido por seu colega, houve algo na leitura que atrapalhou ou prejudicou a compreensão de alguma passagem do texto? Em caso afirmativo, o que foi?

» II. Componentes orais da língua (II): ritmo, entoação e cadência melódica

Ritmo, entoação e cadência melódica são elementos essenciais de todas as comunicações feitas oralmente. É por meio deles que se constroem muitos sentidos linguísticos e expressivos dos textos orais. No quadro a seguir, conheça mais sobre isso.

I. Ritmo

O ritmo corresponde à velocidade com que pronunciamos ou lemos os enunciados. Essa velocidade é determinada por dois fatores: a alternância entre as sílabas tônicas e átonas e as pausas (respiratórias ou não) durante a fala ou a leitura.

Todas as palavras da língua portuguesa são formadas por **sílabas**, que são grupos de fonemas apoiados em torno de uma vogal, pronunciados numa só emissão de voz. Uma palavra como *república*, constituída por quatro vogais, terá quatro sílabas:

re pú bli ca

Nem todas as sílabas de uma palavra são ditas com a mesma força. Em cada palavra pode haver sílabas mais fortemente pronunciadas e sílabas mais fracamente pronunciadas. A sílaba pronunciada com mais força é chamada **tônica**. Por exemplo, na palavra *república*, a sílaba tônica é *pú*.

Classificamos as palavras de acordo com a posição da sílaba tônica. Assim:

oxítonas — a sílaba tônica é a última: **café, cantar, Camões**

paroxítonas — a sílaba tônica é a penúltima: **soneto, cantiga, discurso**

proparoxítonas — a sílaba tônica é a antepenúltima: **tônica, rítmico, sílaba**

É importante lembrar, entretanto, que as palavras não são, em geral, empregadas isoladamente, e sim em enunciados. Dessa maneira, elas se juntam para formar os grupos de força acentuais. Observe este verso do soneto de Camões:

Alma **minha gentil** que te **partiste**

Nesse verso há quatro sílabas tônicas, mas, quando o lemos em voz alta, apenas duas delas se destacam. Isso divide o verso em duas partes, que são chamadas de **grupos de força acentual**. Observe:

Alma minha gentil que te partiste
1º grupo 2º grupo

Todas as sílabas das palavras no interior do grupo de força estão apoiadas na sílaba tônica principal do grupo. Isso não ocorre só em poemas, mas em qualquer enunciado. Observe um trecho do discurso da presidenta no qual há quatro grupos de força:

O mundo vive um momento extremamente delicado e, ao mesmo tempo,
1º grupo 2º grupo 3º grupo 4º grupo
uma grande oportunidade histórica.
5º grupo

Na fronteira entre dois grupos de força, ao ler um texto em voz alta, fazemos uma pequena **pausa**. Em poesia, essa pausa se chama **cesura**. Ela determina o ritmo de uma leitura em voz alta. Em geral, coincide com o momento em que inspiramos, mas não coincide com a pontuação. A sílaba tônica predominante do grupo de força costuma ser uma das três últimas sílabas do grupo. Você observa isso no trecho acima porque as sílabas tônicas predominantes de cada grupo de força estão em destaque.

II. Entoação

A **entoação** é determinada pelo tom de voz (ascendente, constante ou descendente) que imprimimos ao falar ou ler.

Observe estes enunciados (tente ler os dois em voz alta, distinguindo-os). A linha acima deles indica se a entoação é ascendente, constante ou descendente.

O mundo vive um momento extremadamente delicado e, ao mesmo tempo,

uma grande oportunidade histórica.

Pela entoação sabemos se um enunciado é interrogativo, imperativo, volitivo (que expressa vontade), exclamativo, assertivo, entre muitas outras modalidades enunciativas.

III. Cadência melódica

Combinando **grupos de força acentual**, **pausas** e **entoação**, determinamos a **cadência melódica** dos enunciados.

Na poesia e na música, esses elementos sonoros são explorados de maneira bastante expressiva. Nos textos em prosa (como o discurso da presidenta), ao percebermos o sentido que eles têm, esses recursos nos ajudam a compreender as relações entre as palavras e o enunciado.

A seguir, leia silenciosamente um poema do escritor brasileiro Casimiro de Abreu.

Texto 13

A valsa

Casimiro de Abreu

Tu, ontem,
Na dança
Que cansa,
Voavas
Co'as faces
Em rosas
Formosas
De vivo,
Lascivo
Carmim;
Na valsa
Tão falsa,
Corrias,
Fugias,
Ardente,
Contente,
Tranquila,
Serena,
Sem pena
De mim!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...

Valsavas:
— Teus belos
Cabelos,
Já soltos,
Revoltos,
Saltavam,
Voavam,
Brincavam
No colo
Que é meu;
E os olhos
Escuros

Tão puros,
Os olhos
Perjuros
Volvias,
Tremias,
Sorrias,
P'ra outro
Não eu!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...

Meu Deus!
Eras bela
Donzela,
Valsando,
Sorrindo,
Fugindo,
Qual silfo
Risonho
Que em sonho
Nos vem!
Mas esse
Sorriso
Tão liso
Que tinhas
Nos lábios
De rosa,
Formosa,
Tu davas,
Mandavas
A quem ?!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco



Andra Eblert/Mapa da editora

Senti!
 Quem dera
 Que sintas!...
 — Não negues,
 Não mintas...
 — Eu vil...

Calado,
 Sozinho,
 Mesquinho,
 Em zelos
 Ardendo,
 Eu vi-te
 Correndo
 Tão falsa
 Na valsa
 Veloz!
 Eu triste
 Vi tudo!

Mas tudo
 Não tive

Nas galas
 Das salas,
 Nem falas,
 Nem cantos,
 Nem prantos,
 Nem voz!

Quem dera
 Que sintas
 As dores
 De amores
 Que louco
 Senti!

Quem dera
 Que sintas!...
 — Não negues
 Não mintas...
 — Eu vil

[...]



André Deschamps de Mattos

Disponível em: <www.uso-poemas.net/modules/news03/article.php?storyid=507#ixzz20ilu50Hg>. Acesso em: ago. 2012.

Casimiro de Abreu viveu no Brasil do século XIX. Seus poemas são próprios de um período literário conhecido como Romantismo. Nessa época, uma das danças mais populares nos países ocidentais era a valsa. Assim como muitos outros costumes, esse hábito que começou na Europa foi adotado no Brasil. Com ritmo compassado e breve, na valsa o casal que dança faz movimentos circulares, rápidos e constantes.

7 Agora, leia em voz alta o mesmo trecho.

- Os versos desse poema têm duas sílabas poéticas cada. Isso constrói um ritmo: rápido, lento, cadenciado? Que sensação a leitura em voz alta desse poema provoca?
- Que relação essa sensação pode ter, em sua opinião, com o sentido do poema e com a situação que ele procura descrever? Explique.

8 No capítulo anterior, você e seus colegas fizeram leitura em voz alta. Retome aquele texto e refaça a leitura, gravando-a, se possível.

- Antes de ler, "prepare a leitura": leia o texto silenciosamente, procurando marcar nele os pontos que provocaram dificuldade na leitura anterior.
- Observe atentamente a entoação que deve ser empregada em cada trecho. Alguns sinais de pontuação podem ajudá-lo. Por exemplo, o ponto de interrogação marca a interrogação, que tem, no oral, entoação ascendente; o ponto de exclamação e as reticências marcam a exclamação e a suspensão, que têm, no oral, entoação descendente.
- Marque (com algum sinal, como uma barra inclinada) a fronteira entre os grupos de força, ponto em que se deve fazer as pausas.
- Depois dessa preparação, leia o texto da melhor forma que puder. Grave, se possível, essa nova leitura.
- No próximo capítulo, você vai compará-la com a gravação inicial, para observar se o trabalho com ritmo, entoação e cadência melódica ajudou você a aprimorar sua leitura em voz alta.

Linguagem oral

» Ler para alguém: a leitura em voz alta (III)

No capítulo anterior, você estudou alguns elementos que compõem a leitura em voz alta: ritmo, entoação, cadência melódica. Neste, trataremos de outro aspecto fundamental para essa atividade: o controle das pausas e da respiração, a entoação e a pronúncia das palavras desconhecidas.

■ Escolha um texto em prosa de um jornal ou de uma revista. Recorte-o ou faça uma cópia, para que você possa escrever nele.

- Leia silenciosamente o texto até ter certeza de tê-lo compreendido. Se for necessário, procure no dicionário palavras que você não conhece. Esclareça também o sentido de enunciados que lhe pareçam complexos.
- Esclareça a pronúncia de palavras que você não conhece: nos dicionários de médio ou grande porte, indica-se a pronúncia de algumas palavras.
- Reúna-se com um colega, forneça-lhe uma cópia de seu texto e leia-o em voz alta para ele. Enquanto você lê, ele deve anotar na cópia recebida os problemas que a sua leitura apresentar: erros de pronúncia, hesitações, entoação que não condiz com a pontuação empregada no texto, pausas inadequadas, trechos que ficarem incompreensíveis. Faça o mesmo com seu colega, enquanto ele ler o texto escolhido.

Textos icônico-verbais – CAPÍTULO 6 173

Caso vocês discordem sobre a maneira de ler em voz alta determinado trecho, conversem a fim de entenderem o porquê da discordância. Se necessário, peçam ajuda ao professor.

- Análise os problemas apontados por seu colega. Releia os trechos em que esses problemas se mostram.
- Faça mais uma leitura em voz alta e, de preferência, grave-a.
- Ouça você mesmo a gravação enquanto acompanha o texto escrito para detectar outros problemas.
- Esse exercício pode ser repetido algumas vezes, com textos variados, até que você sinta que consegue ler com fluência, sem hesitações. Isso pode demorar um pouco, mas não desanime. Até os profissionais da leitura em voz alta (como os jornalistas da tevê e do rádio, os atores, os locutores em geral) cometem erros às vezes.
- Retome o texto que você leu em voz alta no capítulo 4, cuja leitura foi gravada. Leia-o e regrave a leitura. Compare a primeira gravação com a que você fizer agora. O que você percebe?

Linguagem oral

» Exposição oral (I)

Uma das maneiras de fazer relatos orais em situações de comunicação pública é a **exposição oral**. Como você pode observar pelas fotos, nesse tipo de interação oral, há um grupo de **ouvintes**, a plateia, a quem se dirige um **expositor**, isto é, a pessoa que expõe oralmente uma comunicação.

Em sua prática escolar, você já deve ter participado de seminários, que são uma das formas de exposição oral.

1 Observe atentamente estas imagens:



Refleta sobre as questões a seguir, depois converse sobre elas com o professor e os colegas.

- Você seria capaz de dizer em que situações comunicativas ocorre uma exposição oral?
- Pense em outras situações nas quais você imagina também ser possível ocorrer uma exposição oral. Registre-as em seu caderno.
- Nas imagens observadas, além da própria fala, de que outros recursos comunicativos se vale o expositor para comunicar-se oralmente?
- Desses recursos, quais não são utilizados numa comunicação oral cotidiana e informal, como uma conversa entre amigos?
- Nas situações registradas pelas fotos desta questão, há graus diferentes de formalidade. Indique em seu caderno a situação que lhe pareça mais formal e a que lhe pareça mais informal.

2 Nesta unidade vimos vários textos sobre viagens. Reúna-se com alguns colegas e troquem informações a respeito de viagens interessantes que vocês tenham feito. Se, por acaso, alguém do grupo nunca tiver passado por essa experiência, pode falar sobre um local que gostaria de conhecer e como iria para lá. Para organizar a exposição oral, sigam as orientações da próxima página.

- I. É fundamental ter clareza da **situação de comunicação**:
- Quem serão os ouvintes?
 - Que nível de linguagem (mais formal, mais informal) deverá ser empregado?
 - Onde será feita a apresentação? (Na sala de aula, para todos? Em pequenos grupos? Num auditório?)
 - Que recursos o grupo usará para a exposição, além da fala?
 - De quanto tempo se disporá para as apresentações?
- II. É preciso definir bem o **assunto** da exposição:
- Se o assunto for "viagens", como sugerimos, deve-se verificar onde e como serão obtidas as informações necessárias. (O grupo pode valer-se, por exemplo, dos esboços elaborados na seção *Gramática textual*.)
 - Que informações prévias o grupo tem sobre o assunto?
 - Além das informações disponíveis, é necessário buscar outras? (Em caso afirmativo, é importante definir onde pesquisar essas informações.)
- III. Escolham uma forma de **organizar** o que será apresentado:
- Quem falará: cada um falará um pouco ou a fala será de um só membro do grupo?
 - Como serão feitas as apresentações? Pensem, por exemplo, nos critérios por meio dos quais um relato pode ser organizado (como os que estudamos na seção "Gramática textual"). Lembrem-se: como toda forma de relato, deve haver critério(s) que oriente(m) a exposição.
- 3** No dia combinado com o professor para as exposições, é fundamental adotar algumas atitudes para melhor proveito das apresentações:
- Enquanto os colegas de outro grupo se apresentam, tome notas do que lhe parecer importante.
 - Preste atenção ao que seus colegas expuserem. Assim, no final da exposição deles, você poderá fazer perguntas sobre algo que tenha chamado sua atenção ou que não tenha ficado claro; poderá também fazer comentários a respeito do que foi apresentado.
Sugerimos que as exposições sejam gravadas (se houver recursos disponíveis). Assim, posteriormente será possível ouvi-las e analisá-las.
- 4** Após todos os grupos terem realizado a exposição oral, é o momento de a classe promover uma conversa coletiva a respeito:
- O que lhes chamou atenção?
 - Todas as exposições seguiram a mesma organização?
 - Os grupos usaram recursos — além da própria fala —, tais como fotografias e imagens, cartazes, *slides*, gestos e mímica, entre outros, na hora de expor?
 - Houve elementos que porventura prejudicaram alguma(s) das exposições? Em caso afirmativo, quais? Isso poderia ter sido evitado?
 - Se você pudesse modificar algo das exposições a que assistiu, o que mudaria? Por quê?
- 5** Com a ajuda do professor, anote as conclusões no caderno.



Linguagem oral

» Exposição oral (II)

No capítulo anterior, foi dado início ao estudo da **exposição oral**. Neste, a proposta é retomar e analisar as conclusões elaboradas para que se conheçam as características desse gênero oral.

- 1 Retome, com seus colegas, as conclusões elaboradas no capítulo anterior. Com a ajuda do professor, releiam tudo o que foi registrado e separem as conclusões em dois grupos:

Aspectos positivos

Aspectos que devem ser melhorados

O que foi considerado positivo é o que vocês já sabem sobre o gênero. O que ainda deve ser melhorado representa aspectos que provavelmente vocês não conhecem sobre a exposição oral.

- 2 No roteiro a seguir, fornecemos algumas características fundamentais da exposição oral.

- a) Como, na exposição oral, o expositor deve conquistar a atenção do ouvinte, o primeiro passo é apresentar-se: é preciso que você cumprimente a plateia, diga quem é e o que vai expor.
- b) O segundo passo é apresentar sucintamente o plano geral da exposição: assim, os ouvintes ficam preparados para ouvir o que você tem a dizer. Utilize formas linguísticas que pontuem brevemente esses momentos. Por exemplo:



Para começar/ Em primeiro lugar/ Primeiramente, apresentaremos...
 Em seguida/ Em segundo lugar, mostraremos imagens que...
 Depois/ Na sequência, cada um de nós relatará uma experiência em que...
 Finalmente/ Para concluir/ Para terminar, apresentaremos nossas conclusões sobre...

Assim, você prepara os ouvintes para o que será apresentado.

- c) O terceiro procedimento é iniciar a exposição propriamente dita. Siga a ordem indicada. Sempre anuncie o que será dito. Por exemplo:

Agora, falaremos sobre...
Então, daremos continuidade explicando como...
Neste momento, vamos apresentar...

- d) Todos esses momentos da exposição podem ser ilustrados com documentos. Assim, o ouvinte fica atento ao que você diz porque pode visualizar as informações. Esses documentos visuais podem ser cartazes, objetos, slides, entre outros.
- e) Sempre podem ser acrescentados exemplos. Para introduzir esses exemplos, pode-se dizer:

Para exemplificar esse fato...
Por exemplo...
Um bom exemplo disso que acabei de dizer é...

- f) Quando você perceber que algo que acabou de dizer não foi bem entendido (em geral, as reações dos ouvintes nos indicam isso), pode reformular e dizer a mesma coisa, mas de outro modo:

Isso que acabei de dizer é o mesmo que...
Para explicar melhor isso que eu disse...
O que acabei de dizer pode ser explicado assim...
Isso quer dizer que...

- g) Se você for apresentar algo que parece difícil de compreender, pode chamar a atenção dos ouvintes fazendo-lhes perguntas. Todas as perguntas que você fizer devem ser respondidas logo na sequência. Por exemplo:

Quando viajei para o Nordeste, comi manteiga de garrafa. *Vocês sabem o que é isso? É uma...*

- h) A boa exposição sempre se encerra por um breve resumo de tudo o que foi dito. Para introduzir esse resumo, você pode utilizar formas como:

Para terminar, gostaria de lembrar que...
Relembramos agora que...
Finalmente, é preciso saber que...
No final, a viagem foi boa porque...

- i) Encerre perguntando aos ouvintes se eles gostariam de fazer algum comentário, se há ainda alguma dúvida, etc. Procure responder às perguntas com informações de sua própria apresentação. Se ninguém se manifestar, agradeça aos ouvintes por terem prestado atenção em sua exposição:

Gostaria de agradecer a atenção de todos...
Ficamos muito contentes que vocês tenham se interessado por nossa apresentação...
Foi ótimo ter podido compartilhar com vocês nossa experiência de viagem...

- 3 Agora que vocês conhecem essas características da exposição oral, retomem os problemas anteriormente apontados e verifiquem se eles poderiam ser resolvidos com as sugestões dadas.

- 4 Os grupos que já haviam se apresentado devem agora reunir-se e replanejar sua própria exposição. Se foi possível gravá-la, pode ser interessante ouvir a gravação feita para perceber claramente o problema.

- 5 Por fim, cada grupo apresenta para os demais o que percebeu da própria exposição. Não deixem de registrar no caderno as conclusões elaboradas. No próximo capítulo, encerramos o estudo da exposição oral.

Linguagem oral

» Debate (I)

Na seção "Gramática textual", comentamos o que é uma questão polêmica. Esse tipo de questão pode surgir, entre outras ocasiões, quando duas pessoas (ou dois grupos de pessoas) têm opiniões divergentes sobre um mesmo tema ou assunto, o que faz cada uma delas (ou cada grupo) argumentar em favor de seu ponto de vista.

Além do artigo de opinião, há outras maneiras de expressar argumentos. Na linguagem oral, muitas vezes argumentamos por meio de **debates**.



1 Com base em um dos temas trabalhados na questão 10 da seção "Gramática textual" deste capítulo, você e seus colegas vão realizar um debate.

a) Distribuam-se em dois grupos:

Grupo 1: alunos que defendem uma posição **favorável** ao tema discutido.

Grupo 2: alunos que defendem uma posição **contrária** ao tema discutido.

Organizados os grupos, cada um deve reunir o maior número de argumentos que sirvam para sustentar a posição defendida em relação ao tema. Anotem esses argumentos esquematicamente numa folha de papel avulsa.

b) Escolham um **representante** de cada grupo. Esses representantes debaterão o tema. O professor, ou um aluno sorteado na classe, será o **mediador** do debate e controlará o tempo de fala de cada um dos debatedores. O restante da classe (dividido nos dois grupos) constituirá o conjunto de **ouvintes** do debate.

2 No dia combinado com o professor, realizem o debate de acordo com algumas regras:

a) O mediador inicia o debate, apresentando o tema e dando a voz a um dos debatedores. O outro debatedor toma a palavra sempre que achar necessário, tentando respeitar o controle do mediador.

b) Cada grupo poderá ajudar seu representante sempre que parecer necessário, para, por exemplo, lembrar algum aspecto do tema e da polêmica que julgue importante. Para isso, esse aspecto deve ser anotado num papel e entregue ao debatedor (em princípio, os ouvintes não devem participar diretamente do debate).

c) Se possível, esse primeiro debate deve ser gravado, para que se possa ouvi-lo e, posteriormente, observar suas características.

d) O mediador estipula um tempo de duração do debate e procura controlá-lo. É também preciso controlar o tempo de fala de cada debatedor, para que todos tenham as mesmas oportunidades de expor seu ponto de vista diante do tema em discussão.

3 Terminado o debate, reorganizem os grupos para analisá-lo (se foi possível gravar o debate, esse é um bom momento para ouvir a gravação), a partir de algumas questões:

I. O papel do mediador:

- Ele soube controlar o tempo de fala?
- Conseguiu dar início ao debate, apresentando claramente a questão polêmica ou o tema que seria debatido?
- Houve momentos em que o mediador precisou interromper a fala de um dos debatedores? Se isso aconteceu, como ele o fez?
- Como foi feito o encerramento do debate?

II. O papel dos ouvintes:

- Os ouvintes prestaram atenção à fala dos debatedores?
- Algum ouvinte interveio diretamente no debate, ou seja, falou diretamente, dirigindo-se aos debatedores? Se isso aconteceu, por que esse ouvinte agiu assim?
- Na situação descrita no item anterior, como o mediador reagiu? O que ele fez?
- E os demais ouvintes, o que fizeram?
- Em algum momento o mediador convocou os ouvintes a também participar do debate? Se isso aconteceu, por que ele o fez?

III. O conteúdo do debate:

- As posições defendidas e opiniões dos debatedores ficaram claras para quem ouvia? Se isso não aconteceu, o que, na opinião de vocês, prejudicou o debate?
 - O mediador fez perguntas aos debatedores? Essas perguntas pareciam, para quem ouvia o debate, pertinentes ao tema ou fugiam dele?
 - Os debatedores procuraram ater-se ao tema ou fugiram da questão polêmica em discussão?
 - Houve debatedor que mudou de opinião durante o debate? Se isso aconteceu, por que ele o fez?
- a) Reúnam-se em pequenos grupos e definam o debatedor mais convincente e mais persuasivo, apontando as razões dessa escolha.
 - b) Durante a execução do debate, foi importante ouvir atentamente os debatedores? Por quê?
 - c) Discutam os argumentos levantados pelo debatedor menos convincente, procurando melhorá-los. Em seguida, abram uma discussão com toda a classe, apresentando as soluções de cada grupo.
- 4 No próximo capítulo, daremos continuidade ao estudo do debate. Então registrem no caderno as conclusões a que chegaram até aqui e, se houve gravação, guardem-na.

Língua — análise e reflexão**» I. Valores temporais e modais dos futuros do modo indicativo**

1 Observe, neste trecho retirado do texto 2, as formas verbais em destaque:

Um mundo solidário **produzirá** muitos empregos, ampliando um intercâmbio pacífico entre os povos e eliminando a belicosidade do processo competitivo, que todos os dias reduz a mão de obra. É possível pensar na realização de um mundo de bem-estar, onde os homens **serão** mais felizes, um outro tipo de globalização. (linhas 63-69)



- a) Em que época (ou momento) esse texto foi publicado?
- b) Essa informação fornece ao leitor referências temporais que lhe permitem compreender as expressões de tempo empregadas no texto. As formas verbais *produzirá* e *serão* são exemplos de expressões que traduzem a ideia de tempo. Elas exprimem uma ação cuja realização é anterior ou posterior ao momento da publicação?

Para entender os tempos que expressam o futuro no modo indicativo, acompanhe as explicações a seguir.

Linguagem oral

» Debate (II)

O trabalho sugerido aqui deverá ser realizado em pequenos grupos. Com base em outro assunto ou outra questão polêmica, diferente da que foi debatida no capítulo anterior, cada pequeno grupo fará seu próprio debate. Haverá troca de papéis e comentários sobre o desempenho.


- Preparem-se para os debates:
 - Escolham quem será o mediador, quem serão os debatedores e quem serão os ouvintes.
 - Definam a questão polêmica a ser debatida. Cada debatedor deverá tomar uma posição diante dessa questão.
 - O mediador inicia o debate, apresentando o assunto e os participantes, e controla o transcorrer do debate até o final.
- Troquem de papéis e reiniciem o debate:
 - Escolham outro mediador, outros debatedores e outros ouvintes e reiniciem o debate (com base na mesma questão polêmica ou em outra da preferência do grupo).
 - Essa troca de papéis deve ocorrer diversas vezes, até que todos os alunos da equipe tenham experimentado as diferentes posições no debate.
- Analise o desempenho de vocês como participantes de um debate utilizando a questão 3 desta mesma seção no capítulo anterior. Ela lhes fornecerá os indicadores necessários para essa análise.
- Registrem suas conclusões e compartilhem o resultado dessas simulações com a classe.

Linguagem oral

» Debate (III)

Na mídia (rádio e tevê, principalmente), é comum uma forma de debate chamada debate regrado. Embora você não seja jornalista, nem talvez venha a se expor no rádio ou na televisão, estudar o debate regrado é uma forma de aprender a argumentar eficazmente na linguagem oral, o que poderá ajudá-lo sempre que precisar defender seu ponto de vista sobre uma questão ou polêmica qualquer.

O texto a seguir é a transcrição de um trecho de um programa de debates da rádio CBN FM, o programa *Fato em foco*, apresentado por Roberto Nonato. Trata-se de uma questão polêmica: o uso das bicicletas no trânsito das grandes cidades. Leia-o atentamente.

326  UNIDADE 4 – Eu acho que sim, e você?

Texto 6

Participantes do programa



→ Paulo Resende.



→ André Pasqualini.



→ Roberto Nonato.

Convidados: Paulo Resende (da Fundação Dom Cabral, instituição brasileira de Ensino Superior e pesquisas) e André Pasqualini (especialista em mobilidade urbana).
Apresentação e mediação: Roberto Nonato (jornalista).

Chave da transcrição

Para não confundir o texto oral com o texto escrito, na transcrição de extratos de oralidade, procuramos adotar nesta coleção convenções próprias que podem ajudar você a entender como o texto oral se organiza. Evitamos utilizar sinais próprios na língua escrita, como a pontuação, a alínea e os parágrafos, as letras maiúsculas, entre outros, a não ser que isso se justifique de alguma forma no texto oral. Os significados dos símbolos utilizados na transcrição são os seguintes:

Barra simples (/) indica pausa breve.

Barra dupla (//) indica pausa longa.

O símbolo (?) indica interrogação.

O símbolo (...) indica hesitação.

Negrito indica insistência sobre uma sílaba.

Barra vertical (|) indica interrupção.

Vogais repetidas indicam a insistência ou o prolongamento da sílaba.

Vinheta da rádio

Locutor da rádio — Fato em foco// apresentação/ Roberto Nonato

Roberto Nonato (RN) — boa noite/está começando mais uma edição do Fato em Foco/ aqui pela CBN/ e o assunto de hoje é a bicicleta no trânsito do país//

Vinheta da rádio

Locutor da rádio — Fato em foco

RN — Um protesto/ promovido em conjunto entre São Paulo e outras cidades brasileiras/ contou com a presença de milhares de ciclistas nesta semana// eles resolveram se reunir simultaneamente/ após as mortes de três pessoas/ ocorridas/ recentemente// os ciclistas/ cobram investimentos em ações/ que facilitem a vida de quem usa a bicicleta/ como meio de transporte// e para tratar desse assunto/ o Fato em Foco da CBN convidou Paulo Resende/ coordenador do núcleo de infraestrutura e logística da Fundação Dom Cabral// também está conosco André Pasqualini/ ciclista e especialista em mobilidade humana// eu queria começar perguntando o seguinte/ ao Paulo Resende e/ posteriormente ao André/ se é possível/ a convivência de ciclistas/ motoristas/ e os motociclistas também/ claro/ nas grandes cidades brasileiras// Paulo/ boa noite |

Paulo Resende (PR) — Boa noite Nonato/ boa noite aos ouvintes/ boa noite André// ah/ é sim// é possível a convivência/ desde que nossa.../ tenhamos uma consciência que... de que a nossa/ cidade hoje/ as grandes cidades/ principalmente/ elas vivem um conflito muito grande/ que é um conflito da busca// à eficiência operacional de cada um/ ou seja// o ônibus quer ser o mais eficiente possível/ por diversas razões/ o veículo de passeio também/ quer ser o mais eficiente possível e... /ai nós estamos entrando por causa/exatamente por causa dessa/ busca de eficiência de cada um | |

RN — Hã | |

PR — o sistema não é eficiente// o sistema precisa/ de gestão e/ uma gestão de conflitos// âãh.../ quando nós partimos paraa/ uma/ guerra/ de interesses operacionais/ o que acontece é que impera/ a lei do mais forte/ e a lei do mais forte é o que nós estamos vendo/ nas cidades onde/ o ônibus/ supera o carro de passeio/ o carro de passeio supera a bicicleta/ e assim sucessivamente//

RN — ô André/ eu queria ouvir a tua opinião também/ eh/ nessa mesma questão// é possível essa convivência entre todo mundo/ ou não?//

André Pasqualini (AP) — sim/ é possível/ eh/ que/ âh/ eu já pratico/essaa convivência/ há quase vinte anos/ eeeh/ e uma coisa/ que eu reparo muito nessas viagens que eu faço pelo Brasil/ é que a bicicleta já é um veículo/ o veículo mais utilizado no Brasil// principalmente nas cidades menores/ que não têm transporte público/ a bicicleta domina/ noventa por cento da.../ da população de cada cidade/ usa a bicicleta// só que/ conforme essas cidades vão crescendo/ primeiro elas vão crescendo com aquela base do... do nosso sistema/predominando o.../ dando preferência pro sistema viário/ pras pessoas andarem de carro/ e daí vão afastando/ criando loteamentos mais longe/ e essas pessoas precisam chegar cada vez mais rápido pro centro// e daí começa justamente isso/ primeiro você acaba priorizando/ em vez de você gerir/ a/ a mobilidade da cidade/ de no | antes de/ de/ montar ela/ eles vão gerir quando os problemas já estão instalados// então/ com o passar do tempo/ o ciclista/ nessas cidades meno | maiores// ele vai se... eh/ se desencorajando/ a/ a/ a usar/ a utilizar a bicicleta/ eeeeh/

eh/ o transporte público vem só depois/ que o carro já tá consolidado/ e daí fica essa briga de espaço mesmo/ cada um/ você tem umaa/ uma gerência de tráfico/ por exemplo/ não só em São Paulo/ mas no Brasil inteiro/ todas as gerências de tráfico/ elas só gerem a... a.../ o deslocamento/ o deslocamento viário dos/ dos motoristas/ de passeio | |

RN — Hum |

AP — e/ o.../ o.../ o transporte público/ a bicicleta/ ela fica relegada a um segundo plano// e/ e ocorrem os conflitos/ que/ ocorrem essas fatalidades aí que/ que vêm ocorrendo/ infelizmente/ com os ciclistas//

RN — Ô André / eu queria ouvir a tua experiência/ aí eh.../ eh/ da situação atual/ né/ como você falou/ eh/ nas pequenas cidades/ a gente tem mesmo um predomínio da bicicleta/ em vários pontos do país/ eh/ nas grandes cidades/ eh/ eu acho que ainda não/ / como é que é a rotina/ de quem anda de bicicleta?// por exemplo/ eu/ eu particularmente/ eu gosto de bicicleta/ mas eu só vou/ no parque/ porque eu tenho receio de andar// como o Paulo/ eh/ eh/ falou na resposta dele/ com.../com um ônibus/ do lado// ou com algum outro carro/ que eu não sei como é que está o humor daquele motorista/ naquele dia/ pra.../ eh/ eh/ comportar um ciclista do lado dele/ então eu prefiro andar apenas no parque/ eu confesso a você que eu tenho receio// qual é a rotina eh/ eh/ do cidadão que anda de bicicleta hoje nas grandes cidades?/ ô André//

AP — eh/ bem/ eh [...]

Fato em foco. São Paulo: Rádio CBN FM de São Paulo, 10 mar. 2012. Transcrição feita pelos autores com base no áudio gerado pela gravação do programa.

1 Retomem os pequenos grupos de trabalho formados para as atividades propostas na seção “Linguagem oral” do capítulo 11.

2 Após a leitura atenta da transcrição acima, respondam a estas questões:

I. O papel do mediador:

- Ele conseguiu dar início ao debate apresentando claramente a questão polêmica ou o tema que seria debatido?
- Houve momentos em que ele precisou interromper a fala de um dos debatedores? Se isso aconteceu, como o jornalista o fez?

II. O conteúdo do debate:

- As posições defendidas e as opiniões dos debatedores ficaram claras para quem ouvia? Se isso não aconteceu, o que, na opinião de vocês, prejudicou o debate?

- O mediador fez perguntas aos debatedores? Essas perguntas pareciam pertinentes ao tema ou fugiam dele?
 - Os debatedores procuraram ater-se ao tema proposto ou fugiram da questão discutida?
 - Os debatedores apresentaram pontos de vista divergentes sobre a questão polêmica? Que aspectos da polêmica cada um destacou no trecho do debate transcrito?
- 3** Compartilhem as respostas dos grupos e comparem-nas com as dadas à mesma questão 3 desta seção, no capítulo 10.
 - 4** Se possível, gravem e ouçam um debate como esse, que foi transcrito de uma rádio (pode ser também um debate transmitido pela televisão).
 - 5** Considerando que os debatedores e o mediador desse debate transcrito são experientes, que diferenças vocês conseguem perceber entre a forma como o debate da rádio foi conduzido e os que vocês conduziram anteriormente, nas atividades orais dos capítulos 10 e 11? (Se necessário, retomem os registros feitos.)
 - 6** Este é o momento de pôr em prática tudo o que vocês já sabem sobre debate. A classe vai organizar-se para debater a questão polêmica apresentada no artigo de opinião de Mirian Goldenberg, no início deste capítulo. Se possível, gravem este novo debate, escutem e analisem-no com base no roteiro (questão 3 desta seção, capítulo 10).
 - 7** Registrem suas conclusões no caderno.

Linguagem oral

» Diálogo e interação verbal

O diálogo é uma das formas mais difundidas da linguagem oral. Constitui a base da maior parte das **interações verbais orais**. A partir deste capítulo, vamos estudá-lo, sob a perspectiva da linguagem oral, a fim de que você entenda como se configuram alguns elementos fundamentais da oralidade que a distinguem da escrita.

1 Reúna-se com seus colegas em pequenos grupos e listem algumas situações de comunicação nas quais ocorram diálogos. Compartilhem com os demais grupos os resultados dessa atividade inicial, sob a orientação do professor, e discutam tudo o que foi apresentado, confrontando suas diferentes respostas.

2 Após a discussão sugerida na questão anterior, reúna-se com alguns colegas. Pesquisem uma das situações comunicativas nas quais se constatou a presença de diálogos. Sigam o roteiro abaixo.



Thomaz Aquino de Azevedo

- a) Seleccionem um gênero de texto (oral ou escrito) em que se constate a presença do diálogo.
- b) Se for gênero escrito (como extrato de romance ou de peça de teatro), identifiquem e destaquem as partes que correspondem ao diálogo, para distingui-las do restante do texto.

- c) Se for gênero oral (como a conversa cotidiana, o debate regrado), gravem, de alguma forma, o extrato com o diálogo. Essa gravação pode ser feita por meio de um gravador de fita cassete, por exemplo, ou outro aparelho que permita a reprodução do extrato escolhido.
- d) Analisem o extrato pesquisado, observando estes dados:
 - O diálogo é oral ou escrito?
 - Em que gênero textual o diálogo foi identificado?
 - A situação de comunicação é de natureza pública (por exemplo, um programa de televisão, um romance, uma cena de novela) ou privada (como uma conversa entre dois amigos)?
 - É possível perceber se o nível de linguagem utilizado é formal ou informal?
 - Quantos interlocutores participam do diálogo?
- e) Compartilhem os resultados da pesquisa com os demais grupos, sob a orientação do professor. Elaborem um quadro com a síntese dessas conclusões e com as principais características de um diálogo levantadas pelos grupos.

Linguagem oral

» Diálogo: marcas de hesitação e reiteraões

No capítulo anterior, você deu início ao estudo do diálogo. Neste, por meio da análise de duas transcrições de diálogos orais, retomaremos esse assunto. Os textos reproduzidos a seguir são **decupagens**. Leia-as atentamente.

A **decupagem** é uma técnica muito utilizada em cinema, rádio e televisão, para fazer análise ou edição de textos. Consiste na transcrição alfabética do texto oral, com o auxílio de algumas marcações que permitem que ele seja analisado.

Nos estudos de oralidade propostos nesta coleção, recorreremos à decupagem sempre que é preciso constituir exemplos de textos orais. Nela tenta-se registrar o mais detalhadamente possível as características do texto oral, como as hesitações, as pausas, as sobreposições de fala, os incidentes na comunicação. Para isso, são utilizados sinais especiais, que têm seu significado indicado na **chave de transcrição**.

As decupagens não são todas iguais nem utilizam os mesmos sinais. Isso depende da finalidade do trabalho. Nas decupagens deste capítulo, por exemplo, as pausas e as marcas de hesitação foram as mais utilizadas.

Texto 9

Globo News especial

NM — você falou que/que o seu primeiro emprego mesmo/ de ganhar uma graninha/ tudo/ era na boate Plaza//você cantando |

RC — foi |

NM — você cantando ali em Copacabana/ ali no final do... dos anos anos 50/ virada dos 60/ né?/ Eh...

RC — é//

NM — e aí era o início da bossa nova// o sucesso era/ João Gilberto/ o primeiro disco/

RC — é//

NM — e o que que 'cê cantava/ lá na boate Plaza?//

RC — cantavaa...// cantava muita coisa/né?//mas can... cantava/ os... os sambas/ da... da... do disco do João Gilberto//né?/ do *Chega de saudade*// que era um sucesso espetacular// então eu cantava todas aquelas músicas// *Rosa morena*.../ *Blin blin*/ o... o... *Chega de saudade*/ cantava tudo isso |

NM — *Saudade fez um samba*//

RC — inclusive tinha |

NM — *Lobo bobo* você cantava também?//

RC — não/ ainda não// nessa época |

NM — cantou o *Lobo Mau* depois//

RC — é... é... é |

NM — [risos]

RC — [risos]

CV — [risos]/ o bobo não... |

NM — [risos]/ nunca foi bobo//

RC — [risos]/ é... é... é//

NM — como é que você cantava/o.../o... *Rosa morena*?//

RC — [canta trecho da canção *Rosa morena*]//

NM — [após ouvir RC cantar] ele é totalmente/ bossa-nova//

CV — esse é o cara que canta bossa nova//

NM — não é/ Caetano?//

RC e NM — [risos sobrepostos]

CV — viu as notas lisas?/ né// aquela nota sem vibrar// per-fei-taa//

RC — mas isso aí |

NM — você é mais *pop* que ele// ~~~~// o timbre de voz... |

Chave da transcrição

/ — pausa mais breve

// — pausa mais longa

| — interrupção

? — entoação interrogativa

! — entoação exclamativa

... — hesitação ou suspensão da voz

Sublinhado — insistência

Vogais repetidas — prolongamento na pronúncia da vogal

~~~~ — trecho incompreensível

[ ] — incidente na comunicação

Letra maiúscula — início de nome próprio

Itálico — destaque para tornar mais fácil a compreensão

CV — a doçura |

NM — ... e aquele minimalismo/da... da bossa no-va//

RC — [risos]

NM — depois ele vem com essa conversa// [variando o tom de voz] não/não é minha praia//

RC — não/ mas não é mesmo// eu... eu cantava nessa época/ muito influenciado pelo João Gilberto// e... e |

CV — e pelo visto canta ainda// porque o que |

RC — [risos]

CV — porque o que você acaba de cantar |

NM — e melhor do que nunca |

RC, CV e NM — [risos sobrepostos]

NM — vamo' combinaar//

CV — porque isso aí de cantar/ voz sem vibrato/ isso aí é a... a perfeição//

RC — não... |

NM — totalmente gilbertiano//

RC — Eh... eh/

[pausa breve]

RC — eh//

NM — Eeh.../ as primeiras vezes que.../ que/ que vocês se encontraram// foi naqueles festivos// de.../ de música |

CV — a primeira vez/ uma das primeiras vezes que a gente se encontrou// foi/ acho que foi.../ foi/ ali na... na... /âh/ nos bastidores da/ âh/ da tevê Record/

### Interlocutores



→ O crítico musical e compositor Nelson Mota (NM).



→ O compositor e cantor Caetano Veloso (CV).



→ O compositor e cantor Roberto Carlos (RC).

NM — e você chegou a cantar na Jovem Guarda?//  
 CV — Cheguei/ cheguei a cantar// puxa/ tivee a... a glória de subir num queijinho/ onde só subiam o Roberto Carlos |

RC e NM — [risos sobrepostos]

CV — e a Wanderléa no final// ele/ eu acho que/ por gratidão/ porque nós tínhamos feito aquela onda de... /eh.../ recuperar criticamente a jovem guarda/ que/ eraa... adorada pelo povo/ mas/ mas criticamente não era/ não tinha o prestígio que merecia//

RC — é verdade//

CV — nós fizemos esse esforço/ isso foi uma das grandes/ grandes conquistas eh... eh.../ do tropicalismo// foi um gesto fundamental

do movimento tropicalista foi adotar a.../ criticamente o negócio da jovem guarda// então/ não sei se foi gratidão a isso// o Roberto chamou/ sobe aqui bicho/ subi e fiquei orgulhosíssimo// eu fiz umas três vezes//

NM — foi/Roberto// isso foi importante/ pra você?//

RC — muito importante/ muito importante// ~~~~/ falou bem da jovem guarda/ falou coisas bonitas// realmente isso mudou muito/ mudou muito/ porque a gente passou inclusive a ser mais respeitado//

Trecho do programa *Globo News* especial, rádio *Globo News*.  
 Rio de Janeiro, 11 jul. 2009, 14h30-15h00. Trecho transcrito:  
 7 min. 32 seg. Transcrição feita pelos autores com base no áudio gerado pela gravação do programa.

## Texto 10

### Conversa telefônica (extrato)

L1 — Alô//

L2 — Alô, fofa!// oi/ fofa// tudo bem?/ 'cê pode falar?//

L1 — uai/ posso!// posso |

L2 — não/ porque tem gente aí// vai saber se vocês já não 'tão almoçando...//

L1 — não!//

L2 — não?//

L1 — não/ a mãe esqueceu de fazer o arroz//

L1 e L2 são as interlocutoras da conversa telefônica.

L2 — a mãe esqueceu de fazer o arroz?//

L1 — é/ pôe a mesa// cadê o arroz?// cadê o arroz?//

L2 — ah... ah |

L1 — é//

L2 — a mãe deve tá meio louca//

L1 — agora está fazendo o arroz |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>L2 — ah tá// ah... deixa eu te perguntar uma coisa/<br/>meu cartão de memória/ ele ficou aí/ né?//</p> <p>L1 — não/ eu te dei//</p> <p>L2 — não/ você.../ você não me deu/ filhinha//</p> <p>L1 — <u>deil</u>//</p> <p>L2 — não deu  </p> <p>[início da sobreposição de vozes]</p> <p>L1 — <u>Glória</u>// eu te  </p> <p>L2 — você não me deu/ é/ você falou/ eu não quero agora  </p> <p>L1 — eu deil  </p> <p>L2 — porque eu não sei onde eu vou guardar//</p> <p>[fim da sobreposição de vozes]</p> <p>L2 — então eu não me responsabilizo mais por ele// então ele deve 'tar aí  </p> <p>L1 — Glória/ eu falei pra você/ [mudança no tom de voz] então eu não me responsabilizo mais//</p> <p>L2 — por favor!//</p> <p>L1 — Glória/ mas eu entreguei na sua mão//</p> <p>L2 — não entregou/ eu <u>nem</u> cheguei a pegar//</p> <p>L1 — não me responsabilizo...//</p> <p>L2 — mas eu 'tou precisando dele!//</p> <p>L1 — não me responsabilizo/ entendeu?//</p> <p>L2 — porque eu fazer umas fotos/ não vai caber  </p> <p>L1 — querida/ sinto muito/ mas  </p> <p>L2 — ficou com você/ eu/ eh...  </p> <p>L1 — sinto muito/ eu avisei//</p> <p>L2 — vê então/ vê pra mim/ vê se... se não tá/ não tá aí/ em algum lugar!// ele não tá comigo/ eu já revirei tu  </p> <p>L1 — gente!/ Glória  </p> | <p>L2 — tudo!// ele tá com você!//</p> <p>L1 — Glória/ eu falei/ eu não me responsabilizo/ entendeu?// não me  </p> <p>[sobreposição de vozes]</p> <p>L1 e L2 — /~~~~~/</p> <p>[pausa breve]</p> <p>L2 — vê pra mim aí/ fofa// você guardou sabe Deus onde!  </p> <p>L1 — É/ sabe Deus onde/ isso <u>mesmo</u>/ sabe Deus onde!//</p> <p>[pausa breve]</p> <p>L2 — vai/ fofa// procura ele aí pra mim//</p> <p>L1 — nossa! <u>nooossa</u> gentel// e eu... eh... e eu vou lá saber onde eu pus esse cartão de memória?//</p> <p>L2 — justamente/ eu to ligando/ pra refrescar sua memória//</p> <p>L1 — não/ Glória// não/ eu falei pra vocêêê/ [escandindo as sílabas] eu-não-me-res-pon-sa-bi-  </p> <p>L2 — vai/ fofinha// faz isso pra sua irmã querida/ faz...//</p> <p>L1 — tá... tá.../ eu vou ver// tá  </p> <p>L2 — bom/ se você achar/ bom/ aí você guarda//</p> <p>L1 — ah/ tá/ Glória/ mas... mas eu não sei onde tá o cartão...//eu vou procurar/ ué!/ mas não garanto nada//</p> <p>L2 — tá bom/ fofinha// se você achar você  </p> <p>L1 — se eu achar/ eu guardo ele pra você//</p> <p>L2 — tá...// a/ a mãe t'á!// posso falar com ela?//</p> <p>L1 — tá//</p> <p><small>Conversa telefônica entre irmãs. Trecho transcrito: 3 min. 15 seg. Transcrição feita pelos autores com base no áudio gerado pela conversa telefônica.</small></p> |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

1 Ao ler as decupagens dos textos 9 e 10, o que mais chamou sua atenção? Por quê?

2 Algumas palavras ou expressões aparecem repetidas em sequência, como no trecho a seguir, do texto 9.

NM — Eeh.../ as primeiras vezes que.../ que/ que vocês se encontraram// foi naqueles festivais// de.../ de música |

CV — a primeira vez/ uma das primeiras vezes que a gente se encontrou// foi/ acho que foi.../ foi ali na... na... /ah/ nos bastidores da/ ah/ da tevê Record/

Em sua opinião, por que isso ocorre?

3 Você nota alguma diferença de linguagem entre os textos 9 e 10?

4 Observe os símbolos usados nas transcrições e responda no caderno:

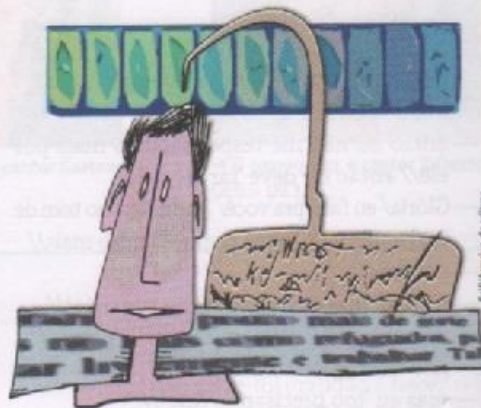
a) Os símbolos / e // indicam as pausas. Por que há, na linguagem oral, tantas pausas?

b) Por sua vez, o símbolo | marca uma interrupção ou ruptura. Observe nas decupagens anteriores os momentos em que esse símbolo é utilizado e tente explicar por que um locutor interrompe a fala de outro.

## I. Marcas de hesitação e reiteraões

O oral é percebido pela audição; a escrita, construída com símbolos gráficos, é percebida pela visão (há sistemas de escrita, como o braille, que são táteis). Além disso, a comunicação oral que ocorre por meio do diálogo se dá em tempo real, ou seja, quando duas (ou mais) pessoas dialogam, a que ouve está, em geral, na presença daquela que fala, e pode até mesmo intervir e atuar sobre o que é dito. E como o produto — que é o texto oral — e o processo de produção desse texto ocorrem simultaneamente, pode haver hesitações, retomadas do pensamento, repetições. Essa é uma das diferenças fundamentais entre a interação verbal oral e a escrita porque, ao escrevermos um texto para outra pessoa ler, podemos modificá-lo ou corrigi-lo, reformular certas partes, reescrever o texto em parte ou totalmente, e ele só é dado ao outro depois de pronto. Além disso, o leitor, em geral, nas situações mais usuais de comunicação escrita, não presencia a produção do texto.

Assim, repetições, reiteraões, o uso de certas expressões como *áh*, *eh*, o alongamento das vogais ao final das palavras, entre outros, são marcas de hesitação. As repetições e reiteraões também podem acontecer quando o locutor (quem fala) quer se certificar de que o outro está entendendo o que ele diz.



## II. Características da interação verbal no diálogo

Das principais características do diálogo, destacamos as seguintes:

1. O diálogo existe tanto em gêneros orais como em gêneros da escrita. As decupagens são transcrições de oralidade. Os diálogos que existem nos romances que lemos são exemplos de diálogos escritos.
2. O diálogo caracteriza-se pela **troca verbal**: para haver diálogo é preciso haver ao menos dois participantes. Esses participantes são chamados de **interlocutores**.
3. Cada interlocutor tem a sua própria vez de falar: se os dois (ou mais interlocutores) falam ao mesmo tempo, a comunicação pode ser prejudicada. Observe nas decupagens que, em certos momentos, não é possível compreender o que se diz, pois há sobreposição de vozes. Essa “vez” de cada interlocutor é chamada de **turno**. Quando um interlocutor interrompe o outro e toma a palavra sem que o primeiro tenha concluído o que queria falar, dizemos que ocorre um **assalto do turno**. Em certas formas de diálogo, como a entrevista oral, costuma haver poucos assaltos do turno; em outras, como o debate, o assalto do turno é mais frequente. Quando não há esse tipo de interrupção, há certos indícios que ajudam o interlocutor a perceber que é o momento de tomar a palavra — pequenas pausas, hesitações ou o próprio ritmo e a entoação que marcam a modalidade frasal (asserção, interrogação, exclamação, entre outras) ou ainda determinadas palavras ou expressões. No texto 9, você pode perceber claramente como isso ocorre: Nelson Mota faz perguntas tanto a Roberto Carlos como a Caetano Veloso, e estes respondem às questões sem “assaltarem” o turno de Nelson Mota (os músicos aguardam Nelson Mota concluir a formulação da pergunta para só então tomarem a palavra).
4. O diálogo se caracteriza por uma **alternância de turnos**. Nos gêneros orais, a materialidade da voz e/ou a presença física dos interlocutores que falam, cada um na sua “vez”, constituem a principal marca da **troca verbal**.
5. Nos **gêneros da escrita**, há outros recursos para indicar a troca verbal. Desses, o principal é a **pontuação de diálogo**, como os dois-pontos e o travessão.

## Volume 2 – pág.71

5 O texto 10 é a decupagem de uma conversa telefônica informal, com marcas típicas da oralidade, como hesitações e reiteraões. É, como vimos, a transcrição de um **texto oral**. Reúna-se com alguns colegas e, juntos, tentem reformular esse diálogo, eliminando as marcas típicas de oralidade, de modo a transformá-lo num **texto escrito**.

## Volume 2 – pág.99

## Linguagem oral

### » Diálogo: diferenças entre o oral e a escrita

No conto *Johann*, de Álvares de Azevedo, há um extenso diálogo. Porém, trata-se de um diálogo escrito, no qual não há marcas de hesitação, nem reiteraões ou outros elementos típicos de oralidade. Além disso, o texto foi escrito no século XIX (a linguagem do texto é aquela, portanto, que se utilizava nessa época).

Reúna-se com alguns colegas para transformar esse diálogo escrito num diálogo oral na linguagem atual.

- Façam a transformação do diálogo escrito para o oral adaptando a linguagem do século XIX para a linguagem atual. Não se trata apenas de ler o texto em voz alta, e sim de transformar as falas dos interlocutores de modo que elas lhes pareçam "naturais". Vocês podem alterar tudo o que acharem pertinente.
- Quando tiverem feito as alterações julgadas necessárias, se possível gravem o diálogo ou então preparem-se para encená-lo diante dos colegas. Cada grupo exibirá aos demais colegas o resultado de suas transformações.
- Ao ouvir as gravaões realizadas por seus colegas, anote os aspectos que você modificaria para tornar o diálogo mais autêntico, mais "natural".
- Com a ajuda do professor, compartilhem as anotaões feitas, a fim de compor um quadro com as características que vocês acham que os diálogos orais devem ter.



## Linguagem oral

### » Expressões fáticas

Nos capítulos da unidade anterior, você analisou algumas situações caracterizadas pelo **diálogo**.

**1** O trecho a seguir foi extraído de uma das decupagens apresentadas no capítulo 2. Lembre-se de que se trata de uma comunicação de caráter privado (trata-se do diálogo telefônico entre duas irmãs). Leia-o atentamente.

[...]

L1 — Glória/ mas eu entreguei na sua mão!//

L2 — não entregou/ eu **nem** cheguei a pegar!//

L1 — não me responsabilizo...//

L2 — mas eu 'tou precisando dele!//

L1 — não me responsabilizo/ entendeu?//

L2 — porque eu fazer umas fotos/ não vai caber |

L1 — querida/ sinto muito/ mas |

L2 — ficou com você/ eu/ eh... |

L1 — sinto muito/ eu avisei!//

L2 — vê então/ vê pra mim/ vê se... se não tá/ não tá aí/ em algum lugar!// ele não tá comigo/ eu já revirei tu |

L1 — gentel/ Glória |

[...]

a) Nesse trecho, L1 usa uma palavra para **chamar a atenção** de L2. Tente localizá-la.

b) No último turno de L1 transcrito acima, emprega-se uma expressão comum na interação oral dialogal. Indique-a.

**2** Esse diálogo prossegue da seguinte forma:

[...]

L1 — gentel/ Glória |

L2 — tudol// ele tá com você!//

L1 — Glória/ eu falei/ eu não me responsabilizo/ entendeu?// não me |

[...]

a) A palavra *Glória*, que aparece duas vezes na fala de L1, desempenha qual função sintática? Explique.

b) Tente explicar também qual é a função sintática da palavra *gente*, que aparece em: "L1 — gentel/ Glória|".

**3** Na seção "Linguagem oral" do capítulo 1, foi proposto que você e seus colegas gravassem um extrato de oralidade caracterizado pelo diálogo. Se você e sua equipe realizaram tal gravação, ouçam-na atentamente e tentem localizar palavras ou expressões que desempenham uma função semelhante à de *gente* ou *Glória* na decupagem acima.

### Expressões fáticas

Na oralidade, sobretudo quando há interação dialogal, às vezes um dos locutores sente necessidade de chamar a atenção do(s) outro(s) a fim de, por exemplo, certificar-se de estar sendo bem compreendido ou ouvido. Para fazer isso, ele recorre a certas palavras ou expressões, como “entendeu”, que aparece em: “L1 — Glória/ eu falei/ eu não me responsabilizo/ entendeu?// não me!”. Essas palavras ou expressões, abundantes no oral, são chamadas de expressões fáticas. Muitas delas — como *bom, bem, tá, né* — são formas bastante características do oral e compõem, ao lado das marcas de hesitação e reiteração, o que os estudiosos de linguagem costumam chamar de **marcas de oralidade**.

4 O trecho reproduzido a seguir é um extrato da novela *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Trata-se de um trecho em que o narrador reproduz uma encenação de diálogo entre as duas personagens principais: Olímpico de Jesus (Ele) e Macabéa (Ela). Para marcar os turnos, em vez de utilizar a pontuação de diálogo e os verbos de dizer, o narrador insere as falas como se fosse um texto dramático (um texto para ser encenado). Leia-o atentamente.

[...]

Ele: — Pois é.

Ela: — Pois é o quê?

Ele: — Eu só disse pois é!

Ela: — Mas “pois é” o quê?

Ele: — Melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela: — Entender o quê?

Ele: — Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!

Ela: — Falar então de quê?

### A hora da estrela

Em *A hora da estrela*, publicado em 1977, a escritora Clarice Lispector constrói uma história cujo motivo central é a vida de uma nordestina numa cidade grande do sudeste do país. Essa nordestina chama-se Macabéa. No Rio de Janeiro, Macabéa conhece outro nordestino, Olímpico de Jesus, com quem estabelece um breve relacionamento.

→ Clarice Lispector.  
*A hora da estrela*.  
Rio de Janeiro,  
Rocco, 1998.



→ Cena do filme *A hora da estrela*, de Suzana Amaral, baseado na obra de mesmo nome de Clarice Lispector. Produzido em 1985, tem a atriz Marcélia Cartaxo no papel de Macabéa e o ator José Dumont no papel de Olímpico de Jesus.

## Volume 2 – pág.128

Ele: — Por exemplo, de você.

Ela: — Eu?!

Ele: — Por que esse espanto? Você não é gente?  
Gente fala de gente.

Ela: — Desculpe mas acho que não sou muito gente.

Ele: — Mas todo mundo é gente, meu Deus!

Ela: — É que não me habituei.

Ele: — Não se habituou com quê?

Ela: — Ah, não sei explicar.

Ele: — E então?

Ela: — Então o quê?

Ele: — Olhe, eu vou embora porque você é impossível!

Ela: — É que eu só sei ser impossível, não sei mais nada.  
Que é que eu faço para conseguir ser possível?

Ele: — Pare de falar porque só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.

Ela: — Acho que não sei dizer.

Ele: — Não sabe o quê?

Ela: — Hein?

Ele: — Olhe, até estou suspirando de agonia. Vamos não falar em nada, está bem?

Ela: — Sim, está bem, como você quiser.

Ele: — É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim.

[...]

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estreia*.  
Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 64-65.

Localize a expressão fática existente nele e, em seu caderno, explique por que só há uma expressão como essa em todo o diálogo.

## Linguagem oral

### » Entre o oral e o escrito: a questão da ortografia (I)

Uma das questões complexas da língua portuguesa é a ortografia. Acompanhe as explicações a seguir para compreender por quê.

#### Ortografia

A representação das palavras na língua escrita se faz por um conjunto de regras e convenções a respeito do uso das letras e dos demais símbolos gráficos (como os acentos, o til, o hífen, entre outros) que chamamos de **ortografia**.

Na língua portuguesa, a ortografia é um sistema que procura representar por escrito **os sons das palavras**. Como não é possível representar com absoluta fidelidade esses sons (lembre-se de que nem todos os falantes da língua pronunciam de forma **exatamente igual** os sons das palavras), não pode haver correspondência exata entre sons e letras.

Assim, uma maneira de resolver esse problema é não levar em conta única e exclusivamente os sons, mas também a origem das palavras. Assim, nas palavras *jeito* e *sargento*, as letras *j* e *g* representam o mesmo som, mas *jeito* se escreve com *j* porque deriva do latim *iactus*, ao passo que *sargento* se escreve com *g* porque deriva do francês *sergent*.

A dificuldade com a ortografia (que nos faz cometer os “erros ortográficos”) deve-se sobretudo ao fato de que parte das regras ortográficas leva em conta a origem das palavras. Há, por exemplo, uma regra ortográfica que determina que as palavras de origem indígena ou africana sejam grafadas com *ç* e não com *ss*. É por essa razão que *paçoca* se escreve com *ç* e não com *ss*. Mas... e se você não souber que *paçoca* é de origem indígena? Como fazer?

Por razões como essa, muitas regras ortográficas podem não ser muito práticas. Talvez a maneira mais simples de aprender a ortografia seja você **familiarizar-se** com ela. Não há um jeito único de isso acontecer. Mas você pode seguir alguns passos para melhorar seu desempenho em ortografia. Isso pode ser feito principalmente em suas produções textuais. Algumas dicas:

- Quando houver dúvida, sempre consulte o dicionário: ele registra a ortografia correta das palavras.
- Palavras derivadas umas das outras em geral são escritas com a(s) mesma(s) letra(s). Assim, *ajeitar* se escreve com *j* porque deriva de *jeito*.
- Observe sempre certas regularidades ortográficas que independem de você conhecer ou não a origem das palavras. Por exemplo: a terminação do imperfeito do subjuntivo de todos os verbos se escreve com *ss*; assim, é fácil você saber que *ficasse*, *falasse*, *corresse* se escrevem com *ss*.
- Se você escreveu alguma palavra de forma incorreta, assim que você perceber o problema (ou porque alguém — como um professor — indicou-o a você, ou porque você mesmo percebeu o erro ao observar a palavra escrita em outro texto), sempre o corrija: apague a forma incorreta e escreva a correta em seu lugar, mesmo que se trate de um escrito pessoal (que não será lido por ninguém além de você). Desse modo, você vai se familiarizando com a ortografia.
- Fique atento aos erros frequentes.
- Se a ortografia de alguma palavra lhe chamar a atenção (por exemplo, você está lendo um texto e vê a palavra *paço*), consulte o dicionário: eventualmente, você descobrirá se se trata de um erro ortográfico ou de uma palavra que você simplesmente não conhecia.
- Use os recursos tecnológicos a seu favor: atualmente, os computadores costumam apresentar processadores de texto equipados com corretores ortográficos muito fáceis de utilizar. (Veja, na seção “Para ir mais longe” deste capítulo, uma sugestão de como valer-se desse recurso em suas produções textuais.)



Thiago Augusto da Silva

Volume 2 – pág.154

No próximo capítulo, apresentamos um aspecto da ortografia da língua portuguesa para o qual pode ser especialmente útil conhecer **regras**: a acentuação gráfica.

## Linguagem oral

### » Entre o oral e o escrito: a questão da ortografia (II)

Um dos aspectos da ortografia da língua portuguesa cujas regras você pode utilizar diz respeito à acentuação gráfica. Acompanhe as explicações e os exemplos a seguir para compreender essas regras.

#### Regras de acentuação

##### I. Relação entre a acentuação gráfica e o oral

A acentuação tem muitas relações com a pronúncia das palavras: a maior parte das regras de acentuação leva em conta a posição que a sílaba tônica ocupa na palavra. Como você certamente já estudou, há três classificações possíveis: palavras oxítonas (a sílaba tônica é a última, como em *café*, *coração*, *valer*), palavras paroxítonas (a sílaba tônica é a penúltima, como em *agora*, *linguagem*, *caráter*), palavras proparoxítonas (a sílaba tônica é a antepenúltima, como em *gráfico*, *falássemos*, *rítmico*).

Outras regras levam em conta a existência de encontros vocálicos na palavra.

##### II. Regras de acentuação gráfica das palavras de duas ou mais sílabas

###### 1. Palavras oxítonas

Observe os grupos:

###### A.

| Exemplos      | Oxítonas terminadas em: |
|---------------|-------------------------|
| está, estás → | a(s)                    |
| você, vocês → | e(s)                    |
| avô, avós →   | o(s)                    |
| alguém →      | em                      |
| parabéns →    | ens                     |

###### B.

| Exemplos       | Oxítonas terminadas em: |
|----------------|-------------------------|
| ali →          | i                       |
| urubu →        | u                       |
| levar, sutil → | consoante               |

Acentuam-se graficamente as palavras oxítonas terminadas em *a(s)*, *e(s)*, *o(s)*, *em*, *ens*.

Observação:

Incluem-se nesta regra as formas verbais seguidas dos pronomes *lo*, *la*, *los*, *las*. Por exemplo:

A velha ave podia *pescá-los* até de olhos fechados...  
Ele está indo longe demais. É preciso *detê-lo*.



###### 2. Palavras proparoxítonas

Veja:

lâ-m-pa-da

mê-di-co

es-tô-ma-go

Todas as palavras proparoxítonas recebem acento gráfico. Essas palavras são chamadas de proparoxítonas reais.

Veja ainda outro caso na página seguinte.

Em toda a história civilizada, o homem sempre produziu sua **subsistência** e posteriormente um excedente, com a finalidade de trocar ou vender. Essa relação demonstra claramente o que é o **comércio**.

Disponível em: <www.brasilecola.com/historia>. Acesso em: out. 2012.

As palavras destacadas são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Podem também ser consideradas proparoxítonas aparentes.

Veja outros exemplos de proparoxítonas aparentes:

área, história, tênue, série, Lúcia, Sérgio, Mário, água, vácuo, etc.

Todas as palavras **proparoxítonas** (reais ou aparentes) **são acentuadas** graficamente.

### 3. Palavras paroxítonas

Observe o grupo de palavras abaixo:

| Exemplos                   | Paroxítonas terminadas em: |
|----------------------------|----------------------------|
| móvel, nível →             | l                          |
| táxi, lápis →              | i(s)                       |
| pólen, Nélon →             | n                          |
| jiu-jítsu, vírus →         | u(s)                       |
| álbum, álbuns →            | um, uns                    |
| <b>iãndom</b> , elétrons → | om, ons                    |
| César, repórter →          | r                          |
| tórax, ônix →              | x                          |
| ímã, ímãs →                | ã(s)                       |
| órgão, órgãos →            | ão(s)                      |
| pônei, amáveis →           | ei(s)                      |
| fórceps, bíceps →          | ps                         |

**iãndom**: espécie de avestruz.

**Acentuam-se** graficamente as **paroxítonas terminadas em l, i(s), n, u(s), um, uns, om, ons, r, x, ã(s), ão(s), ei(s) e ps**.

#### Observações:

1. As proparoxítonas aparentes são consideradas geralmente como paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Todas são acentuadas: *comércio, Márcia, Sérgio, Lúcia, tênue*.
2. Não se acentuam os prefixos paroxítonos. Exemplos: *super-resfriada, inter-regional, anti-higiênico*.

## III. Regras de acentuação para ditongos abertos

Compare:

ditongo *ei*

Viveu no tempo dos **reís**...

Ainda existem **reis** no mundo?

ditongo *eu*

Ela vive assim, ao **léu**.

Você **leu** a carta?

ditongo *oi*

Minha cabeça **dói** muito.

Juvenal se **foi** da cidade.

Ditongos abertos — *réis, léu, dói*

Veja também: *pastéis, chapéu, herói*

*Réis, léu, dói* são monossílabos tônicos.

*Pastéis, chapéu, herói* são palavras oxítonas.

Ditongos fechados — *reis, leu, foi*

**Acentuam-se os ditongos abertos *ei, eu, oi* nos monossílabos tônicos e nas palavras oxítonas.**

#### IV. Regras de acentuação para os hiatos

1. *i* e *u* tônicos do hiato, sozinhos na sílaba, são acentuados:

ba-ú

Ja-ú

sa-ú-de

ju-í-zes

mo-í-do

sa-í-a

2. *i* e *u* tônicos do hiato, seguidos de *s* na mesma sílaba, são acentuados:

ba-la-ús-tre

ba-ús

ca-ís-te

e-go-ís-ta

**Acentuam-se o *i* e o *u* tônicos dos hiatos** quando formarem sílabas sozinhas ou quando vierem seguidos de *s*.

Observe ainda:

3. *i* e *u* tônicos do hiato, seguidos de outra letra (diferente de *s*) na mesma sílaba, não são acentuados:

a-in-da

ju-iz

ca-ir-mos

ru-im

ca-íu

Sa-ul

4. *i* e *u* tônicos do hiato, seguidos de *nh* na sílaba seguinte, não são acentuados:

cam-pa-i-nha

ra-i-nha

mo-i-nho

ta-i-nha

**Não se acentuam o *i* e o *u* tônicos do hiato** quando vierem seguidos de outra letra (diferente de *s*) na mesma sílaba ou de *nh* na sílaba seguinte.

Veja ainda:

5. *i* e *u* tônicos do hiato, quando vierem precedidos de ditongo decrescente, nas palavras paroxítonas, não são acentuados:

fei-u-ra (**ei**: ditongo decrescente em palavra paroxítona — hiato sem acento gráfico)

Gua-í-ba (**ua**: ditongo crescente em palavra paroxítona — hiato com acento gráfico)

**Não se acentuam o *i* e o *u* tônicos do hiato** quando vierem precedidos de ditongo decrescente, nas palavras paroxítonas.



Foto: Arquivo de autores

**Atenção:**

1. *Pi-au-í* tem acento porque é palavra oxítona.

2. *Gua-í-ba* tem acento porque o *i* é precedido de ditongo crescente.

#### V. Regras de acentuação gráfica dos monossílabos

Observe:

1. Monossílabos tônicos terminados em *a(s)*, *e(s)*, *o(s)*:

dá, dás, pá, pás

mês, vê, vês, três

Jó, nós, só, sós



## 2. Monossílabos tônicos terminados em *i(s)*, *u(s)*:

cri, lí, quis, ti, vi                      cru, nu, pus, tu

Acentuam-se graficamente os **monossílabos tônicos terminados em *a(s)*, *e(s)*, *o(s)***.

## VI. Regras especiais

### 1. Verbos *ter*, *vir* e seus compostos

Observe:

Ele **tem** — Eles **têm**      Ele **retém** — Eles **retêm**  
Ele **vem** — Eles **vêm**      Ele **intervém** — Eles **intervêm**

Coloca-se **acento circunflexo** na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter* e *vir*.

Os compostos dos verbos *ter* e *vir* recebem **acento agudo** na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo e acento circunflexo na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo.

### 2. Acento diferencial

Leia:

Você não **pode** ir. (presente)                      Você não **pôde** ir. (pretérito)

Coloca-se **acento circunflexo** no *o* tônico da forma verbal *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) para diferenciá-la de *pode* (presente do indicativo). Por exemplo:

Anteontem, a polícia havia ido até a casa de C. sem o mandado e, por isso, não **pôde** entrar na casa. (*Folha de S.Paulo*, 30 dez. 1995.)

Acentua-se **pôr** (verbo) para diferenciar de *por* (preposição). Por exemplo:

É preciso **pôr** o homem pra fora! Isto não tem jeito! (Aluísio Azevedo)

É **facultativo** o emprego do acento em:

**Fôrma** (substantivo), para distinguir de *forma* (substantivo ou 3ª pessoa do singular do presente do indicativo ou 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo).

A **fôrma** do bolo é pequena. (subst.)  
Esta mesa tem a **forma** retangular. (subst.)  
A turma do fundo da sala **forma** um grupo homogêneo. (3ª p. sing. pres. ind.)  
**Forma** tua equipe, rapaz. (2ª p. sing. imper. afirm.)



### 3. Trema

É empregado apenas em nomes próprios estrangeiros e em seus derivados.

Henry Müller foi um escritor norte-americano.  
Hübner é um sobrenome de origem alemã.  
*Mülleriano* — derivado de *Müller*  
*Hübneriano* — derivado de *Hübner*

■ A seguir, propomos a leitura de um trecho da obra *A sociedade e o indivíduo*, do historiador inglês Edward Hallett Carr (1892-1982). Destacamos no texto palavras acentuadas graficamente. Com base nas regras apresentadas anteriormente, justifique a acentuação empregada.

A pergunta sobre o que vem primeiro — a sociedade ou o **indivíduo** — é como a pergunta sobre o ovo e a galinha. Quer se considere a pergunta do ponto de vista **lógico** ou **histórico**, quer não, o fato é que nada se pode afirmar, de uma maneira ou de outra, sem que logo surja um ponto de vista oposto e igualmente parcial. A sociedade e o **indivíduo** são **inseparáveis**; eles são **necessários** e complementares um ao outro e não opostos. "Nenhum homem é uma ilha na sua totalidade", segundo a frase famosa de Donne: "cada homem é um pedaço do continente, uma parte do principal". Esse é um aspecto da verdade. Por outro lado, tomemos a expressão de J. S. Mill, o individualista **clássico**: "Os homens, quando são colocados juntos, não se convertem em outra **espécie de substância**". É claro que não. Mas a **falácia está** em supor que eles existiam, ou que tinham uma **espécie de substância** antes de serem "colocados juntos". Logo que nascemos, o mundo começa a agir sobre **nós** e a transformar-nos de unidades meramente **biológicas** em unidades sociais. Todo ser humano em qualquer **estágio da história** ou da **pré-história** nasce numa sociedade e, desde seus primeiros anos, é moldado por essa sociedade. A **língua** que ele fala não é uma herança individual, mas uma aquisição social do grupo no qual ele cresce. Ambos, **língua** e meio, ajudam a determinar o **caráter** de seu pensamento; suas primeiras ideias são provenientes de outras. Conforme **já** se afirmou, o **indivíduo**, desligado da sociedade, seria incapaz de falar e pensar. [...]

CARR, Edward Hallett. *Que é história?* São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 67-68.

## Linguagem oral

### » Entrevista oral

Pode-se notar, ao ler o artigo científico (textos 1 e 2), que os pesquisadores obtêm dados ou informações a respeito de um tema qualquer a partir de pesquisa ou coleta de informações e também ao tomar o depoimento de pessoas envolvidas no assunto.

Uma das maneiras mais comuns de recolher depoimentos com esse fim é fazer **entrevistas**. Nos capítulos desta unidade, você estudará esse gênero oral.

- 1** Nos meios de comunicação como o rádio e a televisão, assim como em situações do dia a dia, você deve ter tido contato com vários tipos de entrevistas. Com base nessas entrevistas de que você se recorda, responda às questões a seguir:
  - a) Por sua experiência como ouvinte de entrevistas, o que caracteriza esse gênero?
  - b) Ao ouvir uma entrevista no rádio (ou assistir a uma pela tevê), em geral, você sabe de antemão as respostas às perguntas que são formuladas pelo entrevistador ao entrevistado?
  - c) O que leva você a ouvir ou a ler uma entrevista?
- 2** Reúna-se com alguns colegas para fazer esta atividade, baseada no roteiro a seguir, a fim de compreender melhor o que é e como se organiza uma entrevista.
  - a) Seleccionem uma entrevista do rádio ou da tevê e gravem-na para trabalhar posteriormente com ela.
  - b) Escolham um trecho que lhes pareça particularmente interessante e transcrevam-no (vocês podem utilizar a técnica da decupagem apresentada em capítulos anteriores).
  - c) Pesquisem sobre o assunto do trecho transcrito.
  - d) Se possível, apresentem aos demais colegas uma gravação em áudio ou vídeo da entrevista escolhida e forneçam uma cópia dos trechos transcritos.
  - e) Apresentem para os demais colegas o resultado desse trabalho, destacando o seguinte:
    - o assunto do trecho transcrito;
    - as perguntas que mais chamaram a atenção do grupo;
    - a opinião do grupo sobre essas perguntas (se são boas, adequadas, etc.);
    - o que o grupo perguntaria ao entrevistado se estivesse no lugar do entrevistador.
  - f) Discutam coletivamente, com a mediação do professor, os aspectos que os diferentes grupos observaram nas entrevistas analisadas.
- 3** Após a apresentação, cada grupo deve retomar a entrevista gravada para fazer um trabalho de "recriação". Sigam estes passos:
  - a) Escolham quem fará o papel de entrevistador e de entrevistado.
  - b) Elaborem outras questões sobre o assunto.
  - c) Com base na pesquisa sobre o assunto realizada na atividade 2, o grupo prepara "respostas" para as perguntas elaboradas.
  - d) Encenam a entrevista para a classe. Se possível, gravem essa encenação.
  - e) Conversem com todos os colegas e o professor sobre quais foram as dificuldades ou facilidades dessa encenação, quais foram os problemas que surgiram no momento da entrevista, etc. O professor vai registrar as observações de todos os grupos decorrentes dessa atividade.

## Linguagem oral

### » Estrutura de uma entrevista

**I** De maneira geral as entrevistas contam com duas partes ou momentos decisivos para o seu sucesso: a abertura e o fechamento. Reúna-se com seus colegas de trabalho formado para a mesma seção do capítulo anterior. Retomem as entrevistas da tevê ou do rádio lá trabalhadas. Ouçam a gravação, atentando para:

- O início da entrevista: que palavras, expressões ou de que modo o entrevistador inicia a entrevista?
- O que faz o entrevistado nesse momento inicial?
- No final da entrevista, o que diz o entrevistador quando já não tem mais perguntas a fazer? O que lhe responde o entrevistado?
- Registrem suas observações e conversem com seus colegas dos outros grupos e o professor a esse respeito.



→ A jornalista Marília Gabriela entrevistando o ator e dramaturgo Miguel Falabella em seu programa *Marília Gabriela entrevista*, transmitido pelo canal GNT, 2009.

**2** A classe escolhe uma das entrevistas ouvidas e, coletivamente, com a ajuda do professor, faz uma análise dela com base neste roteiro:

- a) Façam um levantamento das questões da entrevista. É importante registrar por escrito essas perguntas. Classifiquem as perguntas em três categorias:
- Perguntas feitas sem base em resposta anterior do entrevistado.
  - Perguntas feitas com base na resposta anterior do entrevistado.
  - Perguntas que procuram esclarecer um aspecto ou informação já comentados na entrevista.

Observem e concluem: que tipo de pergunta é mais frequente?

- b) Há mais marcas típicas da oralidade (hesitação, reiteraões, expressões fáticas, entre outras) na fala do entrevistador ou do entrevistado?

- c) Analise o nível de linguagem empregado:

- Que marcas de polidez são frequentes? Por exemplo, que pronome de tratamento é usado? São empregadas expressões como *por favor* ou *obrigado*?
- A linguagem é formal ou informal? É possível estabelecer uma relação entre o nível de linguagem e o assunto da entrevista?
- Você acha que o nível de linguagem é adequado à situação de comunicação?

- d) O entrevistador interrompe muito o entrevistado, ou seja, assalta frequentemente o turno?

**3** Retomem a gravação feita a partir da encenação da entrevista feita durante o estudo do capítulo anterior. Ouçam-na e observem:

- a) O tipo de pergunta mais frequente.
- b) A maneira de abrir e fechar a entrevista.
- c) A adequação do nível de linguagem à situação comunicativa.
- d) As marcas de hesitação ou expressões fáticas que lhes pareçam excessivas na fala tanto do entrevistador quanto do entrevistado.
- e) A retomada de informações por meio de perguntas que reiteram uma informação já solicitada.
- f) Registrem as observações no caderno.

**4** Ainda em grupo, comparem os registros elaborados na questão anterior com a análise da entrevista da questão 2. Depois respondam em seu caderno:

- a) Que semelhanças e diferenças podem ser notadas entre essas duas entrevistas?
- b) Com base nessas semelhanças e diferenças, apresentem uma proposta de reformulação da entrevista feita pelo grupo.
- c) Apresentem sua proposta aos demais grupos, explicando as modificações sugeridas.

## Linguagem oral



### » Postura e comportamento dos participantes de uma entrevista

Nos dois capítulos anteriores, você e seus colegas analisaram entrevistas produzidas por veículos de comunicação.

Nessas situações, destacam-se três atores: o ouvinte/espectador, o entrevistador e o entrevistado. Cada um deles cumpre, na entrevista, um “papel” específico.

Assim, ao pensar sobre uma entrevista, é preciso ter em mente qual desses papéis você deve representar ou analisar, pois, a cada um, corresponde um tipo de atuação. São essas diferenças que vamos comentar nesta seção.



Argemiro Pimenta/Impressão da revista

→ Serginho Groisman, apresentador do programa *Altas horas*, entrevistando o músico Marcelo Yuka, que até 2001 foi baterista e letrista da banda O Rappa. Produção e transmissão da Rede Globo, 2003.

**1** Reúna-se com os colegas que têm trabalhado com você nas atividades desta seção. Ouçam e/ou vejam entrevistas do rádio ou da tevê e comparem-nas com aquelas que lhes serviram de base de análise para as atividades desenvolvidas nos capítulos 7 e 8.

- Que semelhanças e diferenças vocês notaram entre essas várias entrevistas?
- Reparem nas atitudes e no comportamento de entrevistador(es) e entrevistado(s), observando:
  - a situação de comunicação na qual se desenrola a entrevista (Onde e quando a entrevista acontece? Quanto tempo dura? Como se desenvolve? Por que é assim e não de outro modo?);
  - as marcas de polidez utilizadas;
  - a adequação do nível de linguagem à situação;
  - a maneira de encadear as perguntas feitas pelo entrevistador;
  - o tipo de pergunta e a ordem em que são formuladas.
- Discutam sobre essas informações e registrem suas conclusões no caderno.

**2** Na seção “Gramática textual”, você e um colega elaboraram um roteiro de pesquisa sobre um tema para fazer uma reportagem. Transformem esse roteiro de pesquisa em um roteiro de entrevista, pensando no seguinte:

- quem seria um possível entrevistado (alguém de sua região que, de fato, vocês possam entrevistar);
- que perguntas vocês poderiam formular para obter as informações necessárias à sua pesquisa;
- se possível, realizem e gravem essa entrevista;
- no dia combinado com o professor, exponham a entrevista e o resultado para a classe;
- comentem a entrevista das demais duplas, levando em conta principalmente:
  - a adequação das perguntas e da situação de comunicação;
  - as marcas típicas da entrevista (o início, o fechamento, o encadeamento das perguntas, as questões formuladas com base na resposta do entrevistado, as perguntas de retomada de informação, etc.).

**3** Nas entrevistas da tevê, é possível observar como se comportam entrevistador e entrevistado. Para entender um pouco esses comportamentos, reúna-se com alguns colegas e sigam este roteiro:

- Escolham uma entrevista de tevê e gravem-na.

## Volume 2 – pág.253

b) Ao assistir a ela, observem:

- O entrevistador e o entrevistado estavam em pé ou sentados? Em sua opinião, essa postura contribui ou atrapalha a entrevista?
- Usam-se recursos como gestos e mímica enquanto se fala? Esses recursos parecem adequados à situação de comunicação?
- O entrevistador sabe respeitar o turno do entrevistado?
- Há muitos assaltos de turno? Os assaltos existentes parecem justificar-se pelo andamento da entrevista ou parecem desnecessários e/ou incômodos?
- O entrevistador parece compreender o que o entrevistado fala?
- O entrevistado parece entender as perguntas do entrevistador e sabe responder a elas?

c) Registrem no caderno suas conclusões.

## Linguagem oral

### » Interpretação de documentos visuais (I): dizer e “reformular” o que se disse

Você certamente já precisou descrever uma imagem ou dar uma opinião sobre ela sem escrever, só falando. Pode ter sido a descrição de uma paisagem vista durante uma viagem, pode ter sido um comentário sobre uma fotografia. Nesta seção, você vai exercitar a interpretação oral de textos baseados em imagens.

Uma das características da linguagem oral, como temos observado, é que ela é sempre produzida em tempo real, ou seja, não há como corrigir o que é dito, pois o texto oral é “publicado” ao mesmo tempo em que é produzido. Depois de ter dito alguma coisa, se você sentir necessidade, pode **reformular** o que disse, retomando o discurso e dizendo de outra forma, mas não é possível “apagar” a fala anterior.

- 1** Reúna-se com alguns colegas e gravem exemplos de textos orais. Esses textos podem ser obtidos em extratos de programas de televisão ou rádio.
  - a) Anotem os dados referentes à gravação, como a data, o tipo de programa gravado, a emissora que o veiculou, etc. Esses dados serão importantes no momento de analisar o texto oral.
  - b) Ouçam atentamente o programa algumas vezes para familiarizarem-se com o assunto tratado. Se necessário, peçam ajuda ao professor para resolver eventual dúvida.
  - c) Elaborem a transcrição do programa, conforme explicado no capítulo 2.

**2** Feita a transcrição, observem:

- a) Havia muitas marcas de hesitação e expressões de natureza fática?
- b) O nível de linguagem era mais formal ou informal? Era adequado, na opinião do grupo, à situação de comunicação?
- c) Havia diversos interlocutores?

Com base em suas respostas, comentem: os interlocutores pareciam ter um roteiro escrito que os ajudava a produzir suas falas ou vocês tiveram a impressão de que as falas foram produzidas espontaneamente? Em qualquer caso, justifiquem sua análise. Com a ajuda do professor, compartilhem as conclusões com os demais grupos.

- 3** Ainda nas transcrições efetuadas, observem se conseguem perceber trechos em que os interlocutores, retomando o que foi dito, tentam expressar a mesma ideia por meio de outras palavras. Assinalem os trechos em que isso ocorre. Em seguida observem:
  - a) Quando havia dois ou mais interlocutores interagindo, um tentou reformular ou retificar algo que o outro disse? Em caso afirmativo, por meio de que palavra ou expressão ele tomou a palavra (ou seja, assaltou o turno)?
  - b) Alguma vez algum locutor tentou reformular a própria fala? Em caso afirmativo, ele empregou alguma palavra ou expressão que permitisse aos ouvintes perceberem essa intenção reformulativa?
  - c) A reformulação (caso tenha sido observada) foi antecedida por pausas ou expressões de hesitação?
- 4** A partir da análise feita na atividade anterior, elaborem um quadro com as principais expressões ou palavras utilizadas nos casos de reformulação. E, com a ajuda do professor, registrem coletivamente as conclusões, no momento em que todos os grupos compartilharem as respostas.





- 7 "Não entro para clubes que me aceitam como sócio." Essa frase é atribuída ao comediante norte-americano Groucho Marx (1890-1977), dita em um de seus filmes.
- Copie a frase pronunciada por João Teodoro que se assemelha semanticamente a essa.
  - Em sua opinião, Groucho Marx e João Teodoro demonstram ter consciência de si?

→ Groucho Marx fez mais de vinte filmes, muitos deles com os irmãos Chico e Harpo. Marx cultivou algumas características em suas personagens: andar de galinha, sempre de charuto, bigodes e sobrancelhas exagerados. Seus maiores sucessos foram *Uma noite na Ópera* (1935), *Diabo a quatro* (1933) e *Uma noite em Casablanca* (1946). Na foto, G. Marx e Lais Collier em cena de *Uma noite em Casablanca*, de Archie Mayo. Seu trabalho destacou-se pela irreverência e pelo humor inteligente. Inspirou diversos comediantes, entre eles, Woody Allen.



## Linguagem oral

### » Interpretação de documentos visuais (II): expressões explicativas

Em determinadas situações de comunicação oral, sobretudo nas mais formais, pode ser de grande auxílio ter um **esquema escrito** do que será dito ou apresentado. Esses esquemas ajudam o falante a se lembrar dos principais pontos que precisa comunicar, aumentando as chances de os objetivos comunicativos serem atingidos.

No quadro a seguir, há uma maneira de organizar um esquema escrito de apoio a essa fala, tendo em vista a apresentação de um documento visual. Apresentamos as expressões explicativas mais usuais para essas situações e que vão ajudar você a organizar sua comunicação oral. Confira.

#### Esquema escrito de apoio para a comunicação oral

1. A primeira coisa a fazer é apresentar em linhas gerais o documento/assunto sobre o qual se vai falar, dando informações básicas sobre ele (vale dizer, por exemplo, de onde ele vem, quando foi produzido, etc.). Leia exemplos de expressões usuais:

**Trata-se de** um quadro do pintor holandês Rembrandt.

**O que se vê aqui é** [neste momento, pode-se usar um gesto e apontar o documento] uma tira humorística de Maurício de Sousa.

**A imagem que eu lhes apresento é** uma gravura do século XVI, produzida por...

2. Em seguida, explica-se o que está sendo mostrado ou exibido para a audiência. Por exemplo:

**Este quadro é** uma das principais obras do pintor. **Ele representa...**

**Nesta tira, o que se vê são** duas famosas personagens, Mônica e Magali...

**Nesta gravura, podem-se observar** figuras humanas...



3. Pode-se acrescentar algum elemento que detalhe o que se mostra. Por exemplo:

**Na parte do fundo, o pintor representou** uma paisagem com aspecto sombrio porque...

**Nota-se que o desenho da personagem Mônica tem** cores fortes...

**É possível observar que há** diferenças em relação aos traços...

4. Sempre que possível, pode-se modalizar uma informação sobre a qual há dúvida, ou quando não se deseja fazer afirmações precisas. Por exemplo:

**Eu diria que, no centro do quadro, há...**

**Não é possível saber** o que este traço [mostrar o traço com um gesto] representa, mas estudos afirmam que...

**Deve ser um...**

**Provavelmente** o pintor quis expressar...

**Parece que** no alto desta imagem existe...

5. Sempre justifique uma afirmação imprecisa:

**Não é possível ter certeza porque a imagem é antiga e está amarelada pela ação do tempo...**

- 1 Escolha um documento visual (um desenho, uma propaganda, uma ilustração, uma fotografia, etc.) de alguma das páginas deste livro.
  - a) Com base nas expressões do quadro anterior, elabore em uma folha avulsa um esquema escrito para apresentar esse documento.
  - b) Reúna-se com alguns colegas e apresente esse documento a eles. Assista à apresentação deles também. De preferência, essas apresentações devem ser gravadas, para posterior escuta e análise. Evite ler o que foi escrito, a fim de que a explicação oral pareça o mais natural e espontânea possível.
  - c) No momento que os seus colegas estiverem fazendo sua apresentação, ouça atentamente e anote as expressões utilizadas por eles.
  - d) Comparem as diferentes expressões utilizadas e conversem sobre o que poderia ser melhorado em cada explicação.
- 2 Reúna-se com os colegas que trabalharam com você na atividade anterior e escolham uma das gravações para exibi-la à classe.
 

Sob a orientação do professor, as equipes vão apresentar as gravações escolhidas. Ao assistir a elas, observe:

  - a) Foram empregadas as expressões do quadro?
  - b) Houve muitos momentos de hesitação?
  - c) Foi necessário, na exposição, elaborar muitas reformulações?
  - d) O colega da apresentação gravada parece ter elaborado um esquema por escrito do que ia ser dito?
  - e) Foi possível compreender a apresentação?
- 3 Discuta com todos os colegas e o professor as observações levantadas e registre no caderno as conclusões.

## Linguagem oral

### » Interpretação de documentos visuais (III): perceber e explicar os sentidos

Como temos visto, as imagens podem ilustrar um fato ou ideia, revelar uma intenção crítica ou mesmo apoiar a construção dos argumentos e até gerar efeitos de sentido como a ironia. O roteiro a seguir ajudará você a expressar tudo isso quando for necessário apresentar oralmente um documento ou texto icônico-verbal.

No capítulo anterior, nesta seção, você estudou expressões que vão ajudá-lo a se preparar para uma apresentação oral. No quadro a seguir, apresentamos outras expressões usuais na linguagem oral formal que podem ser usadas nessas situações.

#### Expressões da linguagem oral formal

|                     |                          |                         |
|---------------------|--------------------------|-------------------------|
| Para mim...         | ...esta tira humorística | ...me faz pensar em...  |
| Na minha opinião... | ...este desenho          | ...evoca...             |
| Acredito que...     | ...esta fotografia       | ...chama atenção por... |
|                     |                          | ...discute...           |
|                     |                          | ...ironiza...           |
|                     |                          | ...denuncia...          |

Um exemplo de aplicação dessas expressões seria:

**Para mim, a tira humorística de Maitena chama atenção porque ela ironiza a ideia da comunicação moderna. Acho que ela ilustra muito bem um problema da vida moderna...**

Você pode introduzir elementos que revelem seus sentimentos ou emoções. Por exemplo:

|                     |                           |              |
|---------------------|---------------------------|--------------|
| Acho esta imagem... | ...triste...              |              |
|                     | ...sarcástica...          | ...porque... |
|                     | ...difícil de entender... |              |

Escolha uma imagem qualquer deste livro e, utilizando essas expressões e as que você estudou no capítulo anterior, apresente-a oralmente a seus colegas.

## Linguagem oral

### » Observar o discurso oral alheio: a tomada de notas (I)

Certamente você já teve a oportunidade de observar algumas destas situações de produção de textos orais:

- Durante uma aula na escola, o professor de Biologia expõe oralmente um resumo da matéria que será tema da próxima prova.
- Um palestrante fala a um auditório de pesquisadores a respeito de uma recente descoberta científica.
- Você assiste a um programa de culinária no qual aquela receita de merengue que há muito tempo você queria aprender a fazer é explicada por uma cozinheira.
- Você precisa ir a um lugar desconhecido e pede que alguém lhe explique como chegar lá.
- Sua melhor amiga lhe explica ao telefone como se livrar definitivamente das incômodas espinhas que tanto atormentam os jovens.



Vamos trabalhar, nesta seção, um procedimento que nos ajuda a lidar melhor com essas situações de oralidade e com outras semelhantes.

**1** Imagine agora as situações abaixo e pense em algo que evitaria os problemas relatados.

- a) Você teve um problema de saúde e faltou à aula. Como fará para copiar o resumo da matéria que o professor expôs na classe?
- b) Um jornalista assiste à fala de um cientista. No fim do dia, precisa produzir uma matéria sobre a descoberta científica. No que ele se baseará?
- c) Um mês depois de ter assistido a um programa de culinária, você decide pôr em prática a receita de merengue explicada. Ainda se lembrará de todos os ingredientes e do modo de preparo?

Seria fácil resolver esses problemas se no início de cada situação houvesse sido tomada uma providência simples. Qual?



**2** Tomar notas a partir da fala de alguém, para registrar informações essenciais ou necessárias dessa fala, é uma das atividades mais corriqueiras da comunicação cotidiana e também uma das mais úteis. Saber tomar essas notas pode ajudar você a organizar melhor os registros das falas alheias.

As situações expostas na questão 1 provavelmente fizeram você se recordar de outros momentos em que isso acontece.

- a) Reúna-se com alguns colegas e compartilhem: em que outras situações de comunicação a atividade de tomar notas a partir da fala alheia se torna fundamental?
- b) Apresentem para os demais grupos da classe as situações imaginadas, ouçam os exemplos pensados pelos colegas e, com a ajuda do professor, elaborem uma lista única dos casos.

Nos próximos capítulos, serão sugeridas atividades que auxiliarão você a aprender a tomar notas a partir de uma fala ou de um discurso oral proferido por outrem.

**Língua — análise e reflexão**



## Linguagem oral

### » Observar o discurso oral alheio: a tomada de notas (II)

Na escola, uma situação que certamente ocorre é a da aula expositiva, ou seja, o professor de alguma disciplina apresenta, na forma de **exposição oral**, um assunto ou conteúdo que você precisa aprender. Você já reparou nas características desse tipo de exposição oral? Já passou por essa experiência?

Para realizar as atividades aqui propostas, você vai aproveitar uma dessas situações de aula expositiva. Siga as orientações abaixo.

■ Combine com o professor de Língua Portuguesa qual a aula expositiva — dele ou de outro professor da classe — será anotada.

- a) Peçam autorização ao professor em questão para gravar a aula dele. Para tanto, providenciem aparelhagem técnica adequada (gravador digital por exemplo).
- b) No dia combinado, gravem a aula escolhida. Durante essa aula, cada aluno deve fazer em seu caderno anotações da aula do professor, registrando por escrito as informações que parecerem mais importantes ou mais convenientes ao aprendizado.
- c) Reúna-se com alguns colegas e comparem as anotações de vocês. Verifiquem as informações coincidentes (as que foram anotadas por mais de um aluno) e registrem-nas numa folha. Verifiquem também as informações que apenas um aluno do grupo anotou. Copiem essas informações em outra parte da folha, separadas das anotações em que houve coincidência nos registros.
- d) Releiam todas as anotações feitas e discutam entre si quais lhes parecem mais significativas, que mereceriam ter sido registradas, mas não foram.
- e) No dia combinado, exponham o resultado desse trabalho. A classe deve formular uma só síntese com as principais informações da aula anotada.
- f) Retome suas notas individuais e verifique: depois desse trabalho, alguma informação considerada importante pela classe toda deixou de ser anotada por você? Em sua opinião, por que isso ocorreu?
- g) Converse com o professor de Língua Portuguesa sobre as conclusões a que chegou. Guarde as anotações deste trabalho, pois elas serão retomadas durante o estudo com o próximo capítulo deste livro.

## Linguagem oral

### » Observar o discurso oral alheio: a tomada de notas (III)


No capítulo anterior, a classe reuniu as principais informações obtidas das notas tomadas por todos os alunos ao assistir a uma aula determinada. A atividade proposta a seguir deve ser feita com base na retomada dessas notas.

**■** Sob a orientação do professor de Língua Portuguesa, a classe deve convidar o professor cuja aula serviu de base para essas atividades de tomada de notas a participar da discussão.

- Coletivamente, ouçam a gravação que fizeram da aula, conforme sugerido no capítulo 2.
- O professor que teve a aula gravada deve indicar, daquilo que foi exposto, quais eram as informações ou os pontos essenciais da aula. Façam o registro do que ele disser.
- Comparem as informações registradas com as que foram sintetizadas a partir da atividade descrita no capítulo anterior. Anotem as principais diferenças e semelhanças.
- Registrem no caderno as conclusões a que chegarem sobre a tomada de notas.

#### Dicas para a tomada de notas


- Conhecer bem a situação e a finalidade do discurso oral alheio é fundamental: tomar notas sobre uma palestra é diferente de tomar notas sobre uma receita culinária de um programa de TV, pois o gênero oral que serve de base às anotações tem, em cada caso, uma organização própria, uma finalidade comunicativa especial, e isso influencia o registro. Por exemplo, ao anotar uma receita, você prestará atenção ao essencial: os ingredientes e o modo de fazer; se for anotar uma aula expositiva, prestará atenção aos itens que conhece do tema da aula.
- Observar termos ou palavras que se repetem com frequência é uma possibilidade, pois provavelmente esses termos se referem às informações essenciais do que é dito.
- Muitas vezes, a pessoa que fala se desvia do assunto principal. Por exemplo, durante uma aula sobre a reprodução dos golfinhos, o professor conta uma história de infância na qual viu um golfinho fêmea dar à luz. Embora esteja relacionado com o tema tratado, isso não é essencial, não deve ser anotado.
- Em geral, o tema se repete algumas vezes. Se não anotou algo significativo, é possível que essa informação retorne à exposição.
- Nas situações de comunicação em presença — quando você pode interagir face a face com a pessoa que fala —, pode-se perguntar algo que não ficou claro e sobre o qual se deseja tomar notas.

Memórias – CAPÍTULO 3  75

## Linguagem oral

### » Entoação expressiva (I): marcadores de oralidade

Por meio da entoação, na linguagem oral são marcadas as modalidades, tanto na frase (interrogação, asserção, injunção, exclamação, entre outras) quanto no vocabulário (diversos tipos de modalização). Também por meio da entoação e do tom de voz, é possível expressar emoções e estados de espírito conforme vamos estudar nesta unidade. Leia o quadro da página seguinte.

110  UNIDADE 2 – O Brasil, sob muitos olhares

## Marcadores de oralidade

Como você já sabe, os marcadores de oralidade correspondem a um conjunto de expressões que caracterizam o oral, por oposição à escrita. A seguir, há um apanhado dos marcadores mais trabalhados:

1. Expressões fáticas — utilizadas para chamar a atenção do interlocutor para o que é dito.
2. Repetições e reiteraões — empregadas para retomar uma informação ou palavra que supostamente não foi bem entendida ou ouvida pelo interlocutor.
3. Marcas de insistência — alongamentos vocálicos e consonânticos, prolongamentos da sílaba tônica, que marcam a insistência.
4. Marcas de hesitação — às vezes, o ritmo da fala é mais ágil do que o ritmo de concatenação do pensamento e formulação mental do discurso. As hesitações surgem quando não se tem certeza do que se quer falar, enquanto se fala.

■ O trabalho a seguir vai ajudar você a perceber a entoação expressiva e os marcadores de oralidade por meio da leitura em voz alta. Reúna-se com alguns colegas e sigam estas indicações:

- 1 A classe inteira, com a ajuda do professor, deve pesquisar pequenos contos em que haja diálogos e selecionar algum deles.
  - a) Organizem a leitura em voz alta do texto escolhido, procurando dar vida às falas das personagens com a entoação. Distribuam entre vocês os diferentes papéis: narrador e personagens que dialogam no conto. O texto do conto, embora escrito, provavelmente fornece algumas pistas sobre a maneira como as falas devem ser oralizadas; estejam atentos, por exemplo, às indicações que podem ser percebidas pelo sentido das falas. Observem as marcas de pontuação porque elas dão indícios, no texto escrito, da sintaxe e das marcas de modalização.
  - b) Pratiquem no grupo a leitura, atentando para os marcadores de oralidade: procurem, ao ler, tornar a leitura o mais natural possível.
  - c) Quando os grupos estiverem bem preparados, devem, um de cada vez, ler o texto para a classe. Vocês perceberão que, com um mesmo texto, terão sido preparadas diferentes leituras em voz alta.
  - d) Ao final de todas as leituras, discutam com todos os colegas e o professor as diferenças de sentido obtidas com a leitura em voz alta e a entoação. Observem principalmente os marcadores de oralidade que cada grupo terá introduzido no texto.
- 2 Esse mesmo trabalho de análise da expressividade da entoação, com os marcadores de oralidade, pode ser feito tomando-se por base um texto oral gravado (por exemplo, o trecho de um capítulo de telenovela ou de um programa de rádio).
  - a) Esse programa deve ser ouvido por todos, os elementos expressivos devem ser anotados nos grupos e discutidos coletivamente com o professor.
  - b) Se necessário, para melhorar a análise do trecho gravado, façam uma decupagem ou registro por escrito desse texto oral, com suas marcas típicas: hesitações, repetições, etc.
  - c) Registrem suas conclusões.




Volume 3 – pág.127

**Linguagem oral**

**» Entoação expressiva (II): cadência melódica e expressões corporais**

**Cadência melódica** é o conjunto de variações que o tom de voz sofre durante uma **fala**: o tom pode ser mais alto (como se fosse uma interrogação) nas sílabas tônicas das palavras em que se deseja transmitir carga emotiva mais forte; pode ser mais baixo (como se fosse uma exclamação) para acentuar um sentimento ou determinado tipo de modalização; pode ainda sofrer poucas variações, constituindo uma entoação monótona (ou expressivamente não marcada).

A seguir, vamos estudar a cadência melódica de leituras expressivas e de gravações.

Micro-história – CAPÍTULO 5  127

Volume 3 – pág.128

- 1 Um texto como o de Boris Fausto, típico da língua escrita, apresenta diversos marcadores de expressividade (formas de modalização, ironias, trechos figurativos, entre outros). Localize os trechos em que essa expressividade se faz notar explicitamente.
- 2 A leitura em voz alta de um texto que não foi escrito com o propósito de ser lido dessa forma precisa apoiar-se nas marcas de expressividade fornecidas pela sintaxe.
  - a) Reúna-se com alguns colegas e pratiquem a leitura em voz alta do texto, atentando para as marcas expressivas anotadas na questão 1.
  - b) Apresentem a leitura em voz alta aos outros grupos. Essa leitura deve ser gravada.
- 3 Comparem as diferentes leituras entre si, quanto à entoação expressiva. Se preciso, ouçam as gravações realizadas. Depois respondam:
  - a) Foram percebidas muitas diferenças?
  - b) Houve uma leitura que se destacou por ser muito diferente das demais? Em caso afirmativo, qual foi a causa dessa "diferença"?
  - c) Quais os trechos em que a leitura apresentou poucas diferenças entre os grupos? Analisem esses trechos do ponto de vista das marcas de expressividade.
  - d) Registrem suas conclusões no caderno.
- 4 Ouçam as gravações realizadas e respondam: a leitura ouvida com o auxílio de uma gravação é mais ou menos expressiva do que a leitura ouvida "em tempo real"? Em sua opinião, por que essa diferença ocorre?
- 5 Por que um telejornal parece ser mais "expressivo" do que um jornal de rádio?

## Linguagem oral

### » Entoação expressiva (III): expressões corporais

Uma comunicação oral em presença não é constituída apenas de elementos sonoros: fazem parte do oral as expressões corporais — as expressões faciais, o movimento das mãos e do corpo em geral são vistos e interpretados pelo interlocutor.

- 1 Assista a uma cena de telenovela e preste atenção às expressões corporais dos atores. Observe os pontos em comum entre essas expressões e a entoação. Depois, discuta com seus colegas:
  - a) Que gestos e expressões corporais são mais frequentes em cenas como as que vocês viram?
  - b) Em sua opinião, o que esses gestos significam?
- 2 Nas comunicações mediadas por computador — por exemplo, pelo *chat*, pelo *MSN* —, as pessoas têm procurado um modo de expressar visualmente seus gestos e suas expressões corporais em geral. Um jeito de fazer isso é recorrer aos chamados *emoticons*, que permitem inserir imagens de expressões corporais no texto escrito. Observe a foto. Pesquise outros exemplos de *emoticons* e seus significados.



→ Pessoas brincando com plaquinhas de *emoticons*, com estes significados: um sorriso (o primeiro à esquerda), uma piscada (os outros dois).

## Linguagem oral

### » Diálogos mantidos a distância (I): níveis de interação dialogal

Certamente você já travou um diálogo com alguém sem estar fisicamente próximo dessa pessoa: ao telefone, por *e-mail*, etc. A tecnologia permite cada vez mais essa interação a distância. No mundo do trabalho, por exemplo, há uma série de situações dialogais em que os interlocutores se comunicam sem a interação face a face. São gêneros orais do diálogo mantido a distância. Nesta unidade, estudaremos a **interação oral dialogal** que faz parte da comunicação formal.

Na unidade anterior, estudamos algumas características do oral como a entoação expressiva e as expressões corporais e os gestos.

**I** Imagine que, em uma aula expositiva, o professor de Biologia explica aos alunos o funcionamento de uma estrutura orgânica do corpo humano. Supondo essa situação, responda:

- Existe interação face a face entre alunos e professor?
- O professor e os alunos podem recorrer a expressões mimogestuais?
- A entoação expressiva é um elemento desejável ou indesejável nessa situação? Por quê?

2 Lembre-se da situação em que assistimos a um telejornal. Nesse caso:

- Existe algum tipo de interação face a face entre o apresentador e os espectadores? Em caso afirmativo, como é essa interação?
- Pode-se afirmar que o telejornal apresenta uma situação dialogal? Por quê?
- É possível algum dos participantes dessa interação usar recursos mimogestuais? Por quê?
- Existe o assalto do turno?



Direção de Arte: Sívio Rolim

**MENINO  
DE ENGENHO**

→ Cartaz de *Menino de engenho*, filme de Walter Lima Júnior, 1965, baseado no romance de mesmo nome escrito por José Lins do Rego. Na foto, Sívio Rolim.

3 Imagine esta situação: você está ouvindo uma rádio e chega o momento em que uma propaganda vai ser feita pelo locutor da rádio e transmitida por essa emissora. Nesse caso:

- Quem são os interlocutores?
- Existe entoação expressiva? Em caso afirmativo, que função ela desempenha?
- Quais características do oral estão ausentes nesse tipo de interação?
- Existe expressão corporal? Em caso afirmativo, que função ela desempenha?
- Os interlocutores podem interferir na comunicação?

4 Imagine uma conversa telefônica entre duas pessoas. Nesse caso:

- Como se inicia a interação oral?
- Há marcadores de oralidade nessa interação?
- Existe o assalto do turno?

5 Após analisar as situações das questões 1 a 4, responda: quais delas caracterizam formas de diálogo?

6 Tendo em mente suas respostas anteriores, como você definiria um **diálogo**?

## Linguagem oral

### » Diálogos mantidos a distância (II): tipos de diálogo

No capítulo anterior, procuramos definir o que é um diálogo. Neste, vamos estudar algumas formas de diálogo. De maneira geral, podemos dizer que há dois tipos de diálogo:

- os que acontecem "**em presença**" — os interlocutores encontram-se face a face;
- os diálogos que acontecem "**em ausência**" ou "**a distância**" — os interlocutores interagem mas não se veem.

■ A proposta desta seção é trabalhar diálogos em presença e a distância a partir de algumas situações de comunicação oral. O professor vai coordenar os trabalhos. Siga as orientações abaixo.

- a) Cite para a classe situações de comunicação oral que você imagina corresponderem a um e a outro desses dois tipos de diálogo.
- b) A partir das respostas ao item **a**, você e seus colegas vão formular duas listas de situações dialogais (em presença e a distância).
- c) A classe deve organizar-se em um número par de grupos. Cada equipe vai gravar e fazer a transcrição (decupagem) de um tipo de situação dialogal que consta das listas formuladas, de modo que haja igual número de situações de diálogos em presença e a distância.
- d) Feitas as gravações e as transcrições, analisem o material encontrado de acordo com o roteiro a seguir:
  - Há ou não expressões mimogestuais?
  - Há ou não entoação expressiva?
  - Há ou não entoação gramatical?
  - O diálogo analisado é produto de um roteiro previamente escrito ou ele se desenrola sem apoio na escrita?
  - Há algum trecho do diálogo gravado que se caracteriza pela presença de leitura em voz alta?
  - Há marcas de hesitação e expressões fáticas?
  - Há pausas ou sobreposições de voz?
  - O assalto do turno é frequente?
  - Existe algum tipo de sinalização que indique a um dos interlocutores que chegou a vez dele de falar?
  - A situação de comunicação é menos ou mais formal? O que vocês observam sobre o nível de linguagem utilizado pelos interlocutores?
- e) Discutam com o professor os resultados dessa análise e formulem conclusões a respeito das características do diálogo em presença e do diálogo a distância.

## Linguagem oral

### » Diálogos mantidos a distância (III): protocolos languageiros

#### Características dos diálogos mantidos a distância

Os diálogos a distância têm ao menos duas características marcantes:

- A existência de um **canal de comunicação** (sempre material).
- A existência de uma série de rituais ou **protocolos** de tomada e assalto de turno.

O canal de comunicação pode variar. Observe alguns exemplos:

1. Diálogo entre mãe e filho: o filho está no banheiro, de portas fechadas; a mãe está do lado de fora. Nessa situação, a elevação do volume vocal é suficiente para que os interlocutores dialoguem.
2. A conversa telefônica. Nessa situação, existe uma tecnologia de transmissão de dados e voz (o telefone) mediando a interação.

Nessas mesmas situações, há protocolos languageiros bem definidos:

1. O diálogo entre mãe e filho só começa quando um dos dois sinalizar, por meio de um gesto sonoro, o início da conversa. O gesto sonoro pode variar: uma batida na porta, o emprego de uma expressão vocativa ou uma interjeição. A pequena pausa sonora após esse gesto sinalizará ao outro interlocutor que ele deve tomar a palavra e dizer alguma coisa. O canal de diálogo se estabeleceu.



2. A conversa telefônica só se inicia quando aquele que atende o telefone diz alguma coisa. É comum, no Brasil, dizer “Alô”, “Pronto”, ou outra forma qualquer de identificação (o próprio nome, o nome da instituição que se representa, etc.). A pequena pausa sonora após esse gesto sinalizará ao interlocutor que ele deve tomar a palavra e dizer alguma coisa.

Esse ritual de início do diálogo é o que chamamos de **protocolo linguageiro** de diálogo. Quanto mais formal é a interação dialogal, mais expressões protocolares ela exigirá.

1 Observe atentamente uma conversa telefônica que você mantiver (com quem quer que seja) e anote:

- As perguntas feitas pelos interlocutores (você e a pessoa com quem você conversar).
- As expressões utilizadas por ambos os interlocutores, que por algum motivo chamem sua atenção.
- As expressões ou os meios que permitem a você perceber que é sua vez de tomar a palavra.
- As marcas típicas do oral presentes na fala, tanto na sua quanto na de seu interlocutor (hesitação, expressões fáticas, pausas, etc.).
- A maneira como se inicia e se encerra a conversa.
- Na data combinada com o professor, compartilhe suas anotações com os colegas e formulem juntos o protocolo linguageiro da conversa telefônica.

2 Outras situações de diálogo mantido a distância têm também seus protocolos linguageiros. Reúna-se com alguns colegas e pesquisem essas situações. Por exemplo:

- A conversa pelo mensageiro eletrônico do computador via microfone e alto-falante.
- A conversa pelo transmissor de rádio (comum entre alguns profissionais, como policiais e agentes de segurança).
- A teleconferência (por meio do recurso viva-voz vários interlocutores podem participar de um diálogo por telefone).



→ A teleconferência consiste na geração, via satélite, de palestras, apresentações de expositores ou aulas. A interação ocorre por meio de internet, fax ou telefone, conforme vemos na foto.

## Volume 3 – pág.248

- a) Os protocolos linguageiros devem ser observados e analisados. Essas situações (e outras, que a classe considerar) podem ser observadas a partir de gravações: em filmes, telenovelas e outros gêneros de ficção, é possível encontrar diversas situações que nos permitem analisar os protocolos linguageiros dos gêneros do diálogo mantido a distância.
- b) Compartilhem as análises com toda a classe e formulem conclusões.



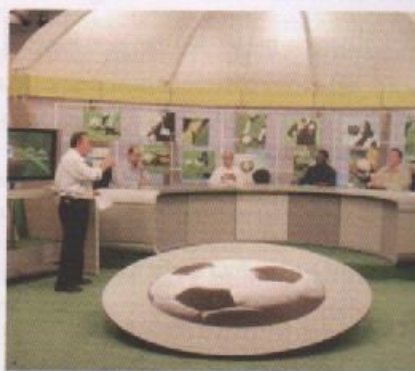
## Linguagem oral

### » Mesa-redonda (I)

A mesa-redonda é uma forma complexa de comunicação oral na qual vários participantes mantêm entre si níveis diversos de interação verbal. Ela combina características de três gêneros orais formais que você já estudou: a leitura em voz alta, a exposição oral e o debate regrado.

Neste capítulo vamos retomar os gêneros orais a partir dos quais a mesa-redonda se constitui. Será preciso gravar as três etapas do trabalho proposto a seguir. As gravações serão retomadas no próximo capítulo.

→ Cena do programa *Mesa-redonda futebol debate*, da TV Gazeta e da Fundação Cásper Líbero, em São Paulo, 2007, com a participação especial de Pelé. O formato do programa segue a estrutura do gênero mesa-redonda.



#### 1 Leitura em voz alta:

- Retome a entrevista que você fez no capítulo 9 (seção "Produção escrita"). Releia essa entrevista atentamente e, com base nas informações obtidas a partir dela, produza um ensaio sobre o cotidiano e as formas de atuação profissional de seu entrevistado.
- Na data combinada com o professor, prepare a leitura em voz alta de seu texto. Se preciso, retome o que você já sabe sobre leitura em voz alta e sobre a entoação expressiva.
- Você e seus colegas vão organizar uma sessão de leitura em voz alta dos textos. Não se esqueça de que cada um de vocês vai desempenhar dois papéis nessa sessão: o de leitor e o de ouvinte:
  - no papel de leitor, fique atento ao sentido de seu próprio texto e tente, por meio dos recursos orais, ser o mais claro possível, de modo que todos possam compreender o que você lê.
  - no papel de ouvinte, preste muita atenção ao que seus colegas lerem em voz alta e tome nota das principais informações e dos argumentos contidos no texto lido. Preste também atenção àquilo que não ficar claro para você, anote as dúvidas que tiver, o que não compreendeu da leitura, etc.

#### 2 Exposição oral:

- Reúna-se com alguns colegas e discutam:
  - quais são as principais ideias dos textos lidos;
  - quais são os aspectos anotados por todos do grupo;
  - que problemas surgiram durante as leituras.

lo UNIDADE 4 – Mundo do trabalho (II)

- Organizem uma exposição oral a partir dessa discussão.
- Com a ajuda do professor, façam a exposição para a classe, apresentando o resultado da discussão. Se preciso, relembrem as características da exposição oral.

#### 3 O debate regrado:

Com a ajuda do professor, organizem um pequeno debate regrado — o professor poderá ser o mediador desse debate — para pôr em discussão as ideias apresentadas nas exposições orais. Escolham um membro de cada grupo para debater.

## Volume 3 – pág.314

## Linguagem oral

### » Mesa-redonda (II)

Neste capítulo, os registros (gravações) realizados conforme proposto no capítulo anterior serão retomados para se avaliar as produções orais feitas pela classe.

- 1 Ouça a gravação de sua própria leitura em voz alta e anote os principais problemas que você perceber quanto às características desse gênero.
- 2 Reúna-se com alguns colegas para ouvir a gravação das exposições orais. Durante a escuta, observem:
  - a) O que lhes chamou a atenção?
  - b) Todas as exposições seguiram a mesma organização?
  - c) Foram usados recursos — além da própria fala — tais como fotografias e imagens, cartazes, slides, gestos, entre outros, na hora de expor?
  - d) Houve algo que “atrapalhou” alguma exposição? Em caso afirmativo, o que foi? Isso poderia ter sido evitado?
  - e) Se fosse possível modificar alguma coisa das exposições gravadas, o que vocês mudariam? Por quê?
- 3 Reúna-se com alguns colegas e ouçam a gravação do debate regrado. Ao escutar, observem:
  - a) O papel do mediador:
    - Ele soube controlar o tempo de fala?
    - Conseguiu dar início ao debate, apresentando claramente a questão polêmica ou o tema a ser debatido?

## Volume 3 – pág.315

- Houve momentos em que precisou interromper a fala de um dos debatedores? Se isso aconteceu, como ele o fez?
  - Como foi feito o fecho do debate?
- b) O papel dos ouvintes:
    - Os ouvintes prestaram atenção à fala dos debatedores?
    - Houve algum ouvinte que interveio diretamente no debate (ou seja, falou diretamente, dirigindo-se aos debatedores)? Se isso aconteceu, por que esse ouvinte o fez?
    - Na situação descrita no item anterior, como o mediador reagiu? O que ele fez?
    - E os outros ouvintes, o que fizeram?
    - Em algum momento o mediador convocou a voz dos ouvintes, incitando-os a também participar do debate? Se isso aconteceu, por que ele o fez?
  - c) O conteúdo do debate
    - As posições defendidas e as opiniões dos debatedores ficaram claras para quem ouvia? Se isso não aconteceu, o que, na opinião de vocês, prejudicou o debate?
    - O mediador fez perguntas aos debatedores? Essas perguntas pareciam, para quem ouvia o debate, pertinentes ao tema ou fugiam dele?
    - Os debatedores procuraram se ater ao tema ou fugiram da questão discutida?
    - Algum debatedor mudou de opinião durante o debate? Se isso aconteceu, por que ele o fez?
    - Na opinião do grupo, que debatedor lhes pareceu mais convincente, mais persuasivo? Por quê?
    - Durante a execução do debate, foi importante ouvir atentamente os debatedores? Por quê?

No próximo capítulo, com base nessas discussões, você e seus colegas vão entender melhor quais são as características de uma mesa-redonda e como ela se organiza.

## Linguagem oral

### >> Mesa-redonda (III)

Neste capítulo, vamos estudar como se caracteriza o gênero mesa-redonda e de que modo ocorre sua organização.

#### O que é mesa-redonda

A mesa-redonda é um gênero oral formal que combina leitura em voz alta, exposição oral e debate. É, portanto, um gênero oral bem complexo. Ocorre quando um grupo de pessoas se reúne para discutir entre si um tema bastante definido e específico e, ao mesmo tempo, apresentar a um público essa discussão.

Em muitas situações de comunicação oral se organizam mesas-redondas, e você já deve ter participado, ao menos como ouvinte, de algumas delas. Por exemplo, há diversos programas de televisão que se organizam como mesa-redonda: para discutir esportes; para discutir um assunto polêmico comentado pela sociedade em geral; para discutir um tema qualquer com um convidado e a plateia de um programa de auditório.

Mas o gênero não se restringe à televisão ou à imprensa. Nos meios científicos, é muito comum se organizarem mesas-redondas para discutir um tema qualquer — uma descoberta científica, um estudo em discussão, um conjunto de pesquisas realizadas por diferentes pesquisadores, etc.

Trata-se de um gênero formal que permite o intercâmbio de ideias de forma dinâmica, porque permite que diversas pessoas discutam o tema ao mesmo tempo.

#### Participantes

Em uma mesa-redonda, cada participante assume determinado papel, conforme se explica a seguir:

1. Os interventores — são os convidados a expor sobre o tema da mesa-redonda. Não há um número definido de interventores, mas deve haver no mínimo dois, responsáveis cada um pela apresentação de um **ponto de vista** mais ou menos diferente sobre o tema em discussão.
2. O moderador — de modo geral, organiza a exposição dos interventores:
  - deve iniciar a mesa, apresentando o tema e falando brevemente sobre ele;
  - apresenta cada um dos interventores;
  - estabelece as regras da mesa-redonda: quanto tempo cada interventor terá para falar, como deverá falar, como o público ouvinte poderá intervir na comunicação, etc.;
  - controla o tempo de fala dos interventores e, se preciso, alerta os convidados sobre o tempo;
  - é responsável pela mediação do debate entre os interventores;

- apresenta as perguntas e as dúvidas da plateia aos interventores;
- encerra a mesa, agradecendo a participação de todos.

3. A plateia — o grupo de pessoas que se interessam pelo assunto discutido — vai ouvir as exposições e o debate dos interventores. No momento estipulado pelo moderador, poderá fazer perguntas diretamente aos interventores, após o debate, ou encaminhá-las por escrito ao moderador, que fará o papel de porta-voz da plateia, fazendo as perguntas aos interventores.

### Organização

Em geral, uma mesa-redonda organiza-se de acordo com algumas regras:

1. Início: o moderador apresenta-se, apresenta brevemente o tema da mesa e os interventores; expõe aos interventores e à plateia as regras a serem seguidas (o tempo de que cada interventor dispõe, o tempo do debate, se a plateia poderá fazer perguntas diretamente aos interventores, etc.).
2. A exposição: cada interventor lê em voz alta para a plateia um texto previamente preparado, com base no tema da mesa. Se preferirem, em vez de ler o texto em voz alta, os interventores podem fazer uma exposição oral. Isso dependerá dos combinados feitos previamente com o moderador. Enquanto os interventores se apresentam ou leem o texto, o moderador faz anotações, formula perguntas, para estimular o debate.
3. O debate: após as leituras ou as exposições, o moderador inicia um debate sobre o tema, com base em suas anotações. Esse momento é como um **debate regrado**, no qual o moderador assume o papel do mediador do debate.
4. A interação com a plateia: após o debate, a plateia é convidada a interagir com os interventores, fazendo-lhes perguntas. Estas podem ser dirigidas a um interventor específico ou a todos. Os interventores respondem às questões que lhes são feitas.
5. A conclusão: a partir de todas as ideias discutidas e debatidas, o moderador “fecha” a mesa-redonda, apresentando à plateia as conclusões do debate. Então, ele agradece a presença de todos — interventores e plateia — e finaliza a mesa dando-lhes os cumprimentos.

Levando em conta as características indicadas anteriormente nesta seção e com base nas explicações a respeito da organização da mesa-redonda, você e seus colegas vão organizar uma mesa-redonda sobre a questão das cotas de acesso à universidade (tema dos textos 1-2) ou outro tema polêmico qualquer, de interesse de todos.

- a) Para tanto, deve-se escolher quem serão os interventores e quem constituirá a plateia. O professor fará o papel de moderador.
- b) Caberá a toda a classe ajudar os interventores a se prepararem para a mesa-redonda.
- c) Essa mesa-redonda poderá ser gravada (em áudio ou vídeo) e, na data combinada com o professor, a gravação ajudará a classe a avaliar sua própria produção oral.

Para essa produção, recuperem as informações das seções de “Linguagem oral” dos capítulos 10 e 11.

Essa atividade vai ajudar a classe a se preparar para realizar a proposta de trabalho que se encontra ao final desta unidade, na seção “E a conversa chega ao fim”.

**ANEXO III**

**Leitura e reflexão** faça no caderno NÃO escreva no livro

1. Leia o trecho de uma entrevista em que foram preservadas marcas de oralidade.

**Entrevistado:** Olha... o que me levou a esse trabalho de batalho na realidade foi devido eu ficar desempregado... Eu trabalhei uns dias empregado, depois... **sai da firma e não consegui me fichar. Ai... foi o que me levou a esse caso de... trabalhar no batalho, né,** e até hoje eu tô nesse trabalho porque não consegui me fichar ainda. A gente corre atrás de emprego mas é muita formalidade pra fichar. Ai a gente fica nessa. Espera, né, com que venha... assim um objetivo pra gente fichar pra poder mudar o trabalho, né, do batalho... pra firma...

**Entrevistador:** Você já exerceu outras profissões antes do batalho?

**Entrevistado:** Antes do batalho? Já... eu trabalhei... em diversas coisas... Eu trabalhei de ajudante, de pedreiro, eu trabalhei com pão, em padaria...

**Entrevistador:** A questão da família. A renda dá pra sustentar?

**Entrevistado:** Antes de eu trabalhar batalhando?


**Entrevistador:** Sim.

**Entrevistado:** Antes de eu trabalhar no batalho... eu trabalhava nesses blocos como eu falei, né. Ajudante de pedreiro... **trabalhava com padaria, mas era pouco o salário, né, não dava pra manter a necessidade... de... da família... ai foi ai que veio esse objetivo... essa proposta pra trabalhar em batalho...** foi que passei a trabalhar no batalho... A gente ganha mais um pouco, **né,** devido... as coisas... são tudo caro, mas o que a gente ganha tá dando pra manter a necessidade. [...]

Disponível em: <<http://www.ufpa.br/nupe/batransc11.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

**VOCABULÁRIO**  
**fichar-se:** nesse contexto, significa empregar-se com carteira assinada

**+ Mais**  
**O batalho**  
 O batalho é um ofício que surgiu por volta dos anos 1970 em Abaetetuba, ao nordeste do estado do Pará. Os batalhadores são os responsáveis pelo transporte de pessoas e cargas de todo tipo. Reúnem-se nas paradas de ônibus, nas esquinas ou nas praças e vestem camisas padronizadas, verdes, vermelhas ou amarelas conforme o "ponto", cada um com sua bicicleta, oferecendo seus serviços.



Comércio na feira de Abaetetuba, no Pará.

2. a) Essa entrevista foi realizada com finalidade de pesquisa acadêmica. Com base no texto, identifique: o perfil profissional do entrevistado e o tema sobre o qual entrevistador e entrevistado conversam.

b) A expressão **né** funciona como uma marca de oralidade, recorrente na primeira e na última fala do entrevistado. O que esse marcador indica no discurso? Que função ele cumpre?

c) O advérbio de lugar **ai** costuma ser usado por muitas pessoas quando contam ou relatam algo. Em geral, funciona como um marcador de continuidade. Releia as partes destacadas **antes** e **depois** dele, observe a relação que existe entre elas e indique que outra função o advérbio está exercendo na relação entre essas partes.

d) Como você já teve oportunidade de ler, uma das características da oralidade é que não se pode apagar o que se diz. As correções, quando são feitas, ficam expostas ao interlocutor. Transcreva o trecho da fala do entrevistado em que há uma correção.

e) Você considera o clima dessa entrevista formal ou informal?

2. A citação a seguir foi retirada de um livro que trata da oralidade no teatro. Leia-o e responda às questões.

Determinado texto destina-se ao consumo visual (em princípio solitário e silencioso) pela leitura; outro, destina-se à audição (e portanto à percepção de efeitos sonoros e está por isso aberto ao consumo coletivo). O primeiro apresenta-se como um objeto – folha de papel, livro –, o segundo, como uma ação vocal. Se considerarmos – como a mim parece correto – que é no momento da comunicação que uma obra atinge a sua plenitude, o máximo de sua perfeição, a forma que nos revela sua natureza mais íntima e a intenção original de seu autor [...] texto então duas obras completamente diferentes, dependendo de ser o texto lido ou interpretado. E o mesmo vale para um texto que seja simultaneamente objeto de leitura e de interpretação. Ele se torna duas obras, que só tem em comum a forma das palavras. Meio século após a morte de Dante, *A divina comédia*, obra feita para ser lida, era recitada pelo povo de Florença, que cantava suas "terzine" pelas ruas da cidade. Seria a mesma obra? Claro que não.

FORTUNA, Marlene. *A performance da oralidade teatral*. São Paulo: Annablume, 2000.

218

## Volume 1 – pág.219

- a) Indique quais são os dois produtos textuais a que o trecho se refere e em quais modalidades da língua esses textos se realizam.
- b) Releia a afirmação em destaque no trecho. Explique qual é a relação entre essa afirmação e a realização da língua em duas modalidades diferentes.
3. O texto a seguir faz parte de um livro em que as personagens se comunicam por carta e por e-mail.

Bauru, 12 de janeiro

AMIGA!!

Que saudades! Estou roxa, verde limão de saudades! Conte tudo, não esconda nada! Como vai você? Estudando muito? Já começou o cursinho? E o Léo? Continua apaixonado?

Você tem que responder assim que receber minha carta! É uma ordem! Acredita que ainda não consegui telefone nesta bendita cidade? E o marido fica dizendo que é para eu me virar.

[...]

Resolvi encarnar a dona de casa. Consegui encontrar o supermercado, comprei uma galinha. Exatamente no dia em que tinha um homem aqui em casa resolvendo o problema de infiltração. (Lembra para eu te contar o que houve!! Foi hilário!) Abro a galinha: Maria Antonieta!! Sim, a coitada só tinha pescoço, necas de cabeça. Dou um grito! A galinha é mutante! No lugar da cabeça tinham lhe enfiado os pés. Pego um livro de receitas, mas no livro nada tem sobre galinhas mutantes. Já começam com o tempero o galináceo a gosto. Como temperar? Ninguém me explica nada!! Socorro!

[...]

Não dá, amiga, não dá. Não nasci para dona de casa, faço tudo errado. Acho que a bruxa da Dona Amália estava certa. Eu não presto para nada! Que solidão, amiga, que solidão...


Mas, me conta, conta tudo. Fala de qualquer coisa, fala da praia, da chata da Cíntia. Como vai o Ferrugem, afinal voltou para a faculdade, ou não? Conta qualquer coisa. Se não tiver o que contar, inventa! Mas me conta. Me diz qual a cor dos cabelos da Celeste agora. Ela fechou no meu casamento, com aquele cabelo cor de mercurocromo!

Argh! Detesto escrever! Não sei como você consegue ficar trocando cartas com o Léo. Já estou com a mão doendo.

Beijos enormes e saudosos!

Marlúcia.

CARNERO, Angela. *Eu te procuro: e o Caixa Postal 1989 continua...*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.



## a) Releia.

Você tem que responder assim que receber minha carta! É uma ordem! Acredita que ainda não consegui telefone nesta bendita cidade?

O pedido de Marlúcia comprova que ela se comunica com a amiga por escrito, por carta.

Transcreva outro trecho em que fique claro de que se trata de comunicação escrita.

- b) Considere o veículo e a modalidade que Marlúcia usa para se comunicar com a amiga e responda: por que ela faz esse pedido enfático?
- c) A forma como Marlúcia se dirige à amiga indica proximidade. Dê exemplos.
- d) A carta é um gênero de texto escrito que pode ser formal ou informal. De que maneira Marlúcia se expressou em sua carta para a amiga?
- e) Esse nível de linguagem está adequado à situação de comunicação configurada na carta? Justifique.
- f) Transcreva da carta expressões próprias do nível de linguagem adotado nela.

## + Mais

“É inegável o valor do texto escrito, aliás, é um dos primeiros suportes do ator. Porém, um segundo valor se impõe, ameaça até encapsular o primeiro, tamanha a força. É a voz que lhe dá vida. A ela cabe enriquecê-lo, transformá-lo, tirá-lhe os véus, atribuir-lhe valores outros e até fazê-lo significar mais do que diz. A arte da oralidade consiste em reviver e potenciar a expressão escrita consagrada pelo autor. As palavras escritas, para o ator, são seres *dormentes*; as palavras faladas são seres *moventes*, *viventes*, *dementes*.”

FORTUNA, Marlene. *A performance da oralidade teatral*. São Paulo: Annablume, 2000.

## A correção na fala

É comum o falante fazer correções em sua fala no momento em que detecta nela algum problema.

Essas correções geralmente são feitas na mesma frase e podem ser de pronúncia, podem consistir na troca de uma palavra dita por outra, ou até na reformulação da frase.

Os marcadores discursivos têm, entre outras funções, mostrar ao interlocutor que se faz uma correção da fala. Eles podem ser marcadores verbais (*ou melhor, quer dizer, aliás, ahn ahn* etc.) ou prosódicos (pausa, mudança na intensidade da voz ou na entonação etc.). É comum a combinação de dois ou mais tipos de marcador.

As correções são um processo altamente interativo e colaborativo entre os falantes.

Leia a entrevista de João Bosco, compositor e cantor de MPB, e analise os processos de correção da fala.

*Rodrigo Ferrari: Então, estamos aqui, 17 de janeiro de 2007, no Bar do Pires, na Gávea, com João Bosco... Vamos começar a entrevista perguntando seu nome, o nome de seus pais e a rua em que você nasceu...*

João Bosco: Bom... Meu nome é João Bosco de Freitas Mucci. Eu sou o sexto filho de Daniel Mucci, libanês, casado com uma mineira... libanês já falecido!... [...] Eu digo que eu sou o sexto filho homem porque numa família aonde o chefe da família, vamos assim dizer, é libanês, é árabe, teve cinco filhas mulheres, ele já era um árabe completamente desacreditado na praça... (todo mundo ri)... Porque vocês sabem que na cultura do árabe a mulher tem uma importância relativa... Quer dizer... O homem tem a sua importância e a mulher vem a seguir, é uma sociedade que mantém ainda, um pouco, dessas leis prioritárias... E então quando eu nasci foi um motivo de muita celebração, de muita alegria, de muitos presentes. Minha mãe conta que a minha casa ficou repleta de amigos e principalmente das pessoas libanesas e afins, que moravam em Ponte Nova, cuja colônia árabe era... até hoje... não sei por quê... era muito expressiva. [...] Meu pai voltou a erguer a cabeça, a andar empinado, com um certo orgulho porque tinha produzido um filho homem! Teve que esperar e amargar muito por isso!



O cantor e compositor João Bosco.

Disponível em: <<http://butecodoedu.blogspot.com/2007/03/entrevista-joao-bosco.html>>. Acesso em: 21 nov. 2012.

### Interação

1. Essa entrevista foi concedida pelo cantor oralmente e, posteriormente, registrada por escrito. O registro manteve os marcadores prosódicos, como as pausas. Como elas estão representadas?
2. Quais marcadores discursivos verbais o falante emprega para fazer correções em sua fala?
3. Que tipos de correção foram feitos?



### ANOTE

Durante a fala, é comum o falante efetuar correções naquilo que diz e na maneira como diz. As correções geralmente são introduzidas por marcadores discursivos, que podem ser verbais ou prosódicos.



### Pense junto

- Os folhetos têm fórmulas e padrões de composição semelhantes aos encontrados nas narrativas orais, o que torna mais fácil a memorização e a declamação ou leitura.  
A primeira estrofe, por exemplo, tem 10 versos, todos com 7 sílabas poéticas.
  - Copie algumas das rimas usadas.
  - As características aqui levantadas se repetem nas demais estrofes?
  - Considerando o que já foi dito sobre o cordel, levante uma hipótese sobre essa forma do poema.
- Em uma narrativa oral, o cenário e a personagem são apresentados e caracterizados no início para situar o leitor na história.
  - Como a sogra é apresentada nos primeiros versos?
  - Por que, logo em seguida, o narrador apresenta as testemunhas do caso e o local em que ocorreu?
- No cordel também há outra marca forte de oralidade que é o uso do discurso direto. Qual a função do discurso direto e por que é usado?
- Apesar de ser possível abordar qualquer temática em um cordel, é muito comum a presença do místico, do religioso, da morte, do destino. No cordel aqui analisado, a temática está muito presente no imaginário popular de forma geral. Qual é o tema?
- Identifique, no cordel, palavras que remetem ao uso popular oral.

## Ficha de trabalho

### Resenha de CD

#### Objetivo

Elaborar uma resenha de um CD, selecionando substantivos e adjetivos que avaliem as características e a qualidade das músicas e do cantor/cantora.

#### Processo

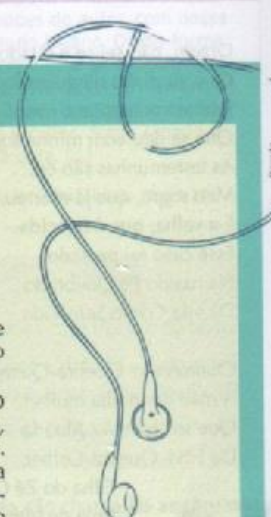
Com a ajuda do professor, a classe será organizada em grupos. Cada grupo deve selecionar um CD de música de um(a) cantor(a) nacional ou estrangeiro(a) de que o grupo goste.

Depois, deve fazer um levantamento das características mais marcantes do CD como um todo: o que é mais marcante nas composições, na gravação, no estilo, na voz do cantor, na seleção das canções para o álbum, nos arranjos, na capa etc. Com seus colegas, selecione algumas das categorias levantadas para caber em uma resenha de cerca de dez linhas para ser colocada no mural da escola como dica cultural. Escolha os adjetivos que melhor descrevem as características levantadas como relevantes para serem ditas na resenha.

Selecione também uma imagem para colocar ao lado da resenha. Pode ser uma foto do cantor(a), a capa do CD, carinhas felizes ou estrelas avaliando o álbum.

#### Resultado

O grupo deve apresentar a resenha para a sala e observar se os substantivos e adjetivos escolhidos indicam uma avaliação positiva ou negativa do CD. Selecione os mais convincentes e/ou originais para serem colocados em um mural da escola como dica cultural de sua turma.



## Oralidade > O gerundismo

O gerundismo corresponde a uma locução verbal formada por dois verbos auxiliares (*vou estar*) + o gerúndio do verbo principal (*fazendo*). É usado para expressar uma ação futura.

Esse uso vem sendo criticado há mais de uma década no Brasil pela mídia, por cronistas, chargistas, professores e estudantes de português. Leia a tirinha que segue.



ORLANDELI. Disponível em: <[http://leitura-literaria.blogspot.com.br/2009\\_02\\_01\\_archive.html](http://leitura-literaria.blogspot.com.br/2009_02_01_archive.html)>. Acesso em: 11 dez. 2012.

### > Pense junto

1. Qual a crítica feita na tirinha em relação à preocupação dos falantes com a reforma ortográfica?
2. Considerando o significado do verbo *limar* usado pelo rato, podemos dizer que ele sugere a extinção do gerundismo ou o correto uso dele? Consulte um dicionário, se necessário.
3. Indique outra forma de construir as orações em que a personagem usou o gerúndio.

A locução *vou estar + gerúndio* é usada para indicar uma ação futura que ocorre concomitantemente a outra. Por exemplo:

Vou estar dormindo quando seu voo partir.

O gerundismo ocorre quando o falante quer comunicar apenas uma ação futura, e não essa relação de concomitância entre duas ações futuras.

Em "Vou estar providenciando o cancelamento da compra", por exemplo, a expressão *vou estar providenciando* poderia ser substituída por *vou providenciar*, o que tornaria a frase mais direta.

O gerundismo é muito usado em relações formais por parecer uma forma educada de tratamento que, ao mesmo tempo, encobre um descompromisso do falante com a realização da ação expressa pelo verbo.

Nesses casos, o uso do infinitivo seria mais adequado no lugar dessa expressão. Assim, em vez de dizer "Já vou estar atendendo o senhor", seria mais adequado dizer "Já vou atender o senhor".

O gerundismo é muito comum entre profissionais que trabalham com atendimento ao público, em especial os que fazem atendimento telefônico. Buscando maior polidez, muitas vezes trocam o presente ou o futuro por locuções com gerúndio.

O autor da carta revela insatisfação ao receber uma carta tão curta e tão séria da mulher amada. O texto marca esse sentimento por meio da pontuação e da repetição de palavras: “[...]  **muito séria, muito séria! muito antiga, muito devota [...]**”, “**Onze palavras!**”. Esses recursos orientam a entonação do texto, que sugere indignação, revolta. O recurso de fazer perguntas e respondê-las reforça essa orientação da entonação do texto.

A proposta de uma resposta com um tratamento formal (“**Exma. Sra.: tenho a honra de comunicar a V. Exa., etc.**”) sugere uma fala mais cerimoniosa. No entanto, nesse contexto, a fala nada tem de cerimoniosa. Ao contrastar com o tom de intimidade que predomina na carta, essa fórmula acentua a irritação de quem escreve, o que também orienta a entonação do texto: o vocativo *Exma. Sra.* ganha, no contexto da carta, inclinação irônica. O lugar que o sujeito que fala assume na carta, portanto, é o de alguém que está indignado com uma “criatura que lhe tira o sono”, de quem esperava tratamento mais caloroso. Na carta, o sujeito que fala e a pessoa a quem se dirige desempenham papéis: eles mantêm provavelmente uma relação afetiva. A entonação que marca o texto explicita isso: a relação de intimidade entre ambos permite que esse sujeito exprima sua irritação por meio da repetição de palavras, do uso de exclamações, do recurso pergunta e resposta, da ironia.

#### ANOTE

Um elemento que compõe a expressão oral é a **entonação**. Na escrita, diferentes recursos podem ser usados para representá-la: elementos não verbais, pontuação, repetições, diálogos etc. A entonação marca o lugar dos sujeitos em uma interação, ou seja, como cada sujeito se posiciona numa dada situação comunicativa.

faça no caderno não escreva no livro

### Atividades

Leia um trecho do conto “Totonha” e faça as atividades.

Capim sabe ler? Escrever? Já viu cachorro letrado, científico? Já viu juízo de valor? Em quê? Não quero aprender, dispenso. Deixa pra gente que é moço. Gente que tem ainda vontade de doutorar. De falar bonito. De salvar vida de pobre. O pobre só precisa ser pobre. E mais nada precisa. **Deixa eu, aqui no meu canto. Na boca do fogão é que fico. Tô bem.** [...]

Tem coisa mais bonita? A geografia do rio mesmo seco, mesmo esculhambado? O risco da poeira? O pó da água? **Hein?** O que eu vou fazer com essa cartilha? Número? Só para o prefeito dizer que valeu a pena o esforço? Tem esforço mais esforço que o meu esforço? Todo dia, há tanto tempo, nesse esquecimento. Acordando com o sol. Tem melhor bê-á-bá? Assoletrar se a chuva vem? Se não vem? Morrer, já sei. Comer, também. De vez em quando, ir atrás de preá, caruá. Roer osso de tatu. Adivinhar quando a coceira é só uma coceira, não uma doença. **Tenha santa paciência!**

**Será que eu preciso mesmo garranchar meu nome? Desenhar só pra mocinha aí ficar contente?** Dona professora, que valia tem o meu nome numa folha de papel, me diga honestamente. Coisa mais sem vida é um nome assim, sem gente. Quem está atrás do nome não conta? [...]

FREIRE, Marcelino. *Contos negreiros*. Apud *Signum: Estudos Linguísticos*, dez. 2010.

- O conto é narrado em primeira pessoa. Na fala da protagonista, podem-se reconhecer marcas que a identificam. Que retrato é possível fazer dela com base nessas marcas?
- Totonha se dirige a uma professora. Sua fala apresenta marcas de como ela considera sua interlocutora.
  - Como Totonha se coloca na relação com a professora?
  - Transcreva um trecho do texto que comprove sua resposta.
- O conto é narrado em primeira pessoa e marcado por frases curtas e frases interrogativas. Qual a relação desses recursos de linguagem com a situação de produção da fala da personagem?
- A voz da personagem não se expressa apenas pela palavra, mas também por recursos linguísticos que destacam o ritmo e a entonação da fala. Esses recursos desempenham diferentes funções no texto: expressam sentimentos, apresentam o universo da personagem, estabelecem contato com o interlocutor. Releia **os trechos destacados** no conto e identifique as funções desses recursos na construção da personagem Totonha.

## Oralidade > A norma-padrão na oralidade

Os gêneros orais e os gêneros escritos que dialogam com a oralidade rompem com as regras da gramática normativa de forma mais frequente que a maioria dos gêneros escritos.

Agora você vai ler a transcrição de um texto oral em que se busca a obediência à norma-padrão.

Trata-se de um discurso de formatura do 3º ano do ensino médio.

### Discurso de formatura do ensino médio em 2006

Antes de qualquer coisa, boa noite aos presentes nesta festa excepcional. Agradeço a presença de todos neste maravilhoso evento. Hoje estou aqui para discursar algumas palavras sobre os alunos desta escola. Pois bem, posso lhes assegurar que todos os alunos aqui presentes, sempre que acharam devido, deram o melhor de si e demonstraram toda a sua capacidade nos afazeres escolares. Foram solícitos, prestativos, astutos e muitos outros adjetivos que nem preciso citar, já que vocês, como pais e amigos, os conhecem muito bem.

Desenvolveram festas, colaboraram com projetos, fizeram debates de ideias e bolaram várias atividades extraescolares para que esse ano tivesse um desfecho extraordinário. Só há um quesito que não agradou a todos: a rebeldia. A sala do 3º ano do ensino médio letra B deste ano de 2006, com certeza, ficará na memória desta escola como uma das mais rebeldes.

Porém esse comportamento não é sem causa. Se alguma norma ou atitude nos era prejudicial, éramos contra. Quando nos privavam de passeios, festas... logo se ouvia falar de algo sobre o 3º B. E se, porventura o 3º estivesse quieto, aí sim é que tinha coisa errada! Sou um dos alunos que pertenceu a esta sala e lhes asseguro que é um grupo genial! Neste grupo de 48 alunos há secretárias, auxiliares de dentista, massagistas, professores de línguas estrangeiras, gênios em computação, rappers, vendedores de produtos de beleza, professores de artes marciais e pequenos empresários.

A não conformidade destes alunos é uma de suas melhores qualidades. [...]

Disponível em: <<http://wilhelmmod.wordpress.com/2010/12/30/discurso-de-formatura-do-ensino-medio-em-2006/>>. Acesso em: 18 maio 2012.



### > Pense junto

1. O discurso de formatura foi feito por um formando e inclui marcas de informalidade e outras de formalidade. Localize, no texto, exemplos de vocabulário que evidenciem essas marcas.
2. O discurso é um gênero que dialoga com a oralidade, pois será lido, mas também dialoga com a escrita, pois foi previamente preparado. Transcreva do discurso uma marca típica da oralidade.
3. Releia a oração: "A não conformidade destes alunos é uma de suas melhores qualidades". A concordância verbal está em conformidade com a norma culta da língua? Justifique.
4. Pensando em uma linha contínua que vai do nível mais formal da língua ao mais informal, de qual dos polos o discurso de formatura se aproxima? Justifique, considerando o contexto de produção.

Apesar de a fala em situações formais manter as marcas da oralidade – hesitações, repetições, paráfrases etc. –, a tendência é o maior respeito à norma urbana de prestígio.

Outra característica da oralidade em situações formais é o nível de assimetria entre os interlocutores, ou seja, a relação de poder, hierarquia etc. Quanto mais desigual for essa relação, maior a dominância do discurso de um interlocutor sobre o outro. Em uma entrevista de emprego, por exemplo, é o entrevistador quem domina o momento em que fará a pergunta, quando mudará o assunto, quando falará ou dará a palavra ao candidato.

Nessas situações, uma construção em desacordo com a norma-padrão pode causar, no interlocutor, uma má impressão em relação ao falante e a consequência pode ser desfavorável a ele.